O GUARARAPES

2ª PARTE

LIVRO DIGITAL DO nº 32 AO nº 44

Vet Cel Eng Cláudio Moreira Bento

O presente Livro Digital reproduz o informativo *O Guararapes* do nº 32 ao nº 44 e publica um Sumário dos mesmo, o qual facilitaa pesquisa de assuntos de seu conteúdo, da parte do historiador e leitor interessados. O informativo *O Guararapes* está disponível em *Informativo* no site www.ahimtb.org.br .

LIVRO DIGITAL 219 Páginas

Editado por Camila Karen C. S. Renê

SUMÁRIO

Nº 32 – Jan/Mar 2002 – Cel Cláudio Moreira Bento
A Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52 4
190º aniversário da Campanha do Exército de D.Diogo de Souza Pacificador da Banda Oriental 1811/12..... 9
Noticias de sócios da AHIMTB 12

Nº 33 – Jan/Mar 2002 – Cel Cláudio Moreira Bento
6ª aniversário da AHIMTB na Fundação Osório 18
Agradecimento da ECEME à AHIMTB 27
Diversos 27

Nº 34 – Jan/Mar 2002 – Cel Cláudio Moreira Bento
Mouros à costa 31
A crise orçamentária nas Forças Armadas 33
As Forças Armadas do Brasil do III milênio 34
Forças Armadas inoperantes - a quem interessa? 35
Toque de silêncio 36
Apostando na estupidez humana 37
"O Brasil não tem heróis militares ??..." 38

Nº 35 – Out/Dez 2002 – Cel Cláudio Moreira Bento
Comemoração dos 70 anos da revolução de 1932 40
Simpósio 70 anos da Revolução Constitucionalista de São Paulo no IHGB e IGHMB 10/12 Set 2002 50
Notícias dos membros da AHIMTB 50
Publicações recebidas 60
Diversos 60

Nº 36 – Jan/Mar 2003 – Cel Cláudio Moreira Bento
AHIMTB - 7 anos de luta em apoio ao objetivo atual do Exército relacionado com sua história, tradições e valores 62
Palavras do novo Comandante do Exército 65
A casa das 7 mulheres 66
Militar, Casta e Privilégio 69
Previdência unificada? 71
Dados históricos sobre a ausência de previdência militar 72
Sala histórica do Casarão da Várzea 73

Nº 37 – Abr/Jun – Cel Cláudio Moreira Bento
Caxias na controvérsia da surpresa de Porongos 74
Significação histórica do Duque de Caxias 79
Palavras finais do Presidente da AHIMTB na AMAN em 29 de abril de 2003 no ano do Bicentenário de Caxias 83
Palavras do 1º vice presidente da AHIMTB, ao passar direção da Fundação Osório 88

Nº38 Jul/Set 2003 – Cel Cláudio Moreira Bento
Recepção como acadêmico do Gen Ex Gleuber Vieira pelo acadêmico Gen Div Paulo Cezar de Castro 90
Oração de posse na Academia de História Militar Terrestre do Brasil do acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira 26 Jun 2003 92
Significação histórica do Duque de Caxias - O Patrono da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) 95

Palavras finais do Presidente da Academia no IME em 26 Junho 2003 98
Nº 39 – Out/Dez 2003 – Cel Cláudio Moreira Bento
Academia de Historia Militar Terrestre do Brasil – histórico e realizações 103
Lançamentos de livros em 2003 pela AHIMTB, Comemorativos do Bicentenário do Duque de Caxias, o seu Patrono 105
Atividades da AHIMTB nas Comemorações do Bicentenário do Duque de Caxias – Seu Patrono e do Exército Brasileiro 105
Repercussões da ação da AHIMTB na imprensa escrita 116
Publicações recebidas 118
Diversos 119

Nº 40 – Jan/Mar 2004 – Cel Cláudio Moreira Bento
Atividades da AHIMTB no final de 2003 1º trimestre de 2004 121
Doaçao de livros pela AHIMTB às ECEME, ESAO e Regiões e Brigadas de Selva do Comando Militar do Amazonas 122

Nº 41 – Abr/Jun2004 – Cel Cláudio Moreira Bento
Bicentenário do Conde de Porto Alegre(1804-1875) 124
As ONGs na Amazônia Brasileira 130
Doação de livros às ESA, ESPCEX, AMAN, ESAO, ECEME, IME e ESG 132
Atividades da Academia de História Militar Terrestre do Brasil em 2004 132
Diversos 134

Nº41 – Abr/Jun 2004 (Aditamento ao Nº41) – Cel Cláudio Moreira Bento
Relatório da reunião festiva comemorativa do 5º aniversário da Delegacia Marechal José Pessoa pelo Gen Div Arnaldo Serafim, Acadêmico Emérito, 2º Vice Presidente AHIMTB e delegado da Delegacia Marechal José Pessoa no Distrito Federal 137

Nº 42 – Jul/Set 2004 – Cel Cláudio Moreira Bento
O governo de Getúlio Vargas e a sua projeção na evolução da Doutrina do Exército (1930 – 45) 142
A Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB portaria – de criação, regulamento, o Grão Mestre e o 1 º Comendador, e agraciados em 25 agosto 2004 nos graus de Comendador, Oficial e Cavaleiro 152
Diversos 157

Nº 42 – Jul/Set 2004 (Aditamento Ao Nº 42) – Cel Cláudio Moreira Bento
A AHIMTB nos 350 anos de Sorocaba-SP em 7 agosto 2004 161

Nº43 – Out/Dez 2004 – Cel Cláudio Moreira Bento
História militar terrestre crítica do Brasil e a sua importância para a profissão soldado e para o Exército como Força Operacional 179
2004 – Os 100 anos da revolta militar da Vacina Obrigatória – 1904 187
Medalha Comendador 191
Diversos 200
Falecimento de acadêmico da AHIMTB 201
Agraciados e justificativas com a Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre da Academia de História Militar Terrestre do Brasil no 201º aniversário do Duque de Caxias 202

Nº 44 – Jan/Mar 2005 – Cel Cláudio Moreira Bento
Entrega das Medalhas do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB 202
Soldados negros farrapos na surpresa de Porongos e no convênio de Ponche Verde ... 204
Academia de História Militar Terrestre do Brasil 208
Organização e membros em Janeiro de 2005 209
Diversos 216

O Patrono da turma da AMAN 15 Fev 1955, Aspirante Francisco Mega 217

Nº 32 – Jan/Mar 2002 – Cel Cláudio Moreira Bento

A GUERRA CONTRA ORIBE E ROSAS 1851-52

O PODER NA Argentina era exercido por Juan Manuel Rosas, desde 1829 e, no Uruguai, desde 1834, por Manuel Oribe. Rosas passou a alimentar o sonho de reconstituição do antigo Vice-Reinado do Prata e por via de conseqüência, a ameaçar a soberania e integridade do Brasil e do Uruguai. No Prata projetavam-se interesses ingleses e franceses que contrariavam os do Uruguai, Argentina e Brasil. Rosas tentou interferir na Revolução Farroupilha. O Brasil reconheceu a independência do Paraguai em 1844.

Caudilhos platinos disputavam o poder!

Em 1850 Manuel Oribe hostilizou brasileiros residentes no Uruguai. O barão do Jacuí Francisco Pedro de Abreu, "O Moringue", que se celebrizara no combate à Revolução Farroupilha, agora liderando fazendeiros brasileiros, invadiu o Uruguai em ações denominadas Califórnias de Chico Pedro. Rosas exigiu satisfações, fato que terminou com o rompimento de relações Brasil-Argentina. Em 1850 o Brasil assinou com o Paraguai um tratado de aliança defensiva e ofensiva para fazer frente ao objetivo de Rosas de incorporar o Paraguai.

Na área da 3ª RM, desde 6 maio 1851, 1º Distrito Militar, a movimentação foi intensa para o preparo de suas forças para a guerra iminente, ao lado de medidas políticas e econômicas e de aliança militar com caudilhos que se opunham a Rosas e Oribes.

O então conde de Caxias foi nomeado presidente do Rio Grande e comandante da atual 3ª RM pela 2ª vez.

E a 3ª RM, ao comando de Caxias organizada em quatro divisões, constituiu-se no principal elemento terrestre para conduzir a guerra contra Oribe e Rosas em aliança com Urquisa, governador de Entre-Rios e Virasoro, governador de Corrientes e motivada pelas seguintes causas:

- Defesa dos limites do Brasil com o Uruguai
- Manutenção de independência do Uruguai e Paraguai.
- Defesa da livre navegação no Rio da Prata, fechada desde 1842 por Rosas
- propriedades de brasileiros na fronteira com Uruguai e de brasileiros perseguidos no Uruguai por Oribe.

A Guerra que então teve lugar, envolveu o território da 3ª RM e parcelas expressivas dos territórios do Uruguai e Argentina. Teria sido envolvido o Paraguai, se este tivesse cumprido o tratado de 25 Dez 1850 com o Brasil.

Em Caçapava do Sul foi construída uma enorme base logística nucleada pelo monumental forte D. Pedro II, ainda com suas muralhas de pé, para aproximar o apoio às operações contra Oribe e Rosas.

Caxias assumiu o comando da 3ª RM em junho e acelerou a concentração de suas forças na fronteira Brasil-Uruguai.

Concentrou o grosso em Santana do Livramento e colocou uma divisão em Jaguarão.

Operações contra Oribe

De Santana, Caxias lançou uma vanguarda ao comando do Ten Cel Manoel Luiz Osório para fazer a ligação com o Gen Urquiza, da qual nasceu o seguinte plano de operações aliado:

- Urquiza atravessaria o rio Uruguai em Passo del Hijo, sob a proteção da Esquadra Brasileira, e operaria junção com as forças da 3ª RM, próximo à confluência do rios Taquarembó com o Negro.
- Atuação da Esquadra impedindo apoio mútuo Oribe-Rosas, ao longo do rio Uruguai.

Urquiza, tirando proveito da cobertura da 3ª RM e da Esquadra, marchou para o Sul, sem honrar o combinado, levando como vanguarda Servando Gomes, que Oribe havia mandado para combatê-lo.

Nas imediações de Montevidéu, Urquiza, após escaramuças com Oribe, celebrou um Convênio de Capitulação sem consultar Caxias.

Caxias e as tropas da 3ª RM internaram-se no Uruguai. Percorreram 500Km de terreno difícil, agravado pelo mau tempo. Levaram, como impedimenta mais de 100 carretas tracionadas por bovinos, inclusive a artilharia de Mallet, que aí adquiriu seu apelido histórico de Boi de botas, pois enfrentaram lama grossa no itinerário de marcha.

Então, as tropas da 3ª RM, revelando "elevado grau de abnegação, resistência e espírito de sacrifício" cumpriram etapas de 17 Km por dia, sem encontrarem locais para acantonar.

Em 14 Out 1851, Caxias operou junção com Urquiza. Isso assinalou o término da guerra contra Oribe e, por via de conseqüência, garantiu segurança para os rio-grandenses da Fronteira ou moradores do Uruguai.

Guerra contra Rosas

Em 21 nov 1851, ficou estabelecido um tratado entre os aliados brasileiros uruguaios(orientais) e argentinos contra Rosas e não contra a Argentina.

- Urquiza comandaria o Exército de Invasão destinado a combater Rosas.
- Caxias permaneceria no Uruguai, mais especificamente em Colônia do Sacramento, com o grosso da 3ª RM e em condições de atuar, caso necessário.

- O Brasil contribuiria na invasão com uma Divisão ao comando do Brig. Manuel Marques de Souza – o futuro barão de Porto Alegre e comandante da 3ª RM.
- A Esquadra Brasileira cooperaria da melhor forma com a invasão.
- A transposição das forças de invasão seria na ponta do Diamante, para onde os aliados se deslocaram da seguinte forma:
- A Cavalaria Argentina marchou por terra até a concentração**.**
- A Infantaria e Artilharia argentinas foram transportadas pela Esquadra Brasileira que forçou Tonelero.
- Os uruguaios foram transportados pela Esquadra Brasileira até Potrero Peres. Dali, por terra, alcançaram Diamante em 31 Dez 1851.

A 1ª Divisão Brasileira destacada do nosso Exército embarcou em Colônia do Sacramento em nossa Esquadra e chegou em Diamante, em 20 Dez 1851.

Em 30 Dez 1851, havia sido concluída a concentração em **Diamante**, após 40 dias de haver sido decidida.

A transposição do rio Paraná, em **Diamante**, teve início a 23 Dez 1851, com a Cavalaria de Urquiza atravessando a nado para estabelecer uma cabeça-de-praia na margem direita. Operação épica que descrevemos em Travessia Militar de Brechas e Cursos d'água no Brasil(1645-1986), na **a Defesa Nacional** (nº 723, Nov/Dez 1985). Transposição sem atuação inimiga que se estendeu por cerca de 15 dias. Nela a Esquadra Brasileira teve papel decisivo.

A Divisão de Cavalaria entre- riana, que atravessou o rio a nado, perdeu por afogamento muitos homens e cavalos.

Em 8 Jan 1852, todo o Exército aliado havia transposto o rio e se concentrado em Espinilho.

E dali os aliados brasileiros, argentinos e uruguaios, sob o pomposo nome oficial Exército Grande da América do Sul, encetou sua marcha para Buenos Aires.

E, no dia 2 fev 1852, teve lugar a vitoriosa batalha de Moron ou de Monte Caseros, na qual a 1ª Divisão Brasileira destacada das tropas de Caxias, teve marcante atuação.

À Divisão Brasileira coube atacar o centro da posição inimiga, que era o ponto mais forte – El Palomar e Caseros, que os brasileiros conquistaram.

A Divisão Brasileira, que lutou em Monte Caseros, foi construída das seguintes unidades:

- **Infantaria: 5ª, 6ª, 7ª, 8ª , 11º e 13º Batalhões**
- **Artilharia: 1º RA(200h)**
- **Cavalaria ;2º RC ao comando do Ten Cel Manoel Luiz Osório.**

Total: 4.020 homens ou 1/7 do efetivo aliado.

Muito contribuiu para o rompimento da posição rosista atiradores de escol alemães, em número de cerca de 100, que foram espalhados entre as unidades brasileiras de Infantaria e armados de modernísimos fuzis **Dreyse de agulha**, conforme abordamos em nosso **Estrangeiros e Descendentes na História Militar do RGS,** ao tratarmos dos Brummer, a Legião Alemã contratada na Prússia pelo Brasil para este conflito e composta de um BI, um RA e duas Companhias de Pontoneiros equipadas com equipagens **Birago.**

Enquanto isso se passava, Caxias, com o restante das tropas da 3ª RM em Colônia, e com apoio da Esquadra Brasileira, ali aguardava o desenrolar dos acontecimentos, após haver reconhecido, em 17 jan, a costa junto a Buenos Aires onde escolheu um local para um possível desembarque.

Rosas conseguiu evadir-se a bordo de um navio inglês. A Divisão Brasileira desfilou triunfalmente em Buenos Aires. Em 1º Mar, retornou coberta de glória a Montevidéu onde se reintegrou às forças da 3ª RM.

Com a vitória sobre Rosas forma definidos:

- **Os limites Brasil-Uruguai.**
- **A confirmação das independências de Uruguai e do Paraguai.**
- **O direito do Brasil à livre navegação no Rio da Prata.**
- **A reparação da espoliação de patrimônios de brasileiros no Uruguai, que foram ameaçados em sua vida e ofendidos em suas honras e dignidades**

Como se vê, foi grande a repercussão geopolítica da atuação, mais uma vez da atual 3ª RM, ao comando de Caxias.

Esta campanha é tratada com riqueza de detalhes operacionais por Genserico Vasconcelos, e riqueza documental, por Bormann e Titara, nos seguintes clássicos:

- VASCONCELOS, Genserico, Cap. **História Militar do Brasil.** Rio, BIBLIEX,

1941, v. 2 (baseada no livro a seguir).

- BORMANN, J. Bernardinho, Mar. **Rosas e o Exército Aliado.** Rio Of. Tip.

Gerson, 1912(É a obra mais importante de autoria de ex-comandante da 3ª RM).

- TITARA, Ladislau dos Santos. **Memórias do grande exército aliado**

libertador do sul da América. Rio, BUIBLIEX, 1950.

Bormann e Genserico são patronos de cadeiras da AHIMTB

Com a experiência adquirida na Revolução Farroupilha e na guerra contra Oribe e Rosas, Caxias, ao assumir o Ministério da Guerra pela primeira vez em 1855, procurou modernizar o Exército:

- Erigiu a Escola Militar na Praia Vermelha em 1855-58

- Adaptou a tática das Armas às Ordenanças de Portugal, levando em conta as peculiaridade do Exército e a natureza de nossas guerras.
- Introduziu no Exército estruturas, cuja eficiência comprovara no comando do Exército em operação de guerra contra Oribe e Rosas

Deixou uma preciosa visão geral do território da 3ª RM entre as guerras contra Oribe e Rosas, 1851-52, e a do Paraguai, 1865-70, o médico alemão:

AVÉ-LALLEMAN, Roberto. **Viagem pelo Sul do Brasil em 1858.** Rio, INL, 1953, 2 v.

Itinerário que percorre: Rio Grande–Porto Alegre–Rio Pardo–Santa Cruz- Rio Pardo – Cruz Alta – Cachoeira – Santa Maria – São Martinho – Missões – São Borja – Itaqui – Uruguaiana – Alegrete – Saicã – São Gabriel – Caçapava – Cachoeira – Rio Pardo – Taquari – Porto Alegre – São Jerônimo – Rio Grande – Pelotas – Rio Grande.

Ele evidencipu então as preocupações e preparativos na área da 3ª RM para com a Guerra do Paraguai, que ocorreria 7 anos depois .

A Infantaria passou a ser instruída pelo sistema do Cel Bernardo Antônio Zagalo. A Cavalaria adotou o regulamento do Mar. Carl Beresford que comandara a reação em Portugal contra a invasão de Napoleão. A Artilharia adotou o Regulamento da Guarda Francesa do Gen. Pardal, talvez influência de Mallet. A Engenharia ganhou a sua primeira equipagem de pontes Birago ,prussiana que, por muitos anos, foi usada em Rio Pardo.

Em 1860 Caxias adotou as Ordenanças de Portugal com as adaptações que a pacificação do Maranhão, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Guerra contra Oribe e Rosas lhes impuseram. E justificou:

"Até que se possua uma doutrina genuinamente nossa".

E foi com esta doutrina que o nosso Exército iria enfrentar a Guerra do Uruguai, 1864-65, e do Paraguai 1865-70, contando mais com os ensinamentos colhidos da Guerra da Secessão nos EUA, a primeira guerra total da História Militar.

Para acompanhar-se a evolução administrativa do Exército no Império 1822-89 e os seus reflexos no Exército , consultar a obra:

PONDÉ, Francisco de Paula e Azevedo, Gen. **Organização Administrativa do Ministério da Guerra no Império.** (Rio, BIBLIEX, 1986)

Dela podem se extrair informações, tais como a seguir: As forças do Exército que combateram nesta guerra foram organizadas em acordo , Dec 762, de 2 fev 1851. Dispuseram de Ajudante General(com respectivos deputados do Ajudante General nas divisões. E as brigadas teriam assistentes do deputado por divisão e um assistente do deputado divisionário), o Quartel Mestre General(com um deputado por divisão e um assistente do deputado por brigada) e o Secretário Militar.

O Ajudante General era responsável por planos, operações, justiça, instrução, administração do pessoa. O Quartel Mestre General reunia funções logísticas (aquisição, depósito, transportes material e pessoal).

Explicamos isto em detalhes em **O Exército na Proclamação da República**(Rio, SENAI, 1989).

Esta estrutura testada com sucesso na guerra em foco foi introduzida no Exército por lei 648, de 18 Ago. 1852.

Durante esta guerra, o efetivo das forças terrestres brasileiras era em torno de 28.371h, assim distribuídos: Exército 18.957; Forças Auxiliares – 1.091; Guarda Nacional destacada – 8.323h.

Dec. 553 de 5 Abr. 1852 aprovou o regulamento do Curso de Cavalaria da Província do Rio Grande do Su;. Dec 908 de Jun. 1852 aprovou regulamento de 26 artigos para os inspetores de Infantaria, Cavalaria e artilharia das OM do Exército.

Dec. 7025, de 7 Ago. 1852, aprovou novo plano de uniformes.

Por aviso circular de 19 Ago 1893, o Exército criou escolas elementares, em suas OM, de primeIras letras, destinadas a praças que tenham revelado potencialidade de acesso, a cabos e sargentos. Era a origem das centenárias Escolas Regimentais. Caxias retornou muito doente desta guerra ,acreditando haver perdido definitivamente sua saúde que ele recuperou depois de longa estação e águas em Caxambú ,ombinada por banhos de cachoeira em São João Del Rey .

190º ANIVERSÁRIO DA CAMPANHA DO EXÉRCITO DE D.DIOGO DE SOUZA

PACIFICADOR DA BANDA ORIENTAL 1811/12

Com o movimento de independência da Espanha, as províncias que constituíam o antigo Vice-Reinado do Prata trataram de proclamar sua independência.

O governador de Montevidéu, no entanto, manteve-se fiel à Espanha.

Montevidéu foi cercada por forças de Buenos Aires e de orientais (uruguaios) de Artigas.

Portugal organizou o Exército de Observação na Capitania do Rio Grande do Sul, ao comando de D. Diogo de Souza, com a finalidade de prevenir, na Capitania do Rio Grande de São Pedro, os reflexos das lutas que incendiavam o Rio da Prata.

As operações militares --A concentração inicial do Exército de Observação foi feita nos seguintes locais :

Em Bagé atual ao comando do Marechal de Cavalaria Manoel Marques de Souza (1º) atual patrono da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada com sede em Pelotas e então comandante da Fronteira do Rio Grande .

No Acampamento de São Diogo junto ao arroio Inhanduí ,a 25 Km a Noroeste do Alegrete ,ao comando do Marechal de Infantaria Joaquim Xavier Curado ,comandante da Fronteira do Rio Pardo .Foi destaco da Fronteira do Rio Pardo para o Distrito Militar das Missões com sede em São Borja ,um Grupamento de Forças ao comando do Coronel João de Deus Mena Barreto ,futuro Barão de São Gabriel e ligado a História deste município conforme aborda em detalhes o acadêmico sub ten (ref) Osório Santana Figueiredo em seu livro **História de São Gabriel** (Santa Maria: Pallotti ,1993) .

Em maio de 1811, o governador de Élio Montevidéu, sitiado pelo argentino Rondeau e por tropas orientais de Gervásio Artigas, solicitou socorro a D. João VI, cunhado do rei D. Fernandes da Espanha (que fora aprisionado por Napoleão). D. João, então, determinou a invasão da Banda Oriental (atual Uruguai) pelo Exército de Observação, agora transformado em Exército de Pacificação da Banda Oriental. Diogo de Souza ordenou que todas as forças da Capitania se concentrassem em Bagé. Deixou uma pequena força de cobertura em São Borja, ao longo das fronteiras. Em 17 de julho, o Exército Pacificador rumou para o rio Jaguarão.

Em 23, o Mal Marquês de Souza invadiu o Uruguai pelo, atual passo Centurión no rio Jaguarão e tomou posse de Cerro Largo (atual Mello). De retorno, a coluna principal foi obrigada a acampar, na noite de 23 para 24 de julho, em local inadequado. O guia da coluna errou o caminho em virtude de forte cerração. A tropa passou uma noite debaixo de chuva, sob frio intenso, com cavalos presos pelas rédeas, em várzea desabrigada e destituída de lenha. Ao amanhecer, foram encontradas diversas sentinelas mortas pela ação do frio intenso, e várias doentes.

Em 5 de setembro, Marques de Souza, à frente de 300 cavalarianos, apossou-se da Fortaleza de Santa Teresa, no Uruguai, abandonada pelo inimigo. Na mesma noite, vanguardas de Marquês de Souza penetraram no acampamento inimigo de Castilhos, onde fizeram prisioneiros e apresaram 300 cavalos. Prosseguindo em seu avanço fulminante, Marquês de Souza surpreendeu o inimigo concentrado em Rocha. D. Diogo de Souza mandou reparar as pequenas brechas da Fortaleza de Santa Teresa e a guarneceu com artilharia e homens.

A 3 de outubro, o Exército Pacificador retomou sua marcha. Em 11 dias de marcha forçada, atingiu Maldonado, sem que o inimigo intentasse qualquer reação ou ações diversionárias sobre as desguarnecidas fronteiras do Rio Grande.

D. Diogo de Souza avançou baseado nos excelentes trabalhos de informações militares realizados pelo Mal. Curado, que, em longa permanência no Rio da Prata, em missão diplomática, havia levantado todas as possibilidades e valor do inimigo.

Em 14 de outubro, o governador de Montevidéu mandou aviso a D. Diogo, pedindo que recolhesse para o Rio Grande o Exército Pacificador, em razão de haver concertado um armistício com os argentinos e orientais, por imposição de interesses britânicos.

Rondeau retirou-se para Buenos Aires, e Artigas para Entre-Rios.

Diante das ameaças que continuaram por parte de Artigas e seus seguidores, D. Diogo de Souza destacou de Maldonado para o acampamento de São Diogo, em fins de dezembro de 1811, os regimentos de Dragões e de Milícias de Rio Pardo, ao comando do Coronel Thomaz da Costa.

No início de 1812, em Maldonado, D. Diogo de Souza ordenou uma convocação geral no Rio Grande do Sul. Todos os homens entre 16 e 40 anos seriam obrigados a se apresentar no prazo de dez dias.

Deixando Maldonado, o Exército Pacificador rumou para Paissandú, passando por Pão de Açúcar, Passo de Cuelo, Cerro Pelado, Passo do Durazno, Rio Yi, Rio Negro, Arroio Malo, face à ameaça de Artigas.

Chegando a Paissandú, D. Diogo de Souza entrincheirou o seu Exército. Esta marcha do Exército Pacificador não foi tranqüila, como se crê. Suas forças tiveram que enfrentar diversas guerrilhas de Artigas.

O Coronel Thomaz da Costa partiu de São Diogo à frente dos Dragões e Milicianos de Rio Pardo. Atacou Artigas , entre o Quarai e Ibicuí, obrigando-o a repassar o Uruguai.

Partindo de São Borja, 80 homens, ao comando de Bento Manoel Ribeiro, atacaram o povo de Japejú (local de nascimento de San Martín), obrigando seus defensores a evacuá-lo.

O Coronel de Engenheiros Francisco Chagas Santos, comandante do Distrito Militar nos Sete Povos das Missões, à frente de 300 milicianos e índios guaranis, atacou o povo de São Tomé, destruindo-o por completo. Neste ataque, incendiou casas, destruiu carretas, matou 150 homens e afogou no rio mais de 3 mil cabeças de gado.

Em 10 de junho, D. Diogo de Souza, em Paissandú, recebeu ordens de D. João VI de retirar-se da Banda Oriental, em razão de armistício. Em 13 de junho, o Exército marchou para as cabeceiras do Cunha Peru, onde permaneceu durante três meses. Em 12 de setembro de 1812, o Exército Pacificador, em duas colunas, marchou para Bagé.

Em Bagé e Nossa Senhora da Conceição (município de Herval), as tropas milicianas foram desmobilizadas. O restante retornou para Rio Pardo e Rio Grande.

Em conseqüência desta ação, D. Diogo de Souza foi agraciado com o título de Conde de Rio Pardo. A conseqüência relevante desse evento foi a incorporação, de fato, ao Brasil, do rico distrito de Entre-Rios, onde se situam os municípios de Uruguaiana, Quaraí, Santana do Livramento, Alegrete e parte dos municípios de Rosário do Sul e D. Pedrito. Do acampamento de D. Diogo, próximo da guarda de São Sebastião, surgiria a cidade de Bajé, e, do acampamento de São Diogo, surgiria a cidade de Alegrete, o primeiro povoado português a oeste do rio Santa Maria.

A primeira povoação no distrito de Entre-Rios (quadrilátero formado pelos rios Uruguai, Quaraí, Ibicuí e Santa Maria) originou-se no acampamento do Marechal Xavier Curado, em São Diogo (25 Km NO de Alegrete).

O acampamento de São Diogo serviu de base de operações de um destacamento ao comando do Capitão José de Abreu, que expulsou várias vezes da região os artiguenhos que tentaram invadi-lo. Em 1814, o São Diogo foi incendiado por Verdun, seguidor de Artigas. Seus habitantes abandonaram o local e se estabeleceram em Alegrete, dando origem à atual cidade. São Diogo passou a ser conhecido, desde então, por Capela Queimada.

D. Diogo de Souza, na campanha de conquista do Distrito de Entre-Rios, doou muitas sesmarias a militares que dela participaram. E, assim, as povoou com lideranças capazes de desenvolvê-las e defendê-las militarmente, sempre que necessário.

NOTICIAS DE SÓCIOS DA AHIMTB

Patronos de cadeiras em vida

- Alte Hélio Leôncio Martins – Eleito sócio titular do IHGB e publicou na **Revista do Clube Naval** trabalho sobre a Revolução de Sargentos da Marinha e Aeronáutica em Brasília em 1963.
- **Cel Jarbas Passarinho –** Presente na posse do acadêmico Cel Humberto Corrêa no CIGE em Brasília . Continua publicando excelentes artigos.
- **Cel Francisco Ruas Santos –** No dia seguinte ao atentado terrorista em Nova Iork divulgou trabalho interpretando as causas do terrorismo e denunciando a incompetência geral pela falta do domínio da informação.

Acadêmicos Eméritos

- **José Conrado de Souza –** Liderou os ex-combatentes da FEB no desfile de 7 de setembro em Porto Alegre. Irá prestar ao Projeto História do Exército na Região Sul apoio sobre os ex combatentes egressos de OM do CML
- **Gen Tácito Theóphilo de Oliveira –** Biografado pelo presidente da AHIMTB na obra **História da 3ª Bda Inf Mtz** que ele comandou como ID/3.
- **Cel J. V. Portella Ferreira Alves –** Lamentavelmente teve de suspender a edição do **Letras em Marcha** com a perda de seu irmão Cel Iônio. Representou o IHGBM no IME na posse na AHIMTB do Cel Germano Seidl Vidal na cadeira Mal Mascarenhas de Morais e o acadêmico emérito Gen Plínio Pitaluga , na reinauguração do Monumento aos Mortos da II GM
- **Cel Arivaldo Silveira Fontes -**Secretariando com dedicação a Comissão de Pesquisas Históricas do IHGB. Representou o presidente da AHIMTB em Simpósio internacional sobre a Guerra de 1801,lendo comunicação do mesmo .

Patronos de cadeira em vida

- **Alte Hélio Leôncio Martins –** Eleito sócio Titular do IHGB e publicou na Revista do Clube Naval trabalho sobre a Revolução de Sargentos da Marinha e Aeronáutica em Brasília em 1963.
- **Cel Jarbas Passarinho –** Presente na posse do acadêmico Cel Humberto Corrêa no CIGE em Brasília . Continua publicando excelentes artigos.
- **Cel Francisco Ruas Santos –** No dia seguinte ao atentado terrorista em Nova Iork divulgou trabalho interpretando as causas do terrorismo e denunciando a incompetência geral pela falta do domínio da informação.

Acadêmicos Eméritos

- **José Conrado de Souza –** Liderou os ex-combatentes da FEB no desfile de 7 de setembro em Porto Alegre. Irá prestar no Projeto História do Exército na Região Sul sobre os ex combatentes egressos de OM do CML
- **Gen Tácito Theóphilo de Oliveira –** Biografado pelo presidente da AHIMTB na obra História da 3ª Bda Inf Mtz que ele comandou como ID/3.
- **Cel J. V. Portella Ferreira Alves –** Lamentavelmente teve de suspender a edição do **Letras em Marcha** com a perda de seu irmão Cel Iônio. Representou o IHGBM no IME na posse na AHIMTB do Cel Germano na cadeira Mal Mascarenhas de Morais e o acadêmico emérito Gen Plínio Pitaluga , na reinauguração do Monumento aos Mortos da II GM
- **Cel Arivaldo Silveira Fontes -** Secretariando com muita dedicação a Comissão de Pesquisas Históricas do IHGB. Representou o presidente da AHIMTB em Simpósio internacional sobre a Guerra de 1801,lendo comunicação do mesmo ..
- **Cel Elber de Mello Henrique -** Herói do ELO/1ª DIE. Retirado em sua casa por problemas de idade, mas atuante pelo telefone e vibrante. Prestou depoimento sobre sua participação na FEB em obra lançada na reinauguração do Monumento aos Mortos da II GM
- **Cel Amerino Raposo Filho –** Prestigiou no IME a posse do Cel Germano Vidal como acadêmico. Empenhado em sua obra no CEBRES.
- **Gen Carlos de Meira Matos -** Recebeu emocionante homenagem no IME de seu substituto na cadeira Mal Mascarenhas de Moraes, o citado Cel Germano. E produzindo e publicando bastante sobre Geopolítica do Brasil ,assunto de que é mestre
- **Cel Cláudio Moreira Bento –** Autor organizador da **História da 6ª DE**, produziu em comemoração aos 200 anos de Resende: **Resende 2001 - 200 anos**; **Resende História Militar 1744-2001** e colaborou com 6 artigos na **Revista Resende 200 anos**. Foi eleito sócio emérito do IHGB, onde em 18 jul homenageou o Gen Edmundo de Macedo Soares e em 6 mar o falecido acadêmico Antônio Pimentel Winz. Lançou em 23 jun ,em Pelotas em memorável cerimônia no QG da 8ª Bda Inf o livro **História da 8ª Bda Inf Mtz** em 9 ago na Associação Educacional Dom Bosco **Resende 2001 – 200 anos**. E em 30 outubro **Contribuição a História de D.Pedrito**, em D.Pedrito - RS etc
- **Arno Wheling –** Atuando bastante na presidência do IHGB. Contribuiu com artigos sobre pesquisas de História Militar na **Revista Cultural da DAC**. Foi reeleito presidente do IHGB.
- **Ten Cel Celso Rosa –** Se fez presente na reunião do IME de posse do seu colega febiano Cel Germano na cadeira Mal Mascarenhas de Morais. Contribuiu com subsídios sobre febianos de Resende com o presidente na obra **Resende – História Militar 1744-2001**. Prestou valioso depoimento na obra sobre a FEB lançada na reinauguração do Monumento aso Mortos na II GM.

Delegados da AHIMTB

- **Gen Arnaldo Serafim –** Pela segunda vez este ano coordenou e planejou 5 posses de acadêmicos em Brasília no início de outubro, eventos que transcorreram de maneira modelar nas posses de 5 historiadores.
- **Gen José Carlos Albano do Amarante –** Se fez presente na posse no auditório do EME do acadêmico Gen Sodré. Recebeu para distribuição plaquetas **Centenário do Gen Macedo Soares.** Será substuído em 1 o março 2002 na delegacia do Rio de Janeiro no IME pelo novo acadêmico a ser empossado o Gen **Bda Rubens Silveira Brochado**
- **Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis –** Ativíssimo Delegado da AHIMTB no RS. Coordenou edição e lançamento da obra **História 6ª DE** e faz parceria com o presidente na elaboração das histórias da 3ª Bda CMEC e 6ª Bda Inf Mtz.
- **Cel Paulo Ayrton Araújo –** Fez doação de sua espada a cadete de Engenharia de família humilde em ato que foi representado pelo **Presidente da AHIMTB.**
- **Cel PMSP Edilberto de Oliveira Mello –** Divulgando História Militar no Jornal **Clarinadas do Tabatinguera** da AEROP que preside. Planeja instalar oficialmente a Delegacia Cel Pedro Dias de campos em janeiro 2002 ,na sede da AEROP.
- **Gen Raymundo Maximiano Negrão Torres –** Produzindo apreciados e bem fundamentados artigos para nossa imprensa castrense e divulgando inclusive pela Internet.
- **Gen Nialdo de Oliveira Bastos –** Atuando como Delegado da AHIMTB junto à ESPCEX em Campinas de que foi comandante.
- **Gen José Mauro Cupertino –** Coordenando vários círculos de palestras da Associação de ex-diplomados da ADESG – Juiz de Fora e em 2002 será empossado delegado da AHIMTB em Juiz de Fora.
- **Sub Ten Alvino Brugalli.** Ativo Delegado em Caxias do Sul, cuja Universidade ira publicar seu livro sobre O Cel Arcy Nobrega, assinalado 1 o comandante da Artilharia Anti Aérea em Caxias e o primeiro recipiendário do Título de Cidadão de Caxias do Sul, ora recebido também pelo acadêmico a ser empossado breve.
- **Major Angelo Pires Moreira.** Divulgando interessante estudo atribuindo a Pelotas haver sido sede do primeiro Estado –Maior existente no Exército que foi chefiado pelo Marechal de Campo Henrique Braun em 1827

Acadêmicos

- **Gen Paulo César de Castro –** Executando programa de pesquisas históricas com vistas ao centenário da ECEME em 2005 e divulgando matérias históricas enviadas pela AHIMTB.
- **Ten Cel Waldyr Jansen de Mello –** Aplicado na divulgação de seu **Manual do Graduado**.
- **Gen Hélio Ibiapina Lima –** Com intensa atividade cultural através de artigos na Revista do Clube Militar e jornais com assuntos militares e de interesse da Família Militar.
- **Gen Hans Gerd Haltemburg –** Lamentavelmente faleceu pouco tempo depois de tomar posse como acadêmico. Na posse do Gen Sodré foi pedido um minuto de silêncio em sua homenagem.

- **Cel Germano Seidl Vidal –** Tomou posse de maneira brilhante e original na cadeira Mal Mascarenhas de Moraes em substituição ao acadêmico emérito Gen Carlos de Meira Mattos. Foi recebido em nome da AHIMTB pelo Cel Nilton Freixinho.
- **Cel José Spagenberg Chaves –** Publicando valiosos artigos na **Revista do Clube Naval** conforme assinalado em publicações.
- **Gen Gleuber Vieira –** Deu expressiva contribuição à História através da antológica Ordem do Dia do Soldado – **Como custa ser Caxias**. Será empossado acadêmico tão logo se disponha a tal.
- **Cel Alceu Paiva –** Assumiu a Cadeira 23 Gen Liberato Bittencourt, por falecimento do titular Cel Geraldo Levasseur França. Presidiu a cerimônia de lançamento da obra **História Militar de Resende** em 27 set 2001. Aacaba de publicar plaquete **Tácito Vianna Rodrigues - O Resendense do século XX."**
- **Cel Ney Paulo Panizzutti.** Produziu artigo na Revista do Clube Militar focalizando Gilberto Amado, o Pelé da Literatura e seus livros escritos a soldo do PCB. Colaborou na **Revista Resende 200 anos** junto com o presidente produzida pela CAT Publicidade
- **Gen Carlos Patrício de Freitas.** Incentivador das atividades da AHIMTB, com mensagens benvindas. Foi Agraciado com o título merecido de Cidadão de Minas Geria.
- **Cel Tiago Castro de Castro.** Presente em algumas posses da AHIMTB em Brasília.
- **Cel Celso Pires.** Espera a AHIMTB a sua decisão da data para ocupar a cadeira Barão do Rio Branco, para cuja ocupação existem alguns candidatos .
- **Maj Luiz Prates Carrion.** Atuando em Santa Maria com subsídios sobre História Militar local.
- **Cel José de Sá Martins.** Enviando via Internet subsídios à AHIMTB.
- **Jornalista Ernani Donato.** Teve muito justamente editado pela BIBLIEX seu **Dicionário de Batalhas Brasileiras.**
- **Cel Davis Ribeiro de Sena.** Sem notícias desde que solicitou a Presidência da AHIMTB um artigo sobre o Marechal Rondon, cujo recebimento se desconhece.
- **Cel Nilton Freixinho.** Doou a AHIMTB 5 obras suas de grande valor conforme registro de publicações recebidas. Tem tido intensa atuação cultural no Rio (CEBRES). Representou a AHIMTB na oração de recepção aos acadêmicos Gen Sodré e Cel Germano. É um grande estimulador da Diretoria Executiva em sua solidão.
- **Ten Cel Amaury Pereira Leite.** Chefiando a cadeira de História da AMAN e aguardando definição da data de sua posse como acadêmico.
- **Cel Mário José Menezes.** Parceiro do presidente na elaboração da obra História da 6ª Bda Inf Bld, ficando a seu cargo a biografia do patrono Cel Nilderauer.
- **Gen José Moretzohn.** Solidaríssimo com a AHIMTB em Brasília e presença constante nas 5 reuniões de posse lá ocorridas em out.ubro.
- **Cel José Maria de Souza Nunes.** Não temos tido notícias deste acadêmico.
- **Gen Alberto Martins da Silva.** Possui quase concluída sua pesquisa sobre História do Serviço Saúde do Exército.
- **Christóvão de Ávila Pires Jr.** Coordenou de modo brilhante ,na qualidade de Delegado interino da AHIMTB no Rio, a histórica sessão de posse no IME do Cel Germano Seidl Vidal na cadeira Mal Mascarenhas de Moraes .
- **Cel Manoel Soriano Neto.** Solidário acadêmico em tudo que dele solicita a AHIMTB. Desenvolve patriótica campanha pró defesa da nossa soberania em Alcântara, cujos positivos resultados colheu com a alteração do contrato de aluguel

pelo Congresso daquela base de lançamento de foguetes .Esta de parabéns e a LDN de Brasília!

- **Gen Jonas de Moraes Correia Neto.** Ajudou a AHIMTB com subsídios para escrever-se a História da 6ª DE, onde realizou marcante comando.
- **Ten Cel Antônio Carlos Esteves.** Apoio à AHIMTB no patrocínio e edição da obra **Resende 2001 200 anos**.
- **Cel Carlos Sampaio Malan.** Grande colaborador para tornar realidade a História da 6ª DE, quando seu chefe de EM. Esta na ESG.
- **Cel Antônio Gonçalves Meira.** Produzindo valiosos artigos no **Ombro a Ombro** e estimulando e divulgando assuntos da AHIMTB naquele jornal e via Internet . **Cel Jardro de Alcântara Avellar.** Grande estimulador do l custeio da AHIMTB com o envio d**e** contribuições em momentos de aperto financeiro**.**
- **Gen João Carlos Rota.** Desenvolvendo a História Oral da FEB no CMS e da Contra-revolução de 64. E tratando de editar um romance que promete muito !
- **Cel Manoel Câmara de Andrade Neto.** Brindando os leitores com bons artigos no **Ombro a Ombro** e generoso colaborador para o custeio difícil da AHIMTB.
- **Cel João Ribeiro da Silva.** Presença constante nas promoções da AHIMTB no Rio onde desenvolve intensa atividade cultural.
- **Hamilton Caramashi.** Sem notícias desde sua posse e a Diretoria a espera do envio de sua oração de posse para confirmá-la, conforme estabelece os Estatutos.
- **Cel Luiz Carlos Carneiro de Paula.** Sempre enviando informações preciosas via E-Mail. Na **Revista do Clube Militar** abordou artigo interpretação da História da Arma de Engenharia e de de Construção em especial.
- **Cel Luiz Castelliano de Lucena.** Aguardamos sua oração de posse para encadernar.
- **Cel Paulo Dartagnhan do Amorim.** Na direção do Arquivo Histórico do Exército em ação de conjunto à História do Exército.
- **Cel José Fernando Maia Pedrosa.** Acaba de editar livro **Enigma dos submarinos**. Esperamos que sua posse como acadêmico tenha lugar em 19 abr 2002, no CMRecife.
- **Gen Edival Ponciano de Carvalho.** Tomou posse na cadeira Gen Edmundo Macedo Soares, tendo produzido peça histórica de real valor.
- **Cel Telmo Luiz Moré.** A AHIMTB perdeu contato com este acadêmico e seu endereço. Quando comandante do CMB deu grande apoio a AHIMTB em Brasília.
- **Cel PMRJ José Luiz Silveira.** Do alto dos seus 92 anos, acaba de lançar obra sobre a Maçonaria. É o maior historiador da Brigada Militar ainda atuando. Acaba de escrever sobre a História da Revolução de 1923 no Rio Grande do Sul na **Antologia do CIPEL 2001**,onde o presidente da AHIMTB abordou História Militar Terrestre do RS no sec.XX.
- **CMG(FN) Dino Willy Cozza.** Foi agraciado com o Mérito Geográfico e Brasilidade pela Sociedade Geográfica Brasileira.

Acadêmicos cadeiras especiais

- **Cel Pedro Paulo C. Estigarríbia.** Acaba de interpretar em pintura a História da Engenharia de Construção. Sua pintura sobre o Combate de Esteio Billaco ilustra a 4ª capa da História da 6ª DE. No momento retrata o Marechal Patrício Correia da Câmara para a História da 3ª Bda C.Mec a cargo da AHIMTB

- **Cel PMSP Hermes B. Cruz.** Atuando em defesa da PMSP como vice presidente da AEROMP.
- **Alte Arlindo Vianna Filho.** Sempre estimulando a AHIMTB e acusando o recebimento de subsídios.
- **Cel PM Vidal S. Barros.** Presença constante nas promoções da AHIMTB no Rio de Janeiro.
- **Cel PMCE J. X. Holanda.** Não possuímos notícias suas desde sua posse.
- **Cap Haroldo Medina.** Candidato a Governador do RGS pelo PL, na tentativa de influir nos destinos de sua corporação.
- **Cel Humberto Corrêa.** Superando dificuldades físicas se fez presente em duas promoções da AHIMTB em Brasília.
- **Prof. Francisco Pernambucano de Mello.** Sem notícias.
- **Maj Elza Cansanção Medeiros.** Sem notícias. Será empossada em 2002.
- **Gen Frederico Faria Sodré de Castro.** Empossado na cadeira Gen Francisco de Paula Cidade, antes de transferir-se para a Reserva .Deu grande estímulo a AHIMTB como Chefe do DEP na qualidade de Presidente de Honra e depois no COTER. Esperamos contar com o seu concurso no Rio de Janeiro ,defendendo a idéia da AHIMTB que bem conhece e estimulou, atendendo inclusive a orientação do acadêmico e 1º Presidente de Honra da AHIMTB ,Gen Ex Gleuber Vieira.
- **Cel PMDF João Coelho Vítola.** Tomou posse na cadeira especial tendo por patrono a **Polícia Militar do Distrito Federal** em 8 outubro na Academia da Polícia Militar do DF
- **Ten Cel Bombeiro Militar Milton Antônio Paduan** Tomou posse na cadeira especial tendo como patrono de cadeira o **Corpo de Bombeiros Militar do DF**, em 10 out na Academia de Bombeiro Militar em Brasília
- Cel Inf Aer. R/1 Calmeron Vieira Leão ,tendo por patrono de cadeira a **Infantaria da Aeronáutica** e, em 11 out ,no CONGAR -DF em cerimônia prestigiada pelas presenças estimulantes do exmos Ten Brig do Ar Henrique Marini e Souza Chefe do EMAr e José Carlos Pereira Comandante Geral do Ar
- **Cel PMMG Affonso Heliodoro dos Santos.** Preside com grande competência e harmonia o Instituto Histórico e Geográfico do DF. Tomou posse ali na cadeira **Cel Med PMDF Juscelino Kubstchek de Oliveira**, homenagem da AHIMTB ao centenário deste grande brasileiro que tornou Brasília uma realidade e solucionando o problema geopolítico n o 1 do Brasil , a interiorização de sua capital do Brasil

Correspondentes

- **Carlos Fonttes Uruguaaina.** Cedeu fontes históricas de seu acervo ao GAC de Uruguaiana para escrever -se a história da OM
- **Marcelo Peixoto** - Rio - CPOR foi homenageado em Angra dos Reis
- **Cel Antonio Claudio Belem de Oliveira** - Muito auxiliou a História da 6ª DE com fontes iconográficas que enviou.
- **CT Roberto Quintão, no CFN.** Melhorando a cada dia o museu do CFN de que é diretor.
- **Cel Darzan Neto da Silva**. Divulgando nossa História Militar no Cprep/ECEME Clube Militar.
- **Cel Rui Duarte** .Divulgando a AHIMTB na sua preciosa coluna Polainas e Charlateiras do **Ombro a Ombro** e redigindo o apreciado O Clarim do CML. Escrevendo o presente para ser história no futuro. .

- **Odilon Nogueira de Mattos,** na PUC/Campinas Editando a preciosa **Notícia bibliográfica e de História** que já ultrapassa 180numeros .
- **Cel Walter Albano Fressati, no CMSE.** Presidindo a Sociedade de Amigos da 2ª DE e editando sua preciosa **Revista SASDE** já com 77 edições e divulgando os patronos do Exército de autoria do presidente da AHIMTB e esta instituição.
- **Adioson Cesar, em Sorocaba.** Sempre dinâmico e exercendo invulgar liderança cultural no IHG Sorocaba e no SOAMAR -Sorocaba. É um exemplo de dedicação
- **Estas são as noticias que nos chegaram que dão uma visão de conjunto da ativa e densa contribuição cultural da novel AHIMTB**. Os membros não mencionados foi por não nos ter chegado notícias dos mesmos que esperamos ocorra no próxio número.

Nº 33 – Jan/Mar 2002 – Cel Cláudio Moreira Bento

6ª ANIVERSÁRIO DA AHIMTB NA FUNDAÇÃO OSÓRIO

Em 1º março de 2002. Palavras finais do Presidente

É com muita satisfação que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil comemora o seu 6º aniversário nesta Fundação Osório, hoje superiormente presidida pelo educador e acadêmico emérito e vice presidente de nossa Academia de História Militar Terrestre Cel Professor Arivaldo Silveira Fontes que no passado aqui secretariou o então presidente da Fundação, o Marechal Estevão Leitão de Carvalho. Este hoje, consagrado patrono de cadeira de nossa Academia de História, hoje ocupada pelo acadêmico General Paulo César de Castro, comandante da ECEME e grande estimulador da Academia quando diretor da DEPA. Cadeira que hoje a dividirá com o acadêmico Júnior Henrique Vasconcellos Cruz, promissor historiador já com obra publicada sobre a História desta benemérita instituição originariamente de amparo a jovens órfãs de militares das nossas Forças Armadas.

Vale lembrar os relevantes trabalhos produzidos sobre e História Militar Terrestre Crítica do Brasil pelo Marechal Estevão, grande chefe militar, sobre cujos ombros pesaram gravíssimas responsabilidades funcionais para a vitoriosa participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, como chefe do Missão Militar que nos Estados Unidos intermediou a participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial. Oficial que liderou os Jovens Turcos de **A Defesa Nacional** e da Missão Indígena da Escola Militar. Chefe que nos faz lembrar um grande almirante japonês que depois de brilhar na guerra em defesa de sua nação, pediu como recompensa ao Imperador o cargo de mestre escola de uma aldeia japonesa. E o Marechal Estevão grande chefe com assinalados serviços veio humildemente dirigir esta Fundação

Hoje aqui outro acadêmico Júnior assumiu a cadeira do General Francisco de Paula e Azevedo Pondé. Trata-se do jovem Luiz Felipe Resende de Ávila Pires que passou a dividir a sua cadeira com seu pai, o acadêmico e Eng Militar Christovão de Ávila Pires Júnior, nosso dinâmico Delegado aqui no Rio, da Delegacia Marechal João Batista de Mattos de nossa Academia. E pai e filho, um trineto e o outro tetraneto, por linha varonil, do Visconde a Torre de Garcia D Ávila, heróico chefe militar que liderou forças brasileiras que consolidaram a Independência na Bahia e que foi o primeiro brasileiro a receber um título de nobreza no Brasil independente. Legado precioso que o acadêmico Christovão e filho Luiz Felipe honram, preservam,

cultuam e divulgam, ao contrário do que hoje se vê na mini-série **Quintos dos Infernos** em que a Família Real que estruturou o Brasil para a Independência é criminosamente vilipendiada numa mini série da Globo.

Foram empossados hoje como correspondente aqui no Rio de Janeiro o Capitão de Corveta Guilherme Canellas, responsável pelo precioso Site Militar através do qual a AHIMTB tem divulgado muitas matérias de História Militar Terrestre do Brasil e que nos cedeu e implantou, em parceria com a nossa Academia, em seu site militar a **Revista Eletrônica da Academia de História Militar Terrestre do Brasil** sem dúvida uma grande conquista num mundo cada vez mais dependente do que a Internet oferece e que complementa site da Academia. Instrumento que contorna o a alternância das estratégias de Silêncio ou de e Deformação que a Mídia de modo geral submete os assuntos relacionados com as nossas Forças Armadas

Empossamos também como correspondente e pesquisador da Academia junto ao Palácio Duque de Caxias, o 2º Sargento Nelson Soares, formado em História e já colaborador da Revista Eletrônica da AHIMTB com artigo sobre o Dia do Magistério e do qual muito espera a Academia e já colaborador da História da 3ª Bda C Mec de Bagé.

Hoje aqui a nossa Academia comparece para também assinalar o seu 6º aniversário de resistência cultural e de superação de obstáculos, falta de recursos e de, indiferenças de poucos, na prática, para com o Objetivo atual nº 1 do Exército relacionados com sua História, Tradições e seus valores morais, culturais e históricos.

Presença da Academia para fazer um balanço, ou prestar contas de suas atividades, para que seja avaliada a sua utilidade social para as Forças Terrestres Brasileiras.

Fundada em 1º de março de 1996, no aniversário do término da Guerra do Paraguai e na cidade de Resende, A Cidade dos Cadetes. Ela possui sua sede administrativa e o seu Centro de Informações de História Militar Terrestre em dependências cedidas pelo Comando da AMAN, junto a Casa do Laranjeira do 4 o ano Estabeleceu delegacias reverenciando ilustres historiadores militares terrestres brasileiros: no Rio de Janeiro(IME), em Brasília(no CMB), no Ceará (no Instituto do Ceará), em Porto Alegre(no CMPA), em Campinas(ancorada na ESPCEx), em Curitiba(ancorada no CMC). Em São Paulo (Na Associação de Oficias da Reserva da PMSP inaugurada solenemente em 25 janeiro, aniversario de São Paulo.

A Academia tem por patrono o Duque de Caxias, pioneiro em estudos de História Militar Crítica do Brasil, ao analisar a Batalha do Passo do Rosário, em depoimento ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de que era membro e em 28 ago 1854. E mais, por haver usado as lições de História Militar Terrestre do Brasil que colhera em 5 campanhas militares que comandara a vitória, para adaptar, como Ministro da Guerra, as Ordenanças de Portugal (leia-se Doutrina Militar) às realidades operacionais sul-americanas que vivenciara.

A Academia desenvolve a História Crítica Militar Terrestre, prioritariamente, em duas dimensões marcadamente ligadas ao exercício da profissão Soldado.

A primeira, a clássica. Estuda a História Militar Terrestre do Brasil, para dela extrair subsídios táticos, estratégicos e logísticos, capazes de contribuírem para o desenvolvimento contínuo da Doutrina Militar Terrestre do Brasil, com progressivos índices de nacionalização, como acontece com as grandes nações, potências e grande potências mundiais. Dimensão que encontrou em Caxias o seu pioneiro, conforme abordado e depois enfatizada pelo Marechal Floriano Peixoto, ao mandar escrever a História da Guerra do Paraguai, para ser estudada a História Militar Terrestre do Brasil, em nossas 3 escolas militares, dentro das realidades operacionais sul-americanas.

Com a vinda da Missão Militar Francesa para o Brasil ,em 1920, a Escola de Estado - Maior do Exército tornou-se um centro de desenvolvimento da História Militar Terrestre Crítica do Brasil, com a orientação recebida daquela Missão, de que os fundamentos da Tática, da Logística e da Estratégia brasileiras e em conseqüência de uma Doutrina Militar Terrestre Brasileira estavam embutidos na História Militar Terrestre do Brasil de onde deveriam ser exumados, através do estudo crítico de nosso passado militar à luz dos fundamentos da Arte Militar, a Arte de Soldado.

E nisto, logo se aplicou o chefe do Estado - Maior General Tasso Fragoso, ao abordar, em 1922, a **Batalha do Passo de Rosário** de 20 fev 1827, à luz dos fundamentos da Arte da Guerra, razão de ser considerado o Pai da História Militar Terrestre Crítica do Brasil. Esforço notável complementado por outros trabalhos que hoje integram a sua Biblioteca pessoal, agora patrimônio da ECEME.

O Marechal Castelo Branco iniciou sua carreira neste tempo histórico. Foi um modelo de pensador militar e de historiador militar terrestre brasileiro crítico, conforme o demonstra a obra **O pensamento militar do Marechal Castelo Branco**, mandada editar pela ECEME, que comandou superiormente e coordenado pelo hoje patrono de cadeira em vida na AHIMTB, Cel Francisco Ruas Santos e pelo acadêmico Cel Fernando Maia Pedrosa, que então não contaram com todo o arquivo do Marechal, hoje integrando o acervo da ECEME.

Não pode ser esquecido o legado cultural em História Militar Terrestre Crítica, do ponto de vista institucional, do Marechal Estevão Leitão de Carvalho, especialmente denunciando o grande equívoco porque passou o Ensino Militar no Exército de 1874-1905, por mais de 30 anos e caracterizado como bacharelismo militar e sob a influência do agnóstico Positivismo. E ambos contribuíram para o mais baixo índice de operacionalidade do Exército, evidenciado ao enfrentar a Guerra Civil 1893-95, no Sul combinado com a Revolta na Armada e depois a Guerra de Canudos em 1897.

Tasso Fragoso, Castelo Branco Estevão Leitão de Carvalho, foram seguidos por outros oficiais generais e superiores no esforço de resgatar o nosso passado militar e as lições militares que ele sugeria. E o editorial da BIBLIEx até 1972 refletiu este grande esforço que foi consolidado na **História do Exército Brasileiro**, lançada no sesquicentenário da Independência, pelo Estado –Maior do Exército e coordenada por sua Comissão de História do Exército, então presidida pelo Cel Ruas do qual

fomos adjunto. Mas foi obra predominantemente descritiva. A crítica seria o passo seguinte.

O ensino de História Militar Terrestre do Brasil em nossa Escola Militar foi por longo período basicamente descritivo, razão do desprestígio do assunto, por não corresponder ao que disse indignado o grande cabo de guerra Frederico o Grande, para o professor de História Militar de seu filho.

"Não faça meu filho decorar datas e textos. Faça-o raciocinar e retirar lições de Arte Militar das leituras. "

Aquele professor procedeu de igual forma que o nosso ensino de História Militar por longo tempo .Ambos ignoraram a forma definida pelo Marechal Foch, o comandante da Vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial e professor de História Militar na Escola Superior de Guerra da França e nome do Porto Aviões Foch, que o Brasil adquiriu para ser o nosso São Paulo. Ou seja:

"Para alimentar o cérebro (entenda-se comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o da História Militar."

A História Militar Terrestre Crítica na AMAN começou a ser ensinada mais tarde pelo acadêmico General Álvaro Cardoso. O citado Cel Ruas Santos deu-lhe bom desenvolvimento, no que foi seguido por seus sucessores, sendo que em 1978/80 foram editados na AMAN, com apoio do EME, os livros textos **História da Doutrina Militar** e **História Militar do Brasil** e **Como estudar e pesquisar a História do Exército**, este ora reeditado pelo EME. Então foram introduzidos outros tema: O estudo militar crítico das Batalhas dos Guararapes e seu contexto no qual despertou o espírito do Exército e de Nacionalidade e sob a égide de uma manifestação doutrinária brasileira genuína- Guerra Brasílica, uma estratégia do fraco contra o forte, baseada nas emboscadas. Batalhas que definiram o destino do Brasil "a sangue, o de ser um só e não dois ou três hostis entre si, segundo o mestre Gilberto Freire.

Hoje com a modernização do ensino novos rumos parecem terem tomado o ensino de História Militar, cujos detalhes ainda não conhecemos.

Egressos da ECEME em 1970 e estagiando no IV Exército recebemos ordem do seu comandante Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca de produzirmos trabalho militar crítico sobre a Batalhas dos Guararapes. E o fizemos usando os fundamentos críticos de Arte Militar que havíamos absorvido aqui na ECEME como seu aluno. E o trabalho foi lançado na inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes em 1971 e ora se encontra na INTERNET e aguardando sua reedição pela BIBLIEx, com prefácio do Exmo Sr Gen Ex Zenildo de Lucena que para lá o encaminhou em 1998.

Enfim um trabalho de um oficial de Estado - Maior possível de ser realizado por qualquer oficial, à luz dos fundamentos da Arte Militar e com apoio de trabalhos descritivos de historiadores civis acumulados em séculos.Trabalho que produzimos e que qualquer oficial conhecedor dos fundamentos da Arte da Guerra deve estar

em condições de realizar lançando mão de reconstituições históricas trabalhosas feitas por historiadores civis com metodologia própria. O trabalho do historiador militar crítico ou de Estado –Maior é egoísta e apropiador de trabalhos históricos descritivos feitos por historiadores com curso em faculdades. Tarefa que soldado profissional, como historiador militar crítico e conhecedor da metodologia de produção de informações, em princípio pode mas não deve fazer, para não desviar-se de seus deveres funcionais. O General Tasso Fragoso e outros chefes tiveram que fazer as duas partes em razão de não existirem reconstituições históricas disponíveis. Pensamos que o historiador civil com curso universitário é que faz as reconstituições históricas e que cada profissional como o militar, o jurista, o economista o engenheiro etc farão leituras críticas diferentes da mesma reconstituição e a luz dos fundamentos de critica de sua profissão.

E quantos foram os ramos profissionais, a História descritiva se desdobrara em variadas versões históricas críticas. Enfim pensamos que a reconstituição histórica descritiva deva ser feita por historiadores com curso universitário e, no caso, que a história militar terrestre crítica deva ser desenvolvida por chefes, pensadores e planejadores e historiadores de Estado- Maior que não podem se desviar de sua atividade ligada a operacionalidade, ao desenvolvimento da Doutrina e a retirada de ensinamentos militares da História para aplicação no combate.

Em 1978 também foi introduzida na AMAN, A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul 1774-77 onde despontou outra manifestação doutrinária brasileira genuína – **A Guerra à gaúcha**, baseada na estratégia do fraco contra o forte, e na qual se apoiariam muitas lutas internas e externas no Rio Grande do Sul. Doutrina Militar com suas origens na seguinte diretriz emanada do Rio de Janeiro, ao ser o Rio Grande invadido pelos espanhóis em 1763 e 1774, do qual chegaram a controlar 2/3 por cerca de 13 anos:

A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas, localizadas em matas e nos passos dos rios e arroios. Deste locais sairão ao encontro dos invasores para surpreendê-los causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes em constante e continua inquietação ."

Foi apropriando parte desta doutrina que o gaúcho e veterano federalista como major, Plácido de Castro, a utilizou no Acre, para livrar aquela área de interesses econômicos anglo- saxões que pretendiam controlar com apoio em força armada as fontes de produção de borracha da Amazônia.

E por falar-se em manifestações doutrinárias genuínas, o estudo da resistência quase secular no século 17, do Reino de Palmares, a investidas holandesas e depois portuguesas, deveu-se ao desenvolvimento pelos quilombos da Guerra do Mato, uma estratégia do fraco contra o forte, a guerra de guerrilha, que tirava grande partido das matas onde construíram seus mocambos e a usaram como aliada. Guerra do mato só superada por bandeirantes paulistas que aprenderam a dominá-la em suas andanças pelos sertões no enfrentamento de índios. Guerra do Mato a que se referiu recorreria, o antigo guerrilheiro contra o domínio de Napoleão, em Portugal, José Bonifácio de Andrade, o Patriarca da Independência, caso o Brasil fosse ameaçado de invasão por estrangeiros.

Outra dimensão da História que a Academia de História Militar Terrestre prioriza e que vem sendo muito usada nos EUA é a de estudar-se as guerras externas e internas para deste estudo isolar elementos determinantes destes conflitos para que colocados à disposição das lideranças civis estas procurem evitá-los com todo o seu rosário de consequências funestas para a nação. Neste particular o acadêmico e veterano da FEB Cel Germano Seidl Vidal produziu nesta dimensão a obra **A Guerra proscrita** em que analisa e quantifica o custo da 2ª Guerra Mundial para o Povo Brasileiro.

A Academia possui 50 cadeiras que tem por patronos 50 historiadores militares terrestres brasileiros, dos quais 4 patronos em vida, Alte Hélio Leôncio Martins general Umberto Peregrino, e coronéis Jarbas Passarinho e Francisco Ruas Santos. Homenageia como patronos os civis Barão de Rio Branco, Gustavo Barroso, Pedro Calmon e Eugênio Vilhena de Morais que deram preciosas contribuições à História Militar Terrestre do Brasil. Estas cadeiras foram em maioria ocupadas por historiadores militares terrestres brasileiros contemporâneos e algumas já reocupadas com a elevação de 10 acadêmicos a acadêmicos eméritos, por serem em maioria veteranos da FEB. Possui já ocupadas 15 cadeiras especiais destinadas a acadêmicos dos Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, ao pintor militar, aos restauradores de Pernambuco, a Eletrônica do Exército, a Historiadora militar terrestre e ao Mestre de Música Militar. Possui 18 correspondentes espalhados pelo Brasil, 3 grandes colaboradores, 30 colaboradores eméritos, organizações militares e pessoas físicas que colaboraram expressivamente com as atividades da Academia e 30 colaboradores, cadetes, alunos dos CM e da Fundação Osório e órgãos da mídia castrense **Grupo Inconfidência**, **Letras em Marcha**, **Ombro a Ombro**, **Revista da SASDE**, **Coluna Polainas e Charlateiras** e o Jornal **Tradição.** Órgãos de imprensa que divulgam nossos trabalhos. A Academia por seus estatutos possui 4 presidentes de Honra: O Comandante do Exército, o Chefe do DEP, o Comandante da AMAN e o Presidente das Faculdades Dom Bosco em Resende. Possui um site pioneiro entre as entidades de História, com 8500 visitas onde divulga seus trabalhos tais como os livros **Caxias e a Unidade Nacional(**o mais completo e atualizado estudo biográfico do patrono do Exército), **As Batalhas dos Guararapes, análise e descrição militar, Os Patronos nas Forças Armadas, Moedas de Honra ou Condecorações Brasileiras. Escola de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil, Fortificação Brasil e Amazônia e seus desafios, Rondon – O guerreiro da Paz** e os últimos números de seu Informativo **O Guararapes**. E possui links de seu site em outros como no Militar, no da AMAN, da ABORE e no Portal Região das Agulhas Negras etc.

Por intermédio de seu E-mail tem recebido consultas de História Militar e as respondido para alunos do Sistema de Ensino do Exército, da ESG, de jornalistas como do autor do livro sobre Anita Garibaldi e de produtores de Cinema

Seu informativo em número de 32 edições tem divulgado assuntos vários de interesse da História Militar Terrestre do Brasil. Seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil junto a AMAN tem sido visitado por pesquisadores e em especial por cadetes da AMAN, sobre pesquisas que realizam e por alunos da ECEME sobre suas monografias e inclusive por um oficial que faz um Curso de Mestrado sobre o ensino militar, e que depois de percorrer vários locais ali encontrou surpreso tudo o que necessitava. Neste Centro fica nossa biblioteca especializada em História Militar Terrestre do Brasil, a qual reunimos em cerca de 40 anos onde se

destacam índices de revistas, dicionários biográficos de militares e vários instrumentos de trabalho do historiador militar terrestre brasileiro. E o único índice da Revista da AMAN 1922-1962.

A Academia tem procurado levar suas mensagens por todo o Brasil e prioritariamente para a juventude estudando nos sistemas de ensino das Forças Armadas e auxiliares e em especial a dos Colégios Militares e Fundação Osório, celeiros de futuras lideranças civis. Isto para no seio dela procurar desfazer manipulações adversas contra as Forças Armadas e de nossa História bastante divulgadas e aceitas como se verdadeiras fossem na juventude do Brasil. Manipulação que alterna as estratégias adversas de SILÊNCIO ou DEFORMAÇÃO. Estratégias usadas por esquerdistas que tentaram incendiar o Brasil com a guerrilha rural e a urbana e que derrotados militarmente, hoje se orgulham do seguinte. Perdemos a luta armada, mas a ganhamos na nossa versão imposta a Opinião Publica, conforme o demonstrou o acadêmico General Raimundo Maximiano Negrão Torres

Assim, a AHIMTB em Resende, na AMAN e nas Faculdades Dom Bosco com a presença de cadetes, já realizou palestras sobre História Militar, reuniões de posses, sendo até objeto de homenagem da AMAN, em formatura geral, em 23 abril 2000, presidida pelo seu comandante e 3º Presidente de Honra da AHIMTB O Exmo Sr Gen Div Domingos Carlos Campos Curado, atual diretos da DFA.

Realizou 5 sessões no IME, com a presença de alunos abordando assuntos profissionais militares relevantes e ali foi estabelecido a sua Delegacia para o Rio Promoveu sessões de posses nos Colégios Militares: 2 em Porto Alegre, 1 em Santa Maria, 1 em Curitiba, 1 no Rio de Janeiro, 1 em Belo Horizonte com a participação da Escola de Oficiais de Polícia), 2 em Brasília,1 em Campo Grande, 1 em Fortaleza e 6 na Fundação Osório. Falta realizar sessões nos CM de Juiz de Fora, Recife, Salvador e Manaus. Realizou 1 sessão de posse na Escola Naval, com a participação do Corpo de Aspirantes e 1 no Comando do CFN. Na ESA já ocupou 6 tempos de aula ministrando instruções de História Militar. Promoveu sessão de posses no CPOR/SP com a participação de cadetes de Polícia e outra na sua Academia de Barro Branco.

Realizou 2 sessões na Caserna de Bravos em São Gabriel, na velha caserna construída por Mallet, tendo como porta vozes aspirantes estagiárias de Saúde.

Na EsAO, a AHIMTB inaugurou o assunto História Militar em palestra que ocupou 3 tempos de aula. Em Porto Alegre, em dezembro 2000 em palestra sobre a Amazônia, no GBOEX, a AHIMTB teve contato com a Escola de Formação de Oficiais da Brigada Militar e com seu Colégio Tiradentes de Ensino Médio.

Na maioria das sessões os cadetes e alunos participaram ativamente na condução do cerimonial e na leitura de documentos na qualidade de seus porta-vozes.

Na AMAN, duas conferências sobre História Militar para cadetes em geral. E cerimônias de posse de acadêmicos, tanto na AMAN como nas Faculdades Dom Bosco com a presença de cadetes e uma sessão de posse na ESPCEX.

A AHIMTB participou ativamente das comemorações dos 350 anos da 1ª Batalha dos Guararapes através de seu site na Internet e conferências no CMNE, GEC, IME e ESA. E preparou ampliados com o concurso voluntário de cadetes e alunos da EsPCEx e da cadeira de Português da AMAN o obra **As Batalhas dos Guararapes –analise de descrição militar** ora na INTERNET, com prefacio do Gen Ex Zenildo de Lucena e aguardando a sus publicação pela BIBLIEx. No Centenário da Guerra de Canudos indicado pelo Ministro do Exército participou de Seminário na Câmara Federal, rebatendo manipulações e distorções contra o Exército. Se fez presente no programa **Globo News** sobre Canudos, esclarecendo inverdades e defendendo a atuação do Exército e de suas 11 Polícias Militares no episódio. Deu entrevista esclarecedoras no jornal **O Globo** e **Zero Hora**, etc.

A partir das palestras sobre a Amazônia pelo General Lessa a Academia se empenhou na campanha em prol de sua defesa. Abordou o assunto intensamente em seu informativo, na **Revista do Clube Militar** e proferiu conferência no IHGB em parceria com outras entidades e inclusive o Clube Militar.

Na falta de uma revista regular a AHIMTB tem divulgado os seus trabalhos em seu site, em revistas eletrônicas como nos portais Agulhas Negras Resende; no Militar. no INTRANET da AMAN. Enfim aproveita todas as oportunidade que a INTERNET se lhe oferece. É agressiva e guerreira no bom sentido. Não passa recibo. Não se limita a indignação pura e simples, parte para o confronto educado em defesa de suas verdades, o que tem inibido muitas agressões de parte, dos que estavam convencidas da passividade dos agredidos. Tem usado os jornais castrenses **Letras em Marcha, Zero Hora, Ombro a Ombro**, **Grupo Inconfidência** e revistas do IHGB, a Defesa Nacional, do CIPEL, da SASDE. Enfim, aproveita todas as oportunidades para se fazer presente.

O acervo da Academia está dividido em 3 grandes blocos: Lutas internas e Lutas externas e Lutas diversas na Amazônia. Assunto que está desenvolvendo na forma para servir a ECEME e a outros estudos mais aprofundados de História Militar Terrestre do Brasil com apoio nas fontes históricas que relaciona ao final.

No seu acervo se destacam os 30 volumes encadernados que contém a biobibliografia dos patronos historiadores militares empossados como acadêmicos. E última análise documentos que abrangem sobretudo quase toda a História Militar Terrestre do Brasil. Só este esforço justificaria a existência da Academia se hoje por falta de vontade cultural de seus integrantes ela tivesse de encerrar os seus trabalhos, por não demonstrarem seus membros a vontade cultural e a garra dos civis que fundaram e consagraram a Academia Brasileira de Letras, local onde raros militares tem sido acolhidos. Para contá-los sobram dedos de uma mão.

Assim a Academia de História Militar Terrestre do Brasil tem procurado ser um fórum cultural para reunir em todo o Brasil militares terrestres e amigos para debater assuntos militares relacionados com a operacionalidade crescente das Forças Terrestres com apoio também na análise crítica de seu passado operacional e institucional que não cabem nas instituições culturais civis na intensidade e profundidade que eles devem ser tratados para constituírem uma corrente do pensamento militar terrestre do Brasil, em apoio as Forças Terrestres e de parte de militares na Reserva com grande potencial cultural para esta desejável contribuição aos companheiros da Ativa.

Como destaques no ano que passou a Academia produziu a obras História da 8ª Bda Infantaria Motorizada e História da 6ª DE e atual mente trabalha nas histórias da 3ª Bda C Mec, 6ª Bda Inf Bld e AD/6 dentro do Projeto História do Exército na Região Sul. Para a ECEME já elaborou os compêndios Brasil Lutas Externas 1500-2002, Brasil Lutas Internas 1500-1889 e no momento ultima Brasil Lutas Internas na República. Participou ativamente nas comemorações dos 200 anos de Resende, inclusive com a obra **Resende História Militar 1744/2001,** além de diversas sessões de posses onde se destacam em Brasília sessões no EME de posse do Gen Ex Frederico Faria Sodré de Castro, uma na Academia da Policia Militar DF, outra na Academia de Bombeiros, outra integrando a seus quadros um acadêmico da Infantaria da Aeronáutica e outra no IHGDF empossando seu presidente na cadeira especial Cel med PMMG Juscelino Kubischek, no contexto do centenário do construtor de Brasília.

Acaba de lançar plaqueta Em defesa da Memória do Duque de Caxias vítima de covardes manipulações de nossa História Militar e esta no prelo com prefacio do acadêmico emérito Gen Carlos de Meira Mattos a Plaqueta **Inspirações Geopolíticas das ações de Portugal e do Brasil no Prata e sua repercussões no Rio Grande do Sul 1680 / 1900**, com um retrospecto da guerras na região para a fixação da nossa fronteira Sul.

Este era em largos traços a prestação que se impunha fazer sobre a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, no transcurso do seu 6º aniversário e hoje comemorado nesta Fundação Osório e que será divulgada no todo no **Guararapes 33** e por de conseqüência no site da Academia e no site militar

Parabéns aos novos empossados os jovens acadêmico juniores Henrique Vasconcellos Cruz e Luiz Felipe Resende de Ávila e aos novos correspondentes aqui no Rio Comandantte Guilherme Canellas e 2º Sargento Nelson Soares. Agradecimentos a Fundação Osório e ao seu presidente, hoje ausente por motivos de saúde e aqui representado pelo cel Murilo. Fundação hoje diplomada como Grande Colaborada da AHIMTB. Obrigado pela presença de todos quantos honraram com suas presenças este evento que esperamos histórico. Muito Obrigado

Detalhes da sessão do 6º aniversário

Compuseram a Mesa Diretora dos trabalhos: Cel Cláudio Moreira Bento, presidente da AHIMTB, os generais membros da AHIMTB acadêmico Gen Paulo César Castro, presidente de Honra da sessão e comandante da ECEME, acadêmico emérito Gen Plínio Pitaluga, membro da Delegacia do Rio Gen Job Lorena de Santana, o patrono de cadeira Cel Francisco Ruas Santos, a acadêmico Delegado da AHMTB no Rio Eng Mil Christovão de Ávila Pires Júnior e o Cel Murilo representante da Fundação Osório.

Além dos membros da Academia acima citados compareceram os acadêmicos Cel Luiz Casteliano de Lucena, Cel Germano Seidl Vidal, Cel Andrade Neto, Cel Celso Pires e Cel PMRJ Vidal da Silveira Barros e a Srta Dhalila Miranda, secretaria da AHIMTB. Não compareceram por atingidos pela epidemia de dengue o acadêmico Nilton Freixinho e o correspondente Marcelo Peixoto.

Presentes D. Umberlina Sant'Äna filha do Marechal João Batista de Mattos , D. Maria de Lourdes e Vilena , respectivamente esposa e filha do acadêmico Cristóvão, Delegado da AHIMTB no Rio em mais o Sr J. G Pratti de Aguiar filho do general Pratti de Aguiar ex comandante da AMAN.

A sessão contou com a presença de 40 alunas da 8 a série da Escola Reitora Cassilda Martins.

Ó Correspondente 2º sgt Nelson Soares que se fez presente com esposa filho e sogros, organizou quadro alusivo ao 6º aniversário da Academia contendo selos alusivos ao Duque de Caxias, patrono da mesma acompanhada e expressiva mensagem alusiva ao relevante papel que vem desempenhando nossa Academia de História.

Ajudaram no cerimonial o aluno Carlos Bianquine Dias dos Santos que representou a AHIMTB na saudação do Sgt Nelson e a aluna Eduarda Justino Silvério Polibiano que saudou o comandante Alfredo.

O Cel Murilo Silva de Souza representando o Presidente da Fundação Osório, Cel Arivaldo Silveira Fontes, em recuperação de cirurgia, distribuiu aos integrantes da mesa O Legendário Revista da Fundação Osório, comemorativo dos 80 anos da Fundação e o livro Pérolas da Poesia, seleção de poesias dos alunos da Fundação comemorativa de seus 80 anos. Ao final foi servido aos presentes um coquetel.

AGRADECIMENTO DA ECEME À AHIMTB.

Ofício nº 002 - DED do Comandante da ECEME ao Cel Cláudio Moreira Bento. "Versa o presente expediente sobre o recebimento de material didático para o Curso de Preparação aos Cursos de Altos Estudos Militares (CP/CAEM) - ECEME. Esta Escola recebeu os disquetes correspondentes ao trabalho de revisão e atualização do conteúdo de História Militar do CP/CAEM, referente às Lutas Internas(1500-1889). Aproveito a oportunidade para reiterar os agradecimentos pelos relevantes serviços que V. S. vem prestando a este estabelecimento de Ensino. Ressalto a importância de contarmos com a direta colaboração de tão destacado historiador, garantia de qualidade e credibilidade nos trabalhos elaborados." Gen Bda PAULO CÉSAR DE CASTRO, Comandante da ECEME. (Obs: É acadêmico da AHIMTB, cadeira Mal Estevão Leitão de Carvalho).

DIVERSOS

Análise de publicação da AHIMTB pelo Acadêmico Cel Nilton Freixinho

Carta do Acadêmico Nilton Freixinho , 23 Maio De 2002 - 5ª Feira

Ilustre Presidente da AHIMTB Caro Bento,

Com seu recente trabalho, **" Inspirações Geopolíticas** ..." você alcançou síntese invejável ! Mas para min, o que engrandece Cláudio Moreira Bento através desse estudo, é a profunda percepção em resposta a questão primordial: **" para que serve a História?"** Relatar **"o que aconteceu numa determinada época, em uma**

toda região", sem vincular ao **"que está acontecendo na atualidade",** transforma-se num exercício útil, mas pouco explorado.

Você logrou a façanha ambicionado por todos os historiadores modernos. Com sua inteligência, sem estigmatizar os choques do passado, inspira e dá luzes à associação dos atuais países do Prata para conduzirem-se contra influência exterior no insondável 3º milênio - página 10, último parágrafo.

Bravos, mil vezes Bravos - é assim que se mostra "**para que serve a História"**, como acontece hoje, na Europa, após cerca de 17 séculos de guerras entre os originais **"reinos Bárbaros"-** a União Européia.

Não quero, e mesmo me falta competência para polemizar com os eméritos formuladores da chamada "geopolítica", que o chamou com lúcida apresentação. No meu entender, na longa duração, há uma cadeia de episódios que se entrelaçam no contexto do confronto entre Estados: uma intuição de grandeza por parte dos fundadores; o povoamento primitivo do território em disputa, a posse da terra pelo povoadores desbravadores, o surgimento do povoador regional típico e de seus herdeiros; o interesse econômico dali advindo; a entrada em

cena do Estado, usando de todos os instrumentos, inclusive da força armada para consolidar, alargar e ampliar, no tempo e no espaço, todo um movimento de "suas gentes", ante antagonismos externos. Isso, meu caro Bento, está planado na extraordinária síntese de 24 páginas, que eu tomaria a liberdade de intitular: **"Visão na longa duração do confronto entre Portugal e Espanha, e de seus herdeiros no Prata - o desfecho".** Bento, obrigado por ter enriquecido meu conhecimento .Parabéns! Com o apreço e a admiração do acadêmico ."

História no Brasil: Sinônimo de Excentricidade

Paulo Diniz Professor de História paulodinizz@hotmail.com

Em vista do que está acontecendo na USP, onde alunos dos departamentos de ciências humanas resolveram decretar uma "greve", em protesto contra a falta de professores, sou obrigado a entender os motivos pelos quais há muito tempo, as pessoas que se formam nas disciplinas da área de humanas, sobretudo História, são muitas vezes encaradas como excêntricas, para dizer o mínimo.

Embora existam as exceções, pelo menos numa das principais Universidades brasileiras, o quadro configurado torna difícil não dar razão àqueles que criticam os estudantes dessa disciplina, qualificando-os de "loucos" e "exóticos" que vivem de discursos revolucionários dos anos 50 e 60, apoiando idéias e propostas sócio - políticas sem a menor credibilidade. Contudo, como o exemplo de marxismo primitivo vem de cima, seria mesmo de se admirar caso os estudantes se organizassem racionalmente para superar problemas como os surgidos no Departamento de Ciências Humanas da USP.

Dessa forma, entre o notório domínio que professores marxistas exercem na área, com suas "modernas" idéias, e as palavras de ordem e panfletos pró - FARC,

MST, de repúdio aos Estados Unidos, etc., de muitos alunos, a matéria de História vai parando no tempo.

Embora muitos professores e educadores insistam em afirmar que os problemas do crescente esvaziamento da matéria são uma "herança" do regime militar, (**que supostamente teria combatido as matérias de humanas**) a verdade é que além de ter se tornado campo fértil para mistificadores e charlatões, a disciplina não consegue fugir do triste papel ao qual foi relegada nas últimas décadas, ou seja, **fazer propaganda comunista disfarçada de liberdade de expressão e livre pensamento**.

A situação está se decompondo de tal maneira, que os cursos de história no interior do Estado de São Paulo, por exemplo, estão fechando as portas, pois não há mais procura por eles, o mesmo ocorrendo com a disciplina de Geografia.

Esse quadro é lamentável, pois História não é isso que ai está, com alunos drogados e bêbados impedindo que aulas sejam assistidas, ou então provocando vandalismo em eventos na USP, mas é algo muito mais amplo, necessário para um país e um povo que querem ter noção de onde se situam no mundo, seu papel e seu futuro.

Para isso, entretanto, não adianta entregar a disciplina ao controle de embusteiros comunistas, que se acham donos da verdade e manipulam de forma intensa a formação intelectual dos alunos, que são levados a crer que todos os problemas do Brasil são culpa de conspirações das "elites corruptas", "dos Estados Unidos" e pela falta de um governo "popular" (**leia-se comunista**), e outras meias - verdades e mentiras.

Além de impossibilitar uma análise ponderada da realidade, o excessivo marxismo na disciplina de História leva muitos alunos, quando imbuídos das idéias dos seus professores, a um tipo de comportamento que beira a violência.

Recentemente, quando visitava uma livraria de um Shoping Center, em São Paulo, fui surpreendido com o linguajar violento de uma jovem, que acompanhada do namorado, estava olhando os livros. Curioso por saber qual o motivo que havia levado a jovem a ficar alterada, notei que ela segurava um livro cujo assunto era o ex-secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, contra quem lançava sua raiva.

Em seguida, a jovem dirigiu-se para outro livro, dessa vez demonstrando visível satisfação. O livro não era outro senão **"O Livro Negro do Capitalismo**". Trata-se de uma obra absurda e grotesca, onde um grupo de escritores comunistas franceses, revoltados com o sucesso de outra obra **"O Livro negro do Comunismo**", só faltou contabilizar como culpa do capitalismo as mortes provocadas pela ingestão de refrigerantes e atropelamentos de trânsito, tamanha a ânsia de provar que o capitalismo é um mal.

Vendo a cena, lembrei-me da forma como um capitão da Polícia Militar, aluno de uma faculdade de São Paulo, foi agredido física e moralmente, ano passado,

quando tentava apresentar sua tese de mestrado. O oficial da PM foi agredido porque era um **"agente da repressão burguesa".**

Tanto o comportamento da jovem na livraria quanto dos estudantes que agrediram o oficial da PM só podem ser resultado de uma bela doutrinação marxista, onde a lei e o capitalismo (e por extensão, Estados Unidos) são o "mal" a ser combatido.

Assim, a questão da alteridade, ou seja, do ser humano que é um igual, deixa aos poucos de existir, pois na ótica comunista, o capitalista, o policial e o representante do "sistema" não são pessoas, mas sim, "coisas" que devem ser enfrentados, e, eventualmente, destruídos.

Durante a década de 80, no Peru, alguns dos principais redutos dos terroristas maoístas do Sendero Luminoso, a organização comunista mais violenta da história recente da América Latina, eram na Universidade de Lima.

O perfil dos estudantes envolvidos na agressão ao oficial de polícia era parecido com o da jovem na livraria: bem nutrida e vestida, calçando tênis de marca, e muito provavelmente, com um cartão de crédito e um telefone celular dentro da mochila, o qual acionaria para chamar os pais caso necessitasse.

Eis aí outro ponto que chama atenção nos nossos marxistas: são todos parte de uma elite, letrada e financeira, que insiste em manter os jovens num mundo de alienação total, utilizando-se de velhos e surrados discursos comunistas, impedindo que abram seus horizontes intelectuais de uma forma realista, pensando, realmente, por si próprios.

Esses **"mestres"** e muitos de seus alunos, membros da elite que dizem combater, na verdade criam perspectivas de uma sociedade utópica. Aos jovens restará a dura realidade, onde os discursos esquerdistas, embora estejam ganhando força, ainda não garantem emprego e colocação na sociedade para todos, sobrando frustração e o apego a ideais esquerdistas radicais, encarados como única forma de mudar a realidade injusta.

E assim, entre utopias e uma boa dose de falta de bom senso, nossos marxistas **destroem a disciplina de História**, não renovando a Bibliografia utilizada, empregando jargões comunistas, incentivando a leitura de obras escritas por seus pares ideológicos, impedindo que pontos de vistas diferentes sejam abordados, e principalmente, cultivando a discórdia e o rancor como se esse fosse o real papel de professores e historiadores.Enfim, uma pena!

História marxista é charlatanismo
Olavo de Carvalho

"Com honrosas e inevitáveis exceções, a historiografia disponível no mercado livreiro nacional é de orientação predominantemente marxista ou filomarxista. Por isso nossa visão da História é estereotipada e falsa ao ponto de confundir-se com a

ficção e a propaganda. A História que os brasileiros aprendem nas escolas e nos livros é uma História para cabos eleitorais. "

Noticias da Missão de Paz no Timor Leste

A AHIMTB é representada no Timor Leste pelo seu membro correspondente historiador militar Ten Hélio Tenório dos Santos da Policia Militar de São Paulo, comandando a Estação de Becora .Tem enviadoa AHIMTB, interessantes relatórios sobre tudo que lá testemunha e acompanhado de fotos esclarecedoras e com a missão de ao retornar produzir um livro sobre o que lá testemunhou e de como o Brasil través do Exército e da Polícia Militar de São Paulo contribuiu para o surgimento independente de mais uma pais irmão de língua portuguesa.

Nº 34 – Jan/Mar 2002 – Cel Cláudio Moreira Bento

MOUROS À COSTA
Jarbas Passarinho (x)

O papel da Forças Armadas foi objeto de ampla discussão durante a Constituinte de 1987/88. O debate travou-se especificamente na comissão temática que tratou da defesa do Estado.

A Constituinte caracterizava-se por revogar tudo o que proviesse do passado recente.

Para a esquerda, tudo - mesmo que útil - do período militar deveria ser varrido, como "entulho autoritário

Decidida a vingar-se da contra-revolução de 1964, empenhava-se em retirar das Forças Armadas a responsabilidade pela ordem interna.

De outro lado, os conservadores desejavam manter a redação que, com mínima variação, era a mesma desde a primeira Constituição republicana de 1891, no seu artigo 14: "As forças de terra e mar são instituições nacionais permanentes, destinadas à defesa da Pátria no exterior e à manutenção das leis no interior."

A norma constitucional ganhou força de tradição, repetida que fora nas Constituições até 1988. Mantida pelo voto da maioria da comissão e confirmada no plenário, modificou-se quanto à iniciativa do poder constitucional de convocá-las, mas confirmado o comando supremo ao presidente da República.

A ambigüidade, que poderia provocar disputa entre os Três Poderes, foi disciplinada por lei complementar oportunamente.

Embora o objetivo real da esquerda fosse prevenir o envolvimento dos militares nos assuntos internos, procurava camuflá-lo levantando a tese da necessidade de economizar os investimentos militares, que, no seu entender, não mais se justificavam depois da 2.ª Guerra Mundial.

Ora, ainda em 1968, ouvi do presidente Costa e Silva que no seu governo não comprara um só fuzil. Defendia-se ele de rumores vindos dos arraiais da oposição de que se gastava demasiado com as Forças Armadas, sob pretexto de segurança nacional.

Em 1970, participei da Atlantic Conference, a convite de congressistas norte-americanos. Um deles propôs o fim do Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, de 1952.

O Brasil não recebia de graça o armamento e navios desativados depois da 2.ª Guerra Mundial pelos Estados Unidos. Pagávamos tudo a preços, de fato, favorecidos.

Usando dados de um hearing no Senado americano, mostrei-lhe o total dos subsídios concedidos pelos Estados Unidos desde 1952, quando o presidente Getúlio Vargas assinou o acordo. Comparei - o com o investimento do Brasil, só naquele ano de 1970, em educação.

Este era muitas vezes maior, o que evidenciava a pobreza dos gastos com a segurança nacional, mesmo incluída a compra de material obsoleto americano. Muitos anos depois, no plenário do Senado Federal, em face de igual velada censura de supostos gastos excessivos com a segurança nacional, exibi um quadro estatístico publicado pelo Centro de Estudos Estratégicos Inglês.

Nele, o Brasil aparecia como o 68.º país do mundo em despesas militares, considerando a relação entre os recursos orçamentários e a sua população. Era proporcionalmente também o menor investimento militar na América Latina. O equívoco dos críticos vem, pois, de longe. Se antes os orçamentos dos ministérios militares eram modestos, depois tornaram-se insuficientes.

Na Constituinte, tudo referente aos militares foi objeto de restrição, a ponto de lhes serem omitidos direitos como 13.º salário e até férias, o que foi corrigido na Comissão de Redação, graças a uma violência regimental apoiada firmemente pelo deputado Ulysses Guimarães, que a presidia. A aversão era tal que segurança passou a ser vocábulo maldito. Passou a defesa.

Em 1992, no governo Collor, visitei o II Exército, em missão. Tomei, então, conhecimento de que os recrutas já deviam chegar ao QG com o café da manhã tomado e que eram dispensados, sem almoço, no início da tarde. Já era tempo de escassez. Guardava-se, porém, a tradição da presença de ministros militares no Ministério presidencial.

Havia quatro pastas militares Seguiu-se indisfarçavel e deliberada política revanchista, depois da breve gestão de Itamar Franco. Criado o Ministério da Defesa, nenhum militar mais integrou o ministério. Restava ainda uma farda junto ao presidente da República: a do chefe do Gabinete Militar. Já deixou de ter esse nome, trocado por outro que exclui a referência castrense.

Da perda de status e do advento da escassez orçamentária, chegamos aos dias de penúria de hoje, dos cortes injustificáveis de recursos de manutenção das Forças Armadas.

O comandante do Exército sentiu-se obrigado a propor ao ministro da Defesa o licenciamento, ao fim deste mês, de 44 mil recrutas (90% do contingente incorporado em março), o que se daria só ao final de novembro, e a adiar a convocação do segundo grupo do serviço militar obrigatório. Isso como parte apenas das medidas de contenção, que ainda incluem a suspensão de alguns dos benefícios legais de que desfrutam normalmente os civis e a redução das despesas - já mínimas - de comemoração de efemérides que são parte indissociável da História pátria.

Sem o risco de dominar-me o delírio, antevejo nisso tudo uma estratégia de mudar o papel das Forças Armadas sem emendar a Constituição, o que seria mais apropriado que vencer pela inanição.

Ilustrativo é o caso do Ministério Público Federal, que ajuizou, no Rio de Janeiro, uma ação para impedir a aplicação de punições às transgressões disciplinares de militares, o que transformaria o Exército, a Marinha e a Aeronáutica em bandos ou milícias. Logrou obter liminar em primeira instância, suspensa pelo presidente do TRF da 2.ª Região.

Mais do que mudar o papel das Forças Armadas, querem suprimi-las os que as julgam desnecessárias, ou trêfegos comentaristas de TV que reclamam sejam elas

destinadas a ajudar o desenvolvimento econômico e social do País em missões que eles não sabem sequer definir. Há mouros à costa.

(x)Jarbas Passarinho, presidente da Fundação Milton Campos, foi senador (PPB-PA) e ministro de Estado e é patrono em vida de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil e Coronel Art QEMA Reformado

A CRISE ORÇAMENTÁRIA NAS FORÇAS ARMADAS
Acadêmico Emérito Carlos de Meira Mattos

O mirrado orçamento da Defesa sofreu o segundo corte este ano. Tão pesadas reduções de despesas obrigaram as nossas três Armas -Exército, Marinha e Aeronáutica- a reduzirem a um nível extremamente preocupante suas capacidades operacionais.

Sabemos, estamos cansados de saber, que o atual governo não tem sensibilidade para os problemas de defesa nacional, e isto ele vem demonstrando há quase oito anos. Sabemos também que os cortes orçamentários, sob a alegação da necessidade de redução indispensável de despesas, não atingem os interesses eleitoreiros da equipe que ocupa o Palácio do Planalto.

Em termos de "Política com P maiúsculo", ou de estadismo, é uma inconsciência ignorar a importância das Forças Armadas no contexto de uma política nacional. O Brasil é uma potência média, possuidor do quarto patrimônio geográfico em extensão do mundo, da sexta população mais numerosa do planeta, alcançou uma posição de relevo entre as dez maiores economias e foi capaz de fundir numa cultura homogênea os seus traços de miscegenação racial.

Não somos uma pequena nação inexpressiva no concerto mundial. Temos muito a preservar e muitíssimos interesses a defender neste jogo de ambições da política internacional.

Neste jogo de disputas nada ético que revela a política internacional, o que pesa é poder nacional, e o poder nacional tem como atributo inseparável o poder militar. Todos os grandes estadistas do mundo e do Brasil entenderam esse truísmo. Para citarmos entre os brasileiros, destacamos Rio Branco, Calógeras, Getúlio Vargas e Castelo Branco.

Os políticos geralmente não entendem a extensão do poder. Perguntaram ao ex-presidente dos EUA Woodrow Wilson, professor emérito de ciência política da Universidade de Princeton, qual a diferença entre um estadista e um político. Respondeu ele: "O estadista é aquele que tem a preocupação permanente com os interesses da nação, o político tem seus interesses vinculados ao partido e aos seus problemas pessoais".

Não somos uma pequena nação inexpressiva. Temos muito a preservar e muitíssimos interesses a defender.

A maioria de nossos políticos não é capaz de entender a abrangência da política nacional. Por isso, não compreende a importância das Forças Armadas. Repete como realejo o falso conceito de que, "como não temos um inimigo visível, não precisamos de Forças Armadas". Ignora as lições da história e do mundo contemporâneo. Ignora os interesses internacionais do Brasil. Pretende que defendamos os nossos interesses essenciais, no âmbito regional e mundial, sem nos apresentarmos como a potência média que somos, revestida da plenitude de nossos atributos de poder.

Seria insano querermos competir em poder militar com as grandes potências. O nosso poder militar tem que ser adequado à nossa qualificação de potência média, que, no tumulto de disputas antagônicas e ambições ocultas do mundo atual, seja capaz de nos garantir uma posição ativa, para fazer respeitar e a defender os interesses nacionais. É preciso não esquecer o princípio basilar de que o poder e a Justiça sem a reserva da força são inoperantes.

A existência da força nas disputas internacionais de interesses, de desdobramentos sempre imprevisíveis, é um argumento de persuasão ou de dissuasão, atuante muito antes de precisar ser empregada. Quase sempre evita o seu emprego, o que seria a guerra.

A força do adversário nessas disputas representa, no mínimo, um "preço a pagar" que o lado contrário tem que avaliar se vale a pena ser pago. Basta observar o quadro de disputas no cenário mundial para se convencer de que é o poder militar de dissuasão de países menos poderosos, impondo um "preço a pagar", que vem contendo o avanço das conquistas dos mais poderosos.

Nossas responsabilidades com o passado, com as aspirações legítimas do presente e das gerações vindouras está impondo aos candidatos que disputam a futura chefia do governo vir proclamar à nação como entendem e quais os seus projetos sobre a defesa nacional. Os candidatos à Presidência da República pretendem ser estadistas, devem prová-lo que o são.

Carlos de Meira Mattos, 89, general reformado do Exército e veterano da Segunda Guerra Mundial, é doutor em ciência política e conselheiro da ESG (Escola Superior de Guerra).

AS FORÇAS ARMADAS DO BRASIL DO III MILÊNIO
Acadêmico Raymundo Maxiamiano Negrão Torres

Para situarmos e avaliarmos o papel de nossas Forças Armadas nesse início do Terceiro Milênio, teremos - antes de tudo - que considerar quais seriam o papel e a posição do Brasil, por sua dimensão continental, sua posição geoestratégica e seu potencial econômico nesse complicado mundo do século XXI? Uma potência de 2ª ordem, dependente e periférica, ausente da mesa das grandes Um estudioso americano, Ray S. Cline tentou sintetizar o Poder Perceptível (PP) de uma Nação em uma fórmula muito popular há anos atrás. Segundo Cline, esse poder seria o somatório do Potencial (Po) (massa crítica), mais o Poder Econômico (PE) mais o Poder Militar (PM), tudo isso multiplicado por dois fatores fundamentais: Estratégias de Ação (EA)(saber o que quer e querer o que pode) e Vontade Nacional. (VN) [PP = (PO + PE + PM) (EA + VN)]

Se procurássemos aplicar ao Brasil de hoje a fórmula de Cline o resultado, provavelmente, seria tão desanimador quanto os relatórios que nos manda a ONU e que certa imprensa esmera-se em considerar definitivos, malgrado nossas precaríssimas estatísticas. O conhecimento e a avaliação de nossas potencialidades têm crescido substancialmente, graças aos modernos recursos tecnológicos que esmiúçam nosso ecúmeno cada vez mais alargado. Nosso poder econômico, apesar de todos os erros cometidos, nos coloca entre as dez maiores economias do planeta. Mas, nossa Expressão Militar, em termos mundiais, paradoxalmente, decresce à medida que cresce nossa estatura estratégica.

Mas é no exame dos itens multiplicadores que esbarra qualquer perspectiva de um resultado mais alentador. Há muito tempo - seguramente a partir do 2º choque

do petróleo - parece que os sucessivos governos viram-se perdidos entre o não saber o que querer e o querer mais do que podiam. O ímpeto modernizador e reformista que levou aos esperançosos tempos do "milagre brasileiro" conheceria o irrealismo do 2º PND e acabaria freado pelas vicissitudes da conjuntura internacional. Quando esta se modificou favoravelmente, já nos encontrávamos perdidos em nossas perplexidades internas, entregues a lideranças cansadas pelos anos de autoritarismo ou imobilizados pelas fatalidades que nos levaram à maldição dos vice-presidentes calamitosos. Espancado por anos de inflação galopante e por mais de uma década de retrocesso, o moral nacional, entibiado e desalentado, passou a traduzir uma Vontade Nacional conformista e até derrotista. Eis que no limiar do 3º milênio, uma reengenharia da moeda realiza o "milagre" de um longo período de relativa estabilidade da moeda, sob a batuta do "bruxo" do Plano Real, levado à presidência por uma surpreendente combinação política capaz de colocar no mesmo palanque os fisiologistas do PFL, alguns socialistas envergonhados e os cristãos-novos do neoliberalismo. Mas com o presidente pós-marxista, aboleta-se no governo uma fauna não liberta de seu esquerdismo juvenil e um punhado de revanchistas. Parte da esquerda julga-se traída e junta-se aos oportunistas do Congresso para tornar mais difícil a tarefa de reformar o Estado e de consolidar a inserção do país nos novos tempos da economia mundial. Os gastos públicos não contidos aumentam a dívida interna e elevam os juros. O ajustamento à estabilidade faz-se com o aumento do desemprego e com riscos para a confiabilidade do sistema financeiro, montado sob a viciosa euforia da ciranda inflacionária. E o Moral Nacional, que recebera um alento, volta a ser erodido pela queda da popularidade do presidente e pelo revanchismo da esquerda radical que, com o apoio da imprensa sensacionalista na ânsia de vender jornal, esquece a anistia e renova as afrontas aos militares e os atritos com as Forças Armadas. E a indispensável coesão da frente interna, necessária a apoiar a presença do Brasil na Nova Ordem Mundial, fica na dependência das infindáveis discussões sobre as reformas do Estado, a reeleição - afinal conseguida, mas com duvidoso proveito - e de uma liderança firme que o nosso atual mandatário nunca demonstrou possuir ou vontade de exercer.

E a partir daí, chega-se à pergunta: qual afinal o papel das Forças Armadas brasileiras nessa complicada conjuntura, sensivelmente agravada ao final do mandato do Sr. Fernando Henrique Cardoso?

O fim da Guerra Fria, com o colapso do mundo soviético foi o fato marcante do final do século passado que viu também o renascer dos nacionalismos e o reacendimento de antagonismos históricos. De outra parte, assistimos aos esforços para a consolidação de uma União Européia, com objetivos tão amplos que muitos duvidam de sua exeqüibilidade e de seus resultados.

A fragmentação da União Soviética e o fim da bipolarização do poder mundial acentuaram as tendências para uma maior interdependência entre as nações e que recebeu o nome de globalização. Fecha-se cada vez mais o âmbito daquilo que já foi chamado de aldeia global, graças aos novos recursos da tecnologia e da informática, com seus reflexos políticos, econômicos, sociais e militares. Surge em cena uma nova modalidade sutil e envolvente de poder: o "soft-power", verdadeira arma tornada possível pela globalização da informação, em proveito de interesses nacionais.

FORÇAS ARMADAS INOPERANTES - A QUEM INTERESSA?

Vem de ser perpetrada mais uma ação com o objetivo de reduzir, ainda mais, a já diminuta capacidade operacional de nossas Forças Armadas.

Após quase 8 anos de contínuas reduções nos Orçamentos das Instituições Nacionais Permanentes que se destinam à defesa da Pátria, à garantia dos Poderes Constitucionais, e à garantia da lei e da ordem, assistimos ao capítulo final do objetivo, sempre presente nesse período, de desprestigiar as nossas Forças Armadas, impossibilitando-as de cumprirem suas missões Constitucionais.

Estranhamente, esse golpe de misericórdia ocorre em uma conjuntura repleta de indicadores que apontam exatamente no sentido contrário - aumento das ameaças e ações do terrorismo internacional; crescente audácia nas ações dos grupos que integram o crime organizado no País; prenúncios de volta da política do "big stick" por parte da nação mais poderosa do planeta; aumento da instabilidade política em países limítrofes; agravamento dos combates na guerra interna da vizinha Colômbia; e aumento das atividades de narcotraficantes usando meios aéreos, marítimos e terrestres.

Diante desse quadro, que veio se agravando ao longo dos últimos anos, seria de se esperar que tivesse havido uma constante preocupação das autoridades em incrementar a capacidade operacional de nossas Forças Armadas, modernizando-as e mantendo-as em condições de pronto emprego.

Seria, se houvesse uma melhor visão político - estratégica e maior responsabilidade, perante a Nação, por parte de quantos têm o dever de conduzir os destinos da Pátria.

Por completo desconhecimento da importância e da complexidade das atribuições das Forças Armadas, talvez alguns considerem que reduzir seus orçamentos significará apenas menos aviões da Força Aérea transportando autoridades nos fins -de- semana, menos mordomia nas dependências de repouso na Restinga da Marambaia e menos Soldados desfilando nas Paradas Militares de 7 de Setembro.

Na verdade, todos os cidadãos de bom senso e boa fé sabem que buscar, sistematicamente, por anos a fio, reduzir a importância das Forças Armadas, Instituição Nacional de maior credibilidade junto à opinião pública, não lhes dando os meios para assegurar a defesa da Pátria, é um ato suspeito que, com certeza, não favorece ao nosso País.

Que a Nação julgue os responsáveis por tamanha insensatez.

TOQUE DE SILÊNCIO.

Glacy Cassou Domingues
Grupo Guararapes.

Marx, Engels, Lênin, Stalin, Trotski, Gramsci e etc. e todos seus irmãos de fé, camaradas, devem estar em agradável "happy hour" na dimensão cideral em que se encontram. Só não acredito que seja o céu. Para eles deve ser a glória assistir de camarote, que as idéias destiladas foram tão bem aproveitadas. Não vou tratar dos problemas internacionais, por não interessarem no momento, embora tenham dado sua "forcinha" para que os coloridos tupiniquins conquistassem seu objetivo: tomar o Brasil.

É impressionante como ainda há inocentes que acreditam que o comunismo morreu. É que essa palavra foi trocada por "esquerdas", eufemismo que não assusta. Socialismo também serve.

O grande vitorioso desse "status quo" é Gramsci, Repudiado, combatido, só após sua morte foi aceito pelos mais atilados e hoje, è o grande mestre e herói de

toda a filosofia vermelha. As expressões que usava para não assustar e conquistar os mais arredios, hoje, são do dia a dia de qualquer um. Alguém tem algum escrúpulo em falar em hegemonia, direitos humanos, classes sociais, acirramento das diferencias raciais, reforma agrária? Absolutamente. São até estimuladas pela mídia escrita, falada e televisionada. Mídia, o conveniente e conivente Quartel General da filosofia gramsciana.

Os alunos de Gramsci souberam fazer com louvor, suas lições. Uma das maiores ameaças para o êxito total da missão, eram as Forças Armadas, as Polícias Militar e Civil e Federal. E ainda o maior vilão, o SNI. Esse, aquele moço bonito foi com tanta sede ao pote, que lambuzou-se e foi afastado pelos "caras pintadas". Mas, os que lhe sucederam, aprenderam a lição e com moderação, medidas aparentemente de interesse do País, foram gradual e sistematicamente manietando, sufocando e calaram o inimigo

O que resta hoje das eficientes Forças Armadas? Sucateadas, desmanteladas, humilhadas, sem verbas para manutenção de material, para a comida da tropa, obrigadas a diminuir as horas e o tempo regulamentar para a instrução dos efetivos. Agora só servem quando os "camaradas" do MST querem fazer um piquenique na fazenda do Presidente, saqueando as reservas de wiskie ou vinhos e estoques da despensa de S. Excia., porque não recebem diária nem hora extra. O que será que dizem disso seus superiores?

Qual o País que não tem exército? A Suissa? Essa, no contexto mundial não passa de uma grande e conveniente sociedade bancária. Seus milicianos são treinados mais para vigilantes que combatentes. Com certeza para Gramsci e seus seguidores, foi uma grande tristeza não poder contar com tal aliado, pois, o manancial pecuniário é de fazer inveja a quem precisa mais, para mais consciências comprar.

Sempre frizei e repeti, chamei a atenção para que não se desprezasse a inteligência privilegiada dos estrategistas vermelhos , ou esquerdistas, como quiserem.Sinceramente, nunca pensei que chegaria o dia que lamentaria a omissão, conivência, inércia, nem sei que nome de aqueles que tinham como dever não deixar chegar isto acontecer.

Forças Armadas, Instituição que por tabela, para mim foi sempre um exemplo de ordem, disciplina, respeito à hierarquia, escola de respeito à "terra amada,idolatrada" que "se erguer da justiça a clave forte, veras que um filho teu não foge à luta, nem temes quem te adore a própria morte". Será que ainda és "mãe gentil dos filhos deste solo"? Oh, Brasil como é triste o toque de silêncio!Fort. 18/ 07/ 2002-07-18 glacydomingues@fortalnet.com.br

APOSTANDO NA ESTUPIDEZ HUMANA

Olavo de Carvalho filósofo

" O mais notável fenômeno psicológico da última década foi o upgrade mundial do discurso comunista, que, por meio da pura alquimia verbal, transmutou o fracasso sangrento de um regime campeão de genocídio em argumento plausível para elevar ao sétimo céu o prestígio e a autoridade moral da causa esquerdista. Foi o maior non sequitur de todos os tempos. Para realizá-lo, os meios empregados foram espantosamente simples.

Primeiro: declarar o comunismo episódio encerrado, de modo a inibir a tentação de estudá-lo, portanto a aptidão de reconhecê-lo no seu estado presente e a vontade de combatê-lo.

Segundo: trocar a palavra "comunismo" por qualquer de seus equivalentes eufemísticos tradicionais ("forças democráticas", etc.), que, na atmosfera de esquecimento geral assim criada, poderiam sem dificuldade passar por novos.

Terceiro: continuar imperturbavelmente a usar as mesmas categorias de pensamento e os mesmos meios de ação do marxismo tradicional, com a perfeita segurança de que ninguém na platéia os reconheceria. (Assim, por exemplo, a lei de quotas raciais é simples aplicação de um velho preceito de Stalin, mas quem lê Stalin hoje em dia?)

Quarto: instigar a hostilidade muçulmana contra Israel e os EUA, de modo a disfarçar a guerra anticapitalista sob o manto de um conflito entre dois conservadorismos, o islâmico e o judaico - cristão. (Para dar credibilidade ao disfarce, bastava apagar certos detalhes do quadro, como por exemplo o fato - omitido em quase toda a grande mídia mundial - de que a gigantesca manifestação ante - israelense e antiamericana de 20 de abril em Nova York não foi organizada por nenhum muçulmano, mas por Brian Becker, comunista linha-dura e colaborador de Fidel Castro.)

Pronto. Com esses poucos truques, a esquerda consegue fazer hoje a opinião pública aceitar as teses marxistas da luta de classes e da supressão completa da oposição conservadora como sinais de moderação e tolerância democrática.

O mundo fica assim dividido em duas categorias de pessoas: as saudáveis, tolerantes e equilibradas, adeptas do comunismo sob qualquer nome que seja, e as radicais, insanas, fanáticas e autoritárias, adeptas de tudo o mais."

O lugar das primeiras é na mídia; o das segundas, na cadeia ou no hospício. Nunca ninguém apostou tanto na estupidez.

"O BRASIL NÃO TEM HERÓIS MILITARES ..."

Cláudio Moreira Bento

"O Brasil não tem heróis militares e por isso transforma jogadores de futebol em ídolos nacionais como Pelé. Precisamos de heróis para mostrar o que somos e de onde viemos ..."

Esta foi declaração em entrevista Recordar é viver, prestada a Revista Época de 1º de julho de 2002, p. 13/17 por Iván Izquierdo, considerado pela citada revista, "um dos mais ativos cientistas do Brasil que afirma que exercitar a memória é uma das chaves para envelhecer com qualidade e que aos 64 anos exibe uma produção invejável, no sentido de desvendar os mistérios da memória, assunto sobre o qual já produziu 469 artigos em parceria com 200 colaboradores de 13 paises."

Queremos crer que o senhor Iván quis se referir que o Brasil não possui heróis militares no presente. E isto em razão de há 70 anos o Brasil não ser palco de revoluções armadas. A última foi a de 1932 liderada por São Paulo, e para os que a promoveram para reconstitucionalizar o Brasil e para os que a combateram para acabar com as oligarquias que tomaram conta do Brasil, consolidada a República em 1895, depois da Guerra Civil 1893-95 e Revolta de 1/5 da Armada (Marinha) em 1893-94. E mais, a última guerra externa que o Brasil se envolveu foi na 2a Guerra Mundial, há 57 anos, com a participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália e do 1 Grupo de Caça, O Senta Pua, respectivamente comandados por dois heróis os mais tarde Marechal João Batista Mascarenhas de Morais que teve como seu Oficial de Operações outro herói ,o mais tarde Marechal Humberto Castelo Branco que liderou em 1964 a incruenta Contra Revolução Democrática e, o mais tarde Brigadeiro Nero Moura, atual patrono da Aviação de Caça do Brasil.

Entre os heróis de nossa FEB, para nossa alegria, ainda estão vivos os generais Carlos de Meira Mattos e Plínio Pitaluga e muitos outros bravos, cabendo lembrar, como heróis militares todos os que morreram em ação em defesa do Brasil nos 5 séculos em que se desenvolve o seu processo histórico.

E para eles se aplica este pensamento de Péricles, que viveu em Atenas no Século V antes de Cristo, que levou o nome de Século de Péricles, o qual se constituiu no apogeu da Civilização e da Democracia grega que ele ajudou a construir como Chefe de Estado de Atenas e um dos seus principais estrategos (generais) por 14 anos. Péricles grande líder democrata possuía e estimulava veneração pelos gregos tombados em combate em defesa da Pátria ao ponto de declarar:

"Aquele que morre por sua pátria, serve-a mais em um só dia , do que os outros em todas as suas vidas !"

Não acreditamos que o ilustre pesquisador se refira aos heróis militares brasileiros do passado que ajudaram a reconhecer, explorar, delinear,ocupar nosso Brasil de dimensões continentais e depois a manter a Unidade, a Integridade e a Soberania do Brasil entre tantas ameaças armadas sofridas e vencidas pelos brasileiros, sem uma derrota sequer.

E isto temos demonstrado a exaustão no site da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) www.resenet.com.br/users/ahimtb e em sua Revista Eletrônica, em História, no site www.militar.com.br etc. E também o demonstra a rica produção editorial da Biblioteca do Exército Editora entre outras.

Por estas fontes ficara claro que as Forças Armadas do Brasil e sua Forças Auxiliares possuem a Memória Militar Brasileira bem cultivada e cultuada bem como a de seus heróis que contribuíram, para orgulho dos brasileiros do Brasil haver sido invicto em todas as guerras a que foi obrigado a participar. E confirmar é obra de simples raciocínio e verificação de quem sinceramente desejar conhecer a enorme lista de heróis militares brasileiros do passado.

Lembro que o mestre Gilberto Freire, no discurso inaugural, em 19 de abril de 1971, do Parque Histórico dos Guararapes, local onde despertou, na vitória contra o invasor holandês, o espirito de Força Armada e da Nacionalidade brasileiras, que depois de exaltar os heróis das Batalhas dos Guararapes que haviam assegurado a "Unidade do Brasil de ser um só e não dois ou três hostis entre si ...." e que deste modo contribuíram para a criação de um clima de paz, tranqüilidade e segurança para o Brasil, tornando possível, hoje, para a alegria geral das atuais gerações, o surgimento de heróis populares na música e nos esportes como os reis Roberto Carlos e Pelé, e agora os 4 R da constelação formadora da magna Seleção Penta campeã de Futebol e Airton Sena, Guga etc..

Acreditamos que não fora a contribuição com suas vidas, sangues, sacrifícios ingentes, saudades, renúncias de heróis militares brasileiros, ao longo de nosso processo histórico, não desfrutaria o Povo Brasileiro, do clima de, tranqüilidade, paz e alegria que auxiliaram Brasil se constituir na maior democracia racial e espiritual mundial e o pais do Futebol e do Carnaval e da Paz.

É isto ai! Queremos crer que o Dr Iván Izquierdo se referiu a heróis militares no presente e não no passado. E se referiu ao passado, foi por desconhecer a Memória Militar Brasileira que os militares brasileiros preservam e cultuam e a enfatizam ao ponto do Exército possuir como seu Objetivo nº 1 Atual:

"Pesquisar, preservar, divulgar e cultuar a memória histórica, as tradições e os valores morais, culturais e históricos do Exército."

E a esta tarefa aos 70 anos, nos entregamos de corpo e alma, divulgando a nossa rica História Militar Terrestre do Brasil e mantendo assim também a nossa memória em exercício constante, e contribuir para a preservação da Memória Militar do Brasil para usá-la a serviço do melhor desempenho constitucional do Exército ou de instrumento orientador em lições, para evitar-se outros conflitos no futuro!

A verdade é filha dos tempos e não da autoridade !

Nº 35 – Out/Dez 2002 – Cel Cláudio Moreira Bento

COMEMORAÇÃO DOS 70 ANOS DA REVOLUÇÃO DE 1932

Há 70 anos, de 9 de julho a 2 de outubro de 1932, o Brasil foi sacudido pela revolução de 1932, liderada pelo Estado de São Paulo contra o Governo de Getúlio Vargas que assumira a chefia do Brasil em decorrência da vitória da Revolução de 1930 que ele liderara.

Até hoje não estão bem claras as razões do envolvimento de São Paulo neste movimento que aqui evocaremos do ponto de vista das operações militares terrestres e aéreas que se desenvolveram nas diversas frentes de batalha e das navais na Frente do Litoral.

E concluiremos das lições militares decorrentes que a tornaram inclusive num laboratório para a formação de lideranças do Exército e de nossa Força Aérea que defenderam em 1944/45 a Democracia e a Liberdade Mundial na Itália, sob ameaça do nazi fascismo. Evento histórico em evocado com realismo e fidelidade pela Rede Globo na novela ESPERANÇA de Benedito Rui Barbosa.

Sobre de que lado estava a razão política, se do governo ou dos revolucionários, a História o dirá numa análise isenta do episódio que esta muito cedo para ser feita. Ao historiador resta celebrar a coragem e patriotismo do heróis que se consagraram entre os governistas e revolucionários, em defesa do que elegeram, sinceramente, como suas verdades. Pois ninguém é capaz de arriscar sua vida em combate se não estiver convicto da justeza da causa que abraçaram.

Introdução à Revolução de 1932

A Revolução Paulista teve início em 23 maio de 1932, sendo interventor de São Paulo, Pedro de Toledo, que viria a abraçar o movimento.

O estopim foi o confronto ocorrido nesse dia, na Praça da República, entre membros da Legião Revolucionária Getulista, fundada por Miguel Costa, e populares contrários ao que a Legião defendia.

Nesse choque, onde foram usadas até armas de guerra, morreram os jovens paulistas Miraguaia, Martins, Dráusio e Camargo, que dariam origem a sigla MMDC que congregou os conspiradores revolucionários.

O levante teve lugar na noite de 9 de julho de 1932, unindo tropas da Força Pública de São Paulo, algumas unidades do Exército, e voluntários paulistas. Assumiu o comando da 2ª Região Militar, em São Paulo, o Coronel Euclides de Oliveira Figueiredo, na condição de revolucionário. Mais tarde viria, para o comando das operações, o general reformado do Exército Bertoldo Klinger.

O General Klinger era filho de Rio Grande (RS). Fora colega de Getúlio, na Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo (RS). Cursara Artilharia no Exército

Alemão (1910-12). Foi um dos idealizadores da revista A Defesa Nacional, em 1913, tendo exercido grande influência cultural e doutrinária no Exército até 1922, ano da vinda da Missão Militar Francesa. Foi o maior representante da influência militar alemã no Exército até esse ano. Atingiu o posto de general em 1931, sendo logo a seguir reformado. O estudamos em Centenário de nascimento do General Bertoldo Klinger. **A Defesa Nacional**, nº 711, jan/fev 1984.

Euclides Figueiredo, carioca, cursou o Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ). Fez o curso de Cavalaria no Exército Alemão, de 1910 a 1912. Era veterano do Contestado. Chefiou o Curso de Cavalaria da célebre Missão Indígena, da Escola do Realengo. Participou da pacificação da Revolução de 1923, no Rio Grande. Foi contra a revolução de 30, como comandante da atual 2a Bda C Mec, Brigada Charrua em Uruguaiana, cuja história estamos resgatando dentro do Projeto História do Exército na Região Sul. Ele comandou o atual Regimento de Dragões, de Brasília, cujos históricos uniformes foram adotados em seu comando. É pai do ex-presidente João Figueiredo. Foi um dos 13 idealizadores da revista **A Defesa Nacional**, junto com Klinger. O estudamos e o reverenciamos no seu centenário e no IHGB em 26 out 1983.

Dessa forma, na condução militar da revolução, os paulistas contaram com dois excelentes e renomados profissionais militares, dos mais dedicados e produtivos de que o Exército dispunha, integrantes do restrito e seleto grupo que passou à história como Jovens Turcos.

Grupo constituído de tenentes que estudaram na Alemanha ou na Escola de Guerra em Porto Alegre. Como instrutores e escritores, através da histórica **A Defesa Nacional**, eles revolucionaram a instrução e os costumes do Exército. Paradoxalmente, porém, formados na doutrina militar alemã, tiveram que empregar a Força Pública de São Paulo treinada, desde 1909, por uma Missão Militar Francesa.

Forças em presença

A Revolução de 1932 desenvolveu-se em 6 frentes: Frentes Leste, ou do Vale do Paraíba; Frente Sul, ou Paranaense; Frente Mineira (menos Vale do Paraíba); Frente de Mato Grosso; Frente do Litoral (entre a Serra do Mar e o litoral norte de São Paulo) e a Frente do Rio Grande do Sul.

Frente Leste ou do Vale do Paraíba. Foi a frente principal para os revolucionários. Suas tropas combateram entre as serras da Mantiqueira e do Mar, de Guaratinguetá para o norte, até a fronteira São Paulo - Rio. Eles atuaram ao longo da ferrovia e da antiga rodovia Rio - São Paulo, integrando a 2ª DIO - Divisão de Infantaria em Operações, ao comando do Coronel Euclides Figueiredo.

A 2ª DIO possuiu 5 destacamentos, atuando em eixos diferentes:
-Destacamento Coronel Andrade. Foi o principal. Combateu ao longo da antiga rodovia Rio-São Paulo;

-Destacamento Major Agnelo. Combateu ao longo da ferrovia Rio-São Paulo. Os dois destacamentos, este e o anterior, combateram na direção do Rio de Janeiro, seu objetivo.

-Destacamento Coronel Sampaio. Com posto de comando em Cruzeiro, atuou cobrindo o flanco esquerdo do Destacamento Agnelo, dominando a ferrovia Sul-Mineira, com postos avançados no maciço do Túnel da Mantiqueira;

- Destacamento Coronel Abílio Resende, com posto de comando em Piquete. Atuou ao longo da rodovia Piquete - Itajubá, na cobertura do flanco esquerdo do

Major Agnelo e controlando a importante e estratégica Fábrica de Pólvora do Exército.

- Destacamento Veiga Abreu. Em Reserva. Nessa frente autuou a principal força governista, uma Divisão de Infantaria da 1ª Região Militar, comandada pelo General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, tendo, como chefe de estado-maior, o Coronel Pantaleão Pessoa.

Ela cobriu todos os setores do Vale do Paraíba e os que para ele convergiam, quer no eixo Rio - São Paulo, quer no de Minas e, mesmo, do litoral , de Angra dos Reis e Parati.

O posto de comando governista foi instalado em Resende, inicialmente, e contou com o apoio de uma base aérea estabelecida na esplanada da atual AMAN. Os aviões, conhecidos por vermelhinhos, eram os Waco. Essas tropas foram sendo reforçadas por tropas vindas do Norte, do Nordeste e do Sul. Elas contaram até com canhões navais montados em vagões ferroviários.

O General Góes Monteiro foi uma das mais brilhantes cabeças militares do Exército em todos os tempos. Foi estrategista militar e político de raros méritos, além de grande estudioso de Napoleão. Já havia atuado em São Paulo, como chefe de Estado - Maior de força que combateu, ali, a Revolução de 24. Como Tenente - Coronel comandante de Regimento de Cavalaria em São Luiz Gonzaga, foi guindado à liderança militar da Revolução de 30.

É imensa sua projeção na construção do Exército a partir de 1930, ao lado do General Eurico Dutra, Góes Monteiro tem sido muito estudado por brasilianistas, em função de sua importância.

Frente Sul ou Paranaense

Nesta frente, também muito importante, houve dois setores para os revolucionários:

- Setor Baixo Paranapanema. Combateram ao longo da rodovia e invadiram o Paraná por Cambará, indo até Jaguariaiva, ao comando do intrépido e legendário Coronel Pedro Dias, duble de historiador e soldado competente, formado pela Missão Militar Francesa, da qual foi assessor. Adquiriu grande experiência no combate à Coluna Miguel Costa /Prestes no Oeste, em 1924-26.

(Hoje Miguel Costa e o Cel Pedro Dias de Campos são patronos de duas cadeiras especiais da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e dois ícones da Policia Militar de São Paulo, cuja História nós sintetizamos em **Sesquicentenário da PMSP**. São Paulo:PMSP,1981.)

- Setor Itararé-Ribeira. Ao comando do Coronel Brasílio Taborda, que enquadrou universitários paulistas de Engenharia, Medicina e Direito, no 14º Batalhão. Os governistas atuaram em dois destacamentos, ao comando do General Castilhos Lima:

- Destacamento Central. Na ferrovia Paraná - São Paulo, atuando sobre Itararé e Itapetininga, e que, desde o início, penetrou em São Paulo, facilitado pela retirada revolucionária da excelente posição defensiva na barreira Itararé.

- Destacamento de Jacarezinho. Integrado por gaúchos voluntários, ao comando do temível e experimentado coronel João Francisco, "a hiena do Cati", que se celebrizou na vigilância da fronteira Brasil-Uruguai e cuja tropa, em 1893, matou em combate o Almirante Saldanha da Gama, em Campo Osório.

Frente Mineira (excluído o Vale do Paraíba)

Os revolucionários exerceram fraca vigilância, com esparsos elementos da Força Pública e voluntários de São Paulo, no enorme arco balizado por Bragança Paulista - Campinas - Ribeirão Preto - Uberaba - São José do Rio Preto. A força governista, constituída pelo destacamento Coronel Manoel Rabelo, tinha a missão de isolar militarmente São Paulo de Mato Grosso de possíveis reforços vindos via Santana do Parnaíba e Porto do Tabuado. O destacamento era orientado sobre Ribeirão Preto.

Frente do Mato Grosso

Os revolucionários mato-grossenses não conseguiram unir-se aos paulistas. As tentativas foram impedidas em Porto Murtinho e Coxim. As forças governistas eram constituídas pelo destacamento do Coronel Rabelo (com atuação também em Minas), de Foz do Iguaçu, na direção de Ponta Porã e sobre Campanário. Frente do Litoral (entre a Serra do Mar e o Atlântico). Os revolucionários tinham, como missão, a defesa do porto de Santos, como o forte de Itaipu e a cidade de Santos, com o Batalhão de Caçadores e duas companhias do Exército, e a defesa do flanco revolucionário, em Cunha, contra a ação de tropas, particularmente navais, lançadas a partir de Parati. Os governistas tinham como missão o bloqueio de Santos, inclusive com apoio aéreo. O destacamento terrestre, em Parati, foi lançado na direção de Cunha, com predominância de fuzileiros navais.

Frente do Rio Grande do Sul

Tropas da região da fronteira que foram levantadas sobre a liderança do Dr. Borges de Medeiros, ex-presidente do Rio Grande do Sul, mais com a finalidade de fixar tropas governistas que pudessem ser enviadas para combater São Paulo, do que para apoiar São Paulo, pois ficaram reduzidos a 450 combatentes e, no combate de Cerro Alegre, de 20 de setembro de 1932, em Piratini, numeraram 204. Este combate foi resgatado pelos acadêmicos Cel PMRS José Luiz Silveira, veterano dele e mais por Osório Santana Figueiredo.

As Operações Militares
Na Frente do Vale do Paraíba

Os destacamentos Andrade e Agnelo progrediram na direção do Rio, respectivamente ao longo da antiga rodovia Rio-São Paulo, atingindo Formoso (Serro Frio), em São José do Barreiro (SP), e ao longo da ferrovia Rio-São Paulo, atingindo Salto, na fronteira Rio-São Paulo.

Ao tentarem progredir no Estado do Rio, foram barrados por governistas, em Clube dos Duzentos, sobre a rodovia, e em Engenheiro Passos, que o Major Agnelo manteve até o final de julho, dominando a rodovia que dá acesso ao circuito das águas.

Os governistas, com posto de comando na estação ferroviária de Resende, desfecharam uma contra-ofensiva, em agosto, que obrigou os revolucionários a bater em retirada e se entrincheirarem em Queluz.

Sobre o posto de comando do destacamento Sampaio, em Cruzeiro, os governistas conduziram pesado bombardeio de Artilharia, do qual participou a aviação governista com base no atual Campo de Paradas da AMAN (Campo de Marte). Canhões de Marinha montados em vagões ferroviários bombardearam fortemente a estação de Vila Queimada.

Em setembro, os revolucionários se retiraram de Queluz e ocuparam a linha de trincheiras Vila Queimada - Lavrinhas (ocupada em 2 de setembro). Na frente de Silveiras, os revolucionários, numa contra-ofensiva, impuseram revés ao 19º Batalhão de Caçadores. O espaço na região de Silveiras foi disputadíssimo, com vitórias alternadas, até 12 de setembro (retirada para Jatai).

No setor do Túnel da Mantiqueira, em Cruzeiro, os revolucionários construíram uma linha de resistência balizada pelos picos da Gomeira, Cristal, Itaguaré e Gomeirinha, acima da boca do túnel voltada para Minas e nas escarpas. A posição começou a ser disputada em 16 de julho. E os combates prolongaram-se até 27, por 11 dias, até a perda da posição pelos revolucionários, após épica e memorável resistência.

Em 8 de setembro, os governistas atacaram fortemente o setor. Os revolucionários foram obrigados a deixar o setor do túnel, que caiu pela manobra governista que, de Resende, atacou Cruzeiro.

Em Cruzeiro comandou os revolucionários o Coronel Sampaio que, segundo consta, era da família do Brigadeiro Antônio de Sampaio, atual patrono da Infantaria do Exército e que teve atuação heróica na batalha de Tuiuti, na Guerra do Paraguai, onde foi ferido mortalmente.

Combateu aí no setor do túnel, como médico da Polícia Militar de Minas, aos 30 anos, Juscelino Kubistchek cujo centenário se comemorou de modo notável em setembro e foi eleito patrono de cadeira especial na Academia de História Militar Terrestre, inaugurada pelo atual presidente do IHGDF Cel PMMG Affonso Heliodoro. Juscelino encontraria mais tarde sua morte em acidente automobilístico próximo de Itatiaia.

Na área de Piquete foi mantida, em mãos revolucionárias, a Fábrica de Piquete. No início de setembro os revolucionários ocupavam a seguinte linha avançada: Piquete - Túnel da Mantiqueira - Fazenda Boa Vista - Pinheiros - Lavrinhas - Jataí. Em 11 de setembro os revolucionários deram início à retirada para Guaratinguetá, fato determinado pela perda de Cachoeira Paulista.

Na Frente Sul ou Paranaense

Na frente Paranaense, na estação ferroviária de Buri, ambos os combatentes escreveram páginas épicas. Foi onde se verificaram os maiores choques.

A criatividade revolucionária idealizou e tornou realidade um trem blindado tendo montado em plataforma um canhão 75mm.

Pressionados e em inferioridade numérica, os revolucionários executaram uma manobra retardadora, trocando espaço por tempo, em benefício da ação principal no Vale do Paraíba.

A revolução do Rio Grande do Sul teve o mérito de provocar a retirada de tropas governistas desta frente, vindas do Rio Grande, com João Francisco, para irem combater o Dr. Borges de Medeiros, que se levantaria em favor de São Paulo.

Na Frente Mineira

Os revolucionários haviam se organizado em Bragança, Campinas, Mogi-Mirim, São José do Rio Pardo e Ribeirão Preto.

Em 26 de agosto, foram obrigados, por falta de munição, artilharia e por inferioridade numérica, a se retirarem para a linha do rio Peixe. Em 30, se retiraram para Mogi-Mirim. Aí destacou-se o Capitão Romão Gomes que, recorrendo a guerra de guerrilha, conseguiu ganhar tempo nessa frente, onde inclusive, em Barretos, os revolucionários usaram minas nas estradas.

Na Frente de Mato Grosso

Foi notável a luta pela posse de Porto Murtinho, essencial à revolução para a exportação de café, uma vez que o porto de Santos estava sob bloqueio naval governista.

Somente em 12 de setembro os governistas conseguiram controlá-lo e assim sepultar as últimas esperanças revolucionárias de apoio em recursos externos.

Na Frente do Litoral

No setor de Santos não houve combates, somente divergências entre autoridades revolucionárias por questões hierárquicas. Registre-se, no Forte de Itaipu, um simulacro de canhão de costa com um toro de madeira como se fosse um canhão e que, como tal dizem, impôs respeito, da mesma forma que, em algumas frentes, as matracas que simulavam metralhadoras.

Na Frente do Rio Grande do Sul

Os revolucionários em pequeno número, sob a liderança de Borges de Medeiros, conseguiram fixar tropas governistas, evitando que fossem usadas contra São Paulo e provocando, inclusive, a retirada da Frente Paranaense de valorosas tropas gaúchas para combater a revolução no Sul. Borges de Medeiros, com um pugilo de revolucionários, se manteve em campo até próximo do término da Revolução em São Paulo, quando foi batido e aprisionado em Cerro Alegre, em Piratini, em 20 de setembro de 1932. Cumpriu, num contexto estratégico, sua ação diversionaria de alívio da frente revolucionária paulista, o que nunca foi ressaltado devidamente em São Paulo.

Meu pai Conrado Ernani Bento prefeito de Canguçu e ligado a Borges de Medeiros do qual seu pai Cel Genes Bento fora chefe de Polícia e Secretário, contrariando seus sentimentos pacificistas dirigia-se para Piratini em companhia de

um genro, para incorporar-se as forças de Borges de Medeiros que apoiavam os paulistas, quando conheceu em caminho que este fora derrotado e preso e enviado para Pernambuco .
Possuíam os gaúchos que lutaram pela causa e em condições dificílimas, uma certa mágoa por não serem lembrados pelos veteranos paulistas de 32 em suas comemorações.

Mais tarde brincando no porão de minha casa notei enterrado no chão um embrulhos envoltos em jornal .E ao escavar o solo dele recolhi 4 embrulhos que eram as armas que meu pai e meu cunhado teriam usado nesta revolução se tivessem se unido a tempo com Borges de Medeiros. O combate de Cerro Alegre de 20 de setembro de 1932 teve lugar na estância construída em 1852, a qual em data recente serviu de cenário, em Piratini, da novela da TV Manchete **Ana Raio e Zé Trovão.**

Aviação e Marinha

A aviação governista do Exército e da Marinha não impediram a ação da aviação revolucionária. Os bombardeios foram inócuos. Os aviões serviram para reconhecimentos e para o lançamento de panfletos. Foi nessa época que, triste com o emprego dado à sua invenção, Santos Dumont, o pai da Aviação, morreu de infarto segundo seu atestado de óbito e para outros suicidou-se ao ver o avião que inventara ser usado como arma de guerra fratricida ..

A Marinha atuou com eficiência no bloqueio naval de Santos, e seus fuzileiros navais desembarcados em Parati, atuando contra o flanco revolucionário na direção Parati- Cunha- Guaratinguetá, com muitos bons resultados e grande rendimento e proteção da manobra que forçou o Armistício.

A Pacificação

Por volta de 14 de setembro já se começou a falar em Armistício, pelas seguintes razões, depois de 2 meses de intensa e brava luta, forçado pela insustentável situação econômica de São Paulo e ; falta de suprimentos e de munição, sendo que esta vinha sendo pouca e de má qualidade produzida por Matarazzo, numa emergência; abatimento moral do comando político da Revolução, que percebia toda a triste realidade na falta dos apoios prometidos, principalmente dos gaúchos, em razão de Flores da Cunha, seu interventor, haver apoiado o governo, e, finalmente, a inviabilidade de êxito militar da Revolução.
A linha Guaratinguetá foi bombardeada fortemente, em 20 de setembro, por aviões e artilharia, no mesmo dia em que Borges de Medeiros era batido e preso em Cerro Alegre, Piratini.

Com a perda de Cunha para os fuzileiros navais e a perda do túnel, facilitando o livre acesso de governistas mineiros ao Vale do Paraíba, o anel governista foi se fechando em torno de Guaratinguetá, onde se concentraram as últimas esperanças revolucionárias.

Em 27 de setembro, quando ia ser desfechada a ofensiva governista sobre Guará, telegrama do Catete insinuou a negociação de uma trégua.
Ela foi aceita e o chefe do Estado - Maior governista, Coronel Pantaleão Pessoa,

chefe e profissional de raros méritos, mas muito discreto, redigiu a Convenção de Paz em termos elevados e fraternos. A Convenção de Paz, em seu artigo V, rezava, entre outras considerações:

" O reconhecimento da extraordinária persistência e bravura com que se bateram as tropas paulistas, de um modo geral.

E, com esse reconhecimento, homenagear os nobres sentimentos daqueles revolucionários que, doravante, quisessem contribuir à união dos brasileiros e trabalhar para a extinção das dissensões e ressentimentos políticos, restabelecimento da coesão e disciplina das Forças Armadas".

Aceitas as condições propostas todos os comandos governistas se empenhariam em limitar, ao mínimo, as apurações das responsabilidades pela revolução, e na entrega dos oficiais e praças revolucionários prisioneiros. A pacificação teve lugar em Aparecida, no posto de comando do General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, comandante governista.

O General Klinger enviou, até Cruzeiro, seus representantes que não concordaram com a Convenção. No entanto, os representantes da Força Pública de São Paulo a aceitaram, depois de reunião em separado com o Coronel Pantaleão Pessoa.

Houve discordâncias entre Klinger e Euclides Figueiredo. Este declarou-se disposto a prosseguir, mas em realidade, ao que parece, já não existiam condições operacionais e logísticas para tal. teve fim o confronto militar. Os paulistas, batidos militarmente, conseguiram uma vitória política: a promessa de constitucionalização do Brasil e a nomeação de Armando Sales para interventor.

São Paulo surpreendeu, nessa revolução, com a mobilização de homens e mulheres, recursos financeiros (campanha do ouro) e indústrias para o esforço de guerra em prazos considerados impossíveis.

Improvisaram linhas de fabricação de armas, granadas, morteiros, máscaras contra gases, munição de artilharia, bombardas, veículos blindados, telefones, capacetes, binóculos etc.

Produziram material de saúde, alimentos enlatados, precursores das rações de campanha.

Mobilizaram, até o 3º dia, 50.000 homens que foram organizados em 40 batalhões e que demonstraram grande vontade do combater, mas que careciam de instrução, armamento e chefes para enquadrá-los em quantidade necessária, para atuarem num quadro de guerra moderna, como foi o caso dessa Revolução. Muito contribuiu no fortalecimento do moral dos revolucionários a pregação pelo rádio de Cézar Ladeira e o toque do dobrado Paris Belfort, que se tornou uma espécie de hino de guerra revolucionária e que, até hoje, causa arrepios nos veteranos paulistas.

As mulheres paulistas se mobilizaram e atuaram na mobilização industrial, confeccionando uniformes, numa amostragem do que aconteceria com a mulher americana na 2ª Guerra Mundial. As mulheres mobilizadas foram em número de 72.000. São Paulo emitiu bônus, dinheiro e selos.

Causas do insucesso militar

Interpreto como principais causas do insucesso militar da Revolução de 32:
- Despreparo militar dos 50.000 voluntários recrutados para a Revolução de 32;

- A falta de armamentos e equipamentos em quantidade e qualidade adequados para o combate e a pouca instrução de manejo dos existentes;
- A falta de oficiais e graduados profissionais das armas, para adaptar e adestrar, em tempo recorde, os numerosos voluntários;
- Plano eminentemente defensivo dos revolucionários ao invés de ofensivo, o que não poderia ser de outra forma, dentro de suas possibilidades críticas de meios. Não podiam tirar partido dos Princípios de Guerra da Ofensiva, da Manobra e da Massa, como o fizeram da Segurança e da Economia de Meios. Foi um plano, com boa viabilidade de sucesso, caso tivesse recebido o apoio do Rio Grande do Sul, de Mato Grosso e Minas;
- A ausência de ligações físicas com os revolucionários gaúchos, mineiros e mato-grossenses, o que os desestimulou os paulistas ;
- A improvisação na organização das grandes unidades, do comando, do apoio administrativo e da mobilização, muito aquém do necessário;
- A carência de comunicações entre as frentes revolucionárias.
Causas do sucesso governista
- Envolvimento militar rápido de São Paulo, por terra e mar, que determinou o seu isolamento de possíveis apoios terrestres e navais vindos de Mato Grosso, Minas e Rio Grande do Sul, e mesmo do exterior · Paraíba, a Mineira e a Paranaense, sem poderem apoiar o flanco esquerdo em Mato Grosso e Minas, fixar importantes efetivos governistas no Rio Grande do Sul e darem segurança à retaguarda.
- Ação diplomática eficaz para prevenir reconhecimentos internacionais.
- Descentralização das operações, delegando aos subordinados a responsabilidade por elas.
- Adequado apoio logístico e rapidez na mobilização e transporte de tropas nortistas, nordestinas e sulistas para combater a revolução de São Paulo.
- Atuação política eficaz junto aos governos do Rio Grande e Minas, no sentido de neutralizar os efeitos da revolução naqueles estados.
- Conhecimento antecipado do plano revolucionário.

Conclusão

A Revolução de 1932 foi o maior movimento armado interno no Brasil, com perdas em torno de 600 vidas humanas. Os combatentes de ambos os lados superaram as expectativas em valor, criatividade e elevação moral e espiritual. É um episódio de ensinamentos militares que enriqueceram, de muito, o patrimônio cultural militar brasileiro, que estava prestes a enfrentar uma luta com algumas semelhanças no Teatro do Mediterrâneo, com a Força Expedicionária Brasileira e o 1º Grupo de Caça O Senta Pua .

A FEB foi integrada por brasileiros paulistas do 6º RI, Regimento Ipiranga, o maior credor de duas glórias, em Castelnuovo e em Fornovo, na captura de 25.000 alemães.

Em 1932, segundo Guilherme de Almeida:

"Marchou o soldado paulista, marcou o seu passo na História, deixou na terra uma pista, deixou um rastilho de glória".

Em 1932 foi a segunda vez que o corredor Rio-São Paulo, ligando essas duas megacidades, foi envolvido num conflito militar.

O primeiro foi em 1842 com a revolução que estourou em 31 de maio em Lorena e se estendeu para Silveiras, Areias e Bananal e que só teve fim com o combate de Silveiras de 12 de julho.

Movimento, de cujo combate o Barão de Caxias não participou, e correu por conta da Polícia Militar do Rio, após a região abrangida por Guará, Lorena, Cunha, Queluz, Silveiras, Areais e Bananal ter sido anexada à Província do Rio de Janeiro, de 18 de junho a 29 de agosto.

Trecho, aliás, que 90 anos após seria o centro de gravidade da Revolução de 1932, ao contrário da de 1842, em que o centro de gravidade se situou no triângulo São Paulo - Sorocaba - Campinas e o objetivo, ao invés do Rio de Janeiro, foi a conquista da cidade de São Paulo.

Enfim são dois eventos guerreiros ocorridos no Vale do Paraíba ricos em ensinamentos para a segurança deste agora mega - eixo, tão diferente dos anos 1842 e 1932.

Qual a significação histórica da Revolução de 32 ?

Os que a fizeram justificaram-na com a necessidade de fazer retornar o país à normalidade constitucional, tachando de absolutamente ditatorial, unipessoal e um equivoco, o governo dito Provisório instaurado pelos tenentistas e os liberais de 1930.

Os que a condenam dizem-na revanchista, destinada a restaurar no poder as oligarquias derrubadas em 1930.

O Gen. Espírito Santo Cardoso Ministro da Guerra, e tio avô do presidente Fernando Henrique Cardoso, afirmou:

"... o povo de São Paulo está sendo iludido e explorado pelas sereias da politicagem..."

O Mar. Cordeiro de Farias viu o movimento assim:

"Não foi um encontro ideológico. Foi uma luta essencialmente política... O confronto era de natureza política e não ideológica entre o Brasil e São Paulo... não éramos inimigos mas adversários".

Juscelino Kubitschek, oficial médico atuante contra a revolução, viu-a mais tarde por ótica especial:

"Foi uma daquelas causas pelas quais os homens podem viver com dignidade e morrer com grandeza".

O Gen. Góes Monteiro, comandante governista na frente norte, preferiu ser incisivo em Ordem do Dia:

"... obra demolidora de políticos facciosos, ambiciosos e inescrupulosos".

O historiador das revoluções republicanas brasileiras, Hélio Silva a exaltou : **"Pelo que ela representou de mobilização de forças, dedicação à causa comum, tenacidade e resistência".**

Mas D. Alzira Vargas, auxiliar eficaz do pai na tarefa de comandar a revolução entendeu de outra maneira:

"A Revolução Constitucionalista não era nem uma nem outra coisa. Não era uma revolução. Era uma represália. Não era constitucionalista, pois apenas contribuiu para perturbar a constitucionalização do país."

Da solidariedade mantida entre o povo paulista dá notícias o Gen. Klinger:

"... os ricos entregam o seu ouro, com discrição britânica e bravura romana; as senhoras despojam-se de suas jóias; os bispos entregam o ouro das igrejas e as suas próprias cruzes pastorais; os casais pobres levam à coleta suas alianças; os advogados, os médicos, os seus anéis...".

No terreno militar cabe a referência encontrada na História do Exército Brasileiro: **"O nosso maior movimento armado. O valor e a capacidade do homem, do**

brasileiro em face da adversidade superaram todas as expectativas, não só no campo material, das improvisações e imaginação, mas, também, no campo da elevação moral e espiritual, diante da causa e motivação para a defesa das suas convicções".

Seria obra da Frente Única, devendo irromper em vários estados. Mas somente cumpriram o combinado São Paulo e a parte sul de Mato Grosso, embora ocorressem pequenos levantes no RS, no PA e em MG e pronunciamentos no AM e na BA.

Em SP uniram-se os dois partidos políticos - Republicano e Democrático - com adesão popular total consagrada pela ida aos postos de alistamento de 38.000 voluntários e a oferta de 170.000 homens e mulheres para trabalhos auxiliares. A mobilização da técnicas e da economia permitiram o repentino invento e fabrico de armas, munições, bombas, minas, tanques de guerra, trens blindados, morteiros, granadas, lança-chamas.

Porém, tudo isso e um exército à base de voluntários bisonhos estruturados ao redor de unidades do Exército e da Força Pública não bastaram para enfrentar o maior e mais poderoso complexo militar até ali mobilizado no país pelo Exército e Marinha.

O bloqueio do litoral, principalmente do porto de Santos, impediu contato dos revolucionários com o exterior e frustrou as poucas tentativas de fornecimento bélico.

Iniciada a 9 de julho, a revolução resistiu até 2 de outubro.

SIMPÓSIO 70 ANOS DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE SÃO PAULO NO IHGB E IGHMB 10/12 SET 2002.

Participaram do Simpósio os seguintes membros da AHIMTB: Patrono da cadeira Alte Hélio Leôncio Martins, com A participação da Marinha. Acadêmico Emérito Gen Carlos de Meira Mattos, com **As causas do ideário da Revolução Constitucionalista de 1932**. Acadêmico Cel Manoel Cândido Andrade Neto com **As Operações Terrestres** e o acadêmico emérito Prof. Arno Wheling, presidiu Mesa Redonda. O acadêmico Dr. Ernani Donato abordou o tema Razões da Derrota. Ele é reconhecida autoridade no tema.

E registramos alguns dados que abordou como causas da revolução e de sua derrota : "O queda da cafeicultura foi provocada por geadas e agravada pela negativa do Presidente Washington Luiz em conceder moratória; a falência de grandes fazendeiros de café, com 73% de sua fazendas tomadas por bancos e loteadas para agricultores, originando uma grande revolução social. Registrou que os revolucionários de 30 humilharam São Paulo o transformando num Acampamento Militar e se esforçando para destruir a hegemonia de São Paulo, cuja Polícia Militar era constituída de 83% de nordestinos. E a única solução de São Paulo foi apelar para uma Constituição. E citou como causas de derrota militar os desentendimentos entre lideranças civis e militares; os revolucionários paulistas serem deixados sozinhos; excesso de confiança ou ingenuidade dos revolucionários e o governo estar bem informado de tudo do lado revolucionário, para impedir seu sucesso."

NOTÍCIAS DOS MEMBROS DA AHIMTB
(A propósito dos 6 anos de existência da AHIMTB)

" CONSTRUIR É FAZER HISTÓRIA , E SÓ RESISTE AO TEMPO A CONSTRUÇÃO QUE TENHA SUBSTÂNCIA E VALOR. MAIS DO QUE APENAS CONTRUIR COM CIMENTO E BLOCOS, É PRECISO CONSTRUIR COM ALMA, PARA QUE O TEMPO COMFIRME A OBRA E PARA QUE A OBRA SUPERE O TEMPO. "

(Retirado da Associação Of. Reserva da PMSP).

A seguir notícias sobre atividades de membros da AHIMTB que chegaram a redação de O GUARARAPES:

Presidentes de Honra

Gen Ex Gleuber Vieira: Mais uma vez reverenciou em Ordem do Dia o Duque de Caxias, patrono do Exército e da AHIMTB na qual destacamos este trecho:

".....Hoje, nesse novo milênio, o que veria Caxias? Veria quanta resistência e quanta dificuldade ainda persistem para as Forças Armadas se manterem e estarem preparadas para o cumprimento da missão constitucional que lhes cabe. Veria limitações financeiras que ciclicamente se repetem e nos obrigam a reformular, com muito sacrifício, os equilibrados planejamentos, reduzindo gastos estritamente necessários, adiando programas bem elaborados, enfim, criando mecanismos que atenuam as óbvias e indesejadas conseqüências. Veria a pequenez de uma visão estratégica incapaz de valorizar, em justa medida, a expressão militar do poder, em harmonia com os demais campos, condição inerente ao peso geopolítico do Brasil. Mas veria postos em prática nosso imperecível espírito de luta, nosso otimismo e nosso potencial criativo. Vibraria com nossa capacidade de luta e coragem para enfrentar as incompreensões e os desafios. Veria que nos animam a dignidade e o amor próprio, como sentimentos de superação que reforçam a disciplina e acentuam os valores morais; que alimentam a alma do soldado e ressaltam a sobrevivência da Instituição. Nosso Patrono veria o Exército pautando suas atividades pelo exclusivo compromisso com a missão maior e ouviria seus soldados, homens e mulheres, bradarem em uníssono:.....

O Gen Gleuber tem apoiado parte do custeio da AHIMTB através do DEP por saber que ele trabalha dentro do Objetivo atual nº 1 do Exército definido pelo Ministro da Guerra Gen Zenildo de Lucena e por ele apoiado como chefe do DEP, do EME e agora como Comandante do Exército.

"Pesquisar ,preservar ,cultuar e divulgar a memória histórica, as tradições e os valores morais ,culturais e históricos do Exército"

Gen Ex Gilberto Barbosa de Figueiredo: Deu expressivo apoio em dinheiro para custear as atividades da AHIMTB em 2002,através da ECEME e da AMAN. Foi decisivo seu apoio para contratar como professor do CMPA o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, que trabalha intensamente no Projeto História do Exército na Região Sul.

Gen Bda Reinaldo Cayres Minati. Prefaciou trabalho da AHIMTB Resende História Militar.

Cel Antônio Esteves. Apoia em 2002 com bolsa de estudo a secretaria da AHIMTB, na AEDB.

Patronos de Cadeiras em vida

Cel Jarbas Passarinho: É difícil relacionar sua ativa participação cultural através de artigos diversos como Mouros a Costa no Guararapes 34. A AHIMTB agradece os estímulos morais que envia e financeiros para o custeio de suas atividades a que não está obrigado pelos estatutos, nem moralmente.

Cel Francisco Ruas Santos: Continua suas pesquisas em seu Centro de Informações Culturais, fundado em 1974 e produzindo argumentos para filmes como O Escotismo no Brasil.

Alte Hélio Leôncio Martins: Continua produzindo sobre a História da Marinha de Guerra no Brasil e valorizou o Simpósio da Revolução de 32 com a abordagem da Participação da Marinha.

Acadêmicos Eméritos

Vet FEB José Conrado de Souza: Colaborou nos livros sobre as histórias da 6ª DE, 8ª Bda Inf Mtz e 4ª Bda C Mec e coopera com a AHIMTB para obter apoio pela Lei Rouanet de obras da AHIMTB.

General Tácito Theophilo G.de Oliveira Em 17 Set 2002, lançamento do carimbo comemorativo dos 60 anos da 10a. RM em Fortaleza, o General Tácito Theophilo G. Oliveira, ex Ministro Chefe do EMFA falou: "Devo confessar-lhes que volto do Rio mais preocupado do que já aqui me encontrava, no que diz respeito ao futuro do nosso Exército, melhor diria, de nossas Forças Armadas, mesmo sabendo que a elas estão ligados, por laços de família, nosso Presidente ,bisneto, neto e filho de de generais e seu Ministro das Finanças neto e sobrinho de generais. Julgo que algo mais alto se alevanta, como diria o poeta, para pressioná-los....

....Já ouvi, com tristeza falar, na possível transformação dos pequenos Exércitos em Guardas Nacionais como nos idos de nossa nacionalidade Que não se esqueçam todos que convivem com este instável equilíbrio de Nações e de suas Forças Militares que o nosso Brasil não é mais uma Nação inexperiente. Ao contrário, já tem posição Internacional conhecida e respeitada. Acredito que se um dia formos obrigados, saberemos repetir "GUARARAPES", na nossa Amazônia. É lamentável dizer que o 11 de Setembro de 2001 abriu uma nova embora hedionda, página na História desta Civilização que já conheceu Bárbaros, Gregos, Troianos e tantos outros, mas não aceita mais o surgimento de outros tantos dominadores que esbanjam riquezas e querem ser ouvidos pelo troar apavorante de suas armas atômicas ,das quais já não são mais os únicos e privilegiados donos Esta nação, o Brasil de hoje, de ontem e de amanhã, não pode assistir indiferente à extinção de suas Forças Armadas , guardiãs de seu território e da grandeza de seu Povo. Senhoras e Senhores , o Brasil quer Paz. Seus militares estiveram lutando na

Itália; em missão de Paz, em Suez e na República Dominicana e a serviço das Forças de Paz da ONU, em muitos países. O soldado brasileiro quer a Paz, porque conhece a guerra. mas quer a liberdade de sua de sua Pátria acima de tudo!"

Cel J. V. Portella Ferreira Alves: Desenvolvendo trabalhos na Associação Nacional de Veteranos do Brasil, em auxílio ao General Plínio Pitaluga.

Cel Arivaldo Silveira Fontes: Sempre acolhendo e apoiando trabalhos da AHIMTB na Fundação Osório e secretariando com muita dedicação a Comissão de Pesquisas Históricas do IHGB.

Cel Amerino Raposo Filho: Animando e realizando relevantes estudos no Centro Brasileiro de Estudos Estratégicos a que se dedica de corpo e alma.

Gen Carlos de Meira Mattos: Primeiro ocupante da cadeira Mal Mascarenhas de Morais, foi homenageado pelo novo ocupante da cadeira o General Domingos Ventura Pinto Junior, na sessão da AHIMTB no 1º BPE em 23 de agosto. Prefaciou a obra do Cel Bento, Inspirações geopolíticas de Portugal e do Brasil no Prata e suas repercussões no Rio Grande do Sul. Foi conferencista no Simpósio Comemorativo da Revolução Constitucionalista de 1932 em 10 de setembro na BIBLIEx

Cel Cláudio Moreira Bento: Com atividade intensa. Lançou em 2002 a História da 3ª Bda C Mec;
Inspirações geopolíticas de Portugal e do Brasil no Prata e suas repercussões no Rio Grande do Sul e preparou para lançamento a História da 6ª Bda Inf Bld e 2002 -Os 175 anos da **Batalha de Passo do Rosário**. Fez entrega a ECEME das pesquisas Brasil - Lutas Internas, Brasil - **Lutas Externas** e última a **História Militar Terrestre da Amazônia** etc.

Professor Arno Wheling: Com atividade intensa na presidência da IHGB. Presidiu Mesa Redonda de Encerramento em 12 de setembro do Simpósio sobre a Revolução de 32 no IHGB.

Gen Plínio Pitaluga: Lamentavelmente, este incansável guerreiro e defensor dos interesses dos Veteranos de Guerra do Brasil, encontra-se baixado no HCE. Votos de pronta recuperação!

Cel Celso Rosa: Deu expressivo depoimento para a História da 2ª Guerra Mundial, Exército Brasileiro, e a Revista do Clube Militar reproduziu trecho expressivo de seu depoimento.

Gen Arnaldo Serafim: Delegado da AHIMTB em Brasília - Delegacia Mal José Pessoa em notável atividade cultural e inclusive como 2º Vice Presidente da AHIMTB.

Gen José Carlos Albano do Amarante: Dando continuidade em suas horas de lazer a sua pesquisa sobre a História da Engenharia Militar do Brasil. Serve no Ministério da Defesa em Brasília.

Cel Germano Seidl Vidal: Completou 80 anos comemorados com missa na Igreja Santa Cruz dos Militares, cujo texto com fotos expressivas enviou a AHIMTB. Elevado a acadêmico emérito por ser ex-combatente da FEB foi elogiado no 1º BPE por seu sucessor, o acadêmico general Ventura, que lembrou sua notável participação na Artilharia da FEB e recomendou seu excelente livro **A Guerra Proscrita**. Sempre auxiliando financeiramente o custeio das atividades da AHIMTB.

Acadêmicos

Cel Luis Ernani Caminha Giorgis: 3º vice presidente da AHIMTB e seu delegado do Rio Grande do Sul em intensa e profícua atividade. Foi parceiro com o presidente da AHIMTB nas obras históricas da 8ª Bda Inf Mtz, 3ª Bda C Mec e 6a Bda Bld. Foi contratado como professor de História do CMPA, com apoio do Gen Ex Gilberto Figueiredo Chefe do DEP e onde desempenha notável ação como professor e auxiliar do Comando do CMPA, no projeto História do Casarão da Várzea.

Gen Raymundo M. Negrão Torres: Delegado da AHIMTB no Paraná e ajudando a obter subsídios para a projetada obra História da 5ª RM/5ª DE. Tem elaborado artigos esclarecedores que rebatem manipulações históricas da Contra Revolução Democrática de 1964. É autoridade no assunto. Lançou este ano valiosa obra sobre o tema.**1964 -Uma revolução perdida**. Curitiba, 2002.

Gen Carlos Patrício de Freitas: Em Minas Gerais sempre estimulando a AHIMTB e realizando conferências históricas sempre que sua missão no governo de Minas Gerais o permite.

Major Luiz Prates Carrion: Homenageado pela Câmara de Santa Maria em 18 de dezembro de 2001 como cidadão - benemérito e como idealizador do Colégio Militar local. Escreve nas orelhas da História da 6ª Bda Inf Bld a ser lançada breve como historiador em Santa Maria.

Cel José de Sá Martins: Pesquisando sobre as guerras de Canudos, do Contestado e sobre a Inconfidência Baiana e sempre enviando colaboração para o custeio da AHIMTB.

Jornalista Hernani Donato: O benemérito autor do excelente Dicionário das Batalhas Brasileiras e ora trabalhando nas comemorações dos 70 anos da **Revolução Constitucionalista**, como demonstrado neste Informativo.

Cel Davis Ribeiro de Sena: Acaba de lançar trabalho muito oportuno, Exército Brasileiro Ontem, Hoje e Sempre, Tomo II, dedicado a juventude brasileira. Reside hoje no Recife, seu berço natal.

Sub Ten Osório Santana Figueiredo: Participou da obra **História da 6ª DE** com uma retrospectiva dos Batalhões de Voluntários da Pátria e teve a seu cargo elaborar as orelhas da **História da 3ª Bda C Mec**. Seu original livro **A Caserna de Bravos**, já caminha para mais uma edição.

Gen Paulo Cezar de Castro: Tem estimulado a AHIMTB e concebeu como comandante da ECEME oportuno projeto com vistas a resgatar a História da ECEME que completará 100 anos em 2005. Projeto que muito promete com a participação de alunos. Atualmente é o Diretor de Formação.

Gen Hélio Ibiapina Lima: Em intensa atividade cultural escrevendo para o jornal **Ombro a Ombro**, Jornal **Grupo Inconfidência e Revista do Clube Militar**. Participou de reunião da AHIMTB em Juiz de Fora e no 1ª BPE. A AHIMTB coleciona seus artigos e dele recebeu outros.

Cel José Spangemberg Chaves: Enviando bons subsídios históricos a AHIMTB e principalmente sobre os veteranos da Revolução de 1922, há 70 anos na Escola de Realengo e, entre eles seu pai.

Cel Alceu Paiva: Presidente do Conselho Fiscal da AHIMTB, acaba de publicar a plaqueta Eng, Tácito Vianna, O resendense do século XX e sempre solidário na solução de assuntos da AHMTB.

Cel Mário José Menezes: Parceiro na obra História da 6ª Bda Inf Bld ,ao biografar seu patrono o Cel Niederauer Sobrinho, cuja proposta foi de sua lavra e aprovada. Ele é o historiador da 3ª DE - Divisão Encouraçado. E todos os meses envia seu auxílio para o custeio da AHIMTB.

Cel Nilton Freichinho: Tomou posse com historiador no Instituto San Martim e proferiu em 15 de setembro de 2001 palestra na ECEME - Contribuição do Marechal Castelo Branco a formação de Oficiais de Estado - Maior. No Instituto San Martim tomou posse com o Dr. Célio Borja, e recebeu deste a seguinte mensagem: "Honra tive em irmanar a minha a sua posse... Soldado exemplar, historiador probo e douto, o Sr. honra os que eleva com a sua amizade..."

Gen José Moretzonh: Animando as atividades da AHMTB em Brasília, junto com o General Serafim. E sempre estudando assuntos de interesse da AHMTB.

Cel Paulo Airton de Araújo: Delegado da AHIMTB no Ceará e a incentivando e animando trabalhos de associados.

Gen Alberto Martins da Silva: Historiador do Serviço de Saúde do Exército, acaba de lançar trabalho sobre o assunto. Fez palestra na IHG Paraibano sobre médicos paraibanos.

Eng Christovão de Ávila Pires Júnior: Exercendo a função de Delegado do AHIMTB no Rio de Janeiro, tem coordenado excelentes seções na Fundação Osório e no 1º BPE. Prepara as posses do General Rubens Brochado, na cadeira Mal Bernardino Borman e a do professor no IME Pedro Carlos da Silva Telles, na cadeira Professor Pedro Calmon.

Cel Manoel Sorlano Neto: Tem apoiado intensa e rapidamente a AHIMTB o Projeto História do Exército na Região Sul a cargo da AHIMTB Está alerta a problemática de soberania do Brasil na Amazônia e em Alcântara e enviando dados sobre o tema a AHIMTB.

Gen Jonas de Moraes Correia Neto: Foi o presidente de honra da sessão da AHIMTB no 1º BPE em 23 de agosto, como a mais graduada autoridade militar presente. Colaborou na História da 3ª Bda C Mec, com informações sobre a Guarnição de Bagé.

Ten Cel Antônio Carlos Esteves: Envolvido com suas obrigações de professor na AMAN e Diretor da Faculdade de Filosofia e sempre apoiando iniciativas da AHIMTB, em Resende.

Cel Carlos José Sampaio Malan: Concluiu a ESG sendo o encarregado da oração de formatura de sua turma. Cooperou na História da 3ª Bda C Mec, como Chefe da EM/6ª DE.

Cel Antônio Gonçalves Meira: Com ótimos artigos no Jornal **Ombro a Ombro** e sempre cooperando com a AHIMTB e divulgando seu precioso livro sobre Bandas Militares.

Cel Jardro de Alcântara Avellar: Bastante envolvido com a direção de seu colégio Pallas e socorrendo sempre o custeio das atividades da AHIMTB, com generosas quantias que envia.

Gen João Carlos Rota: Acaba de lançar seu romance **O Legado de Charlott** e dirigiu em Porto Alegre pesquisas para a exelente História do EB na II Guerra Mundial, em 8 volumes.

Cel Paulo Cezar Menezes: Tomou psse em Juiz de Fora na cadeira Dr. Eugênio Vilhena de Morais, por falecimento do professor Antônio Pimentel Winz. Organiza a Delegação de Juiz de Fora, que é muito promissora, inclusive com destacados civis estudiosos de História Militar.

Cel Manoel Cândido de Andrade Neto: Colaborando com excelentes artigos no Jornal Ombro a Ombro e apoiando com doação financeira generosa o custeio da AHIMTB.

João Ribeiro da Silva: Acadêmico atuante entregou a AHIMTB seu livro **O Homem Brasileiro** e em 5 de outubro de 2001 foi agraciado com Diploma do Mérito Cultural pela União Brasileira de Escritores e foi diplomado pela União Brasileira de Escritores como Alto Mérito Sócio Cultural. E sempre auxilia o custeio das atividades da AHIMTB.

Cel Luiz Carneiro de Paula: Presidiu duas mesas no Simpósio A Revolução Constitucionalista de São Paulo no IHGB em 11 e 12 de setembro e sempre enviando e.mail sobre temas históricos importantes a AHIMTB.

Cel Luiz Casteliano de Lucena: Pesquisou e produziu para o IME que editou seu trabalho muito oportuno **Breve História do IME**. É um dos coordenadores da Delegacia da AHIMTB no Rio.

Cel Paulo D' Artagnam M. Amorim: Tem apoiado como Diretor do Arquivo do Exército, pesquisas biográficas sobre comandantes de GUs do CML do Projeto História do Exército na Região Sul.

Cel José Fernando Maia Pedrosa: Tomou posse na AHIMTB, no Colégio Militar do Recife, inaugurando a cadeira historiador militar Gen João Pereira de Oliveira, natural de Sergipe.

Gen Domingos Ventura Pinto Junior: Tomou posse na cadeira Mal Mascarenhas de Moraes, em 23 de agosto no 1º BPE, com emocionante discurso e concorrida assistência. Em seguida lançou livro **História da Polícia do Exército Brasileiro**. Seu discurso de posse foi publicado na Revista Eletrônica da AHIMTB no site www.militar.com.br em História e no PRAN em Resende.

Gen Edival Ponciano de Carvalho: Atualmente participa no IME na direção da Fundação Ricardo Franco presidida pelo General Rubens Bayma Denys. **Marcelo Peixoto**: Sempre atuante, presente e reconhecido por suas colaborações históricas. Admitido na Confraria de Camaradas da Cavalaria, na Liga de Defesa Nacional, na Irmandade N. S. das Dores da PMDF e agraciado com a Medalha Avante Bombeiro e Colaborador Emérito da Associação de ex-alunos do CPOR/RJ. Inaugurou a cadeira especial DR José de Mirales. Apresentou a AHIMTB primorosos projetos de bandeira, medalha e fitas para a insígnia que estão sendo apreciada pela Diretoria.

Cadeiras acadêmicos especiais

Cel PM José Luiz Silveira: É o mais velho membro da AHIMTB onde representa a Brigada Militar. É veterano do combate de Serro Alegre em Piratini em 20 de setembro de 1932. Colaborou com apreciação como historiador em Santa Maria nas orelhas do livro História da 6ª Bda Inf Bld.

CMG Dino Willy Cozza: Atuando na Sociedade de Geografia do Brasil. Acaba de participar de Congresso de História Militar nos EUA.

Cel Pedro Paulo Cantalhice Estigarríbia: Enriquecendo a iconografia do Exército com suas belas pinturas. Elaborou para a 3ª Bda C Mec em Bagé óleo sobre o Marechal Patrício Correia da Câmara e entregue em 20 de agosto, n a hora do lançamento da História da 3ª Bda C Mec.

Cel Hermes B. Cruz: Atuante na Diretoria da Associação de Oficiais da Reserva da PMSP que cultua a memória daquela Polícia .Escreve ajudando a melhora racional da doutrina da PMSP.

Alte Arlindo Vianna Filho: Fez entrega a AHIMTB de dados biográficos de seu ilustre pai Cel Arlindo Vianna que se destacou como engenheiro militar em Itajubá , na Fábrica de Armas.

Cel PMRS Vidal S. de Barros: Sempre presente nas sessões da AHIMTB no Rio e agora estudando a Revolução Farroupilha na obra do Cel Bento - O Exército Farrapo e seus chefes.

Cel PMSP Edilberto Oliveira Mello: Preside superiormente a Associação de Oficiais da Polícia Militar de São Paulo e enviando a AHIMTB o jornal de sua Associação no qual sempre aborda aspectos históricos da PMSP.

Cel Affonso Heliodoro: Acadêmico ocupante da cadeira especial Cel Médico PMMG Juscelino Kubischek a que se ligou por fortes laços de amizade e evoca seu patrono no Boletim Informativo do IGHDF nº 7 e se destaca nas comemorações do centenário do construtor de Brasília.

Prof. Frederico Pernambucano de Mello: Assumiu cadeira especial que tem por patrono seu tio José Antônio Gonçalves de Mello. Até o presente tem a AHIMTB resposta das correspondências que e da insígnia que lhe foram enviadas.

Cel Humberto José Corrêa de Oliveira: Está distribuindo um folder sobre a importante obra que realizou sobre a História da Guerra Eletrônica, no Centro Integrado de Guerra Eletrônica em Brasília e prefaciada pelo patrono de cadeira na AHIMTB, Cel Art Ref Jarbas Passarinho.

Correspondentes

Ten Cel Antônio Cláudio Belém de Oliveira: Ora servindo na 5ª Sec do CMS. Colaborou com a AHIMTB nas obras da 6ª DE, 8ª Bda Inf Mtz e 3ª Bda C Mec. Prof. Odilon Nogueira de Mattos: Sempre enviando a AHIMTB sua preciosa revista que edita na PUC/Campinas e entre seus artigos está sendo de grande utilidade a relação de obras escritas sobre a Amazônia.

Gen Nialdo de Oliveira Bastos: Delegado em Campinas da Delegacia Mal Mário Travassos onde em ligação com a Escola Preparatória de Cadetes que comandou divulga estimula estudos de História Militar Terrestre do Brasil naquela guarnição.

Cel Rui Duarte: Sempre noticiando sobre atividades da AHIMTB em sua excelente e talvez única e original Coluna Social da Família Militar Brasileira Polainas e Charlateiras do Jornal Ombro a Ombro e redigindo o utilíssimo Informativo O Clarim do CML.

Cel Walter Albano Fressati: Continua dinamizando como presidente a SASDE que edita sob sua orientação a primorosa Revista SASDE que registra a futura História da 2ª DE e de suas unidades e tem divulgado trabalhos do presidente Cel Bento sobre os patronos no Exército.

Major Ângelo Pires Moreira: Sempre estudando e divulgando a História Militar Terrestre em Pelotas e demonstrando que o primeiro Estado - Maior no Exército Brasileiro foi instalado em Pelotas, em 1826, sob a chefia do General Henrique Brown.

Heloisa Assunção do Nascimento: A AHIMTB lamenta o covarde assalto de que foi vítima de parte de criminosos que invadiram sua casa e em sua presença realizaram roubos. Ela como esposa de militar conhece a História Militar de Pelotas e a divulga em jornais e livros.

Prof. Flávio Camargo: Foi co-autor do livro junto com o general Ventura, História da Polícia do Exército Brasileiro, lançado no 1º BPE em 23 de agosto, ocasião em que representou a AHIMTB na recepção, como acadêmico, do General Ventura. Coopera com o presidente no livro 2002 - Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário que prefacia, é autor da capa e o prepara para edição.

Ten PMSP Hélio Santos: Correspondente ora servindo no Timor Leste ,de onde envia informações para a AHIMTB do que lá acontece e que subsidiará livro histórico que foi encarregado de fazer. E temos certeza que será excelente! Sgt Carlos Fonttes. Escrevendo e ilustrando em Uruguaiana, as histórias de estâncias locais.

2º Sargento Nelson Soares: Correspondente no PDC, representou a AHIMTB na oração de recepção do primeiro correspondente estrangeiro o Sub Oficial Antonio Lucena E. do Carmo do Exército de Portugal. Contribuiu com dados biográficos complementares de alguns generais que comandaram as 2ª e 3ª Bdas C Mec e sobre o engenheiro construtor do QG da 6ª Bda Inf Bld.

Sub Oficial Antônio Lucena do Carmo: Escreveu Amazônia Brasileira, mitos, realidades e cobiça internacional, na Revista Boina Verde, nº 199 jan/mar 2002, em continuação a texto anterior no número 198. Tenta obter em Portugal para AHIMTB , para o livro História Militar Terrestre da Amazônia, dados mais amplos sobre Francisco Xavier de Mendonça Furtado e Lobo da Almada que lideraram de 1756 a 1761 a consolidação da conquista da Amazônia.

CT Alfredo Canellas: Correspondente junto ao site www.militar.com.br onde introduziu em História, a Revista Eletrônica de História Militar Terrestre da AHIMTB já bastante enriquecida com trabalhos de membros da AHIMTB. Contribuição relevante de valor crescente junto com a Internet.

CF Carlos Norberto Stumpf Bento: É o administrador do site da Academia. Está no momento realizando viagem no Navio Escola Brasil, como encarregado de navegação. Seu trabalho vem sendo executado em caráter provisório pela Resenet que hospeda o site. É contribuição relevante de valor crescente junto com a Internet. E vale a pena repeti-lo www.resenet.com.br/users/ahimtb.

Gen José Mauro Moreira Cupertino: Promoveu Simpósio Pensando o Brasil no século XXI, em Juiz de Fora , de 23 a 27 set como delegado da ADESG/JF.

Ten Alvino Brugalli: Publicando com apoio da Universidade de Caxias do Sul trabalho focalizando a figura do Duque de Caxias na Guerra do Paraguai. Aguarda ocasião oportuna para assumir cadeira como acadêmico da AHIMTB de que é o seu Delegado em Caxias do Sul.

Prof. Odilon Cezar: Dinâmico e incansável correspondente em Sorocaba, enviou a AHIMTB sua oração de posse na Academia Argentina de História onde homenageou o General San Martim. Preside o Instituto Histórico e Geográfico de Sorocaba e a SOAMAR/Sorocaba que envia seus excelentes informativos onde publica artigos como Lord Cochrane e Violência Instigada.

Acadêmicos Senior

Henrique Vasconcellos Cruz: Cursando Faculdade de História, participou da cerimônia de Posse do Gen Ventura no 1º BPE, explicando aos presentes em que consiste a AHIMTB.

Luiz Felipe Resende de Ávila: Participou da posse do Gen Ventura, representando o correspondente Flávio Camargo nos EUA na leitura da oração de recepção do novo acadêmico.

Esta é uma amostra, para julgamento se válida ,do que vem realizando a AHIMTB em apoio ao Objetivo atual do Exército relacionado com a sua História, Tradições e Valores.

PS: Solicita O Guararapes que os srs delegados enviem noticias dos integrantes de sua Delegacia.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Livros: Um estranho oficial de Infantaria, de José Marques da Cunha. O Homem Brasileiro, do acadêmico Cel João Ribeiro da Silva. **A Defesa Nacional**, diversos de Olavo Bilac. Cel Arlindo Vianna (conjunto de seus trabalhos doados pelo acadêmico Alte Esqd Arlindo Silva). Uma visita ao patrimônio do Exército de Portugal, do Coronel Rui Costa.(Trabalho precioso capaz de orientar esforço idêntico no Exército do Brasil) . E o Exército Brasileiro - Ontem, Hoje e Sempre, do acadêmico Davis Ribeiro de Sena.

Informativos e Revistas: Informativo do IEV, nº 134 a 140. Noticiário do IHGB, nº 158 a 166. Boletim do IHGSC, nº 44 a 53. Informativo IHG Paraibano, nº 110 a 112. Clarinadas da Tabatinguera, nº 130 a 139. Jornal do Grupo Independência, nº 43 a 48. NOTANF, abr/jun e jul/set 2002. Boletim da AN/FEB, fev. O Clarin, nº 48 a 51. Lança Partida, nº 27 a 30. O Encouraçado, nº 1. Revista do Clube Militar, nº 391 a 397. Notime, nº 23 e Informativo Cultural, nº 7. AMIR Resende, nº 67 a 70. Revista Unidade, nº 46 da PMRS. Notícia Bibliográfica e Histórica, nº 182, 183, 184, 185 e 186 (de responsabilidade do sócio correspondente em Campinas Odilon Nogueira de Matos, onde merece destaque no nº 182 seu artigo Estrangeiros que escreveram sobre a Amazônia); do correspondente J. E. O. Bruno, A Província Resende no nº 185 e , Inconfidência Baiana de Leda Boechat Rodrigues. Revista Hyloea 2001 do CMPA. Revistas da SASDE, todos o números e, a RIHGMT, v. 59 com artigo do presidente Cel Bento - Cândido Mariano Rondon, o guerreiro da paz.

DIVERSOS

-**Programa do Simpósio Pensando no Brasil da ADESG/JF**. Conferencistas: Gen Ex Alberto Mendes Cardoso - **A lei Moral no Estado Moderno**. Emb. Marco Henrique C Côrtes - O Panorama Geoestratégico no Limiar do Novo Milênio. Dr Reginaldo Arcuri - **Em tempo de globalização** : **O Comércio Exterior Brasileiro e os blocos regionais**. Professor Carlos Lessa. - **A Universidade Brasileira e a Questão Nacional.** Cel PMRJ Jorge da Silva -**Criminalidade Organizada x Sociedade Desorganizada**. Cumprimentos da AHIMTB ao seu ilustre correspondente General Cupertino, e seu ex Presidente de Honra que tanto a apoiou em Resende, por tão expressivo programa que imprimiu a ADESG/JB, como seu criativo Delegado.

-**História da 6a Bda Inf Bld -Brigada Cel Niederauer Sobrinho**. Será lançada no final de outubro, em Santa Maria ,como o 8 o volume editado pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil, dentro de seu Projeto História do Exército na Região Sul e de autoria dos coronéis Cláudio Moreira Bento(organizador) ,Luiz Ernani Caminha Giorgis e Mário José Menezes, o historiador da 3a DE- Divisão Encouraçada e com o concurso de outros membros da AHIMTB.

-**2002-Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário**. Este é título de livro a ser lançado pela AHIMTB este ano, de autoria do Cel Bento e a colaboração do correspondente Prof Flávio Camargo, que produziu junto com a acadêmico Gen Domingos Ventura Pinto Junior o livro História da Policia do Exército. O livro sobre Passo do Rosário aborda a opinião do Duque de Caxias sobre a batalha feita a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro de que era membro e aborda as marchas estratégicas dos exércitos para a Batalha e analisa os fatores da Decisão Militar Missão, Terreno, Inimigo e Meios na batalha deixando ao leitor a decisão sobre o resultado da Batalha: Vitória? Derrota? ou Indecisa? Biografa o Marechal José de Abreu, morto nesta batalha e reproduz o conto **Anjo da Vitória** de autoria do escritor regionalista Capitão da Guarda Nacional J. Simões Lopes Neto.Termina relacionando as fontes brasileiras e argentinas sobre a batalha para apoiar estudos futuros, no sentido da consolidação de conhecimentos de Arte Militar.

2003-Bicentenário de nascimento do Duque de Caxias em 25 de agosto. A AHIMTB lançará em 2003. obra de autoria de seu presidente Cel Bento, em homenagem ao Duque de Caxias, patrono da AHIMTB, a obra **Caxias e a Unidade Nacional**. Trabalho que atualiza expressivamente com novos dados surgidos desde 1940, dada da publicação da obra sobre Caxias do Gen Affonso de Carvalho, a biografia deste grande brasileiro, cuja obra transcende os limites do Exército. Esta obra, se possível financeiramente, publicará a iconografia relativa a Caxias num total de mais de 100 gravuras.

A AHIMTB já abriu lista de contribuições financeiras voluntárias de seus membros, a qual será publicada junto como o livro, reeditando esforço de amigos e admiradores de Caxias que em 1872, quando Caxias estava fora do poder e como Presidente da Confraria da Santa Cruz dos Militares foi atacado no tocante a seu comando na Guerra do Paraguai e, a sua defesa por seus amigos foi feita em livro. A Academia já tentou todos os caminhos para publicar a obra, sem conseguir patrocínio e inclusive pelo Senado, o qual o Duque de Caxias integrou por cerca de 30 anos representando o Rio Grande do Sul.

Assim resta a AHIMTB apelar para seus membros que podem enviar desde já uma contribuição financeira específica para que esta obra seja publicada. Apela a seus delegados que tentem obter doações inclusive fora dos quadros e elas serão registradas em livro próprio. Mas deve a AHIMTB vencer este desafio e diria : Custe o que custar! E conta com seus membros!

O trabalho esta pronto e será preparado para publicação que será efetivada depois de revisão, em curso, realizada por especialista contratado. E se a AHIMTB for bem sucedida no apoio que solicita a seus membros e no que for prestado por não sócios desejosos de colaborar -Vitória!

- **Os Arquivos da AHIMTB em ordem e em dia**. Em seus quase 7 anos de atividades a AHIMTB se orgulha de haver mantido em ordem em dia seus registros: Estão encadernados em mais de 30 volumes numerados e distinguidos por cores cada ano, as cerimônias de posses de seus membros; os documentos recebidos e expedidos; os exemplares de **O Guararapes**. Estão atualizados os seguintes livros: Doações financeiras, com doador, nºs da conta, banco, cheque e valor; Apoios diversos recebidos e com o nome do apoiador e descrição do apoio prestado; Livros registro de destino de insígnias, diplomas, nome do sócio, sua categoria e n o de seu diploma; Registro de balancetes aprovados pelo Conselho Fiscal; Livro registro dos Estatutos da AHIMTB em Cartório e livro de presenças em sessões da AHIMTB que registram todas as sessões realizadas. Cada sócio possui uma pasta suspensa onde se reúne a sua correspondência etc. O acervo da AHIMTB em obras sobre História Militar Terrestre é seletivo e muito expressivo e a ele se some arquivos relacionados com a História da AMAN e de Resende Muito foi feito por muito poucos, num espaço muito restrito que a AHIMTB não foi bem sucedida em seu esforço para aumenta-lo, em que pese trabalhar com afinco e resultados em apoio ao Objetivo do Exército relacionado com sua memória histórica, tradições e valores morais, culturais e históricos nem sempre entendidos e prestigiados. Seu site possui 13.000 visitas e a nossa luta continua! **Não esqueça, se puder, de envie sua contribuição financeira para o custeio da AHIMTB, em cheque nominal, de preferência, ou para a CC da AHIMTB, 5.926-9, BB, Agência 0131.**

Nº 36 – Jan/Mar 2003 – Cel Cláudio Moreira Bento

AHIMTB 7 ANOS DE LUTA EM APOIO AO OBJETIVO ATUAL DO EXÉRCITO RELACIONADO COM SUA HISTÓRIA, TRADIÇÕES E VALORES

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil foi por nós fundada em Resende, A Cidade dos Cadetes em 1º março 1996. Tem por fim desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares, Guarda Nacional, Voluntários da Pátria e de outras forças que as antecederam desde o Descobrimento.

Com sede na AMAN em Resende, mas de amplitude nacional, tem como patrono o **Duque de Caxias** e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares como os marechais **José Pessoa, Leitão de Carvalho, Tasso Fragoso, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco e gen Aurélio de Lyra Tavares.** Foram consagrados em vida alguns patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil.

Figuram como patronos os civis **Barão do Rio Branco, Dr Eugênio Vilhena de Morais Gustavo Barroso**, **Pedro Calmon** e **José Antônio de Mello Neto** pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil.

A Academia possui como órgão de divulgação o Informativo **O GUARARAPES** que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica por gerador da perspectiva e identidade históricas das **Forças Terrestres do Brasil** e, principalmente, pelo desenvolvimento de suas doutrinas militares. Divulgação que potencializa através de sua Home page –

http://www.resenet.com.br/users/ahimtb, já com cerca de 16.000 visitas e a pioneira entre as entidades do gênero no Brasil, onde implantou relação de seus membros, o Informativo O Guararapes, vários artigos e livros como as **As batalhas dos Guararapes** relacionadas com o Dia do Exército e **Caxias e a Unidade Nacional** relacionada com o Dia do Soldado. Possui a Revista Eletrônica sobre História Militar Terrestre do Brasil em História no site www.militar.com.br. No Portal Agulhas Negras do site www.resenet.com.br publica na coluna Caserna matérias de História Militar e farto material sobre as histórias da AMAN, de Resende e Itatiaia.

A diferença de história **critica** para história **descritiva** foi assim definida pelo rei e chefe militar da Prússia Frederico o Grande, ao assim corrigir o professor de História de seu filho.

"Não faça o meu filho decorar textos de História, datas e nomes como se ensina a um papagaio. Faça ele raciocinar e tirar conclusões do que lhe ensina na forma de lições que a História encerra."

Academia desenvolve pois a História militar crítica e não descritiva e em duas dimensões:

1ª clássica como instrumento de aprendizagem da Arte Militar com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas etc

2ª- com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que colocados à disposição das lideranças civis, da OEA e da ONU, estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Brasileira.

A Academia vem dando especial atenção à Juventude masculina e feminina estudando nos sistema de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e as atuais de historiadores militares terrestres e soldados terrestres e, além, tentar despertar no turbilhão da hora presente, no insondável 3 º milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e sobretudo estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação!. É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e a perspectiva históricas das mesmas e, além, as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas o que se impõe a uma grande nação, potência, ou grande potência do 3º Milênio**.**

No desempenho de sua proposta ela vem realizando sessões solenes junto a juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica(e Polícias Militares que vem progressivamente mobilizando e integrando em sua cruzada cultural e centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, junto a AMAN.

Complementarmente procura a Academia apontar aos jovens, seu público alvo, os homens e instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil e seus desdobramentos, com o apoio na análise racional e não passional de fontes históricas, integras, autênticas e fidedignas, que com grandes esforços garimpam ,ao invéz das manipulações históricas predominantes entre nós feitas por historicidas, fruto das mais variadas paixões ,fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. E se os jovens disto se convencerem e exercerem o seu espírito crítico será meia batalha ganha.

A Academia vem atuando em escala nacional com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de sócios e já possui em Brasília a Delegacia Marechal José Pessoa; em Porto Alegre a Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara; em Fortaleza a delegacia Cel José Aurélio Câmara; no Rio de Janeiro, a Delegacia Marechal João Baptista de Matos. Em Curitiba a Delegacia Gen Luiz Carlos Pereira Tourinho, em Campinas a delegacia Marechal Mário Travassos, em Caxias do Sul a delegacia Gen Morivalde Calvet Fagundes e, em Pelotas, a Delegacia Fernado Luiz Osório etc Em outros locais estabelece sócios correspondentes e em São Paulo na Polícia Militar a Delegacia Cel Pedro Dias de Campos na qual qual é cultuado a memória do General Miguel Costa, em verdade o comandante da Grande Marcha que passou a História por manipulação ideológica bem sucedida, de Coluna Prestes.

A Academia em seus 7 anos de atuação se orgulha das realizações concretizadas e ressalta os seguintes trabalhos em curso:

O desenvolvimento do Projeto História do Exército na Região Sul . Já publicou a História da 3ª RM em 3v, a do CMS, a da 6ª Divisão de Exército, a da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, a da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, a da 6ª Brigada de Infantaria Blindada e já dispõe em condições de publicar a da Artilharia da 6a DE. E já pesquisa a História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, As duas últimas previstas para este ano. E tem consciência da importância desta contribuição, talvez não percebida por muitos.

Já desenvolveu para a Escola de Estado- Maior do Exército para seu projeto de ensino a distância os compêndios integrados: Brasil Lutas Externas 1500-1945 e Brasil Lutas Internas até nossos dias .E este ano lançará **Amazônia Brasileira – a conquista, a consolidação e a manutenção 1616-2003** –**história militar terrestre da Amazônia,** que aborda as Lutas internas e externas que a envolveram e tudo na tentativa de ajudar a melhor orientar o esforço de defesa daquela estratégica área no insondável 3º Milênio ..

Em Lutas Internas na República ,consagrou a expressão coluna Miguel Costa/ Prestes.

Lançará em 2003 a obra **Caxias e a Unidade Nacional** ,comemorativa do bicentenário de seu patrono e também o do Exército e a **2002-175 anos da Batalha do Passo do Rosário** ilustrada com mapas coloridos didáticos.

Eis meus senhores e minhas senhoras uma síntese do perfil da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que tem contato com o apoio da FHE-POUPEX graças a sensibilidade histórica de seu presidente Gen Ex Clóvis Jacy Burmann.

PALAVRAS DO NOVO COMANDANTE DO EXÉRCITO

Enviadas pelo ilustre confrade acadêmico Cel Nilton Freixinho que foi chefe do cadete de Artilharia Francisco Roberto de Albuquerque, estatutariamente agora o 1º Presidente de Honra da AHIMTB, caso aceitar. E reproduzimos a seguir suas palavras ao assumir o Comando do Exército em 3 jan. 2003.

"Recebo o Comando do Exército Brasileiro com muita honra e indisfarçável orgulho.

Mas assumo, sobretudo, com humildade de quem não despreza a ousadia para mudanças, a disposição para a luta e, com o senso da realidade que não se aparta do otimismo, e se dispõe a enfrentar os desafios que se apresentarem.

Manter os planejamentos de longo prazo já realizados, no mínimo reforça o reconhecimento e o respeito ao General Gleuber, ele que imprimiu, com sua profícua gestão, um verdadeiro salto de qualidade à Força Terrestre.

Pelas responsabilidades que me guardam, tudo farei cumprir a magna missão de segurança, manter a soberania e a unidade nacional, bem como, garantir os poderes constituídos, a lei e a ordem.

A nossa tradicional origem e a histórica sintonia mantida com a sociedade brasileira que representamos em todas as camadas, impõem importantes atividades complementares.

A elas não faltará minha atenção. Com elas estará presente o braço forte com a mão amiga. Fraterna e operosa é a soma de esforços para o desenvolvimento social do nosso povo.

Envidarei esforços para continuarmos trazendo o futuro ao presente. Nele se constrói, com o trabalho solidário e intenso, o aparelhamento, o adestramento e a operacionalidade necessárias a um Exército que, no mundo moderno, acredita na estratégica de um poder dissuasório convincente.

Sob a égide do Ministério da Defesa o Exército caminhará, como sempre o fez, ombro-a-ombro, com suas co-irmãs Marinha e Força Aérea.

Vejo como auspiciosa a harmonia das vertentes política, diplomática e militar na busca da realização do objetivo comum de projeção do Poder Nacional.

Agradeço ao Excelentíssimo Sr Presidente da República e ao Excelentíssimo Sr Ministro da Defesa, pela confiança que em mim depositaram.

Nossa Instituição, disciplinada e ética, com o excelente capital humano que integra seus quadros, permanecerá caracterizada: pelos valores maiores que

exemplifica, pelo notável espírito de camaradagem que a fraterniza, pela aceitação das diferenças enriquecedoras da democracia e pelo respeito à dignidade do próximo.

Peço a Deus que me ilumine. Que eu possa colaborar com o Exército honrado, eficiente e respeitado, em sua trajetória de cumprimento do dever, animado pela chama da esperança e motivado pelo insubstituível e inquebrantável amor ao Brasil."

Ass: Gen Ex Francisco Roberto Albuquerque Comandante do Exército

A CASA DAS 7 MULHERES

(A História e a Fantasia)

Gaúcho natural da Serra dos Tapes onde se encontra a cidade de Piratini, e Canguçu, "o seu distrito de mais perigo e mais farrapo" durante a Revolução Farroupilha 1835-45 e, além, autor do livro **O Exército Farrapo e os seus chefes** em 1991, e outros sobre o assunto cabe-me fazer algumas considerações históricas sobre o magnifico filme **A Casa das 7 mulheres,** mini série da Globo que vem com traje de gala divulgando a Revolução Farroupilha, onde possui suas raízes a Republica Federativa do Brasil implantada há 114 anos.

A minisérie atende em seu miolo ou espinha dorsal até agora o desenvolvimento histórico da Revolução Farroupilha no Rio Grande do Sul Mas como teria dito seu diretor Jaime Monjardin ela possui 40 % de História e 60 % de Fantasia. Aproveitou um tema histórico e o vestiu de gala com toda a pompa e circunstância e de forma notável.

No tocante as fantasias ,como elemento notável para atrair os seus assistentes e passar-lhes o essencial da História ,usou recursos inexistentes na época .

Exemplos: O uso de lenços vermelhos e brancos pelos farrapos e imperiais, um costume que remonta a Guerra Civil na Região do Sul 1893-95. O cenário lindíssimo dos Aparados da Serra onde a revolução não chegou.

Luxo nas estâncias ,casas e igrejas incompatível com aspecto espartano das mesmas ,como o comprova a estância do Cristal do General Bento Gonçalves da Silva e hoje Parque Histórico estadual em sua memória.

Imperiais entrando a cavalo dentro de uma igreja quando os santos no Império eram mais respeitados que os próprios generais e a canção do Exército era a de N. S. da Conceição a sua padroeira. Era raro o uso de carroças e sim carretas. E não existiam carruagens que só aparecem em Pelotas por volta de 1865 **,** conforme registrou o Conde D'Eu, ao passar por ali ao final de sua **Viagem ao Rio Grande do Sul em 1865.**

Os Farrapos não possuíam uniformes conforme abordamos no livro citado e nem usavam bigodes. As casas não possuíam vidraças o que só apareceria mais tarde. Tanto que o Ministro de Fazenda Domingos de José de Almeida , mineiro de

Diamantina, levava em suas viagens em sua carretinha ,uma pequena janela com vidraças para instalar nos locais onde montava o seu escritório itinerante

Alias ele não foi ainda citado bem como os cariocas João Manoel Lima e Silva e José Mariano de Matos, os únicos oficiais com curso na Escola Militar do Largo de São Francisco.

E aos três se deve a idéia depois da vitória de Seival da proclamação da República Rio Grandense ,em 11 set 1836, em Campo do Menezes pela Brigada Liberal de Antônio Netto e composta de 4 esquadrões mobilizados em Piratini, Canguçu, Cerrito e Bagé .

João Manoel foi o primeiro general farroupilha e foi assassinado pelos imperiais em São Borja e de lá trasladado para Caçapava do Sul e ali violado seu túmulo e espalhados seus ossos pelos campos pelos imperiais. Era tio do futuro Duque de Caxias e cunhado do Coronel Corte Real.

José Mariano de Matos foi Ministro da Guerra Farrapo, vice presidente da República e seu presidente interino e autor do brasão farrapo e o adotado desde 1891 pela Constituinte Gaúcha. Ao fim da Revolução foi Ajudante General de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52 e terminou como Ministro da Guerra do Império em 1864. Ele figura na galeria de comandantes do 22º GAC de Uruguaiana como o seu primeiro comandante .

A minisérie exagerou nas tintas revolucionárias ao tratar do maior general do período o sorocabano General Bento Manoel Ribeiro que assim foi defendido por Osvaldo Aranha.

" Bento Manoel, o grande farroupilha foi até certo ponto a figura mais caluniada da nossa história. Não lhe compreendiam as aparentes variações e transigências . Não lhe perdoavam o monarquismo destoante do espirito da Revolução .Investigações mais profundas permitiram resgatar a verdadeira figura moral do soldado. Bento Manoel é um dos maiores tipos do Rio Grande. Guerrilheiro e soldado a sua fé de ofício não inveja a de ninguém. Lutou pelo Rio Grande sem nunca perder de vista a Integridade do Brasil "

Concordamos com Osvaldo Aranha e na **História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada** estamos abordando os argumentos com que ele justificou suas atitudes e que nunca foram ouvidos e considerados e abafados por esta quadro popular.

" Pode um altivo humilhar-se
pode um teimoso ceder,
pode um pobre enriquecer,
pode um pagão batizar-se
pode um avaro emprestar,
um lassivo confessar-se.
tudo pode ter perdão!
Só Bento Manoel não! "

Lamento a abordagem exagerada da figura de Bento Manoel pela minisérie, o que se reflete em seus descendentes que por ai se encontram , merecendo destaque o General Bento Ribeiro Carneiro Monteiro , hoje nome de um bairro no Rio e que como Chefe do Estado – Maior do Exército criou a célebre Missão Índígena da Escola Militar do Realengo (1919-1921).

Lamentamos igualmente a satanização da memória histórica do General David Canabarro que representou a Republica Rio Grandense na Paz da Revolução celebrada em condições honrosas pelo Barão de Caxias e que representou também a paz da Família Brasileira depois de 14 anos de lutas fratricidas que ameaçaram transformar o Brasil numa colcha de retalhos de republicas hostis entre si. Sua figura na minisérie não traduz a verdade histórica e potencializa injustiças contra ele cometidas e rebatidas como improcedentes pela História.

Não sabemos em que fontes a minisérie buscou apoio, pois não vi ela a isto referir-se a nenhuma delas o que me parece ético que o fizesse, como homenagem a todos aquele que com suas pesquisas possibilitaram os argumentos para Jaime Monjardin.

Em 1971 produzimos o livro **A Grande Festa dos lanceiros** focalizando a inauguração do Parque Histórico Osório em Tramandai e nele ,em razão de réplica do barco Seival ali colocado, resgatamos o feito épico do transporte dos barcos Seival e Farroupilha, da Lagoa dos Patos ao Atlântico .E junto as histórias de Garibaldi, Anita , e do norte-americano John Criggs, esquecido em seu real valor na minisérie e que atuou como construtor e comandante do barco Seival, em cujo comando encontrou a morte na batalha naval de Laguna.

Isto nos fez sugerir então, pela presença de Garibaldi, John Grigs e Anita, um consórcio cinematográfico Brasil, EUA e Itália para fazer um filme que hoje a minisérie esta fazendo com grande brilho

A novela e magnífica. As restrições correm por conta do tratamento injusto de Bento Manoel e David Canabarro na minisérie e em seu excelente trabalho não mencionar os dos historiadores que ajudaram indiretamente a fazer o seu trabalho.

E o que a Globo realizou é do agrado geral , menos para o descendentes dos generais Bento Manoel e David Canabarro apresentados como um homens sem caracter sem levarem em conta o quanto lhe devem a Unidade, a Soberania e a Integridade do Brasil e mesmo a expansão do Brasil no Sul de 1801 a 1828.

E por último: A Revolução Farroupilha conforme demonstramos no livro citado foi feita pela guarnição do Exército do Rio Grande a maior da época em apoio aos fazendeiros e charqueadores que integravam a Guarda Nacional que era comandada por Bento Gonçalves.

As 5 unidades do Exército que guarneciam a Província se revoltaram: 1 de Infantaria, 1 de Artilharia e 3 de Cavalaria em funç ão de traições ao Exército dos líderes liberais de 7 de abril de 1831 que inclusive mandaram para casa por ser estrangeiro o já herói em Passo do Rosário, Tenente Emílio Mallet ,atual patrono da Artilharia do Exército. Isto da a medida das insatisfações!

Bento Manoel e Bento Gonçalves eram oficiais de Estado Maior do Exército e vinham de comandar a Cavalaria de Rio Pardo e Jaguarão. Só o comandante do 2º RC de Bagé não se revoltou e o Ten Osório, hoje patrono da Cavalaria aderiu a revolução e conduziu seu comandante até a fronteira.

Sintetizando a minisérie satisfaz a História em sua espinha dorsal. Ressalto na Fantasia o esplendor de suas imagens. E na História ressalto gravuras da época de Porto Alegre e Rio Grande que conseguiram movimentar dando um impressão de realismo, acredito que por conta do gênio talvez de Hans Donner.

Vamos aguardar o que vem por ai e como será tratado Caxias historicamente na minisérie em seu bicentenário de nascimento .Caxias o Pacificador da Revolução Farroupilha e ao seu final pioneiro abolicionista ,ao assegurar por sua conta e risco, liberdade ao escravos lanceiros negros, os incorporando á Cavalaria do Exército do Rio Grande.

E levando em conta que Congresso Nacional assim homenageou o Patrono do Exército e da nossa AHIMTB e seu membro como senador pelo Rio Grande do Sul por 30 anos.

"O Vice-Presidente da República, no exercício do cargo de Presidente, sancionou no dia 28 de janeiro decreto do Congresso Nacional, de autoria do Senador Maguito Vilela (PMDB-GO), que homenageia Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro.

Pelo decreto, o Duque de Caxias terá seu nome inscrito no "Livro dos Heróis da Pátria", que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia, em comemoração ao bicentenário de seu nascimento..(Artigo do presidente da AHIMTB)

MILITAR, CASTA E PRIVILÉGIO

Freqüente é julgar-se o militar, entre nós, ora como casta e ora como desfrutador de privilégios. O nosso Aurélio define casta como "camada social hereditária e endógama".

É evidente que não tem cabimento falar de casta militar. Os postos não passam de pai para filho e casamos normalmente fora da família militar.

Privilégio, ensina novamente o Aurélio, é: "vantagem que se concede a alguém com exclusão de outrem e contra o direito comum".

Ingressei na Escola Militar do Rio de Janeiro, em 1941, por concurso universal.

Era vigente a legislação (da era Vargas) que proporcionava aos civis e militares, por serem prestadores de serviço à comunidade, diferente da natureza do emprego de ordem pessoal, duas vantagens: estabilidade e aposentadoria integral pelo Tesouro.

Escolhi a profissão das armas por vocação militar, onde jamais se fica rico, mas teria as vantagens citadas.

Almeida Garrett chamava o dinheiro de "excremento do diabo". Esse pode ser tentado na vida privada, na gangorra entre a riqueza e a pobreza, regra implacável do mercado.

O poeta Alfred de Vigny consagrou no livro **Servidão e Grandezas Militares** a natureza da vida castrense. As grandezas eram as vantagens que a União me concedia, porém sem "exclusão de outrem ou contra o direito comum", pois obtidas mediante concurso aberto a todos.

Em compensação nunca tive vantagens pertinentes a outras profissões, quanto a direitos políticos e civis.

Nesse sentido, militar é meio - cidadão. Não tem sindicato, não pode fazer greve, postular direitos, integrar partidos políticos. Não lhe é devido pagamento de horas extras ao trabalhar 24 horas/dia no adestramento em manobras, ou no serviço em campanha de longa duração, durem o tempo que durarem e sob quaisquer condições meteorológicas.

Não sabe o que é descanso semanal remunerado nem folga após plantão de 24 horas de oficial de dia.

Vantagens que não lhe cabem, peculiares ao trabalhador assalariado, justas, decorrentes do neocapitalismo que amenizou o capitalismo selvagem.

Convive permanentemente com o risco de vida. Perdi colegas mortos por acidente em exercícios de tiro real e na Aeronáutica, precário ou inexistente o apoio terrestre.

Voei centenas de horas, nos Catalinas da FAB, desprovidos sequer de cinto de segurança, ao inspecionar 11 mil quilômetros da fronteira amazônica. Num acidente, faleceram a tripulação e todos os acompanhantes.

Servindo em tempo integral e dedicação exclusiva, não podia receber qualquer remuneração estranha ao Exército, mesmo por trabalho intelectual.

Por necessidade do serviço fui transferido várias vezes, com prejuízo da família, especialmente dos filhos, dada a descontinuidade na educação.

A carreira castrense exige uma formação continuada, graduação, aperfeiçoamento obrigatório, novo concurso para aspirar ao serviço de Estado-Maior e ao topo da carreira, apenas uma expectativa, pois sem direito assegurado a ser general, porque se trata de escolha pessoal dos presidentes da República.

O Exército ensinou-me o domínio da vontade, para superar a dor e o desconforto, e o sacrifício pessoal no cumprimento do dever.

Cedo, como tenente, vivi a angústia do conflito entre o dever e a devoção à família. A convulsão política, em 1945, encontrou-me no Rio de Janeiro, no Grupo de Obuses de São Cristóvão, em rígido regime de prontidão rigorosa. Nada poderia

afastar-me do quartel. Morávamos, minha esposa e eu, numa pensão familiar em Ipanema, aluguel compatível com meus parcos vencimentos.

Infelizmente, ela, certo dia, entrou em processo de aborto espontâneo. Não pude ausentar-me do quartel. Perdeu ela aquele que seria o nosso primeiro filho amparada na solidariedade de outros moradores na pensão e de um médico de ocasião. Eis um perverso "privilégio" de mulher de militar... "Privilégio odiento", diz-se do militar, viúvo, deixar para as filhas a pensão para a qual contribuiu.

Pago há 57 anos obrigatoriamente a contribuição. Se, ao revés, houvesse aplicado em um plano de capitalização, do meu saldo poderia fazer o que quisesse, em respeito apenas às normas que regulam herança e seria muito maior do que deixarei às minhas filhas.

Antes de a FEB retornar da Itália, a União não entrava com qualquer contrapartida, ao contrário dos fundos de pensão, que sempre receberam contribuição do empregador. A legislação de amparo aos "pracinhas" civis e as pensões especiais desequilibraram o custeio antes auto-suficiente, obrigando a União a contribuir Passamos a pagar mais para ajudar a cobrir o déficit decorrente da generosidade parlamentar.

Nisso reside um "privilégio odiento" dos militares. Não comparo remuneração de profissões de natureza e obrigação diferentes. Resigno-me ver que um general, após 45 anos de serviço e toda uma longa educação continuada, feita por concursos, percebe vencimentos pouco superiores aos de um juiz de início de carreira, ou de um recém- nomeado delegado federal de polícia, ou bem menos do que recebe um jovem deputado de 21 anos de idade no seu primeiro mandato.

A verdade é que o Estado quebrou. Confesse-se isso, em vez de expor à cizânia dos trabalhadores assalariados os que, fardados ou à paisana, lhe servem lealmente. Não mais suportou o peso das vantagens que assegurava, conferidas desde Getúlio Vargas.

Impotente, o Estado criou a contribuição antes inexistente para a aposentadoria, que o militar inativo também paga, com 9,5%, para a pensão e o serviço de saúde, que não lhe presta serviço totalmente gratuito.

Que é imperativo reformar a Previdência, não há dúvida, mas não se faça do militar o bode expiatório. Ou se considere, de vez, desnecessárias as Forças Armadas." **Jarbas Passarinho** (Cel Art Ref do Exército , Escritor - Ex-governador - Ex-senador , ex ministro da Educaçãp, do Trabalho e da Justiça e patrono em vida e muito atuante de cadeira na Academia de História Militar Terrestre do Brasil.)

PREVIDÊNCIA UNIFICADA ?

Sintetizando as palavras deste grande brasileiro uma comissão de oficias inativos das Forças Armadas penso haver reduzido o seu pensamento da forma a seguir para divulgação e mais fácil entendimento a quem interessar possa.

Lembrar aos que sonham ser possível unificar a previdência , de que os militares são carreira de Estado e sem direito de:

Cobrarem por horas extras de trabalho; Escolherem o local onde queiram residir;- Acumularem diversos empregos com diversas remunerações; Fazerem greve; Exigirem condições mínimas de conforto nos trabalhos que lhes possam ser exigidos; Sempre regressarem a seus lares após um dia de trabalho; Terem um horário fixo de trabalho; Não terem que ser submetidos a provas de preparo físico e de competência profissional para que prossigam em suas carreiras; Alegarem impossibilidade de residir em outras cidades pelo fato de seus filhos perderem todos os seus amigos de infância; Escolherem o local onde seus filhos passarão sua infância;

-Não trabalharem, caso não sejam remunerados, no Natal, no Carnaval, na Semana Santa e em todos os demais feriados; Filiarem-se a partidos políticos; Fazerem parte de indicatos;

Não terem mais a possibilidade de serem reconvocados ao seu antigo emprego depois que se aposentam; Não receberem ordens e não dever obediência a quaisquer outros que tenham ingressado no emprego anteriormente; Estarem isentos da pena de morte em caso de traição aos interesses do País em situações de guerra; Trajarem-se como queiram; Correrem riscos ou preservarem suas vidas em situações de perigo; Receberem o FGTS quando se aposentam; e - Não contribuírem mais para a previdência quando já estiverem aposentados etc.

DADOS HISTÓRICOS SOBRE A AUSÊNCIA DE PREVIDÊNCIA MILITAR

Da **Revista da Escola Militar da Praia Vermelha** concluímos o seguinte sobre o que havia motivado a criação figura do Engenheiro Militar em 1874, cuja finalidade foi deturpada gerando a figura do bacharel militar e do bacharelismo militar 1874-1905 que tirou a prioridade do profissionalismo militar. Fato de tão graves prejuízos para o Exército, ao ponto de reduzir entre 1874 e a Guerra de Canudos, a operacionalidade do Exército a níveis inferiores aos da Guerra do Paraguai. Operacionalidade que só começou a ser resgatada a partir do Regulamento de Ensino do Exército de 1905 que começou a ser implantado na Escola de Guerra de Porto Alegre de 1905/11, a qual formou uma geração de chefes, conforme registramos em Escola de Guerra de Porto Alegre **In: Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas do Brasil.** Chefes que levaram a efeito a conclusão da Reforma Militar 1898/1945 que elevou os padrões de operacionalidade do Exército,da Guerra de Canudos aos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) onde esta força fez notável figura, ao lutar lado a lado ou contra representações dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa na 2ª Guerra Mundial.

Segundo se conclui da citada revista, desde 1816 e ate o fim da Guerra do Paraguai os militares de terra viveram combatendo constantemente em lutas internas e externas, como nas Guerra contra Artigas 1816 e 1820; nas guerras da Independência 1822/24 (Cispaltina, Bahia, Maranhão, Piaui e Ceará); na Guerra Cisplatina 1825/28; na guerra contra Oribe e Rosas 1851/52; na Guerra conta Aguirre 1864 e Guerra do Paraguai 1865/70 tendo ao meio as lutas internas da Regência 1831/1845 (Cabanagem no Pará, Balaiada no Maranhão, Cabanos em

Pernambuco e Alagoas; Sabinada na Bahia; revoluções liberais de São Paulo e Minas Gerais em 1842 e a Revolução Farroupilha 1835/45 no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. E tudo para consolidar a nossa Independência, a nossa Unidade, a nossa Integridade e a nossa Soberania.

E isto implicou em os militares serem rejeitados como bons partidos para casamentos por representaram ausência prolongada dos seus lares, viuvez e orfandade potencial, sem a cobertura de previdência militar que só começou a funcionar na Guerra do Paraguai e, a militar privada na Irmandade Santa Cruz dos Militares, e com previdência só para militares da cidade do Rio de Janeiro.

Para tentar reverter este quadro social foi criada a figura do Doutor Militar formada em Engenharia e Ciências Física e Matemáticas para conferir aos oficiais um título de doutor para melhor se apresentarem socialmente.

A medida visava, em teoria, a valorizar socialmente o oficial e a melhor desenvolver a capacidade operacional do Exército. Na prática, provocou a decadência operacional do Exército ao dividir os oficiais em duas classes, os bacharéis ou doutores e os tarimbeiros. Os últimos os profissionais militares como o entendemos hoje e vítimas de preconceitos pelos bacharéis que dominaram o Exército e aos quais competia o desenvolvimento da doutrina militar na Congregação da Escola Militar da Praia Vermelha o que não fizeram além de introduzirem no Exército a agnóstico Positivismo, a Religião da Humanidade.

Os bacharéis passaram a preferir em Sociedade o título de doutor ao invés do posto e voltarem se para atividades estranhas ao adestramento militar para a defesa nacional E os tarimbeiros, os profissionais uma espécie de baixo clero da oficialidade, enfrentando toda a sorte de dificuldades e preconceitos.

A criação do Clube Militar trazia em bojo o ideal de ali se criar uma previdência militar privada para seus associados o que foi defendido por Benjamin Constant. Luta que com este ideal foi desaguar na Proclamação da República.

E de lá para cá foram uma série de conquistas, algumas já revogadas como a promoção aos postos superiores ao passar para a Reserva e agora revogação deste beneficio e de outros.

SALA HISTÓRICA DO CASARÃO DA VÁRZEA

O Colégio Militar de Porto Alegre inaugurou em 20 de nov. 2002, às 10:30 horas a sala Histórica do Casarão da Várzea (CMPA) local destinado a preservar e divulgar a História do CMPA e das escolas militares que o precederam e do ensino militar no Rio Grande do Sul. Possui um Conselho Curador integrado pelos seguintes membros da AHIMTB e IHTRGS, coronéis Luiz Ernani Caminha Giorgis e Leonardo Araújo e mais pelo membro do IHTRGS Cel Benfatlo. Os quadros da histórica pinacoteca do CMPA foram restaurados pela Sra Alice Pratle. **A Revista Hyloea** esta sendo degitalizada. Nesta Sala Histórica a Delegacia da AHIMTB e o IHTRGS possuem seu PC recuado.

Nº 37 – Abr/Jun – Cel Cláudio Moreira Bento

CAXIAS NA CONTROVÉRSIA DA SURPRESA DE PORONGOS

Em 29 de março de 2003, às 12.30, no programa da RBS, A Ferro e fogo, em Porto Alegre, sobre a Revolução Farroupilha, o antropólogo da Pontifícia Universidade Católica, e homem da gloriosa raça negra, Sr Iosvaldir Carvalho Bittencourt, ressuscitou a controvérsia que parecia haver transitado em julgado na História, de que a surpresa do Exército Farrapo em Porongos, em 14 nov 1844, no atual município de Pinheiro Machado, foi o resultado de uma traição de Canabarro e alguns de seus oficias à causa farroupilha, em combinação com o Barão de Caxias e Chico Pedro. Ressurreição apoiada em falso ofício (ou forjicado) que teria sido dirigida pelo Barão de Caxias ao Tenente Coronel GN Francisco Pedro de Abreu, (Chico Pedro)comandante da Ala Esquerda de seu Exército, baseada em Canguçu, desde agosto de 1843.Perguntando ao Sr. Iosvaldir o amparo de sua afirmação, à grande e atenta audiência do programa A Ferro e fogo, informou haver buscado apoio no escritor Mário Maestri em sua obra, O Escravo Gaúcho Resistência e Trabalho. Porto Alegre: Ed. da UFRGS,1993, que aborda o ofício para nós forjicado, bem como para vários historiadores gaúchos, como Alfredo Varela, em sua História da Grande Revolução. Porto Alegre: Ed. Globo, 1933 p. 255-259; Othelo Rosa, ao biografar Canabarro na RIHGRGS, 3 trim. 1934, p.248; O Major João Baptista Pereira na RIHGRGS, 1 e 2 trim, 1928 p. 34-47; Alfredo Ferreira Rodrigues, em Canabarro e a surpresa de Porongos no Almanaque Literário e Estatístico do RGS 1899. p. 215-272; Assis Brasil, em História da República Rio Grandense,1887; Walter Spalding, em Canabarro mestre de brasilidade. RIHGB, v.197, 1947, p.3/62; Hentique Oscar Wiedersphan em Convênio de Ponche Verde. Porto Alegre EST/SULINA/Universidade de Caxias do Sul, 1980, p.67/79, em que fez um retrospecto sobre o problema Porongos e, mais Ivo Leites Caggiani em David Canabarro de tenente a general. Porto Alegre: Martim Livreiro,1993, além dos não gaúchos como o Dr Eugênio Vilhena de Moraes, o grande biógrafo de Caxias, Pedro Calmon e o General Augusto Tasso Fragoso, em A Revolução Farroupilha .Rio de Janeiro:BIBLIEx,1939.p.271 e, mais nós, em O Exército farrapo e os seus chefes. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1992, p.127/136, bem como em O Negro e seus descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: IEL,1975 e Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul. Porto Alegre:IEL,1975.Os os dois últimos premiados em 1 o e 2 o lugares, em Concurso Nacional sobre o Biênio da Imigração e da Colonização do Rio Grande do Sul, sendo O Negros e descendentes ... prefaciado pelo deputado federal Carlos Santos, ilustre descendente da raça negra, como o foram o Coronel José Mariano de Matos e o é o Dr Alceu Colares que governaram interina ou efetivamente, caso do último, os destinos do povo gaúcho. José Mariano de Matos, que na Constituinte, em Alegrete, apresentou um projeto de Abolição da Escravatura na República Rio Grandense.

O ofício forjicado sobre Porongos, acusando de traição Canabarro e outros valorosos chefes que com ele estavam em Porongos, foi arquitetado por Chico Pedro depois da surpresa de Porongos e levado a efeito por um major seu subordinado que o forjou e falsificou a assinatura de Caxias. Falso ofício que foi por Chico Pedro mostrado a um radical farroupilha e este mordeu a isca ao acreditar na sua veracidade, e em seguida fazendo algumas cópias do mesmo, e as enviando,

entre outros a Bento Gonçalves e a Domingos José de Almeida, ao que hoje se sabe. Ofício que não teve efeito sobre a surpresa de Porongos, pois foi forjicado depois dela, como uma ação diríamos hoje, de Guerra Psicológica, para abalar a liderança de Canabarro no seio do Exército Farrapo, por ser considerado o único capaz de prolongar o a Revolução, o que Chico Pedro conseguiu em parte. E isto o demonstraram Felix Ajambuja Rangel, comandado de Chico Pedro e o seu cunhado Manuel Patrício de Azambuja, em depoimentos, repetimos, publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 1º e 2º trimestre,1928.

Mas, em 1937, o riopardense, Major Deoclécio de Paranhos Antunes, recebeu do Cel Jonathas Rego Monteiro, o fundador do atual Arquivo Histórico do Exército, em 1934, a missão de copiar os Ofícios de Caxias que se encontravam no arquivo do Museu Júlio de Castilho, na Seção Histórica, sobre a responsabilidade do Dr. Eduardo Duarte.

Ofícios copiados e publicados na série Primeira Exposição Geral do Exército, na administração do Ministro da Guerra General Canrobert Pereira da Costa, e sob o título:

Ofícios do Barão de Caxias 1842-1845. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1950.

O Major Deoclécio representava o Instituto de Geografia Militar do Brasil (IGHMB), na Comissão de três membros que organizou a citada Primeira Exposição Geral do Exército. E na página 148, ao final do ofício forjicado escreveu:

"Nota Importante do Copiador: Este oficio deve ser criteriosamente analisado. Há quem tenha dúvidas a respeito de sua autenticidade. No livro 171 do Museu do Estado, ele esta deslocado. Isto é, foi copiado na última página do mesmo p. 249, enquanto o oficio que trata da parte de combate dos Porongos esta na página 201. O oficio a que se refere Caxias, de 28 de outubro, contendo o mesmo assunto, não foi possível descobrir. Este oficio talvez elucidasse o assunto. Vide o que diz a propósito Alfredo Ferreira Rodrigues no Almanaque do Rio Grande do Sul de 1901. A defesa de Alfredo Ferreira Rodrigues de Canabarro me parece fraca. Julgo o documento legítimo, pois Francisco Pedro não teria nenhuma conveniência em divulgar um documento que lhe tiraria todas as honras de uma estrondosa vitoria, como foi julgada a surpresa de Porongos."

Julgo apressada e imprudente esta conclusão de autenticidade e fidedignidade do documento e da inconveniência de Chico Pedro em não divulga-lo, pois isto não aconteceu em realidade e a divulgou bastante, como o arquiteto de sua forjicação, como se verá, com apoio em depoimento, seguir de Felix de Azambuja Rangel, segundo Wiedrsphan no citado Convênio de Ponche Verde, p.71.

" Após a surpresa de Porongos, perto da Quinta do Bibiano estando Chico Pedro acampado no Pequeri, disse ao seu Major de Brigada João Machado de Moraes - És capaz de imitar a firma de Caxias! Respondeu-lhe: A letra é boa e talvez eu possa imitar ! Pois vamos fazer uma intriga contra Canabarro. Pois este homem é o único que pode ainda sustentar a Revolução, portanto vamos fingir um ofício de Caxias para min, dizendo que no dia tal ataque de Porongos, mais ou menos, vá atacar Canabarro e derrotá-lo, visto haver entre ele, Barão de Caxias e oficiais de Canabarro um convênio. Esta intriga foi devido a dizerem os republicanos que Canabarro era um traidor. E assim este distinto general republicano passou a traidor, o que é uma grande ofensa ao seu ilibado caráter e imorredoura memória".

O citado Felix Azambuja Rangel mencionou que Chico Pedro encontrando-se com Caxias em Piratini, mostrou o citado oficio que ditou em Pequeri, no que Caxias aprovou e mandou tirar pelo seu Secretário a cópia que assinou, entregando-a de novo a Francisco Pedro. E, este, ao passar pela casa de Manoel Rodrigues Barbosa, mostrou tal oficio. Este republicano extremado, exaltou-se, chamou Canabarro de traidor e pediu a Chico Pedro para deixar-lhe o ofício afim de copiá-lo. Logo que se retirou Francisco Pedro, Manoel mandou fazer diversas cópias e remeteu uma delas a Bento Gonçalves..."

Manuel Patrício de Azambuja, cunhado de Felix Azambuja Rangel, informou que "ouviu Chico Pedro (seu parente próximo), seu comandante, dizer: Produziu bom efeito a bomba que lancei no meio dos farrapos...

E na Quinta do Bibiano eu soube da trama, por Chico Pedro, do falso oficio e imitação da assinatura de Caxias... Em caminho, Felix Rangel expôs-me reservadamente parte do que fica dito e mais tarde me disse o próprio Barão de Jacuí, o Chico Pedro"

E prossegue "É que Canabarro era único chefe republicano que realmente tinha verdadeiro prestígio para manter por mais algum tempo a luta, por isso bem compreenderam Caxias e Chico Pedro inutiliza-lo, indispondo-o com os outros generais e seu Exército, o que conseguiram com artificioso plano." (WIEDRSPHAN, Convênio de Ponche Verde p. 72/73). Chico Pedro, chefe militar notável e que admiro como soldado, omitiu este fato em suas Memórias publicadas na RIHGRGS,1921. Qual seria o motivo?

Sobre a assinatura por Caxias do forjicado oficio em Piratini, o historiador local, David de Almeida negou que Caxias tenha lá estado, quando a isto fiz uma referência.

Admitido que a carta foi forjicada por Chico Pedro e assinada depois de Porongos por Caxias, ela não teve interferência nos resultados de Porongos e nas conseqüências para a Infantaria constituída de soldados negros, segundo o que Mário Maestri abordou em seu citado livro e no que se apoiou o antropólogo da PUC Sr Iosvaldir para afirmar que Canabarro e Caxias combinaram a surpresa de Porongos, para matar os soldados negros da Infantaria.

Mário Maestri deu crédito ao ofício forjicado e conferiu a Caxias, em seu comentário, uma atitude racista, que não encontra amparo na vida e obra do maior do nossos generais, ao acreditar que Caxias tenha ordenado, "poupe sangue brasileiro quanto puder, particularmente da gente branca da província ou índios". Assim ficava claro que deveria matar os negros da Infantaria. "E prossegue Mário Maestri "E os corpos dos 100 guerreiros negros farrapos, não deixavam dúvida da identidade que unia chefes imperiais e farroupilhas no medo e no ódio aos seus trabalhadores negros."

A propósito de Mário Maestri recordo que escreveu no DO Leitura (12/141 fev 1993,p.10) do Diário Oficial de São Paulo que nosso livro O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul e o do professor Fernando Henrique Cardoso eram os mais completos e os mais sérios sobre o negro no Rio Grande do Sul. E que nós não havíamos subordinado nossa obra a nenhuma linha ideológica e, sim, resgatado documentalmente, pela primeira vez, a presença do negro no processo histórico gaúcho. E neste trabalho levantamos, exaltamos, glorificamos e trouxemos a público a existência dos Lanceiros negros farrapos que figuraram com justo destaque na minisérie A Casa das sete mulheres. Assunto sobre o qual abastecemos, a seu pedido, o correto e ético ator Douglas Simon que representou bem o personagem Cel Joaquim Teixeira Nunes, a maior lança farrapa, no dizer do General Tasso Fragoso e que comandou os bravos lanceiros negros que Caxias,

pioneiro abolicionista, os incorporou, como livres, com a paz de Ponche Verde, à Cavalaria do Exército no Rio Grande do Sul . Lanceiros negros que , em justo tributo as suas memórias, que me orgulho de haver despertado nos gaúchos e brasileiros, foram exaltados tardia, mas de forma comovente com o seu líder Teixeira Nunes, por terem salvado a Republica Rio Grandense de total falência em Porongos, conforme tratamos em o citado, O Negro e seus descendentes ...sob o titulo Os Lanceiros Negros que salvaram a Revolução Farroupilha em Porongos(p.172/173).

Lanceiros Negros que também estudamos na 3ª parte de nosso citado, Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS . Talvez se o antropólogo Sr Iosvaldir tivesse lido estes livros não teria feito as colocações caluniosas sobre o Duque de Caxias, dando a idéia aos gaúchos de se tratar de um racista .Mas o que fazer ? Ele lançou na ventania penas de centenas de sacos, que a semelhança da calúnia, que ele potencializou, jamais poderão ser reunidas. E faço estas colocações por dever de justiça na voz da História ,por Caxias ser o patrono da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que presido e também o autor de obra a ser lançada breve, Caxias e a Unidade Nacional, patrocinada por brasileiros membros e amigos desta Academia e admiradores de Caxias, inclusive um soldado de Portugal.

Ivo Caggiani em David Canabarro de Tenente a General. Porto Alegre Martins Livreiro - Editor, 1992 escreveu:

"Ainda que estivessem em andamento as negociações de paz, a grande preocupação de Caxias era realmente David Canabarro a quem nunca conseguira vencer " e, completaríamos a que nunca Chico Pedro conseguira surpreender!

E que Caxias escreveu ao Ministro da Guerra Jerônimo Coelho.

"E sem dúvida a primeira vez que Canabarro é surpreendido, o que até agora parecia impossível por sua continua vigilância!"

Deste ofício forjicado, publicado como autêntico pelo Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, como informou, o Sr Mário Maestri ,existiram cópias que circularam entre os farrapos e produziram seus efeitos de Guerra Psicológica, sendo uma encontrada por Alfredo Varela na documentação de Domingos José de Almeida e outra com os filhos de Bento Gonçalves. Hoje face a este contraditório ninguém acredita na autenticidade deste ofício e que Canabarro teria sido um traidor.

E a própria minisérie, A Casa das Sete Mulheres, não alimentou nos gaúchos esta convicção expressa na RBS no programa A ferro e fogo, pelo convidado antropólogo Sr Iosvaldir Carvalho Bittencourt, reservista do 18º BI Mtz e que concordou com nossa tese de haver sido o Barão de Caxias pioneiro abolicionista na Paz de Ponche Verde, em D. Pedrito. Pacificação que a Casa das Sete Mulheres apresentou honrosa, comovente e com pompa e circunstância. Estavam junto com Canabarro na surpresa de Porongos os generais Antônio Neto, João Antônio da Silveira, coronéis Lucas de Oliveira, Felipe Portinho e Teixeira Nunes e o Ministro Vicente da Fontoura dos quais jamais se ouviram desconfianças de lealdade e do valor de Canabarro.

E a Teixeira Nunes e a seus lanceiros negros esta muita a dever a República Rio Grandense, por terem evitado, ao custo de muitas de suas vidas, numa luta desigual a Republica continuar operando com um exército que em pouco se refez e atingiu cerca de 1000 homens sobre o rio Jaguarão.

Sobre o assunto escrevemos em O Exército Farrapo e os seus chefes

Canabarro ao assumir o Comando- em- Chefe do Exército da Republica, em agosto de 1843, manteve a sua tropa em movimentação e atividade constantes, através da Guerra de Guerrilha (A Guerra a gaúcha). Segundo o General Morivalde Calvet Fagundes em sua História da Revolução Farroupilha p.201.

"Canabarro sustentou por 16 meses a Guerra de Guerrilha. Foi mais de um combate por mês. Caxias o perseguiu por 38 léguas, através de toda a fronteira sudoeste sem conseguir um encontro com Canabarro, que tentava repetir a tática vitoriosa contra General João Paulo dos Santos Barreto, em 1841, famoso engenheiro militar.

Em 14 nov 1844, Canabarro foi surpreendido em Porongos por Chico Pedro. Esta surpresa foi por longo tempo discutida pelos farrapos. Fomos ou não traídos em Porongos ?

Lamentamos que a RBS, em A ferro e fogo, no ano do bicentenário do Duque de Caxias, tenha propiciado este absurdo de potencializar uma calúnia contra o maior de nossos generais, assim definido por Alfredo de Taunay, a beira de seu túmulo, no sepultamento de Caxias, na qualidade de representante do Exército:

"Só a maior concisão, unida a maior singeleza e que poderá contar os seus feitos! Não há pompas de linguagem! Não há arroubos de eloqüência capazes de fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza."

Capistrano de Abreu, grande historiador do Brasil, assim interpretou os sentimentos do Exército Brasileiro, ao saber que o Duque de Caxias havia dispensado as honras militares:

"O Duque de Caxias dispensou as honras militares! Acho que ele fez muito bem! Pois as armas que ele tantas vezes conduziu à vitória, talvez sentissem vergonha de não terem podido libertá-lo da morte !"

Caxias tem sido grande vítima da manipulação da História. Manipulações que abordamos e rebatemos em artigo Caxias vítima da manipulação da História publicado na Revista do Exército,v.127,out/dez1980; no Letras em Marcha, jul/ago 1993 e na Folha Popular de Santana do Livramento de 25 ao 1990 etc, e o publicaremos ampliado em nosso livro Caxias e a Unidade Nacional, comemorativo de seu bicentenário pela AHIMTB de que é patrono.

Não sei para onde, parte expressiva da Mídia quer levar a identidade e perspectiva históricas do povo brasileiro, promovendo monólogos, sem o contraditório, e manipuladores irresponsáveis de mentes, ao invés de promover um Projeto Verdade. Pois não estão ouvindo os historiadores, como se eles não se existissem e, num desrespeito e invasão ditatorial de suas funções sociais, como os mestres dos mestres, os mestres da vida, a se concluir da expressão hoje incorporada ao popular, "A História e a mestra das mestras, a mestra da vida! História que no Brasil, segundo o historiador gaúcho Luiz Flodoardo da Silva Pinto, vem sendo usada no Brasil como "A Maestra da calúnia e da mentira." Enfim é preciso que a Mídia do Brasil atue no sentido de unir e não dividir almas de brasileiros, como Caxias que poderia ser considerado também o Patrono da Unidade Nacional, além de patrono da Anistia, segundo o historiador e jornalista Dr Alexandre Barbosa Lima Sobrinho.

Aqui o nosso protesto símbolo, como um passarinho que leva exaustivamente água no seu bico tentando apagar um grande incêndio na escala axiológica (de valores) brasileira, tarefa para ele impossível, mas consciente de que esta fazendo a sua parte e, na comprida esperança de pobre, de que os demais façam a sua, ou cumpram o seu dever democrático.

Mas em que pese todo este esforço a calúnia contra Caxias prossegue na seguinte obra editada como editor chefe pelo Sr Elmar Bones Costa, nome que desconheço na historiografia gaúcha com auxílio de uma equipe na obra História Ilustrada do Rio Grande do Sul (Porto Alegre,1998), projetada e executada põe JÁ Editores, que potencializam enorme calúnia contra Caxias nos subtítulos Madrugada

sangrenta a p.141 e no Ponche Verde, p.143 nas quais reproduziram gravuras da História do Exército Brasileiro, em 3 volumes, sem mencionar a fonte e inclusive uma colocada a nosso crédito, alegoria nossa sobre uma resistência a todo o custo dos lanceiros negros em Porongos. Obra que manipula a História e cuja credibilidade e dada pelo Governador Antônio Brito que nela figura com seu lema "A gente sabe o que o que quer, a gente sabe aonde vai." Patrocínio da CEEE, através de seu diretor presidente Dr Pedro Bisch Neto e mais do Secretário de Cultura Dr Carlos Appel e tudo com apoio em Lei Estadual de estímulo a produção cultural. Figuram como consultores Sérgio da Costa Franco e Paulo Xavier que duvido tenham sido consultados sobre a absurdas e covardes calúnias contra Caxias. Esta manipulação histórica teria apoio no lema do Rio Grande na época'" A gente sabe o que quer. A gente sabe aonde vai?." Seria algo semelhante ao praticado na Suécia: Ou seja mudar o senso comum dos gaúchos, apagar o seu passado histórico para dele os desligar e só enaltecer realizações socialistas. Ou então, segundo o húngaro Georg Luchas da Escola de Frankfurt, esforço para destruir e confundir a História Gaúcha e a Cultura Ocidental Cristã. Ou então estariam os promotores desta história manipulada sendo permeados e manipulados como inocentes úteis , com idéias que lhe foram vendidas por lideres do grancismo, e sem exercerem o seu dever de crítica. Se isto esta acontecendo pobre Rio Grande. Ele vai para o buraco ! Quero crer que os que promoveram esta obra não consultaram os historiadores gaúchos. Invadiram a sua função social.Três obras nossas colocadas na bibliografia, não avalizam os absurdos cometidos nesta História Ilustrada do RGS, obra para enganar gaúchos incautos e feitas por historicidas gaúchos. Fica o registro para o caso de se desejar evitar o rumo ao buraco das Tradições e História do RGS. Do contrário de nada adiantará. Lição: cada macaco no seu galho, sem invasão da função social dos outros, o que no caso foi feito com o apoio do Executivo do Rio Grande do Sul, de propósito ou como inocente útil? A seguir o senso comum sobre Caxias que se procura destruir nos gaúchos inocentes úteis que não exercerem o seu direito de criticar idéias permeadas por lideranças que os manipulam como gadinho de osso. (Por C.M Bento).

SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO DUQUE DE CAXIAS

Hoje, quando a novela A Casa das sete mulheres, num misto de pouca História e muito fantasia, trouxe a baila em escala nacional e popular a Revolução Farroupilha, no ano do Bicentenário do Duque de Caxias, o seu pacificador e patrono do Exército Brasileiro e de nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em Porto Alegre a RBS, em seu programa A ferro e fogo, em 26 de março, sobre a Revolução Farroupilha, potencializou calúnia histórica contra Caxias, como envolvido numa falsa trama com os líderes farrapos, visando eliminar os infantes e lanceiros negros farrapos, torna-se oportuno evocar a sua significação histórica em espacial para a AMAN, onde há mais de 70 anos seus cadetes usam como arma privativa, cópia fiel reduzida, em escala, do invicto sabre de Caxias de 5 campanhas, e como o próprio símbolo da Honra Militar.

AMAN que guarda como relíquias a espada de Caxias que lhe foi ofertada pelo povo e a gravura da Imagem da N.S da Conceição, a padroeira do Exército Imperial, em cujos pés ele expirou, em 7 de maio de 1880, em Juparanã, em Valença, o maior de nossos generais, cujo sabre invicto também orna o brasão da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Personagem histórica maior que o Marechal José Pessoa sonhou um dia fosse também o patrono desta Academia cujo ponto final de

sua magnífica construção, seria como seu fecho de ouro, o Panteon de Caxias, onde seria abrigados os seus resto mortais – o que terminou sendo defronte ao Palácio Duque de Caxias no Rio de Janeiro. AMAN que guarda em pedestal de busto de Caxias, o nome dos soldados de bom comportamento que por sua disposição testamentária o transportaram ao túmulo, além de quadro a óleo de sua esposa D. Ana(Anica).

Passemos a interpretar a vida e obra do Duque de Caxias, cuja origem de seu titulo Caxias adveio de povoado de Portugal, no distrito de Lisboa, conselho e freguesia de Oeiras, situado na costa norte da foz de Lisboa, ao pé de uma elevação onde há uma torre que serve de guia aos navegantes que demandam a entrada do rio Tejo. Foi residência real e tem uma estação na linha férrea Lisboa/Cascaes .E dela teria vindo para o Maranhão como nome da cidade de Caxias que deu origem ao titulo do maior dos nossos generais, que foi consagrado o

patrono do Exército Brasileiro, em 13 mar 1962 e desde 25 ago. de 1924, a data de seu aniversario, foi consagrada o Dia o Soldado do Exército que o forjou e de cujo seio ele emergiu como um dos maiores brasileiros de todos os tempos. Prestou ao Brasil mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços como político e administrador público de contingência e, inegualados, como soldado de vocação e, de tradição familiar, a serviço da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania do Brasil.

Ainda em vida e até nossos dias ,o Povo, a Imprensa , estadistas, chefes militares notáveis, pensadores, escritores e historiadores militares e civis o tem definido como: Filho Querido da Vitória; O Pacificador; General Invicto; Contestável, Escora, Esteio e Espada do Império do Brasil; Duque de Ferro e da Vitória; Nume e Espírito Tutelar do Brasil; Símbolo da Nacionalidade; o Maior Soldado do Brasil; o maior dos generais sul-americanos; Alma Militar do Brasil e Herói tranqüilo e perfeito etc.

Sua obra monumental de Pacificador de 4 lutas internas , e mais as suas modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na Guerra do Paraguai o credenciam a figurar, sem favor nenhum, na galeria dos maiores capitães da História Militar Terrestre Mundial.

Sua eleição inconteste para patrono do Exército o foi no sentido como a definiu Pedro Calmon:

"Como o chefe integral do Exército, o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nele deve vibrar, e a síntese mágica das virtudes e brios de que ele deve estar embuído ."

E também, como uma espécie de oráculo, para consultas em momentos graves, para autocríticas e correções de rumos, ou na busca da solução mais adequada em determinadas conjunturas complexas .

E sua elevação ao patronato do Exército se deveu fundamentalmente a haver vencido 6 campanhas militares (4 internas e 2 externas), além de haver dirigido o Exército de forma marcante e muito fecunda, como Ministro da Guerra, em 3

oportunidades (1855/58,l861/62 e l875/78), cumulativamente com a Chefia do Governo do Brasil, na condição de Presidente do Conselho de Ministros .Caxias foi o 1 º Porta Bandeira do Pavilhão Nacional, tão logo proclamada a Independência, em solene cerimônia , em 10 nov 1822, na Capela Imperial, quando a recebeu das mãos do próprio Imperador. E ninguém mais do que ele glorificaria a bandeira do Império que ele ali recebia.

Possuía grande orgulho nativista por haver sido veterano da Guerra da Independência na Bahia, como integrante do Batalhão do Imperador, merecendo condecoração alusiva de ouro que sempre ostentou com grande carinho e orgulho.

Profissional militar de altíssimo gabarito, sempre sonhou com o Exército Brasileiro possuir uma Doutrina Militar genuína. Sonho que expressou ,em 1862, ao baixar Ordenanças do Exército Imperial do Brasil, calcada em adaptações das Ordenanças de Portugal, às realidades operacionais do Brasil que vivenciara, em 5 campanhas militares, em que lhe coube comandar e conduzir à vitória o Exército Brasileiro e com a ressalva: "até que o nosso Exército possua uma Tática(Doutrina) genuinamente nossa", Mais um pioneirismo seu !

Como Ministro da Guerra entre suas muitas grandes realizações: A Escola Militar da Praia Vermelha, a reforma do QG do Exército ,em local hoje onde se situa o Panteon com sua estátua eqüestre que abriga em seu interior os seus restos mortais e os de sua esposa e ,a introdução da função de Ajudante Geral do Exército, substituída mais tarde pelo Estado - Maior do Exército, além de outras marcantes, como o primeiro Regulamento Disciplinar do Exército 1875.

Como cidadão sua culminância foi pacificar a Família Brasileira em Ponche Verde e ali consagrar-se pioneiro abolicionista, ao assegurar, a despeito de fortíssimas pressões de escravocratas, Liberdade para os lanceiros negros farrapos, os incorporando ao Exército, como livres ,na Cavalaria Ligeira do Rio Grande .Na Revolução Farroupilha que por quase 10 anos assolou o Rio Grande do Sul, segundo Pedro Calmon:

"O barão de Caxias venceu sobretudo por convencer, pois a verdadeira vitória não consiste em sufocar ou subjugar o adversário, pois é antes uma tarefa de persuasão, de conquista de corações para que se atinja o ideal vencedor. E Caxias sobrepôs a olhos fratricidas ,a dignidade da paz justa, cobrindo as forças em luta com o véu iluminado da concórdia e da pacificação. Pois ali reuniu ao gênio de guerreiro consumado, a generosidade clemente e aliciadora ."

Ao pedido de um áulico de que se festejasse a vitória com um Te Deum na igreja São Sebastião em Bagé, optou por uma missa em "sufrágio das almas dos mortos imperiais e republicanos que haviam tombado em defesa de suas verdades", entre os quais encontrava-se seu tio general João Manuel de Lima e Silva que fora consagrado pelos farrapos como o seu primeiro general.

A grandeza desta tolerância a serviço da preservação da Unidade da Família Nacional, fez com os gaúchos o consagrassem como o seu presidente e a seguir como seu senador vitalício em 1845.

Como líder de batalha, o seu grande feito estratégico foi a modelar Manobra de Flanco da posição fortificada de Piquiciri, através do Chaco, onde correu Risco Calculado, ao sacrificar o Princípio de Guerra da Segurança, em benefício do da Surpresa que ele obteve a nível estratégico, ao desembarcar, de surpresa, na retaguarda profunda do adversário em Santo Antônio, abreviando em muito a duração do conflito e poupando assim recursos de toda a ordem e vidas humanas de irmãos brasileiros, argentinos ,uruguaios e paraguaios ,envolvidos no maior conflito até hoje ocorrido na América do Sul e o primeiro com características de Guerra Total entre nações.

Como líder de combate seu maior momento foi na conquista da ponte de Itororó. Ao perceber que o seu Exército poderia ali ser detido, desembainhou sua invencível espada de 5 campanhas, brandiu-a ao vento, e voltou-se decidido e convincente para seus liderados e apelou com energia com o brado -"Sigam-me os que forem brasileiros !"Ato continuo lançou-se sobre a ponte de Itororó com o seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo e arrastando atras de si todo o Exército detido, para, em seguida, colher expressiva vitória tática que removeu obstáculo que quase colocou em perigo toda a sua brilhante manobra estratégica através do Chaco. Sua derradeira ação pacificadora foi a de pacificar a Questão Religiosa, ou Epíscopo - Maçônica, defendendo e obtendo êxito na assinatura pelo Imperador de decreto de n º 5093, de 17 set 1875 de Anistia assim expressa:

"Artigo Único. Ficam anistiados os bispos ,governadores e outros eclesiásticos das dioceses de Olinda e Pará que se acham envolvidos no conflito suscitado em conseqüência de interditos postos a algumas irmandades das referidas dioceses, e em perpétuo silêncio os processos que por este motivo tenham sido instaurados."

Caxias nasceu em 25 ago. 1803 no local do atual Parque Histórico Duque de Caxias do município de Duque de Caxias - RJ , que recebeu o nome de seu título por ele ali haver nascido. Faleceu em 7 mai. 1880, aos 77 anos, na Fazenda de Santa Mônica, em Juparanã - Valença - RJ, a vista do rio Paraíba do Sul e onde se recolhera e passara os dois últimos anos de sua vida, viúvo e aos cuidados de sua filha mais velha a baronesa de Santa Mônica. .

Segundo sua vontade expressa em testamento, foi transportado ao túmulo no Rio de Janeiro, por soldados de bom comportamento, cujos nomes foram imortalizados em pedestal de seu busto em passadiço do Conjunto Principal antigo da AMAN, próximo da Sala dos Professores onde nela existe o retrato a óleo de D.Ana (Anica) Luiza - Duquesa de Caxias, sua esposa ,com quem viveu 41 anos de 1833-74, de feliz e modelar casamento e que se constituiu no grande amor e inspiração do maior cabo de guerra brasileiro, segundo seu biógrafo Dr Vilhena de Moraes.

Falou junto a sua sepultura interpretando os sentimentos do Exército Brasileiro, o já consagrado escritor e historiador Major de Engenheiros Alfredo de Taunay que assim concluiu a sua antológica oração:

"Só a maior concisão, unida a maior singeleza e que poderá contar os seus feitos! Não há pompas de linguagem !Não há arroubos de eloqüência capazes de fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza."

Caxias depois da Guerra do Paraguai., segundo o Mal Odylio Denys, encontrou-se com o Major .Alfredo de Taunay na esquina da rua do Ouvidor com a l º de março e assim lhe falou:

"- Que falta o senhor me fez na guerra ! Se o tivesse ao meu lado quanta coisa teria tido ocasião de escrever!"

Capistrano de Abreu, grande historiador do Brasil , assim interpretou os sentimentos do Exército Brasileiro ao saber que o Duque de Caxias havia dispensado as honras militares:

"O Duque de Caxias dispensou as honras militares! Acho que ele fez muito bem! Pois as armas que ele tantas vezes conduziu à vitória ,talvez sentissem vergonha de não terem podido libertá-lo da morte !"

O Duque de Caxias sublimou as Virtudes Militares de Coragem, Abnegação, Honra Militar , Devotamento e Bravura.

O Exército manifestou-se oficialmente em Ordem do Dia alusiva ao seu falecimento concluindo suas considerações elogiosas com esta afirmação:

"Se houve quem prestasse serviços excepcionais ao Brasil foi o Duque de Caxias. Se houve quem menos os fizesse valer ,foi o Duque de Caxias!"

Desde 1931 os cadetes do Exército portam como arma privativa o Espadim de Caxias, cópia fiel em escala do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias.

Em 1º mar l996, há 7 anos fundamos em Resende - RJ ,A Cidade dos Cadetes - a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que elegeu o Duque de Caxias como o seu patrono e o seu invicto sabre como símbolo em seu brasão, por ser a mais representativa espada do Brasil. Academia de História Militar Terrestre do Brasil que com a presente sessão abre em seu âmbito as comemorações do bicentenário do Duque de Caxias, que será marcada pelo lançamento breve de livro por ela editado Caxias e a Unidade Nacional patrocinado por subscrição popular de membros e amigos da nossa Academia de História e admiradores de Caxias e como conclusão de um projeto iniciado ai na AMAN, em 1980, quando ela sediou a cerimônia nacional oficial evocativa da centenário da morte do Duque de Caxias presidida pelo Presidente da República General João Figueiredo .Evento documentada pela Revista Agulhas Negras 1980.AMAN 29 de abril de 2003.

PALAVRAS FINAIS DO PRESIDENTE DA AHIMTB NA AMAN EM 29 DE ABRIL DE 2003 NO ANO DO BICENTANÁRIO DE CAXIAS

Hoje, decorridos 7 anos de fundada em Resende, A Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) realizou mais uma sessão nesta Academia Militar das Agulhas Negras.

Sessão memorável onde nossa Academia deu início, em seu âmbito, às comemorações do bicentenário de seu patrono, O Duque de Caxias, cuja memória esta tão intimamente ligada e este estabelecimento de ensino como foi evocado.

Sessão onde a AHIMTB fez um retrospecto do que já realizou desde que fundada e procedeu a posse, como seu 3 o Presidente de Honra, do comandante desta Casa, o Exmo Sr Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes e, como acadêmico, na cadeira nº 1 General Adailton Pirasssinunga, do Cel Prof Ney Paulo Pannizzutti.

Vale lembrar que são patronos de cadeiras em nossa Academia de História os seguintes oficiais ligados a AMAN: Marechais João Baptista Mascarenhas de Morais e José Pessoa seus ex comandantes; os generais Moacir Lopes de Resende, o 1 o historiador da AMAN e Paulo Queiroz Duarte, o 1º comandante do Curso de Infantaria aqui em Resende; Pedro Cordolino de Azevedo professor de História Militar por mais de 25 anos, e Adailton Pirassinunga, cujo perfil foi hoje aqui evocado. E como acadêmicos ligados ao Magistério da AMAN os falecidos coronéis Cecil Wall Barbosa de Carvalho e Geraldo Levasseur França. E atualmente os professores coronéis Alceu Paiva, Antônio Carlos Esteves e a partir de agora o Coronel Ney Paulo Panizzutti. Como se vê é uma ligação muita estreita com a AMAN, valendo recordar que o 4º presidente de Honra da nossa Academia é o Coronel professor Antônio Esteves, o fundador e presidente da Associação Educacional D. Bosco que introduziu em Resende o ensino superior civil há cerca de 40 anos e mais que o primeiro comandante da AMAN, o Marechal Mário Travassos, grande geopolíticos brasileiro é o patrono de nossa Delegacia em Campinas -SP

Em 7 anos nossa Academia difundiu um conjunto precioso de conhecimentos em todo o Exército com o objetivo de reforçar no seu público alvo a consciência da identidade e perspectiva históricas nacionais, procurando demostrar a validade desta sentença, colhida na Associação de Oficiais da Polícia Militar de São Paulo:

"Construir é fazer História. Só resiste ao tempo a construção que tenha substância e valor. Mais do que apenas construir com cimento, ferro e blocos , é preciso construir com alma, para que o tempo se encarregue de confirmar a obra, para que ela supere o tempo."

E nesta sessão nos 7 anos de resistência cultural da Academia de História Militar Terrestre do Brasil foi aqui sintetizado o que tem ela tem realizado, efetivamente, para ajudar o Exército a conquistar seu Objetivo Atual no 1.

Pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a memória histórica, as tradições e os valores morais, culturais e históricos do Exército.

Objetivo providencial e oportuno quando bem entendido, prestigiado e implementado, com vistas a neutralizar no seio do Exército a estratégia comunista denominada Grancismo, que aos poucos e sutilmente envolve e confunde a Sociedade Brasileira.

E hoje nossa Academia tem a consciência de haver avançado muito neste particular o que o comprovam seus arquivos; os trabalhos de seus membros espalhados por todo o Brasil, e inclusive no Timor Leste, Estados Unidos e Portugal e a divulgação de seus trabalhos em seu site, no Militar e em Resende, em Caserna, no Portal Agulhas Negras etc.

E tudo isto nos dá hoje uma sensação de vitória ao lembramos que a História Cultural do Exército já registrou a criação do Instituto Histórico Duque de Caxias que não ultrapassou a sua sessão de criação e desapareceu..

Caso a nossa AHIMTB tivesse hoje que encerrar suas atividades por falta de apoio financeiro, vontade cultural de seus membros e apoio moral dos integrantes das instituições em cujo proveito julga que trabalha, deixaria um precioso acervo documental e bibliográfico sobre suas realizações e em especial na Internet .

Acervo onde se destacam a documentação de posses; coleção de seu Informativo O Guararapes; valioso arquivo biográfico; a História do Exército na Região Sul já com 8 volumes editados e 2 encaminhados e, os compêndios de Lutas Internas e Externas para a ECEME e mais o de História Militar Terrestre da Amazônia pronto para ser editado. E grande parte de seu acervo em CDs. E, a serem lançados, breve, trabalhos sobre Caxias, a Batalha do Passo do Rosário e a participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na 2a Guerra Mundial. etc.

Mas instituições como nossa Academia de despesas certas e rendas incertas se assemelham a um aniversário de crianças cheios de balões em seu início e que aos pouco vão estourando ou murchando. É comum a falta de recursos, a incompreensão de parte de companheiros, que a despeito de diretriz do Exército sobre o assunto, entendem não ser o trabalho da Academia de importância e assim não a prestigiam e até não a visitam, parecendo considerarem a nossa História Militar como um casaco velho sem serventia e para ser jogado no lixo. Ou que ao se olhar para traz, para o passado, corre-se o perigo de acontecer como em Sodoma e Gomorra, o virar-se estátua de sal.

Outros por não terem percebido a relevância da História Militar Crítica quando estudantes e a confundido com a História Militar Descritiva que não os levava a lugar nenhum e que foi assim definida por Frederico o Grande, ao assistir uma péssima aula de um professor de História Militar de seu filho:

Então falou indignado:

" Não ensine História Militar a meu filho como se ensina a um papagaio, fazendo ele decorar datas, nomes e trechos. Faça meu filho raciocinar e tirar conclusões e lições do que lhe ensina. "

Este é o espirito do ensino da História Militar Crítica que foi introduzido na AMAN na década de 60 e continuado com vigor pelos que o sucederam onde nos incluímos.

Por oportuno vale lembrar aos presentes, o que colhi no Museu da República.

Ser o passado comparável a uma enorme planície onde correm dois rios. Um reto e de margens bem definidas que é o rio da História. Esta fruto da razão e da análise isenta da fontes históricas autênticas, fidedignas e integras, à luz de fundamentos de crítica escolhidos.

O outro é um é cheio de curvas e meandros e de margens indefinidas e por vezes com perigosos alagamentos. Este é o rio do Mito. E este fruto das paixões humanas, das fantasias, da ignorância , das manipulações, das deformações, dos preconceitos e da injustiça etc.

Hoje o Brasil acabou de assistir a novela A Casa das sete mulheres onde foram linchados moralmente dois grandes soldados brasileiros, os generais Bento Manoel Ribeiro e David Canabarro aos quais o Brasil muito esta a dever a preservação de sua Integridade, Soberania e Unidade no Rio Grande do Sul.

Imagens manipuladas destes dois heróis que abordamos em O Exército farrapo e seus chefes editado em 1992 pala Biblioteca do Exército. Sobre isto me escreveu um historiador e tradicionalista santanense terra de Canabarro. Velocino Silveira:

"Prezado amigo Presidente. Os detratores da História e os ante heróis sempre viverão minisculamente. As adaptações para TV não dá para comentar. O importante e tocar a boa tropa e os bois cornetas que fiquem para traz."

A História Militar Terrestre do Brasil, tem sido tradicionalmente no mundo, uma atividade nobre para soldados inativos e uma maneira de continuarem a contribuir para o progresso da instituição com a experiência que adquiriram. E neste objetivo vem se aplicando a nossa Academia num toque de reunir soldados inativos e ativos e civis interessados em delegacias espalhadas pelo Brasil.

Dentre os objetivos que a Academia persegue registre-se o de resgatar, preservar e divulgar as obras de historiadores militares terrestres e com elas, expressivamente, a História Militar Terrestre do Brasil, indiscutivelmente o Laboratório da Tática, da Logística e da Estratégia terrestres brasileiras

Aqui vale lembrar o Marechal Ferdinand Foch que saiu da cadeira de História Militar da Escola Superior de Guerra para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial e sob cujo comando lutaram 24 oficias de nosso Exército e inclusive o então Ten de Cavalaria José Pessoa, patrono da Delegacia de Brasília e futuro idealizador da AMAN, o qual como seu comandante, dinamizou o ensino de História Militar e introduziu o de Geografia Militar, como a Geografia do Soldado, a serviço do maior esclarecimento nos mais diversos escalões do fator da decisão militar - O TERRENO. Falou o marechal Foch:

"Para alimentar o cérebro (entenda-se Comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a indesejável eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro História Militar.

Esperamos que a abordagem deste assunto, contribua para solidificar nos militares presentes as suas identidades históricas

Isto para que em melhores condições, possam ajudar a formar lideranças do Exército no início do insondável 3 º Milênio.

E, também, tentar despertar vocações adormecidas de historiadores militares terrestres brasileiros, categoria que se acha em fase de extinção, por razões várias,

e em especial por invasões indébitas de sua função social por deformadores da História Militar com os mais variados e até inconfessáveis fins.

A História por seu poder de solidificar o patriotismo, o civismo, a auto estima de um povo e a identidade e perspectiva históricas do mesmo, vem sendo atacada pela Mídia, por duas forças poderosas convergentes: o Grancismo e o Poder Econômico Mundial que domina o Mercado.

Cabe pois aos que nos ouvem ,lideres e formadores de líderes no Exército, saber distinguir como foi assinalado a História do Mito .Deste hoje tem sido vítimas preferidas as nossas Forças Armadas e Auxiliares de parte de agentes da Mídia em especial . Mas as falsidades e deformações de nossa História continuam produzindo seus efeitos como se verdadeiras, no seio da juventude que não teve contado com as Forças Armadas. Disto resulta uma desorientação de parcela desta juventude que se entrega a prática de valores que confrontam e mesmo agridem os enumerados pela Sociedade Brasileira na Carta Magna. Fato diagnosticado por alguns analistas como falta de Religião e de História e do que decorre a falta de identidade e de perspectiva históricas. E nisto vem a Academia se aplicando em esclarecer manipulações que distorcem e comprometem a verdadeira imagem das forças terrestres, com calúnias, deformações e manipulações que circulam com foros de pretensa História. Ou seja não se limita a AHMTB a indignação pura e simples. Parte como ONG para o debate defendendo a sua verdade! E o que atualmente vem fazendo para se contrapor a calúnia potencializada contra Caxias em programa a Ferro e Fogo da TV RBS em que Caxias foi apresentado como tendo realizado uma combinação com lideres farrapos para que simulassem a surpresa militar em Porongos para que a infantaria e os lanceiros negros farrapos fossem exterminados pelos imperiais

Na peça de Júlio Cezar de Shakespeare, Marco Antônio diz a certa altura a Brutus:"As boas obras que os homens praticam são sepultadas com os seus ossos. No entanto só o mal sobrevive."

Outro papel da Academia tem sido o desenterrar junto dos ossos as obras dos historiadores militares terrestres brasileiros, civis e militares e com elas, por via de conseqüência, o valioso patrimônio cultural militar.

terrestre brasileiro acumulado em quase 5 séculos de lutas e vigílias por várias gerações de militares de terra, os quais foram, em grande parte, responsáveis pelo delineamento, exploração, conquista, segurança e manutenção de um Brasil Continente que cabe as atuais e futuras gerações preservar e defender. E às gerações do 3 o Milênio caberão responder aos graves desafios reservados à soberania do Brasil na sua Amazônia, E nesta defesa a Academia se engajou ao preparar para edição este ano da obra Amazônia Brasileira - A conquista, consolidação e manutenção –História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003

E especial atenção tem dado a Academia ao resgate e culto das memórias de soldados terrestres que no curso do processo histórico brasileiro deram suas vidas em holocausto a pátria brasileira, os quais, segundo Péricles, que viveu em Atenas, cujo século V antes de Cristo levou o seu nome, por haver se constituído no apogeu da civilização grega e, com ela, a da Democracia que ele ajudou a construir como chefe de Estado e estratego por 14 anos:

" Aquele que morre por sua pátria ,serve-a mais em um só dia que os outros em toda a vida."

Agradecemos a presença de oficias da AMAN formadores de futuras lideranças do Exército, com historiadores civis e militares e da Guarnição de Resende.

Foi uma renovada emoção passar algumas horas nesta Academia Militar das Agulhas Negras, onde fomos instrutor de História Militar por três anos e da qual me considero um dos seus historiadores. E mais do que isto a considero a minha mãe profissional.

Em tributo a Disciplina e a Hierarquia ,suportes do ordenamento jurídico brasileiro, convido o Presidente de Honra da presente sessão, General Claudimar Magalhães Nunes a encerrar a presente sessão e fazer as considerações que julgar oportunas. (Cláudio Moreira Bento Presidente).

PALAVRAS DO 1º VICE PRESIDENTE DA AHIMTB, AO PASSAR DIREÇÃO DA FUNDAÇÃO OSÓRIO

Durante os últimos 7 anos a AHIMTB teve grande apoio da Fundação Osório onde realizou 8 reuniões de posses de sócios e graças a seu Presidente e 1º Vice-Presidente da AHIMTB e acadêmico emérito, Cel Arivaldo Silveira Fontes que ao passar suas funções, em cerimônia presidida pelo 2º Presidente de Honra da AHIMTB e Chefe do DEP, Exmo Sr Gen Ex Gilberto Barbosa Figueiredo proferiu as seguintes palavras de prestação de contas de suas atividade e de despedidas

"Neste momento, em que deixo a Fundação Osório, quero, agradecer a todos aqueles que, ao longo desses 10 anos em que aqui permaneci, contribuíram para que eu pudesse dar continuidade aos objetivos a que se propõe esta Fundação.

Há exatamente 50 anos, quando iniciei a minha luta no magistério, como instrutor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, fui convidado pelo então presidente desta Fundação, Marechal Estevão Leitão de Carvalho, para iniciar as atividades de professor.

Aqui permaneci durante anos, passando depois a membro do Conselho Deliberativo, para finalmente retornar em maio de 1993, e assumir a sua Presidência.

Nessa ocasião, a Fundação passava por uma crise financeira bastante difícil, o que exigiu medidas imediatas e essenciais, cujo esforço continuado nos permitiu realizar reformas de base, destacando-se: a ampliação de matrículas - com a adoção de alunos de ambos os sexos, visto que, há 72 anos, as matrículas se destinavam exclusivamente ao sexo feminino; atualização das mensalidades dos alunos - que não vinham acompanhado o ritmo inflacionário da nossa economia; incentivo à ampliação do quadro de sócios- contribuintes militares - com a atualização de suas contribuições; atualização do aluguel de algumas instalações - particularmente a mansão da Rua São Clemente; a criação da Associação de Pais e Alunos - APAFO e a Associação de Ex- Alunos e Amigos da Fundação Osório - com

a suas parcelas de contribuição, além do Distrito Bandeirante, hoje o de maior efetivo no Brasil.

Igualmente engajados na obra de reconstrução do velho educandário, uniram-se os nossos conselheiros, professores e funcionários, trazendo otimismo e esperança a todos que aqui trabalhavam, cuja capacidade de servir estava na direta proporção da grandeza de coração e na nobreza de sentimento, e a graças sobretudo à visão do eminente Ministro do Exército Gen Ex Zenildo de Lucena conseguimos a transformação em Fundação Pública, em 1995.

Inserida nesse contexto e com base no seu novo estatuto, a Fundação permitiu mudanças radicais que contribuíram para a implantação de novas diretrizes que dinamizaram profundas alterações na sua estrutura física. Essa transformação histórica, que parecia utópica diante da crise financeira pela qual passávamos, tornou-se realidade.

Também não seria justo omitir a valiosa cooperação que tive de outros setores, particularmente do SENAI, do SENAC e da CAPEMI que, sensibilizados, nos ajudaram não só financeiramente, mas também com materiais e equipamentos no reaparelhamento das nossas instalações, o que permitiu que mantivéssemos viva a chama do entusiasmo na continuidade do nosso trabalho em prol da educação dos nossos alunos, - educação esta, que hoje em dia ao se construir numa ciência difícil de aprender e mais difícil de aplicar, tem por finalidade fazer daqueles que aqui ingressam um ser independente e sábio, cujo caminho será aberto com o desenvolvimento da vontade e da capacidade de querer aquilo que pode e poder aquilo que quer.

Hoje, ao olhar para trás, vejo que esta evolução está bem adequada e uma estrutura administrativa que permitirá a sua continuidade, pois faço parte daqueles que acreditam na força do amor, que acreditam que para uma história bonita não há ponto final.

Tudo o que aqui foi feito nestes 10 anos ficou anotado em cada um das páginas desta Fundação Osório cujo livro se constitui num modelo de nobres propósitos e serviços generosos prestados a esta Escola. Podem ter certeza de que este período em que aqui permaneci na Presidência da Fundação Osório ficará perpetuado em minha vida, por tudo que ela representa.

Aproveito o momento para desejar ao novo Presidente, General de Exército Ney da Silva Oliveira muitas felicidades - "felicidade que não se constitui numa simples pousada no caminho, senão uma forma de caminhar durante a vida".

A todos os que compareceram a esta solenidade, quero agradecer em meu nome, e julgo que nome do novo Presidente, pelo incentivo proporcionado aos integrantes da velha Casa do Rio Comprido, às vésperas do 82º aniversario de criação.

Obs: Em razão de servidão imposta para a sessão não ultrapassar 58 minutos por ter a autoridade que determinou a redução de atender compromisso em sua

agenda a Síntese Histórica e as Palavras Finais não puderam ser lidas o que agora se compensa.

A sessão contou com o prestígio das presenças do Gen Ex Manoel Luiz Valdevez Castro, comandante do CML, dos Generais de Divisão Luiz Cesário da Silveira Filho, (cmt da 1ª RM), Edival Ponciano de Carvalho (acadêmico), Gen Álvaro (FUNCEB), Daut, Belham, (vice presidente da FHE-POUPEX), generais de Brigada Lúcio Mário de Barros Góes, (comandante da ECEME,) Mauro P. Wolf (cm da 5º Ba C BID), Sérgio Retumba Carneiro Monteiro, (Diretor da DFA), Juarez Genial, (DPEP/ FSJ e Luiz Carlos Gomes Mattos, (Cmt 3ª Bda Inf Pqd) e Milton Braz Paduani e da reserva, generais acadêmicos Hélio Ibiapina Lima e Domingos Ventura Pinto Junior, conforme registros no Livro de Presenças. Enviaram cartões desejando êxito ao evento os generais de Exército Alberto Mendes Cardoso, Cláudio Barbosa Figueiredo, Jorge Armando Felix, Domingos Carlos Campos Curado, Enzo Martins Peri e o Gen Div Antônio Gabriel Esper (DAC). E presença da senhoras General Gleuber e General Brochado que representaram a AHIMTB na entrega de insígnias acadêmicas aos Generais Gleuber e Conforto.

Nº 38 Jul/Set 2003 – Cel Cláudio Moreira Bento

RECEPÇÃO COMO ACADÊMICO DO GEN EX GLEUBER VIEIRA
Pelo Acadêmico Gen Div Paulo Cezar de Castro

"Quanta custa ser Caxias!". Sob este título, foi publicada, em 2001, a ordem- do-dia de 25 de agosto, concluída com sábia mensagem ao afirmar que "Para ser Caxias é necessário, realmente, amar a Pátria brasileira, estar moralmente amparado, corajosamente disposto e fraternalmente envolvido com o próximo e com a sociedade. Porque é preciso zelar e manter, com honradez e dignidade, em sua esfera de atribuições, a ordem, a segurança e a paz – obrigação de todos. Soldado do meu Exército, você é Caxias. Orgulhe-se de sê-lo".

Eis a mensagem então transmitida pelo Comandante do Exército, o General Gleuber Vieira, a quem a Academia de História Militar Terrestre do Brasil acolhe com júbilo, em razão das lições que a todos nós transmitiu, a partir da meditação e do estudo acurado dos fatos e dos vultos que construíram a grandeza da Força. Como líder do Exército, estudioso e consciente do insubstituível valor da História Militar, soube recuperar para seus comandados, com absoluta atualidade e clareza, ensinamentos e exemplos que, ainda hoje, os emulam a perseverar, a vencer desafios e a marchar de cabeça erguida, no cumprimento do dever. Em 2002, ainda discorrendo sobre Luiz Alves de Lima e Silva, a palavra do General Gleuber nos ensina que:

"A verdadeira estatura desse herói da Pátria é representada por sua dimensão moral. Admirado pela nobreza da alma e valor incorruptível do caráter, o cidadão e o estadista ignorou, com altivez e dignidade, as investidas de invejosos e detratores. Resistiu às lisonjas. Fugiu aos aplausos. Foi simples. Foi um grande homem". Em antológicas ordens- do- dia , o acadêmico que ora é recepcionado pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil sempre orientou seus comandados, com lucidez cristalina, a partir de ponderada visão da História, como, por exemplo, ao afirmar, a propósito do trigésimo oitavo aniversário do Movimento Cívico- Militar de 31 de março de 1964, que"

“A história não se apaga nem se reescreve”, concluindo que “(De sua) análise, verifica-se que ele surgiu e se afirmou na defesa do regime democrático, em comunhão com os anseios da gente brasileira”.

No ano anterior, já havia lembrado a todos que “(A Revolução de 1964) nos passa a silente mensagem de que, a qualquer tempo, atentos e preparados, estaremos prontos para a defesa da democracia”.

O General- de- Exército Gleuber Vieira, carioca de 1933, praça de 1949, na saudosa Escola Preparatória de São Paulo, foi declarado aspirante- a- oficial da Arma de Artilharia em 1954, tendo sido premiado com o diploma de Menção Honrosa, por ter se destacado no curso de História Militar. Foi instrutor da Academia Militar das Agulhas Negras, do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro e da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Serviu em unidades de elite de sua arma, realizou o Curso Avançado de Artilharia, nos Estados Unidos da América, e bacharelou-se em Ciências Políticas e Econômicas. Comandou o Grupo Montese e conquistou, pelo critério de merecimento, suas sucessivas promoções aos postos de oficial superior. Como oficial- general, comandou a Artilharia Divisionária da 3ª Divisão de Exército e a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais; foi Subchefe do Estado- Maior do Exército, Diretor de Formação e Aperfeiçoamento, Chefe do Gabinete do Ministro do Exército, do Departamento de Ensino e Pesquisa e do Estado- Maior do Exército. O General Gleuber foi o último dos ministros do Exército e o primeiro dos comandantes de nossa Força.

Ao assumir a chefia do Departamento de Ensino e Pesquisa, criou e liderou amplo, profundo e eficaz processo de modernização do ensino na Força, processo este que deitou raízes em solo fértil, tornou-se irreversível e cujo curso tem se revelado dinamizador da preparação de soldados para o Exército do mundo do conhecimento. Dos projetos e programas que orientou, aprovou, corrigiu e estimulou, sobressaem como de interesse para a nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil , o Programa de Leitura, o Projeto Biblioteca e o Projeto História Militar, todos em andamento nas escolas do Exército. Por meio do Programa de Leitura, oficiais e praças são orientados ao estudo de textos profissionais, com ênfase em obras de História Militar; pelo Projeto Biblioteca, o acervo de nossas escolas tem recebido atenção profissional, passou a ser cuidado com especial esmero, tem crescido e incorporado publicações de inegável valor para os estudos militares de nossos quadros; a terceira daquelas iniciativas, específica para a História Militar, permitiu reconhecer o valor dos ensinamentos da disciplina, reformular seus conteúdos programáticos e dar-lhe tratamento interdisciplinar, com evidentes frutos para o aprimoramento cultural e profissional de nossa gente. Os inúmeros Clubes de História, definitivamente incorporados ao quotidiano de nossos docentes e alunos, são produto marcante do processo que acabo de destacar.

Ministro e comandante, o General adotou iniciativas concretas em prol da valorização da História Militar. Retornou a Diretoria de Assuntos Culturais ao âmbito do Departamento de Ensino e Pesquisa, provisionou- lhe com recursos de vulto a fim de mantê-la em franca atividade, notadamente quanto à Biblioteca do Exército, o que permitiu a publicação, em 2001, da “História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial”. Para que este ambicioso trabalho tomasse corpo, após sua assinatura na Portaria nº 583, de 26 de outubro de 1999, pela qual criou o projeto em apreço, o qual “permitirá a formação de precioso acervo, aberto à consulta, ao estudo e à pesquisa, bem como passa a constituir um dos módulos iniciais de um amplo Projeto de História Oral do Exército, inserido no Programa de História Militar, a ser desenvolvido pela Diretoria de Assuntos Culturais”, como bem registrou o General Motta, seu coordenador geral, na apresentação da obra. Da ação do

General, resultaram, também, a criação da Fundação Cultural Exército Brasileiro, voltada para as atividades desenvolvidas pela Instituição nesse campo de valor afetivo, e que tem facilitado a recuperação e a preservação de seu rico patrimônio artístico e cultural. São exemplos marcantes de sua gestão a restauração do Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial e a continuação do projeto Museu Militar Conde de Linhares, que estimula a criação de um centro cultural no seu entorno geográfico.

Por tudo o que foi resumidamente exposto, apraz-me, Senhor General, em nome da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, apresentar efusivos votos de boas-vindas ao novo acadêmico e de cumprimentos à nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil que cresce com o concurso de sua reconhecida inteligência e de suas experiências profissional e cultural incontestes. Foi uma honra saúda-lo. Seja muito bem-vindo, General Gleuber Vieira! A cadeira Marechal José Pessoa lhe pertence de direito e por justiça!

ORAÇÃO DE POSSE NA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL DO ACADÊMICO GEN EX GLEUBER VIEIRA 26 JUN 2003

Nada mais justo que esta reunião se desenvolva em uma casa de saber, o nosso IME. Não importa se aqui tratamos hoje o exato das ciências ou o seu intangível. Importante porque o conhecimento evocado e desenvolvido pelo AHIMTB é tão decisivo e definitivo para a essência profissional de um exército quanto a engenharia militar;

Identifico e exalto na História Militar os pilares básicos para a formação do caráter e capacitação profissional na caserna, e, bem assim, para a pura elaboração doutrinária.

Reconheço sua relevância na busca das raízes da Instituição, na identificação de suas fontes de riqueza espiritual e profissional, nos exemplos dos chefes, na interpretação e crítica inteligente e objetiva dos fatos históricos, na busca de ensinamentos nos campos da tática e da estratégia.

Em síntese, buscando no passado a interpretação do presente e prospectando as iniciativas do futuro.Respeitoso e respeitador da HM, se dela não me fiz pesquisador e amante de todos os minutos, nela me louvei em incontáveis momentos de minha carreira. E, por valorizá-la, procurei em todas as oportunidades estimular seu estudo, incentivar sua pesquisa, apoiar as iniciativas resultantes, encaminhar o aperfeiçoamento de metodologias, buscando, enfim, seu emprego atraente e útil.

Só por isso, entendo, posso merecer a distinção que hoje me concedem, ocupar a cadeira que tem como patrono o insigne Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. Pois que, em contribuição objetiva em trabalhos ligados à HM, não ouso ombrear com os pares, dignos membros da AHMTB. Vejo mais como singela homenagem ao velho soldado que, nos desvãos do destino, alcançou a cúpula da Instituição Exército Brasileiro, este sim, o grande homenageado neste evento. Se outras razões não houvessem para alegrar-me com este encontro, que, mais que registrar minha posse como acadêmico titular e atestar o sucesso da iniciativa do Cel Bento ao fundar a AHMTB, jovem de sete bem vividos e profícuos anos, estariam outras duas, sobremodo importantes.

A primeira delas me conduz à obra, de toda uma vida, do Cel Bento, não apenas no âmbito desta Academia que hoje preside, mas pelo que realizou ao longo de brilhante trajetória como profissional de engenharia militar e, dando expansão à singular vocação, como pesquisador e historiador militar.

Estudante aplicado e exemplar representante da Arma de Vilagran Cabrita, cedo demonstrou seu pendor para o trato inteligente dos fatos históricos que constróem a existência de nosso EB.

Para reforçar sua natural aptidão, buscou o constante aperfeiçoamento através de cursos que privilegiaram seu conhecimento em áreas como arquivo, organização e métodos, pesquisa e interpretação da história em seus diferentes níveis. Inúmeros cargos que ocupou e funções que desempenhou no âmbito de FT ofereceram largo campo para efetiva e bem-vinda produção de trabalhos que vieram enriquecer estudos de estado-maior, bibliotecas, arquivos militares e civis, transcrições em anais de órgãos públicos e privados, além de subsidiar incontáveis e inteligentes participações em reuniões, seminários e painéis.

O reconhecimento lhe chegou pela aceitação de sua presença em inúmeras instituições culturais ligadas à história e à geografia, Brasil afora. Chegou igualmente pelos diversos prêmios nacionais e estrangeiros que lhe foram merecidamente outorgados e condecorações recebidas.

Vejo, ainda hoje, o escritor e pesquisador prolífico, o entusiasmado historiador responsável maior pela criação desta Academia, bem nascida e orientada para elevados propósitos.

Outra razão que me sensibiliza sobremodo e me obriga a respeitosa retrospectiva, é o fato de sentar-me à cadeira que tem como patrono essa insigne e gigantesca figura do Marechal José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque. O sertão da Paraíba viu nascer o menino José, sexto entre nove filhos de Cândido Clementino e D. Maria Cavalcanti de Albuquerque, em 12 de setembro de 1885. Os estudos na capital do Estado o colocaram sob a influência benéfica de cultos mestres que marcaram sua formação e o estimularam na busca do saber. O fascínio pelo conhecimento e a inquietude de José logo o conduziram a expandir seu universo de vida, buscando na Capital Federal o horizonte de Ordem e Progresso proclamado na bandeira da novel República.

Aprovado em exame de suficiência, ingressou na Escola Preparatória e Prática de Realengo, que começou a cursar em 1903. Ali começou a temperar seu espírito para a caserna e a experimentar o ambiente dos desafios dos dias difíceis das conturbações políticas de 1903 e 1904. O conseqüente fechamento da Escola Militar da Praia Vermelha levou o aluno José Pessoa à capital gaúcha, onde concluiu seus estudos básicos de formação militar.

Nesses anos de vida escolar conviveu com o desconforto e a insuficiência de métodos de instituições obsoletas e, certamente, sentiu as primeiras percepções da importância da formação dos quadros de oficiais da Instituição e do quanto havia por realizar.

Nesse período, teria esboçado os referenciais que o orientariam futuramente na celebrada tarefa que se impôs, de privilegiar a preparação do caráter e da personalidade do oficial do Exército.

Chegando à tropa, o alferes de Infantaria José Pessoa sentiu o influxo positivo das reformas internas então promovidas pelo Marechal Hermes da Fonseca, estimulando a elevação do nível de operacionalidade. Nada melhor para um início de carreira.

Viveu, jovem, a ebulição profissional promovida pelos “jovens turcos” e pela “Missão Indígena”. Do mesmo modo conviveu na caserna com os conflitos entre os “teóricos bacharéis” e os “práticos tarimbeiros”.

Ainda alferes, em 1911 e 1912, pôde provar a coragem pessoal e a aptidão para a chefia na luta pelo restabelecimento da ordem e pacificação do nordeste sertanejo. Aproximou-se de Olavo Bilac, com outros tenentes de seu tempo, no apoio à

campanha pelo serviço militar obrigatório. Em 1916, como instrutor militar na Faculdade de Direito de São Paulo, foi um paladino das idéias de Bilac, que exercitou, com todo ardor cívico, junto a homens como ele próprio.

Em 1916, freqüentava estágio na Academia Militar de Saint Cyr na França, sob a forte influência militar tradicionalista francesa.

Embora o Brasil não participasse diretamente das operações na 1ª GG, o Governo autorizou a participação de oficiais que se encontravam na Europa junto às forças aliadas nas quais estagiavam.

Em tais circunstâncias, o tenente José Pessoa teve seu batismo de fogo em campanha externa como Cmt do 1º Pelotão do 1º Esquadrão do 503º Regimento de Cavalaria do Exército Francês.

Mais que a oportunidade de participar de operações em tão exigente teatro- de- operações, adquiriu a experiência de emprego de um novo engenho – o carro- de– combate – que revolucionaria os referenciais doutrinários da tática. No comando daquele pelotão, ficou impressionado e marcado pelos soldados turcos sob seu comando, combatentes determinados, rústicos e agressivos. Auferiu subsídios e firmou conceitos sobre a importância da efetiva liderança em combate. Louvado por sua atuação e condecorado pelo governo francês por atos de bravura e coragem, foi evacuado quase ao final da guerra, acometido que fora por grave doença. Foi quando, baixado em hospital francês, apaixonou-se pela enfermeira inglesa D. Blanche Mary Edward, com quem viria a se casar e formar a família que se enriqueceu com três filhos, duas meninas e um menino.

Após integrar modernas unidades do Exército Francês, regressou ao Brasil retemperado e atualizado no que havia de mais moderno em táticas e procedimentos de combate terrestres. Tornou-se pioneiro da introdução do carro - de- combate no Exército Brasileiro, sendo autor, ainda como capitão de obra que foi paradigma no ensino do emprego da nova máquina de guerra, “Os Tanques na Guerra Européia”, editado em 1921.

Sua fértil trajetória profissional teve curso no desempenho de inúmeros e importantes cargos. Foi Embaixador Plenipotenciário do Governo Brasileiro em Missão Especial no Paraguai e adido militar na Inglaterra.

Teve sempre a movê-lo a força espiritual do idealismo e a exata percepção do momento histórico vivido. Via contritamente à sua frente o que muitos consideravam utopia. Sua vasta e polimórfica cultura lhe permitia uma visão de futuro que não era adequadamente percebida pela maioria de seus contemporâneos. Já naqueles anos, com larga percepção geopolítica, preocupava-se com a recuperação do semi-árido nordestino, a interligação terrestre com a Amazônia, a navegação no rio S. Francisco e a colonização do planalto central. Na época, poucos foram capazes de entender sua avançada e inovadora concepção a respeito da formação de oficiais do EB.

Entre 1930 e seu falecimento em 1959, atuou direta ou indiretamente, como protagonista ou coadjuvante, em incontáveis iniciativas em proveito daquele sistema. Sua maior e sempre lembrada obra definiu-se em dois momentos. O primeiro, quando coronel e logo general, no processo de revalorização do sistema de ensino de formação, na Escola Militar, entre 1931 e 1934, realizando ampla reforma material, estrutural e espiritual na própria Escola Militar do Realengo. O segundo, o passo gigantesco, audacioso e definitivo, a transferência e construção da nova escola militar no município de Resende, berço bem forjado de nossa Academia Militar das Agulhas Negras, obra que marcou em definitivo o lugar de destaque que o Mar José Pessoa ocupa no panteão dos vultos célebres de nosso exército. Nas felizes palavras do então Ten. Cel Hirtam de Freitas Câmara, que produziu

importante obra sobre a vida do chefe militar que agora evoco, o Mar José Pessoa inseriu no sistema de ensino de formação de nossos oficiais o que se pode chamar de ”forma ideológica de formação de novos oficiais à imagem de Caxias”. O EB lhe deve essa iniciativa de inestimável valor e alcance. Nossos jovens oficiais carregam consigo a força de seu ideal.

Reverencio, pois, o ilustre líder militar, Mar José Pessoa, cuja memória há de iluminar minha presença e meus atos na qualidade de acadêmico titular, honrado em ocupar a cadeira da qual é o inspirador patrono.

Cumprimento o Presidente e os Presidentes de Honra da AHMTB, seus acadêmicos, delegados e colaboradores, agradecendo honrado a distinção de me concederem espaço em seu seio. Sou particularmente grato às generosas referências contidas na amável saudação proferida pelo Gen Castro. Agradeço a presença dos estimados convidados, que saúdo com apreço. Deixo, por fim, a minha palavra de comprometimento com os propósitos desta Academia, com fé e esperança em seus nobres destinos.

SIGNIFICAÇÃO HISTÓRICA DO DUQUE DE CAXIAS - O PATRONO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB)

Pelo acadêmico emérito Cel Cláudio Moreira Bento, Presidente da AHIMTB

Hoje, quando a novela A Casa das sete mulheres, num misto de pouca História e muita fantasia, trouxe a baila em escala nacional e popular a Revolução Farroupilha, no ano do Bicentenário do Duque de Caxias o seu pacificador e patrono do Exército Brasileiro e de nossa Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Ano também em que em Porto Alegre a RBS, em seu programa A ferro e fogo, em 26 de março, sobre a Revolução Farroupilha, potencializou calúnia histórica contra Caxias, como envolvido numa falsa trama com os líderes farrapos, visando eliminar os infantes e lanceiros negros farrapos, torna-se oportuno evocar a sua significação histórica aqui no Rio de Janeiro onde ele nasceu e viveu a maior parte de sua vida e faleceu.

Mas hoje o Duque de Caxias tem sido alvo alternado, ora de silêncios ora de deformações de sua real imagem, ou de contaminantes indiferenças em locais e instituições que por vezes se limitam a cultuar sua imagem de maneira mecânica, sem aprofundarem, captarem e explorarem o real sentido e as preciosas lições de sua vida e obra. E tudo em contraposição, aos conceitos que até poucos anos atrás dele emitiam, o Povo, a Imprensa, estadistas, chefes militares notáveis, pensadores, escritores e historiadores militares e civis que o definiam como:

Filho Querido da Vitória; O Pacificador; General Invicto; Condestável, Escora, Esteio e Espada do Império do Brasil; Duque de Ferro e da Vitória; Nume e Espírito Tutelar do Brasil; Símbolo da Nacionalidade; o Maior Soldado do Brasil; o maior dos generais sul-americanos; Alma Militar do Brasil e Herói tranqüilo e perfeito etc. Sua obra monumental de Pacificador de 4 lutas internas , e mais as suas modelares manobras de flanco de Humaitá e Piquiciri na Guerra do Paraguai o credenciam a figurar, sem favor nenhum, na galeria dos maiores capitães da História Militar Terrestre Mundial. Sua eleição inconteste para patrono do Exército o foi no sentido como a definiu Pedro Calmon:

”Como o chefe integral do Exército, o seu modelo, a sua alma, a imagem maravilhosa do espírito que nele deve vibrar, e a síntese mágica das virtudes e brios de que ele deve estar embuido.”

E sua elevação ao patronato do Exército se deveu fundamentalmente a haver vencido 6 campanhas militares(4 internas e 2 externas),além de haver dirigido o Exército de forma marcante e muito fecunda, como Ministro da Guerra, em 3 oportunidades (1855/58,l861/62 e l875/78), cumulativamente com a Chefia do Governo do Brasil, na condição de Presidente do Conselho de Ministros. Caxias foi o 1º Porta Bandeira do Pavilhão Nacional, tão logo proclamada a Independência, em solene cerimônia , em 10 nov 1822, na Capela Imperial, quando a recebeu das mãos do próprio Imperador. E ninguém mais do que ele glorificaria a bandeira do Império que ele ali recebia. Profissional militar de altíssimo gabarito, sempre sonhou com o Exército Brasileiro possuir uma Doutrina Militar genuína. Sonho que expressou ,em 1862, ao baixar Ordenanças do Exército Imperial do Brasil, calcada em adaptações das Ordenanças de Portugal, às realidades operacionais do Brasil que ele vivenciara, em 5 campanhas militares, em que lhe coube comandar e conduzir à vitória o Exército Brasileiro e com a ressalva: ”até que o nosso Exército possua uma Tática(Doutrina) genuinamente nossa”, Mais um pioneirismo seu!

Como Ministro da Guerra entre suas muitas grandes realizações: A Escola Militar da Praia Vermelha, no local onde hoje se acha a praia entre a ECEME e o IME e que formou as gerações de oficiais que fizeram a guerra do Paraguai, como o bravo General Tibúrcio que hoje da o nome a esta praça. E a reforma do QG do Exército, em local hoje onde se situa o Panteon com sua estátua eqüestre que abriga em seu interior os seus restos mortais e os de sua esposa, além de outras marcantes, como o primeiro Regulamento Disciplinar do Exército em 1875. Como cidadão, sua culminância foi pacificar a Família Brasileira em Ponche Verde, em D.Pedrito atual em 1º mar 1845 e onde se consagrou pioneiro abolicionista, ao assegurar, a despeito de fortíssimas pressões de escravocratas, a Liberdade para os lanceiros negros farrapos, os incorporando ao Exército, como livres, na Cavalaria Ligeira do Rio Grande.

Na Revolução Farroupilha que por quase 10 anos assolou o Rio Grande do Sul, segundo Pedro Calmon:

“O Barão de Caxias venceu sobretudo por convencer, pois a verdadeira vitória não consiste em sufocar ou subjugar o adversário, pois é antes uma tarefa de persuasão, de conquista de corações para que se atinja o ideal vencedor. E Caxias sobrepôs a olhos fratricidas, a dignidade da paz justa, cobrindo as forças em luta com o véu iluminado da concórdia e da pacificação. Pois ali reuniu ao gênio de guerreiro consumado, a generosidade clemente e aliciadora.”

Ao pedido de um áulico de que se festejasse a vitória com um Te Deum na igreja São Sebastião em Bagé, optou por uma missa em “sufrágio das almas dos mortos imperiais e republicanos que haviam tombado em defesa de suas verdades”, entre os quais encontrava-se seu tio general farroupilha João Manuel de Lima e Silva que fora consagrado pelos farrapos como o seu primeiro general. A grandeza desta tolerância a serviço da preservação da Unidade da Família Nacional, fez com os gaúchos o consagrassem como o seu presidente e a seguir

como seu senador vitalício por 30 anos, em 1845. Como líder de batalha, o seu grande feito estratégico foi a modelar Manobra de Flanco da posição fortificada de Piquiciri, através do Chaco, onde correu Risco Calculado, ao sacrificar o Princípio de Guerra da Segurança, em benefício do da Surpresa que ele obteve a nível estratégico, ao desembarcar, de surpresa, na retaguarda profunda do adversário em Santo Antônio, abreviando em muito a duração do conflito e poupando assim recursos de toda a ordem e vidas humanas de irmãos brasileiros, argentinos ,uruguaios e paraguaios ,envolvidos no maior conflito até hoje ocorrido na América do Sul e o primeiro com características de Guerra Total entre nações.

Como líder de combate seu maior momento foi na conquista da ponte de Itororó. Ao perceber que o seu Exército poderia ali ser detido, desembainhou sua invencível espada de 5 campanhas, brandiu-a ao vento, e voltou-se decidido e convincente para seus liderados e apelou com energia com o brado -"Sigam-me os que forem brasileiros !"Ato continuo lançou-se sobre a ponte de Itororó com o seu cavalo de guerra, indiferente ao perigo e arrastando atras de si todo o Exército detido, para, em seguida, colher expressiva vitória tática que removeu obstáculo que quase colocou em perigo toda a sua brilhante manobra estratégica através do Chaco. Sua derradeira ação pacificadora foi a de pacificar a Questão Religiosa, ou Episcopo.

- Maçônica, defendendo e obtendo êxito na assinatura pelo Imperador de decreto de nº 5093, de 17 set 1875 de Anistia.

Caxias nasceu em 25 ago. 1803 no local do atual Parque Histórico Duque de Caxias do município de Duque de Caxias - RJ , que recebeu o nome de seu título por ele ali haver nascido. Faleceu em 7 mai. 1880, aos 77 anos, na Fazenda de Santa Mônica, em Juparanã - Valença -RJ, a vista do rio Paraíba do Sul e onde se recolhera e passara os dois últimos anos de sua vida, viúvo e aos cuidados de sua filha mais velha a baronesa de Santa Mônica.

Segundo sua vontade expressa em testamento, foi transportado ao túmulo no Rio de Janeiro, por soldados de bom comportamento, cujos nomes foram imortalizados em pedestal de seu busto em passadiço do Conjunto Principal antigo da AMAN.

Falou junto a sua sepultura interpretando os sentimentos do Exército Brasileiro, o já consagrado escritor e historiador Major de Engenheiros Alfredo de Taunay que assim concluiu a sua antológica oração:

"Só a maior concisão, unida a maior singeleza e que poderá contar os seus feitos! Não há pompas de linguagem !Não há arroubos de eloqüência capazes de fazer maior esta individualidade, cujo principal atributo foi a simplicidade na grandeza."

Capistrano de Abreu, grande historiador do Brasil , assim interpretou os sentimentos do Exército Brasileiro ao saber que o Duque de Caxias havia dispensado as honras militares:

“O Duque de Caxias dispensou as honras militares! Acho que ele fez muito bem! Pois as armas que ele tantas vezes conduziu à vitória ,talvez sentissem vergonha de não terem podido libertá-lo da morte!

O Duque de Caxias sublimou as Virtudes Militares de Coragem, Abnegação, Honra Militar, Devotamento e Bravura..

O Exército manifestou-se oficialmente em Ordem do Dia alusiva ao seu falecimento concluindo suas considerações elogiosas com esta afirmação: “Se houve quem prestasse serviços excepcionais ao Brasil foi o Duque de Caxias. Se houve quem menos os fizesse valer ,foi o Duque de Caxias!” Desde 1931 os cadetes do Exército portam como arma privativa o Espadim de Caxias, cópia fiel em escala do glorioso e invicto sabre de campanha de Caxias. Em 1o mar l996, há 7 anos fundamos em Resende - RJ ,A Cidade dos Cadetes - a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) que elegeu o Duque de Caxias como o seu patrono e o seu invicto sabre como símbolo em seu brasão, por ser a mais representativa espada do Brasil.

Academia de História Militar Terrestre do Brasil com a presente sessão no IME de posses como acadêmico do Gen Ex Gleuber Viera e com seu 2º presidente de Honra do Gen Ex Conforto, Chefe do DEP, abre em seu âmbito, aqui no Rio, as comemorações do bicentenário do Duque de Caxias, que serão hoje aqui marcadas pelo lançamento de livro por ela editado Caxias e a Unidade Nacional patrocinado por subscrição popular de membros e amigos da nossa Academia de História e admiradores de Caxias e como conclusão de um projeto por nós iniciado a na AMAN, em 1980, quando ela abrigou a cerimônia nacional oficial evocativa da centenário da morte do Duque de Caxias, presidida pelo Presidente da República General João Figueiredo. Evento documentada pela Revista Agulhas Negras 1980.

PALAVRAS FINAIS DO PRESIDENTE DA ACADEMIA NO IME EM 26 JUNHO 2003

Hoje, decorridos 7 anos de fundada em Resende, A Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) realizou a 7ª sessão , das quais 6 de posses de acadêmicos, neste Instituto Militar de Engenharia, o celeiro de futuros engenheiros do Exército, nos primeiros anos do insondável 3º Milênio e que acolhe e abriga em suas instalações a Delegacia Marechal João Baptista de Matos. Sessão comemorativa pela AHIMTB, em seu âmbito, no Rio de Janeiro, do bicentenário do Duque de Caxias seu patrono e marcada pela evocação de sua vida e obra por nós levada a efeito e pelas posses como acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira o ultimo chefe a exercer as funções de Ministro do Exército e o primeiro a exercer as de comandante do Exército e na cadeira Marechal José Pessoa , e como 2º presidente de Honra o Gen Ex Sérgio Ernesto Alves Conforto, como chefe do DEP.

Hoje foi apresentado aqui um conjunto precioso de conhecimentos históricos que esperamos reforcem em seus assistentes a identidade e perspectiva profissional. Aqui desfilaram os perfis históricos do Duque de Caxias, patrono da AHIMTB, do novo acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira e de seu patrono o Marechal

José Pessoa, o nosso, e mais o Gen Ex Sérgio Ernesto Alves Conforto empossado presidente de Honra da AHIMTB.

E foi reverenciado com um minuto de silêncio o falecido acadêmico Gen Div João Carlos Rota, ao qual se deve a iniciativa do Projeto História do Exército na Região Sul ,hoje com 9 volumes editados, além de acabar de coordenar na Região Sul o projeto já publicado Memória da FEB e de concluir no Sul o projeto Memória da Contra Revolução de 1964 apoiados e estimulados pelo novo acadêmico General Gleuber Vieira.

E nesta sessão a Academia de História Militar Terrestre do Brasil entregou aos empossados uma síntese do que ela tem realizado efetivamente para ajudar o Exército a conquistar seu Objetivo Atual nº 1:

Pesquisar, preservar, cultuar e divulgar a memória histórica, as tradições e os valores morais, culturais e históricos do Exército.

Objetivo a nosso ver providencial e oportuno se bem estendido, prestigiado e implementado, com vistas a anular no seio do Exército a estratégia denominada Grancismo que aos poucos sutilmente envolve e confunde a Sociedade Brasileira. E hoje nossa Academia tem a consciência de haver avançado muito neste particular o que o comprova os seus arquivos, trabalhos realizados por seu membros espalhados por todo o Brasil, inclusive no Timor Leste, Estados Unidos e Portugal e a divulgação de seus trabalhos em seu site e no site Militar tendo como seus web designer dois oficias da Marinha especialistas em Informática e seus membros colaboradores eméritos e mais em Resende em Caserna no site Portal Agulhas Negras.

É tudo isto nos dá hoje uma agradável sensação de vitória ao lembramos que a História Cultural do Exército já registrou a criação do Instituto Histórico Duque de Caxias que não ultrapassou a sua sessão de criação e desapareceu.. Caso a Academia de História Militar Terrestre do Brasil tivesse hoje que encerrar suas atividades principalmente por falta de apoio financeiro, e mais por falta de vontade cultural de seus membros e apoio moral das instituições em cujo proveito julga que trabalha, ela deixaria um precioso acervo documental e bibliográfico sobre suas realizações e em especial na Internet.

Acervo onde se destacam a documentação de posses encadernadas , diversos números de seu modesto Informativo O Guararapes, valioso arquivo biográfico ,a História do Exército na Região Sul já com 9 volumes editados e 2 encaminhados e os compêndios de Lutas Internas e Externas para a ECEME e mais o de História Militar Terrestre da Amazônia pronto para ser editado. E grande parte de seu acervo em CDs.

Mas instituições como nossa Academia de despesas certas e rendas incertas necessitam de recursos financeiros. Ela provou ser uma boa idéia. E Napoleão costumava dizer que o sucesso de qualquer empreendimento depende de 4 condições: 1a Uma boa idéia. 2a, de dinheiro. 3a, de dinheiro e 4a, de dinheiro. Tem sido comum a falta de dinheiro, a incompreensão de parte de alguns raros companheiros que julgam não ser o trabalho da Academia de importância e que não

a prestigiam e até não a visitam parecendo considerar a nossa História Militar como um casaco velho sem serventia e para ser jogado no lixo Ou que ao se olhar para traz, para o passado corre-se o perigo de acontecer como em Sodoma e Gomorra o virar-se estátua de sal.

Outros por não terem tomado contato com a História Militar Crítica quando estudantes e sim com a História Militar Descritiva que não os levava a lugar nenhum, modalidades que foram assim exemplificadas por Frederico o Grande, grande general cujo estudo de suas batalhas integraram o currículo de História da Real Academia Militar , ao tempo em que ali estudou o Duque de Caxias. E assim falou indignado Frederico o Grande ao assistir uma péssima aula de um professor de História Militar de seu filho:

“ Não ensine História Militar a meu filho como se ensina a um papagaio, fazendo ele decorar datas, nomes e trechos .Faça meu filho raciocinar e tirar conclusões e lições do que lhe ensina.”

Este é o espirito do ensino da História Militar Crítica que foi introduzido na AMAN quando seu instrutor de História Militar foi o mais tarde General Álvaro Cardoso e continuado com vigor por nosso hoje patrono de cadeira na AHIMTB, Cel Francisco Ruas Santos e pelos que o sucederam até a modernização do ensino, cuja mecânica no tocante ao ensino de História ainda não conhecemos. Por oportuno vale lembrar aos presentes esta imagem:

Ser o passado é uma enorme planície onde correm dois rios .Um reto e de margens bem definidas que é o rio da História.

Esta fruto da razão e da análise isenta da fontes históricas autênticas, fidedignas e integras, à luz de fundamentos de crítica escolhidos.

O outro é um rio cheio de curvas e meandros e de margens indefinidas e por vezes com perigosos alagamentos. Este. é o rio do Mito. E este fruto das paixões humanas, das fantasias , da ignorância , das manipulações, das deformações, dos preconceitos e da injustiça etc .E, infelizmente predominante entre nós. Esta é uma importante lição para os jovens que nos assistem para que saibam exercer o seu espírito crítico para sempre distinguir a História do Mito.

O Brasil acabou de assistir a novela A Casa das sete mulheres onde foram cruelmente violentadas e satanizadas as imagens de dois grandes soldados brasileiros, os generais Bento Manoel Ribeiro e David Canabarro aos quais o Brasil muito esta a dever a preservação de sua Integridade, Soberania e Unidade no Rio Grande do Sul.

E creio que foi essa a idéia guardada pelos militares desavisados da imagem manipulada daqueles dois heróis que abordei em meu livro O Exército farrapo e seus chefes editado em 1991 pala Biblioteca do Exército. A História Militar Terrestre do Brasil , tem sido tradicionalmente no mundo, uma atividade nobre para soldados inativos e uma maneira de continuarem a contribuir para o progresso da instituição com a experiência que adquiriram .Aliás prática esquecida entre nós o que sugere

análise profunda pela estreita ligação da História Militar com o desenvolvimento de uma Doutrina Militar.

E neste objetivo vem se aplicando a nossa Academia num toque de reunir soldados inativos e ativos e civis interessados em delegacias espalhadas pelo Brasil.

Dentre os objetivos que a Academia persegue registre-se o de resgatar, preservar e divulgar as obras de historiadores militares terrestres e com elas, expressivamente, a História Militar Terrestre do Brasil, indiscutivelmente o Laboratório da Tática, da Logística e da Estratégia terrestres brasileiras Aqui vale lembrar o Marechal Ferdinand Foch que saiu da cadeira de História Militar da Escola Superior de Guerra para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial e sob cujo comando lutaram 24 oficias de nosso Exército e inclusive o então Ten de Cavalaria José Pessoa, patrono da Delegacia de Brasília e futuro idealizador da AMAN, o qual como seu comandante dinamizou o ensino de História Militar e introduziu o de Geografia Militar, como a Geografia do Soldado, a serviço do maior esclarecimento nos mais diversos escalões do fator da decisão militar - O TERRENO. Falou o marechal Foch:

“Para alimentar o cérebro (entenda-se Comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a indesejável eventualidade de uma guerra ,não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro História Militar. Esperamos que a abordagem deste assunto, contribua para solidificar nos alunos presentes a perspectiva e identidades históricas das especialidades escolhidas a do Brasil e de suas forças terrestres.

Isto para que em melhores condições, possam vir a contribuir para o desenvolvimento tecnológico e liderança das Forças Terrestres no início do insondável 3º Milênio.

E, também, tentar despertar vocações adormecidas de historiadores militares terrestres brasileiros, categoria que se acha em fase de extinção, por razões várias ,e em especial por invasões indébitas de sua função social por deformadores da História Militar com os mais variados e até inconfessáveis fins. Constatar é obra de simples verificação e raciocínio! A História por seu poder de solidificar o patriotismo, o civismo, a auto estima de um povo e a identidade e perspectiva históricas do mesmo, vem sendo atacada pela Mídia pelas estratégia do Silêncio alternada com a estratégia da Deformação, por duas forças poderosas convergentes: o Grancismo e o Poder Econômico Mundial que domina o Mercado Mundial, uma variante em nossos dias do Bezerro de Ouro da Bíblia .Constatar é obra de simples verificação e raciocínio. Silêncios e Deformações a que se atribui Indiferenças pelo assunto História Militar e do Exército pelos que tem o dever de preservar, pesquisar, cultuar e divulgar a História, as Tradições e os valores morais, culturais, profissionais e históricos do Exército minado pelos silêncios e deformações.

Cabe pois aos que nos ouvem e futuros lideres do Exército ,saber distinguir como foi assinalado a História do Mito. Deste hoje tem sido vítimas preferidas as nossas Forças Armadas e Auxiliares de parte de agentes da Mídia em especial. Mas as falsidades e deformações de nossa História continuam produzindo seus

efeitos como se verdadeiras, no seio da juventude que não teve contado com as Forças Armadas. Disto resulta uma desorientação de parcela desta juventude que se entrega a prática de valores que confrontam e mesmo agridem os enumerados pela Sociedade Brasileira na Carta Magna .Fato diagnosticado por alguns analistas como falta de Religião e de História e do que decorre a falta de identidade e de perspectiva históricas. E nisto vem a Academia se aplicando em esclarecer manipulações que distorcem e comprometem a verdadeira imagem das forças terrestres com calúnias , deformações e manipulações que circulam com foros de pretensa História .Ou seja não se limita a AHMTB a indignação pura e simples .Parte como ONG para o debate defendendo a sua verdade!

Na peça de Júlio Cezar de Shakespeare, Marco Antônio diz a certa altura a Brutus: “As boas obras que os homens praticam são sepultadas com os seus ossos. No entanto só o mal sobrevive.”

Outro papel da Academia tem sido o desenterrar junto dos ossos as obras dos historiadores militares terrestres brasileiros, civis e militares e com elas, por via de conseqüência, o valioso patrimônio cultural militar terrestre brasileiro acumulado em quase 5 séculos de lutas e vigílias por várias gerações de militares de terra, os quais foram, em grande parte, responsáveis pelo delineamento, exploração, conquista, segurança e manutenção de um Brasil Continente que cabe as atuais e futuras gerações preservar e defender. E às gerações do 3º Milênio caberão responder aos graves desafios reservados à soberania do Brasil na sua Amazônia, E nesta defesa a Academia se engajou ao preparar para edição este ano da obra Amazônia Brasileira - A conquista, consolidação e manutenção –História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003.

E especial atenção tem dado a Academia ao resgate e culto das memórias de soldados terrestres que no curso do processo histórico brasileiro deram suas vidas em holocausto a pátria brasileira ,os quais ,segundo Péricles ,que viveu em Atenas, cujo século V antes de Cristo levou o seu nome ,por haver se constituído no apogeu da civilização grega e, com ela ,a da Democracia que ele ajudou a construir como chefe de Estado e estratego pôr 14 anos:

“ Aquele que morre por sua pátria ,serve-a mais em um só dia que os outros em toda a vida.”

Agradecemos a presença de todos quantos prestigiaram com suas presenças este encontro de gerações de jovens alunos ,futuras lideranças do Exército ,com historiadores civis e militares e soldados terrestres da Guarnição do Rio de Janeiro . Foi uma renovada emoção a AHIMTB iniciar no Rio de janeiro aqui no IME em seu âmbito as comemorações do Bicentenário do Duque de Caxias e aqui entregara a seguir seus patrocinadores na cidade do Rio de Janeiro do livro Caxias e a Unidade Nacional .E depois desta sessão no coquetel a ser servido , os autografar a interessados em os adquirir bem como a obra 2002 –Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário e ambos de cunho profissional militar.

Agradecimento a todos que prestigiaram com suas honrosas presenças esta histórica sessão.

Agradecimentos especiais ao Delegado da AHIMTB no Rio de Janeiro General Rubens da Silveira Brochado e comandante deste Instituto Militar de Engenharia e a sua dedicada equipe ,e em alunos que serviram de porta vozes e alunos auxiliaram na condução desta seção.

E finalizando, em tributo a Disciplina e a Hierarquia, sustentáculo constitucional do ordenamento jurídico brasileiro, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil convida para encerrar a sessão como a maior autoridade hierárquica presente e presidente de Honra desta sessão o agora acadêmico Exmo Sr Gen Ex Gleuber Vieira.

Nº39 - Out/Dez 2003 – Cel Cláudio Moreira Bento

ACADEMIA DE HISTORIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
Histórico e realizações

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil(AHIMTB), foi fundada há 7 anos em Resende, A Cidade dos Cadetes, em 1º março 1996. Tem por fim desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares, Guarda Nacional, Voluntários da Pátria e de outras forças que as antecederam desde o Descobrimento. Com sede em Resende, em dependência da AMAN, mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares como os marechais José Pessoa, Leitão de Carvalho, Tasso Fragoso, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco e gen Aurélio de Lyra Tavares. Foram consagrados em vida alguns patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil.

Figuram como patronos civis Barão do Rio Branco, Dr Eugênio Vilhena de Morais Gustavo Barroso, Pedro Calmon e José Antônio de Mello Neto pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil. A Academia tem como 1º presidente de Honra , o Comandante do Exército, 2º Presidente de Honra o chefe do DEP , 3º Presidente de Honra o comandante da AMAN e 4 o Presidente de Honra o Presidente da AEDB.

A Academia possui como órgão de divulgação o Informativo O GUARARAPES que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica, por gerador da perspectiva e identidade históricas das Forças Terrestres do Brasil e, principalmente pelo desenvolvimento de suas doutrinas militares. Divulgação que potencializa através varios sites e em espacial de site http://www.resenet.com.br/users/ahimtb, já com cerca de 19.000 visitas e a, onde implantou vários livros e artigos como o sobre as As batalhas dos Guararapes relacionadas com o Dia do Exército e Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro recém reeditado pelo EME. Em Resende divulga seus trabalhos em Caserna no Portal Agulhas Negras.

Academia desenvolve História militar crítica e não descritiva em duas dimensões:

1º a clássica como instrumento de aprendizagem da Arte Militar com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas etc.

A 2a com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que colocados à disposição das lideranças civis ,da OEA e da ONU, estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Brasileira.

A Academia vem dando especial atenção à Juventude masculina e feminina estudando nos sistema de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e as atuais de historiadores militares terrestres e soldados terrestres e, além, tentar despertar no turbilhão da hora presente, no insondável 3 o milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e sobretudo estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação!.

É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e a perspectiva históricas das mesmas e, além, as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas o que se impõe a uma grande nação, potência, ou grande potência do 3º Milênio.

No desempenho de sua proposta realizou nos últimos 7 anos sessões solenes junto a juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais ,Infantaria da Aeronáutica(e Polícias Militares que vem progressivamente mobilizando e integrando em sua cruzada cultural e centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, em dependência cedida pela AMAN.

Complementarmente procura a Academia apontar aos jovens, seu público alvo, os homens e instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil e seus desdobramentos, com o apoio na análise racional e não passional de fontes históricas, integras, autênticas e fidedignas, que com grandes esforços garimpam, ao invés das manipulações históricas predominantes entre nós feitas por historicidas, fruto das mais variadas paixões, fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. E se os jovens disto se convencerem e exercerem o seu espírito crítico será meia batalha ganha.

A Academia vem atuando em escala nacional com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de sócios e já possui em Brasília a no CMB, Delegacia Marechal José Pessoa; em Porto Alegre no CMPA, a Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara; em Fortaleza no CMF, a Delegacia Cel José Aurélio Câmara; no Rio de Janeiro, no IME, a Delegacia Marechal João Baptista de Matos .Em Curitiba, no CMC a Delegacia gen Luiz Carlos Pereira Tourinho, em Campinas a delegacia Marechal Mário Travassos, em Caxias do Sul, no Grupo Conde de Caxias, a delegacia Gen Morivalde Fagundes e em Pelotas, no 9º BI Motorizado a Delegacia Fernando Luiz Osório. Em São Paulo esta tratando de fundar a Delegacia Gen Bertoldo Klinger e em Belo Horizonte a Delegacia Gen Antônio de Souza Junior etc Em outros locais estabelece sócios correspondentes e em São Paulo a Polícia Militar a Delegacia Cel Pedro Dias de Campos na qual é qual é cultuado a memória do General Miguel Costa em verdade o comandante da Grande Marcha que passou a História por manipulação ideológica bem sucedida de Coluna Prestes.
A Academia em seus 7 anos de atuação se orgulha das realizações concretizadas e ressalta os seguintes trabalhos em curso:

O desenvolvimento do Projeto História do Exército na Região Sul. Já publicou a História da 3ª RM em 3v, a do CMS ,a da 6a Divisão de Exército, a da 8ª Brigada de

Infantaria Motorizada, a da 3a Brigada de Cavalaria Mecanizada, a da 6ª Brigada de Infantaria Blindada e já dispõe em condições de publicar a da Artilharia da 6ª DE .E já pesquisa a História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, As duas últimas previstas para este ano. E tem consciência da importância desta contribuição, não sabe se até avaliada em sua real projeção.

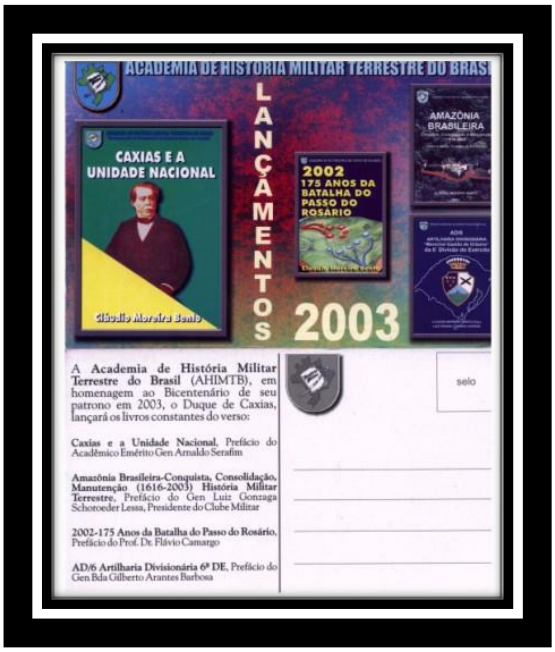
Já desenvolveu para a Escola de Estado- Maior do Exército para seu projeto de ensino a distância os compêndios integrados: Brasil Lutas Externas 1500-1945 e Brasil Lutas Internas até nossos dias. E neste já conclui e lançara, Amazônia Brasileira – a conquista , a consolidação e a manutenção história militar terrestre da Amazônia,1616-2003 que aborda as Lutas internas e externas que a envolveram e tudo na tentativa de ajudar a melhor orientar o esforço de defesa daquela estratégica área no insondável 3º Milênio.

Lançara hoje aqui as obras Caxias e a Unidade Nacional, comemorativa do bicentenário de seu patrono e também o do Exército e a 2002-175 anos da Batalha do Passo do Rosário ilustrada com mapas coloridos didáticos e mais História Militar de Resende 1744-2003.

Eis meus senhores e minhas senhoras uma síntese do perfil sintético da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e de suas vitórias, sem mencionar o valiosos acervo que reuniu em seu modestíssimo e já lotado Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil onde em paralelo possui valioso acervo bibliográfico sobre as histórias da AMAN, de Resende e de Itatiaia.

LANCAMENTOS DE LIVROS EM 2003 PELA AHIMTB, COMEMORATIVOS DO BICENTENÁRIO DO DUQUE DE CAXIAS, O SEU PATRONO.

A AHIMTB lançara este nos os seguintes livros constantes do cartão postal a seguir:



ATIVIDADES DA AHIMTB NAS COMEMORAÇÕES DO BICENTENÁRIO DO DUQUE DE CAXIAS – SEU PATRONO E DO EXÉRCITO BRASILEIRO

A AHIMTB esta lançando os seguintes livros em comemoração ao Bicentenário de Duque de Caxias.

1 – **CAXIAS E A UNIDADE NACIONAL**, de autoria de seu presidente, o Cel Claudio Moreira Bento, prefácio do acadêmico emérito e Delegado da Delegacia Marechal José Pessoa da AHIMTB em Brasília, e seu 2 o vice presidente General Arnaldo Serafim; apresentação do acadêmico e 3 o vice presidente Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Delegado da Delegacia do RGS General Rinaldo Pereira da Câmara e orelhas do acadêmico Dr. Flávio Camargo que editou gratuitamente pela Gênesis o trabalho, que foi impresso pela Gráfica Metrópole em Porto Alegre, a qual, gratuitamente forneceu cartões postais com 4 obras editadas pela AHIMTB. Este livro consta de 386 páginas e 143 ilustrações ao final. Foi patrocinado por integrantes da AHIMTB e admiradores de Caxias relacionados nas páginas **297/301** do livro. citado que resultou de pesquisas do autor iniciadas em 1980,quando instrutor de História Militar na AMAN. O acadêmico Flávio Camargo, cursando Universidade na Califórnia- EUA, retirou o livro do site da Academia www.resenet.com.br/users/ahimtb onde fora colocado por seu web designer e Grande colaborador da AHIMTB, CF Carlos Norberto Stumpf Bento.

2- **2002 – OS 175 ANOS DA BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO**, de autoria do Cel Bento presidente da AHIMTB e prefácio do acadêmico Dr. Flávio Camargo, que o prefaciou e também foi o seu editor gratuitamente pela Gênesis, para ser impresso pela Gráfica Metrópole com mapas coloridos colocados ao final da obra para serem consultados com o livro aberto. As orelhas ficaram a cargo do acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Georgis, Delegado da Delegacia General Ribaldo Pereira da Câmara do Rio Grande do Sul. Obra que aborda a interpretação da batalha pelo Duque de Caxias e fundamentalmente abordou as marchas estratégicas dia a dia dos exércitos para a batalha e uma análise dos fatores da Decisão Militar dos dois exércitos para a batalha. Obra patrocinada pela FHE-POUPEX, Grande Colaboradora da AHIMTB e presidida pelo Gen Ex Clóvis Jacy Burmann.

3– **AD/6 – ARTILHARIA DIVISIONÁRIA DA 6ª DIVISÃO DE EXÉRCITO**, que resgatou de grande injustiça histórica o Marechal Gastão de Orleans e Conde D' Eu, comandante da Artilharia Brasileira por mais de 25 anos e comandante do Exército Brasileiro na Campanha da Cordilheira. Obra de autoria do presidente da AHIMTB, Cel Claudio Moreira Bento em parceria com o acadêmico da AHIMTB e seu delegado no Rio Grande do Sul, Cel Caminha; apresentação do Gen Bda Gilberto Arantes Barbosa, comandante da AD/6 e orelhas pelo acadêmico emérito e Veterano da FEB José Conrado de Souza.

O livro atualiza os comandantes da 3ª RM e os do CMS depois da edição de livros sobre estes comandos, dentro do Projeto História do Exército na Região Sul desenvolvido pela AHIMTB. Livro patrocinado pela GBOEx, FHE-POUPEX, CAPEMI, 3ª RM e expressivamente pelo COTER, chefiado pelo Gen Ex Virgílio Ribeiro Muxfeldt.

4 – **AMAZÔNIA BRASILEIRA – A CONQUISTA, CONSOLIDAÇÃO, MANUTENÇÃO – HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DA AMAZÔNIA 1616-2003**. Obra de autoria do presidente da AHIMTB, Cel Bento, prefácio do Gen Ex Luiz Gonzaga Schroeder Lessa, Presidente do Clube Militar; apresentação do acadêmico Cel Caminha, Delegado da AHIMTB no Rio Grande do Sul e seu 3º Vice Presidente e orelhas do acadêmico Dr. Flávio Camargo e também seu editor gratuitamente pela Gênesis, para impressão pela Editora Metrópole. Posfácio do Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes, comandante da AMAN que veio de comandar a Brigada de Selva, em Boa Vista – Roraima.

Obra patrocinada pela FHE-POUPEX, sob a presidência do Gen Ex Clóvis Jacy Burmann e elaborado para a ECEME num acordo então com ela no comando do

acadêmico Gen Div Paulo César de Castro, e num conjunto **Brasil Lutas Internas** e **Brasil Conflitos Externos**, elaborados pelo presidente da AHIMTB Cel Bento e já entregues a ECEME e disponíveis no site www.resenet.com.br/usera/ahimtb e que talvez em futuro originem livros didáticos.

Esta obra focaliza as lutas internas e externas que envolveram a Amazônia, a evolução da estrutura de defesa militar terrestre da Amazônia de 1616-2003, numa abordagem pioneira. Ao final, na bibliografia relaciona os autores e títulos de monografias relacionadas com a Amazônia, elaborados por alunos da ECEME e do CPAEX. Este livro será lançado ainda em 2003, possivelmente em 11 dez 2003 , no CMPA ,em Porto Alegre.

5- O livro **CAXIAS O PREDESTINADO DA PÁTRIA,** de autoria do acadêmico Osório Santana Figueiredo que é apresentado com seu rico currículo cultural,

nas orelhas ou abas, pelo Presidente da AHIMTB Cel Claudio Moreira Bento. No contexto do bicentenário do Duque de Caxias, o acadêmico Osório realizou palestra, em audiovisual, para os integrantes do 6º Batalhão de Engenharia de Combate, em São Gabriel- RS, aproveitando ilustrações da obra do Cel Bento **Caxias e a Unidade Nacional**. O livro citado se inclui na série lançada sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e, na sua 4ª capa, presta homenagem a AMAN e a seus cadetes em gravura sugestiva que estampa. Este livro junto com **Caxias e a Unidade Nacional** foram os únicos originais lançados no bicentenário do Duque de Caxias,

6- **MARECHAL CESAR OBINO O IDEALIZADOR E CRIADOR DA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA**. Livro de autoria do sócio efetivo da AHIMTB em Porto Alegre, Dr Eduardo Cunha Muller, sobrinho neto e herdeiro do arquivo do avô adotivo e padrinho. Prefacio do presidente da AHIMTB Cel Claudio Moreira Bento; apresentação do colaborador emérito da AHIMTB, General Egêo Correia de Oliveira Freitas e abas ou orelhas do acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Delegado da Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara da AHIMTB no Rio Grande do Sul e 3º Vice presidente da AHIMTB.

LANÇAMENTOS DE LIVROS E POSSES DE SÓCIOS REALIZADAS PELA AHIMTB NO BICENTENÁRIO DE CAXIAS

1 - **NO CÍRCULO MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS (CIMAN)**

A convite do Presidente do CIMAN, Cel Jorge Antônio Alegria Silveira e com a presença do 3º Presidente de Honra da AHIMTB e comandante da AMAN ,Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes e Sra D. Elza, teve lugar no dia 8 de junho, a concorrida sessão de lançamento dos livros, **Caxias e a Unidade Nacional** e **2002 – Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário,** com a apresentação dos mesmos através de síntese elaborada pelo CIMAN e cobertura fotográfica e coquetel. Relato do ocorrido está arquivado na AHIMTB e foi publicado no seu site em Artigos. Neste dia foi feita a entrega solene de livros a patrocinadores de Resende da obra **Caxias e a Unidade Nacional**.

2 – **NO CÍRCULO MILITAR DE BELO HORIZONTE**

A convite do presidente do Círculo Militar de Belo Horizonte, sócio correspondente da AHIMTB, Cel Antônio Fernandes da Silva, a AHIMTB, em 13 de junho de 2003, num contexto da posse como Presidente de Honra do Círculo Militar do acadêmico da AHIMTB e comandante da 4ª DE/4ª RM, Gen Div Paulo César de Castro, realizou sessão de posse como seu sócio correspondente do Cel Antônio Fernandes da Silva que foi recebido em nome da AHIMTB pelo acadêmico Gen Div Paulo César. De Castro O Cel Bento, presidente da AHIMTB, recordou para os

presentes a Significação histórica do Duque de Caxias e a seguir realizou uma noite de autógrafos com entrega solene do livro sobre Caxias a patrocinadores de Belo Horizonte. A cerimônia foi coroada com um coquetel de confraternização oferecido pelo Círculo Militar. O evento foi registrado no Informativo do Círculo Militar e no jornal **Inconfidência,** nº 57, jun 2003, p. 1 e 14 e no n º 59, ago 2003, p. 10 e 11, pelo Cel Carlos Cláudio Miguez responsável pelas excelentes edições do **Inconfidência** comemorativas do Bicentenário do Duque de Caxias

3 – **NO CÍRCULO MILITAR DE SÃO PAULO**

A convite do presidente da SASDE o hoje acadêmico e Delegado da Delegacia General Bertoldo Klinger da AHIMTB em São Paulo, Cel Walter Albano Fressatti e do Presidente do Círculo Militar, Ten Cel Luis Carlos Prestes Bidart, a AHIMTB realizou memorável sessão em 17 de junho de posse como acadêmico do Cel Fressatti, tendo o Cel Bento evocado para os presentes a Significação histórica do Duque de Caxias e o novo acadêmico fez o elogio, de seu patrono, o General Affonso de Carvalho. Foi recebido em nome da AHIMTB pelo correspondente da AHIMTB, em Campinas e seu delegado da Delegacia Marechal Mário Travassos Gen Div Nialdo de Oliveira Bastos. Compuseram a Mesa Diretora, o Cel Bento, Presidente da AHIMTB, Gen Francisco José da Silva Fernandes, comandante da 2ª RM, o Gen Heraldo Covas Pereira comandante da 2ª DE, o Vice Almirante Carlos Affonso Pierantoni, Gamboa, colaborador emérito, comandante do 8º Distrito Naval, o Ten Cel Bidart, Presidente do Círculo Militar e o Gen Nialdo e o Cel Fressatti, presidente da SASDE.A magnífica e concorrida sessão foi imortalizada na edição especial da **Revista SASDE** n o 85, comemorativa do Bicentenário do Duque de Caxias, cuja foto da Mesa Diretora figura na capa .Ela publica oração do Presidente Cel Bento A Significação Histórica do Duque de Caxias patrono da AHIMTB e do novo acadêmico Cel Fressatti, o elogio a seu patrono General Afonso de Carvalho e seus agradecimentos ao presidente Cel Bento e a AHIMTB Ao final o novo acadêmico e presidente da SASDE doou a AHIMTB uma coleção de todas as edições da **Revista da SASDE**.

3 – **NO INSTITUTO MILITAR DE ENGENHARIA**

Em 26 de junho de 2003 teve lugar no IME, na Delegacia Marechal João Baptista de Matos, chefiada como delegado pelo acadêmico Gen Div Rubens Silveira Brochado e comandante do IME, os seguintes eventos:

Posse como acadêmico do Gen Ex Gleuber Viera, na cadeira Marechal José Pessoa, em substituição ao Cel Cláudio Moreira Bento, elevado a acadêmico emérito. Foi recebido em nome da AHIMTB, pelo acadêmico Gen Div Paulo César de Castro, atual comandante da 4ª DE/4ª RM. O novo acadêmico fez elogio a seu patrono e ao acadêmico emérito Cel Bento, o primeiro a ocupar a cadeira Marechal José Pessoa.

Foi empossado como 2 o Presidente de Honra o Gen Ex Sérgio Ernesto Alves Conforto, chefe do DEP, sendo recebido em nome da AHIMTB pelo acadêmico General Brochado. O General Conforto em improviso agradeceu a homenagem da AHIMTB. Ao Cel Bento, presidente da AHIMTB, coube evocar a Significação histórica do Duque de Caxias, patrono da AHIMTB. Participaram do evento o Gen Ex Manoel Luiz Valdevez de Castro, comandante do CML, o Gen Div Luiz Cesário da Silveira, comandante da 1ª Região, além de outros oficiais generais.

Ao final houve entrega do livro **Caxias e a Unidade Nacional** a patrocinadores presentes e o lançamento e autógrafos dos livros **Caxias e a Unidade Nacional** e o **2002-Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário** que foram adquiridos pelos generais Gleuber e Valdevez de Castro.

A cerimônia foi registrada em detalhes com todas as orações pronunciadas na ocasião, no Informativo **O Guararapes**, nº 38, jul/set 2003 e também divulgadas nos sites www.resenet.com.br/userj/ahimtb e no www.militar.com.br/historia.

4 – **NO COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE**

Em 8 de julho a AHIMTB realizou sessão solene no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre, de posse de acadêmico, de exaltação a Caxias e de lançamento de livros da AHIMTB.

Reunião da AHIMTB em parceria com o Ten Cel Paulo César Monteiro Cabrita, comandante do CMPA e no âmbito da Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara da AHIMTB do Rio Grande do Sul, chefiada pelo acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, também professor de História no CMPA.

Nesta reunião o Cel Bento evocou a Significação histórica do Duque de Caxias e tomou posse como acadêmico, na cadeira General Emílio Fernandes Souza Doca, o Dr. Flávio Camargo, que foi recebido em nome da AHIMTB, pelo acadêmico Cel Caminha, também 3º Vice Presidente da AHIMTB. O Dr Flávio fez o elogio a seu patrono, cuja cadeira inaugurou.

Na ocasião o Cel Bento, presidente da AHIMTB, prestou uma homenagem póstuma, na Hora da Saudade, ao falecido acadêmico General João Carlos Rota, na voz de um aluno daquele Casarão da Várzea, onde o General Rota iniciou e terminou simbolicamente a sua carreira.

A sessão foi prestigiada com as presenças do Comandante do CMS representado pelo Comandante da 6ª DE, Gen Div Luiz Edmundo M. de Carvalho e pelo General Clóvis Purper Bandeira, comandante da 3ª RM. No dia seguinte o Cel Bento visitou o Comandante do CMS Gen Ex Renato César Tibau da Costa que por motivo de força maior não pode comparecer.

Compareceu um público calculado em 200 pessoas. Ao final houve concorrido lançamento de livros e um coquetel para o qual concorreram o Comando da 3ª RM, o Comando da AD/6, o 3º B Sup, a CAPEMI, o GBOEX, a PROMOARTE e a San Martim Veículos.

O evento foi registrado em detalhes pelo **O Gaúcho**, nº 20, Bicentenário de Caxias – 2003, que ao final estampa as capas dos 3 livros lançados sobre Caxias, Passo do Rosário e AD/6.

Na ocasião foi comunicada a fundação pelo Cel Claudio Moreira Bento, em 6 de julho de 2003, da Academia Piratiniense de História que passou a presidir até sua consolidação e na qual ocupará a cadeira Gen Bento Gonçalves da Silva.

5 – **NO 1º BATALHÃO DE POLICIA DO EXÉRCITO- Rio de Janeiro**

No dia 25 de julho de 2003, no 1º Batalhão de Polícia do Exército - Batalhão Marechal Zenóbio da Costa e a convite de seu comandante, Cel José Dinoá Medeiros Junior, a AHIMTB realizou a palestra, Caxias como policial militar 1831/37 e lançou e autografou livros sobre Caxias e a Batalha do Passo do Rosário que incluiu coquetel de confraternização apoiado pelo CML. Na ocasião foram entregues livros a patrocinadores presentes, do livro **Caxias e a Unidade Nacional** entre eles e compondo a Mesa Diretora o saudoso acadêmico CMG(FN) Dino Wily Cozza, que depois viajou a Europa para participar de evento sobre História Militar e onde veio a falecer. Detalhes da sessão e texto de palestra pronunciada consta do Arquivo da AHIMTB e foi publicado em Artigos no site www.resenet.com.br/usersj/ahimtb e no www.militar.com.br/historia.

Foi enfatizado que Caxias como Policial Militar proporcionou segurança ao Governo Central e ao povo do Rio, na Regência de 1831/37, e que só foi alterada em 1880, com a Revolta do Vintém.

6 – **NO CLUBE MILITAR**

No dia 14 de agosto, com a presença do Presidente do Clube Militar Gen Ex Luiz Gonzaga Schroeder Lessa, a AHIMTB promoveu lançamento de livros sobre Caxias, Passo do Rosário e AD/6 e realizou palestra do seu presidente Cel Bento sobre Caxias e o Clube Militar fundado sete anos depois de sua morte. Ao final o Clube ofereceu aos presentes um coquetel e a cerimônia teve cobertura fotográfica pelo Veterano da FEB Sr FADUL e foi registrada pela **Revista do Clube Militar** seguinte à comemorativa do Bicentenário. .

Foi anunciado o breve lançamento do livro do Presidente Cel Claudio Moreira Bento, sobre a História Militar Terrestre da Amazônia, com prefácio do General Lessa, Presidente do Clube Militar. Na ocasião o Cel Bento enfatizou o quanto é devido ao General Lessa, antigo comandante do CMA, a consciência que hoje o Brasil possui da importância de defender a Amazônia da ambição internacional e da ação negativa de maus brasileiros, inclusive autoridades públicas, por omissão . corrupção e crimes. Maus brasileiros caracterizados pelo Cel Bento como "inimigos azuis" do Brasil que estimulam com suas más ações a propaganda internacional que objetiva convencer a opinião publica mundial de idéias de limitação da soberania do Brasil e de intervenções "justificadas": na área.

7 – **A AHIMTB NA SEMANA DE 20/28 de AGOSTO EM BRASÍLIA**

a) **Sessão no BGP – Batalhão Duque de Caxias** de palestra sobre Caxias, lançamento de livros e coquetel às 10 horas de 20 de agosto.

A AHIMTB foi recebida pólo Comandante do BGP, Ten Cel Tomas Ribeiro Paiva e seus oficiais e outros oficiais da Reserva ligados a unidade. No belo auditório da unidade e presente o Comandante do CMP Gen Div Rui Alves Catão, o presidente da AHIMTB, Cel Bento proferiu palestra sobre Caxias como integrante do Batalhão do Imperador no período 1823/1831 e destacando a sua Significação histórica. Foi apresentado ao auditório pelo Ten Cel Tomas, Comandante do BGP , seu ex-aluno de História na AMAN.

A seguir houve lançamento e autógrafos dos livros **Caxias e a Unidade Nacional** e o **2002 –Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário,** em meio a coquetel oferecido pelo BGP. Na ocasião, oficiais do BGP adquiriram 10 livros **Caxias e a Unidade Nacional**.O Comando do BGP convidou para almoço a equipe da AHIMTB de fora de Brasília: Cel Bento, Cel Caminha e Sr. Flávio Camargo .Era a 2ª vez que a AHIMTB realizou sessão no BGP.

b) **Posse do Comandante do Exército, como 1º Presidente de Honra da AHIMTB**

Às 14 horas de 20 de agosto, a Comissão da AHIMTB: Cel Bento, presidente e o General Arnaldo Serafim, 2º vice presidente, o Cel Caminha, 3º vice presidente e o acadêmico Dr. Flávio Camargo, foram recebidos em audiência pelo Comandante do Exército, Exmo Gen Ex Fernando Roberto Albuquerque.

Numa conversa inicial o Comandante do Exército disse que acompanhava com satisfação os progressos da AHIMTB na defesa e divulgação da História Militar Terrestre do Brasil. Foi colocada em seu peito pelo Cel Bento,a insígnia da AHIMTB correspondente a 1º Presidente de Honra. A seguir, o Cel Bento, presidente da AHIMTB passou as mãos do comandante, General Albuquerque, com expressiva dedicatória, o seu livro **Caxias e a Unidade Nacional** enfatizando ser o General Albuquerque o Comandante do Exército no bicentenário de seu patrono, o Duque de Caxias. Houve animada troca de impressões, constatando ambas as partes estarem trabalhando afinadas nos mesmos objetivos relativos a História Militar Terrestre do Brasil.

c) **Visita a Centro de Comunicação Social do Exército**

Nesta dia, a Comissão da AHIMTB visitou o C Com S Ex tendo recebido do seu Chefe, o Gen Div Augusto Heleno Ribeiro Pereira, CD com gravação da entrevista a **Rádio Verde Oliva** do Cel Bento, presidente da AHIMTB, feita por telefone, e levada ao ar nos dias 14 e 18 de agosto, tendo como tema o livro **Caxias e a Unidade Nacional**. Noutro dia o Cel Bento gravou outra entrevista a Rádio Verde Oliva sobre a AHIMTB.

d) **Dia 20 de agosto no CMA , a sessão de posse como acadêmico do Cel Diniz Esteves na cadeira Cel Jarbas Passarinho que esteve presente.**

O Cel Diniz foi recebido pelo acadêmico emérito, 2º vice presidente e Delegado da AHIMTB no Distrito Federal, o General Arnaldo Serafim que também evocou a memória do falecido acadêmico Cel Telmo Luiz Moré, ressaltando sua obra de balizamento de diversos locais do CMB com memoriais evocando eventos e personagens históricas, quando comandante do CMB. Ao Cel Diniz coube fazer o elogio de seu patrono, Cel Jarbas Passarinho presente. Ao Cel Bento, presidente da AHIMTB coube evocar a Significação histórica do Duque de Caxias. A sessão cuja documentação nela utilizada está preservada e encadernada, foi encerrada com um coquetel e entrega de livros a patrocinadores do Distrito Federal e lançamento de outros com dedicatórias do Cel Bento e Cel Caminha.

e) **Palestras comemorativas do Bicentenário de Caxias promovidas em parceria pela Delegacia Marechal José Pessoa, Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal presidido pelo acadêmico da AHIMTB Cel PMMG Ref Affonso Heliodoro dos Santos e Colégio Militar de Brasília ,às 16 horas dos dias 21, 22, 27 e 28 agosto de 2003**.

1) Dia 21, palestra do Gen Arnaldo Serafim, no auditório do Colégio Militar, precedida da participação da banda do CMB, recital e danças, onde o General Serafim abordou sua notável e original palestra. Ao término da apresentação o Cel Bento, presidente da AHIMTB e o seu Delegado em Brasília, o General Serafim, a convite do Cel Luiz Carlos de Souza Ávila, comandante do CMB, inauguraram o Monumento a Caxias no CMB, comemorativo do seu Bicentenário. Evento registrado pelo **Correio Braziliense**

2) Dia 22 de agosto, às 16 horas palestra no CMB do Cel Bento, Presidente da AHIMTB sobre o tema: Caxias – personalidade e bases de sua cultura em Arte e Ciência Militar .Ao final seguiu-se demorada sessão de debates sobre o tema abordado.

3) Dia 27 de agosto no CMB, palestra a convite da AHIMTB e do IHGDF do historiador Francisco Doratioto sobre seu livro **Guerra Maldita**.

4) Dia 28 agosto, palestra do patrono, em vida de cadeira na AHIMTB, Cel Jarbas Passarinho sobre Caxias como político .

De todas as palestras menos, a do Professor Doratioto, a AHIMTB não possui cópia em seu Arquivo. O presidente da AHIMTB no contexto da excelente palestra do professor Doratioto discordou de suas considerações negativas sobre o Conde D' Eu, na Guerra do Paraguai e sobre o General Davi Canabarro, personalidades manipuladas em seus tempos por agentes políticos adversos.

Ao final foi distribuído aos que concorreram para o brilho das comemorações do Bicentenário de Caxias promovidas pela Delegacia da AHIMTB Marechal José e pelo IHGDF e assinados pelo acadêmico Emérito General Arnaldo Serafim e pelo acadêmico da AHIMT e presidente do IHGDF Cel PMMG. Ref. Affonso Heliodoro dos Santos, ocupante da cadeira especial Cel Médico da PMMG Juscelino Kubishek de Oliveira.

f) **Palestras da AHIMTB na Confraria 3C no 1º RCG Dragões da Independência.**

A convite da Confraria 3C, presidida pelo Gen Ex Virgílio Ribeiro Muxfeldt, comandante do COTER, o acadêmico emérito e presidente da AHIMTB Cel Bento e o acadêmico da AHIMTB Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia proferiram pequenas palestras. O Cel Bento abordou uma síntese do tema **A amizade de Caxias e Osório** e lembrou que havia sido o primeiro historiador d 1ª RCG, em 21 de abril de 1972, no **Correio Braziliense,** com a ampla reportagem ilustrada sob o título **Uma testemunha dos grandes momentos de nossa História**. E presente o comandante da época o General Ernani Jorge Correia que confirmou, bem com a ajuda que o então Major Bento da Comissão de História do Exército do EME prestou para que o Major Aquino publicasse o livro **História da 1ª RCG**.O Cel Estigarribia abordou detalhes de pinturas históricas que realizou e de charges históricas imortalizando aspectos divertidos da vida numa tropa de Cavalaria. **A Confraria 3C** adquiriu 50 exemplares do livro de autoria do Cel Bento, **2002 – Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário** que foram distribuídos aos presentes e autografados pelo Cel Bento durante o animado coquetel.

Ao final os coronéis Bento e Estigarribia foram agraciados pela **Confraria 3C** com diploma de reconhecimento e agradecimento pela colaboração cultural que prestaram. O Cel Bento entregou ao Comandante da 1o 'RCG, Cel Rubens Aparecido Pedro, seu ex aluno de História Militar na AMAN, o Diploma de Colaborador Emérito da AHIMTB ao 1º RCG, tendo solicitado que a AHIMTB fosse representada no ato de entrega por seu acadêmico emérito, General Arnaldo Serafim, Delegado da Delegacia Marechal José Pessoa da AHIMTB no Distrito Federal e organizador incansável e notável desta marcante presença da AHIMTB em Brasília, nas comemorações do Bicentenário de Caxias, na Semana do Exército.

g) **Eventos em Brasília no Bicentenário de Caxias**

Em Brasília as comemorações estiveram a cargo da Comissão integrada pelo Secretário Geral do Gen Div José Carlos De Nardi e presidida pelo acadêmico da AHIMTB, Cel Manoel Soriano Neto e mais os coronéis Severo e Megale da Secretaria do Exército. Estes eventos foram registrados pelo acadêmico Cel Manoel Soriano Neto, Diretor do C Doc Ex, em documento deste Centro sob o título Bicentenário do nascimento do Duque de Caxias – principais eventos em Brasília. A AHIMTB assistiu, representada pelo Cel Bento, Cel Caminha e Dr. Flavo a espetacular encenação teatral na frente do QG do Exército, evocando a atuação de Caxias como o Pacificador e comandante do Exército em nossas lutas internas e externas. Encenação que envolveu cargas de Cavalaria, ataques de Infantaria e simulação de tiros de Artilharia. Foi notável a ocorrência de público que lotou todos os locais disponíveis nas arquibancadas. Espetáculo encerrado com uma inesquecível queima de fogos.

O citado relatório do acadêmico Cel Soriano destacou a participação da AHIMTB no Simpósio de História organizado por sua Delegacia em Brasília e IHGDF já registrado anteriormente. Mereceu destaque a inscrição de Caxias no livro de Heróis da Pátria no Panteon da Liberdade e da Democracia, por proposta do Senador Maguito Vilela, que prestara o Serviço Militar no Batalhão da Guarda Presidencial – Batalhão Duque de Caxias, onde foi agraciado com o título de A Praça mais distinta. Em síntese, Comissão onde atuou com destaque como seu presidente o Coronel Soriano um muito ativo e solidário acadêmico da AHIMTB.

h) **Na Revista Verde Oliva n o 178 Caxias 200 anos**

A AHIMTB participou indiretamente desta revista como fonte para seus textos com o seu trabalho de seu presidente o Cel Bento Caxias e a Unidade Nacional colocado em seu site com link para o site do Exército. No artigo da revista Marketing Cultural do Exército as p.22/23 a AHIMTB figura ao lado da DAC,

BIBLIEx, AHEx, Fundação Cultural do EB e Rádio Verde Oliva com a seguinte chamada:

"**ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL**.A Academia de História Militar Terrestre do Brasil foi fundada em Resende em 1 o março 1996,Destina-se a desenvolver a História das Forças Terrestres Brasileiras: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares e outras forças que as antecederam. Ela tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras os marechais José Pessoa, Leitão de Carvalho, Tasso Fragoso, Mascarenhas de Morais e Castelo Branco. Entre seus feitos recentes , a Academia vem estimulando a criação de outros núcleos de estudo de História Militar, como o Projeto da Subseção de História Militar da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais."

Sem dúvida a AHIMTB se orgulha de em seu 7 o ano de existência muito profícua, de que o presente **Guararapes 39** é uma comprovação e mais no Bicentenário de seu patrono, ser distinguida com a sua inclusão no Marketing Cultural do Exército Brasileiro.

8 – **NA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL**

Em 5 de setembro de 2003, o Cel Bento compareceu a convite da Federação das Academias de Letras do Brasil, fundado por patrono de uma das cadeiras da AHIMTB, o General Emílio Fernandes Souza Docca, para uma sessão de homenagem a Caxias, a cargo do presidente da entidade Francisco Silva Nobre que proferiu notável palestra sob o título **Caxias Glória e Exemplos**, ao final da qual mostrou aos presentes o livro **Caxias e a Unidade Nacional**, que então acabara de receber, mencionando tratar-se de "autoria do Cel Bento ali presente integrando a Mesa Diretora o qual considerava a maior autoridade no tema hoje sobre Caxias." Foi reunião cultural expressiva reunindo lideranças das mais variadas de entidades culturais do Rio de Janeiro que demonstraram grande apreço e consideração ao herói. Ao final, o Cel Claudio Moreira Bento, presidente da AHIMTB, foi agraciado com a Medalha Duque de Caxias, conferida com o respectivo diploma pela Federação e recebeu exemplar impresso da citada conferência, com capa de D. Mariza de Castro Nobre.

9 – **SESSÃO DA AHIMTB NO 3º G CAN A Aé EM CAXIAS DO SUL**

Em 11 de setembro teve lugar no auditório do 3º Grupo de Artilharia Anti Aérea – Grupo Conde de Caxias, em Caxias do Sul, sessão da AHIMTB coordenada pelo Delegado local da AHIMTB, Delegacia General Morivalde Calvet Fagundes, chefiada pelo acadêmico Sub Ten Ref Alvino Melquides Brugalli e com o auxílio do sócio efetivo desta Delegacia da AHIMTB Juarez Nunes da Silva. Evento patrocinado pelo ADESG/Caxias do Sul, cujo agente é o Sr. Marcos Antônio Tronca. Conduziram o cerimonial o acadêmico Alvino Brugalli auxiliado pelo citado Juarez Nunes da Silva. O acadêmico Alvino Brugalli apresentou o Cel Bento aos 18 oficiais do grupo presentes na reunião e aos 54 representantes da ADESG, sendo 42 estagiários.

A mesa foi composta sobre a presidência do Cel Bento, presidente da AHIMTB e palestrante, pelos acadêmicos Cel Caminha, Ten Cel Fernandes Marques de Freitas (ex-aluno de História Militar do Cel Bento) comandante do Grupo Conde de Caxias e Delegado de Honra da Delegacia General Morivalde Calvet Faguntes, Sr. Marcos Tronca, Delegado da ADESG e o Major da Brigada Militar Álvaro Moreira, Coordenador do XI CEPE.

O Coronel Bento abordou em uma hora o tema Duque de Caxias – personalidade e bases de sua cultura em Arte e Ciência Militar, seguido de uma animada hora de debates em que lhe foram feitas várias perguntas sobre Caxias e de cujo título deriva o nome da próspera cidade de Caxias do Sul.

Ao final a ADESG agradeceu a AHIMTB e ao palestrante Cel Bento, na voz do estagiário Parmagnani que entregou ao palestrante duas placas homenagem da ADESG local, a AHIMTB e ao Cel Bento.

Seguiu-se animada sessão de autógrafos dos livros **Caxias e a Unidade Nacional**, **Batalha do Passo do Rosário** e **AD/6**, com coquetel oferecido pela ADESG, sendo que no último livro traz uma síntese do 3º G Can A Ae – Grupo Conde de Caxias, da lavra do acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, parceiro do Cel Bento na obra citada.

Aproveitando a estada em Caxias o Cel Bento, acompanhado Dr. Flávio Camargo e Alvino Brugalli encomendaram medalhas de três categorias criadas pela AHIMTB em 25 de agosto de 2003 – Bicentenário do Duque de Caxias, seu patrono, denominada Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil nos graus de Cavaleiro, Oficial e Comendador.

10 – **HOMENAGEM NO COLÉGIO PALAS A AHIMTB E A SEU PRESIDENTE**

Em 23 de setembro de 2003 o presidente da AHIMTB Cel Bento, a convite da Direção do Colégio Palas (deusa da sabedoria) compareceu a sua unidade na rua Conde de Bonfim para receber uma homenagem, falar sobre Caxias e a Educação e autografar os 50 livros **Caxias e a Unidade Nacional** adquiridos pelo, acadêmico Cel Jardro Alcântara Avelar um dos fundadores na década de 40 Colégio Palas e também um dos seus proprietários..

O Cel Jardro na presidência da Mesa Diretora destacou a atuação notável da AHIMTB e de seu presidente o Cel Bento que foi agraciado com placa alusiva que lhe foi entregue pela Sra. D. Meyre Simões Costa Fontes, esposa do acadêmico emérito Cel Arivaldo Silveira Fontes, vice presidente da AHIMTB e presente no ato e com os seguintes dizeres:

Ao Coronel Claudio Moreira Bento, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, o reconhecimento do COLÉGIO PALAS pela ação dinâmica, inteligente e patriótica com que estuda e relembra os principais aspectos de nossa História castrense. RJ agosto/2003.

A seguir o Cel Bento passou a autografar livros para os professores do Colégio Palas enquanto era oferecido um excelente coquetel aos presentes em maioria professores do Palas, patrocinado pelo acadêmico emérito Cel Jardro. Foi uma cerimônia de reconhecimento comovente e estimulante.

PARTICIPAÇÃO DE SÓCIOS DA AHIMTB EM OUTROS EVENTOS

a) **Na edição da Revista do Clube Militar comemorativa do Bicentenário.**

Revista que teve na Comissão Editorial a atuação do acadêmico Ten Cel Antônio Gonçalves Meira, autor também de dois artigos e do correspondente Cel Darzan Netto da Silva, também editor da Revista.

Colaboraram com artigos os patronos de cadeiras Cel Jarbas Passarinho e Pedro Calmon(post mortem),o acadêmico emérito Cel Cláudio Moreira Bento e Presidente da AHIMTB e mais os acadêmicos: Gen Ex Jonas Morais Correia Neto, coronéis Amerino Raposo, José Fernando de Maya Pedrosa, Davis Ribeiro de Sena e o correspondente em Minas Gerais Dr. Wilson Veado e mais o sócio efetivo da Delegacia Marechal João Batista de Matos, Gen Job Lorena de Santana. Atuou na revisão o acadêmico Cel Luis Carlos Carneiro de Paula.

b) **No Simpósio no IHGB sobre o Bicentenário de Caxias 19 a 21 de agosto.**

Participaram como conferencistas os acadêmicos Gen Ex Jonas de Morais Correia Neto e o Cel José Fernando Maia Pedrosa. Fez alocução de abertura o acadêmico emérito Dr. Arno Wheling e presidiu a Mesa Diretora, em 21 de agosto, o acadêmico Cel Luis Carlos Carneiro de Paula. Em 30 de julho na Comissão de Pesquisas Históricas(CEPHAS) do IHGB o sócio emérito da AHIMTB Cel Claudio

Moreira Bento apresentou comunicação; "Caxias e sua espada invicta." Relíquia que pertence ao IHGB desde 1925,ao qual foi entregue pelo patrono de cadeira da AHIMTB Dr Eugênio Vilhena de Morais e da qual o outro patrono de cadeira na AHIMTB, Marechal José Pessoa, retirou desenho fiel para encomendar na Solingen, na Europa, os espadins dos cadetes do Exército, por eles usados desde 1932, como o próprio Símbolo da Honra Militar.

c) **Na Delegacia da AHIMTB, do Ceará, Cel José Aurélio S. Câmara.**

O acadêmico emérito e seu Delegado de Honra, Gen Ex Tácito Theophilo Gaspar de Oliveira, proferiu palestra no Instituto do Ceará, em. 20 de agosto de 2003, as 16 horas, presente comandante da 10 a RM Gen Div Júlio Lima Verde Campos de Oliveira e oficias subordinados.

d) **Na Delegacia da AHIMTB, do Paraná, General Luiz Carlos Pereira Tourinho.**

O seu Delegado e acadêmico General Raimundo M. Negrão Torres pronunciou palestra, em 22 de agosto, na Faculdade de História da Universidade Tuiuti do Paraná com o tema: A ação de Caxias no processo de consolidação da Unidade Nacional.

e) **Na Delegacia da AHIMTB do Rio Grande do Sul, General Rinaldo Pereira da Câmara.**

O seu delegado e 3º Vice Presidente da AHIMTB, o acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, proferiu palestra em 31 de julho, no CPOR/PA, em apoio a programa do CMS, focalizando Caxias no contexto das lutas externas, guerras contra Oribe e Rosas 1851/52 e a do Paraguai 1865/70.

f) **Na Delegacia da AHIMTB Dr. Fernando Luiz Osório, em Pelotas.**

O acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis proferiu ,a pedido da 8ª Bda Inf Mtz, na Universidade Federal de Pelotas, em 25 agosto de 2003, palestra sobre o tema: A ação de Caxias em nossas lutas internas e externas.

g) **Condecorações da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – criação.**

Em 25 de agosto, Bicentenário de Duque de Caxias, patrono da AHIMTB, foram por ela criadas as Medalhas do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil nos graus de Cavaleiro, Oficial e Comendador e a Medalha Duque de Caxias. Criações resultado de estudos procedidos por comissão nomeada pelo presidente da AHIMTB, acadêmico emérito Cel Claudio Moreira Bento, integrada pelo acadêmico emérito Cel Jardro Alcântara Avelar (presidente) e acadêmicos Dr. Flávio Camargo, Marcelo Peixoto da Silva e Alvino Melquides Brugalli.

h) **Na edição especial comemorativa do Bicentenário de Caxias, do jornal Inconfidência de 25 de agosto de 2003, nº 55.**

Colaboraram, o 1º Presidente de Honra da AHIMTB e Comandante do Exército Gen Ex Francisco Roberto de Albuquerque com sua bela Ordem do Dia: "Caxias mais que passado, é sobretudo presente"; o acadêmico emérito e presidente da AHIMTB, Cel Claudio Moreira Bento com o artigo ilustrado as páginas 10 e 11 "Significação histórica do Duque de Caxias – Patrono da Academia de História Militar Terrestre do Brasil"; o acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira com sua Ordem do Dia de 2001 quando Comandante do Exército, sob o título "Quanto custa ser Caxias" e mais o acadêmico General Raymundo M. Negrão Torres com o artigo: Caxias Símbolo da Unidade Nacional. Este número divulgou o livro **Caxias e a Unidade Nacional** de autoria do Cel Bento, presidente da AHIMTB.

i) **Nas comemorações do Bicentenário de Caxias no Clube Militar** Além da participação do Cel Bento, presidente da AHIMTB, o acadêmico Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia abriu sua exposição de pinturas no espaço cultural, em 19 de

agosto. No dia 2 de setembro o acadêmico emérito da AHIMTB Dr Arno Wheling proferiu original palestra alusiva a Caxias.

j) **No Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**

O corresponde da AHIMTB em Belo Horizonte, Dr Wilson Veado proferiu palestra de exaltação ao Duque de Caxias patrono do Exército e da AHIMTB, contando com a presença e estímulos dos acadêmicos Gen Div Paulo Cesar de Castro, comandante da 4ª DE/4ª RM e do Cel da PMMG Alberto Carvalhaes.

k) **Na edição do Ombro a Ombro de agosto 2003**

O acadêmico Ten Cel Antônio Gonçalves Meira produziu o artigo Caxias e seu patronato no Exército e descreveu as atividades da AHIMTB no Bicentenário de Caxias, anunciando e analisando os livros **Caxias e a Unidade Nacional** e **2002 – Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário** de autoria do Cel Claudio Moreira Bento, o que de certa forma, o correspondente e futuro acadêmico da AHIMTB, Cel Rui Duarte anunciou em sua excelente coluna social castrense **Polainas e Charlateiras** ao noticiar a posse no IME do mais novo acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira e do 2º Presidente de Honra da AHIMTB Gen Ex Sérgio Ernesto Alves Conforto, Chefe do DEC.

l) **Contatos da AHIMTB com descendentes de Caxias em Macaé- RJ**

A pedido do Comandante da 3ª RM, Gen Div Clóvis Purper Bandeira, a AHIMTB através de seus 3º vice presidente Cel Caminha e presidente Cel Bento procurou contato com descendentes de Caxias em Macaé com vistas a levar representantes deles para a .inauguração de monumento a Caxias prevista em Porto Alegre .A primeira pista foi obtida pelo acadêmico Cel Luis Ernani Caminha Giorgis, em ligação com o Instituto Histórico e Geográfico de Macaé. A partir deste ponto o Cel Bento presidente da AHIMTB contatou por telefone com a trinetas de Caxias D. Maria José ,D.Gaby e o trineto José Domingues de Araujo Filho que lhe forneceu subsídios com os quais produziu os artigos: O Duque de Caxias visto por seu neto e A descendência do Duque de Caxias em Macaé em 2003, ano do seu Bicentenário. Enviou exemplar de seu livro **Caxias e a Unidade Nacional** aos trinetos citados e recebeu da trineta D. Maria José de Araujo Carneiro da Silva Bernardes cartão postal do edifício Castelo, antigo Solar Monte Elysio de seu avô e neto de Caxias José de Lima Carneiro da Silva. Cartão tendo no verso a seguinte mensagem:

"Ilmo Sr Coronel Cláudio Moreira Bento. Saudações. Agradeço de coração o brilhante livro de sua autoria que me enviou e que muito nos emocionou com a autenticidade dos fatos relatados, mostrando meu trisavô o soldado que sempre foi forte para vencer e humano para perdoar. Atenciosamente. Maria José de Araújo Carneiro da Silva Berrardes .Trineta Duque de Caxias, filhas e netos."

m) **Na confraria dos Cidadãos de Resende em 6 outubro 2003.**

O Presidente da AHIMTB Cel Bento e Tribuno da Confraria dos Cidadãos de Resende que tem por Prior(dirigente) o Dr Roberto Ferraiolo, proferiu palestra dia 6 de outubro, para seus irmãos companheiros no Ponto 7:Caxias e a Revolução Farroupilha, sendo lavrada primorosa ata por Eugênio Fasolo.

n) No Programa Parada da Alegria da Radio Agulhas Negras.

O Cel Bento a convite de seu produtor Simplício, compareceu dia 19 de outubro no tradicional Programa **Parada da Alegria,** fazendo um relato para seus ouvintes do Significado Histórico do Duque de Caxias e relatando que resendenses ao comando do Cel GN Fabiano Pereira Barreto haviam ajudado Caxias a pacificar São Paulo e depois Minas Gerais.Presentes os seguintes participantes efetivos do Programa Cel Edgar Fonseca, conselheiro Fiscal da AHIMTB e Ten Sebastião Almeida, secretário da AHIMTB.

REPERCUSSÕES DA AÇÃO DA AHIMTB NA IMPRENSA ESCRITA

1) **No Correio do Povo de Porto Alegre de 15 de julho de 2003.**

Notícia simpática ilustrada com as capas dos livros **Caxias e a Unidade Nacional** e **2002 – Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário** a lançar pela AHIMTB, mencionando o conteúdo das obras.

2) **O GLOBO de 24 de agosto de 2003**

Em artigo sobre Caxias na coluna: "Falhas apesar do talento" publicou a opinião do Cel Claudio Moreira Bento, presidente da AHIMTB ao final.

"Opinião diferente tem o Cel Claudio Moreira Bento da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que afirmou: Caxias não teve falhas. Ele ganhou a guerra e, nos episódios das revoltas da Regência, lutou para que o Brasil não fosse despedaçado. O século XIX foi o século do Duque de Caxias."

3**) Na Zero Hora de Porto Alegre, de 23 agosto de 2003**

Itamar Melo em reportagem :O Duque de Caxias de 200 anos, triunfante na guerra e na política, Caxias é festejado em seu bicentenário. Apresenta tópicos de sua entrevista com o Presidente da AHIMTB Cel Bento, não sendo fiel na abordagem no namoro do então Capitão Luís Alves de Lima e Silva com a bela uruguaia Angela Furriel, mas assunto que atraiu leitores com esta fantasia desculpável nos dias de hoje

4) **Na Revista A Defesa Nacional**.

Nesta revista que tem como redator o acadêmico Cel Luiz Carneiro de Paula, ela publicou sob título geral Recortes Históricos do Duque de Caxias os seguintes artigos do Acadêmico Emérito Cel Claudio Moreira Bento e Presidente da AHIMTB: Significação histórica do Duque de Caxias; A espada invicta do Duque de Caxias; Caxias e a Educação no Rio Grande do Sul; Caxias pioneiro da Aeronáutica do Brasil e Caxias pioneiro abolicionista.

5) **Pavilhão da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.**

Idealizado pelo acadêmico Marcelo Peixoto da Silva, e por ele mandado confeccionar, foi apresentado aos presentes no lançamento de livros de autoria do Cel Claudio Moreira Bento no Clube Militar e no Colégio Palas.

6) **No jornal A Voz da Cidade de Macaé de 15 a 30 setembro de 2003**.

Inicia ampla reportagem sob o título a Descendência de Caxias em Macaé, com estas palavras :"O Cel Claudio Moreira Bento, historiador, esta terminando livro homenagem ao Bicentenário do Duque de Caxias."

7**) Na Delegacia da AHIMTB em MG, General Antônio Souza Júnior.**

O acadêmico Gen Div. Paulo César de Castro e comandante da 4ª DE/4ª RM desenvolveu intensas atividades relacionadas com as comemorações do Bicentenário do Duque de Caxias e registradas no jornal **Inconfidência** de 27 de setembro de 2003.Merece registro especial o concorrido almoço de confraternização no QG da 4ª DE/4ª RM com o pessoal da Reserva residente em Belo Horizonte, com distribuição a eles de exemplares de **Caxias e a Unidade Nacional.** Reportagens da lavra do Cel Carlos Cláudio Miguez**.**

8).**Edição do Jornal do Brasil de 24 agosto de 2003**.Elogiavel sob todos os aspectos. Abordou a vida do Duque de Caxias com apoio em seus numerosos biógrafos e sem **silêncios e deformações** que marcaram a posição da Mídia Nacional em geral e sobretudo, sem constrangimentos de censura de parte de patrulhas políticas ideológicas.Confirmar é tarefa de simples verificação e raciocínio. É lamentável! Deve haver uma explicação!

9-No Correio Braziliense de 24 agosto de 2003-10-25

O Presidente da AHIMTB Cel Bento foi entrevistado por uma repórter do **Correio Braziliense** que produziu reportagem: Duque de Caxias ganha busto no Colégio Militar de Brasília. Publica foto do Cel Bento Presidente da AHIMTB e do General Serafim, Delegado da AHIMTB no Distrito Federal, descerrando o busto inaugurado. Anunciou a programação desenvolvida em Brasília pela AHIMTB em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal presidido pelo acadêmico Cel PMMG Affonso Heliodoro do Santos. Sinal dos tempos: Em 21 abril de 1972 o atual editor do jornal do Brasil confiou ao então Major Cláudio Moreira Bento da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército a elaboração da edição Histórica com os artigos: A Presença do Exército em Brasília; RCG – Uma testemunha dos grandes momentos de nossa História; Hipólito da Costa, o patrono da Imprensa do Brasil e, O Adeus as Armas de um herói FEB(ida para a reserva do Cel Nestor Silva).

9-**DIPLOMA DE AGRADECIMENTO DO DEP A AHIMTB**.

A AHIMTB foi contemplada pelo DEP com artístico **Diploma de Agradecimento,** conferido, pelo Ex.mo Sr Gen Ex Sérgio Ernesto Alves Conforto**,** Chefe do DEP e 2º Presidente de Honra da AHIMTB "à Academia de História Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada participação nas comemorações do Bicentenário de Caxias."

Reconhecimento de participação destacada que o presente **Guararapes 39** documenta e registra com justificado orgulho cívico para a posteridade sobre o seu patrono o Duque de Caxias hoje reconhecido pelo Povo Brasileiro ao inscrever o Duque de Caxias no livro de **Heróis da Pátria no Pântano da Liberdade e da Democracia**. E esperamos que um dia o Século XIX, no Brasil, seja reconhecido como o século do Duque de Caxias e de igual forma como já foi feito pelo ilustre jornalista e historiador Barbosa Lima Sobrinho, que considerou o Duque de Caxias, o **Patrono da Anistia no Brasil** e, não mais vítima de silêncios alternados por deformações de sua real imagem e ainda de calúnias torpes com objetivos políticos inconfessáveis. Qual a explicação da Mídia em Geral do Brasil sobre os silêncios guardados sobre sua vida e obra e as deformações de sua vida heróica quando o abordam assacando calúnias contra ele. Quem explicará isto. Espero que em 2053 a Mídia em Geral faça um ato de contrição cívica. Aqui fica o modesto Guararapes com sua observação.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Livros: Policia Militar do Ceara 1889-1939, do acadêmico Ten Cel PMCE João Xavier de Holanda; **A defesa social do século XXI ,**do acadêmico da PMDF Cel João Coelho Vitola; **Dever Secreto ,** do Cel R1 Juvêncio Saldanha Lemos; **Sob a luz de meteoro Canudos x República,** do acadêmico Cel Davis Ribeiro de Sena. Memórias do Cel Cecil Wall Barbosa de Carvalho, herói da FEB mandado editar pela família tendo ao final artigo do Presidente da AHIMTB, Cel Bento, feito em nome da AHIMTB, por ocasião do falecimento do Cel Cecil

Revistas: Da Academia Paranaense de Letras nº 77, 2003, com discurso de posse do acadêmico **General Raimundo Negrão Torres** em 3 abril 2003. **Noticia Bibliográfica e Histórica** nº 188-199.O nº 188 traz colaborações do acadêmico emérito **Arno Wheling** e do acadêmico Cel **João Ribeiro Filho**. **Revista da ADESG - Caxias do Sul 2002. Boina Verde nº 202 e Jornal do Exército** nº 514, 516 e 517enviados pelo dedicado sócio correspondente Sargento Ajudante Antônio Eleutério Sucena do Carmo e mais a **Revista Segurança e Defesa. Revista Verde Oliva** Caxias 200 anos, n o 178 .Destaca a AHIMTB como integrante do Marketing Cultural do Exército, o que muito a estimula e encheu de orgulho seus integrantes por este justo reconhecimento.

Informativos: Do **IHGB Paraibano** nº 123,124,128 e 129. **Do IHGB Santa Catarina** nº 60 a 66. **Informativo IEV** nº 145 a 150. O nº 147 traz artigo do Cel **Claudio Moreira Bento**: "Uma controvérsia: sob massacre dos índios Puris em Resende" que ele nega e uma homenagem a José Gabriel Calmon da Costa Pinto, grande amigo da AHIMTB. **Informativo do IHGB** nº 172/179. **Boletim do IHGB de Sorocaba** nº100 e 101. O nº 100 edição especial dá varias notícias do dinâmico presidente do Instituto **Adilson Cesar** e correspondente da AHIMTB e do 1 BPE, dá a notícia de posse do Gen Domingos Ventura Pinto Junior. O nº 101 refere a trabalhos do Cel Bento em defesa da memória do General Bento Manoel Ribeiro e a sua visão da minisérie A Casa das Sete Mulheres (p.8).Informativo da **Academia Paulista de História** nº 98,102/110. O nº102 evoca Helio Damante, amigo da AHIMTB. O nº 103 focaliza artigo do acadêmico emérito General **Carlos de Meira Mattos**: "Amazônia o grande desafio geopolítico. O nº 106 traz artigo do dinâmico correspondente da AHIMTB **Adilson César** sobre Sorocaba: Bandeirantes e tropeiros. O nº 107 traz artigo do acadêmico emérito General **Meira Mattos**: Rio Branco e as Forças Armadas. **Informativo o Clarim do CML** n¤ 54/58 editados pelo acadêmico Cel Rui Duarte, sendo o nº 57 alusivo ao bicentenário de Duque de Caxias. Este informativo da Família Militar não divulga a AHIMTB. **Boletim Informativo da ANVFEB** nº 45/47. O nº 45 evoca a memória de falecido acadêmico emérito General Plínio Pitaluga e registra a posse Gen Domingos Ventura Filho na AHIMTB. **Informativo Cultural do Sv Doc Marinha** nº120.**Informativo Lança Partida** nº33/35 sendo que o nº 33 divulga na capa sessão da AHIMTB em 26 nov 2002, de lançamento do livro pela AHIMTB **6ª Brigada de Infantaria Blindada**. Jornal **Clarinadas da Tabatinguera** da AORPM nº 145/152 trazendo interessantes matérias assinadas pelos acadêmicos coronéis PM **Edilberto de Oliveira Mello** e **Hermes B Cruz** presidente e vice da AORP. O nº 147, divulga artigo Os três Generais da PMSP e entre eles o General Miguel Costa patrono de cadeira na AHIMTB e que é focalizado em série pelo acadêmico Cel **Edilberto**, como o verdadeiro comandante da Grande Marcha , **a Coluna Miguel Costa/Prestes.**

DIVERSOS

O acadêmico emérito General Arnaldo Serafim enviou noticias das comemorações do 4º aniversário da sua Delegacia Marechal José Pessoa que foram registradas em sua pasta.

-AHIMTB recebeu carta do professor **Paulo Henrique da Rocha Corrêa** grande estimulador da AHIMTB, com vários artigos de sua lavra sobre "Fome, Sucroquímica, Carboquímica e Oceanografia:; Porque termo e não hidrolétricas; Ecologia sem prejuízos nem crueldades; As ligações do Brasil como Pacifico: A guerra é a negação da inteligência humana.

-Do acadêmico Cel **Nilton Freixinho** a AHIMTB recebeu carta em 23 julho de 2003 de estimulo como sempre , a causa defendida pela AHIMTB na qual anexa sua valiosa conferencia no IGHMB sobre o tema **Uma experiência no difícil ofício de historiador.**

E ao falar sobre Duque de Caxias referiu : Historicamente a projeção de Caxias vai além e muito alem do círculo restrito das instituições militares, na fase critica da construção do Estado- nação brasileira. Ficam claras as razões pelas quais a geração da década de 30, fixou-se no nome de Luiz Alves de Lima e Silva, como Patrono do Exército, entre outras personalidades de relevo da História Militar do Brasil. Caxias e seus contemporâneos responsáveis pelo governo do Estado, viveram uma fase histórica em que as lideranças do centro buscavam a garantia da Unidade Política da América Portuguesa, face a fatores desagregadores das mais

diversas origens...Para os que atualmente exercem funções na estrutura do poder do Estado e para os militares do serviço ativo é uma oportunidade de buscar nas ações e atitudes de Caxias, inspiração norteadora no prosseguimento do Estado-nação brasileiro. O Brasil é um pais em construção. Eis uma circunstancia que o historiador deve sempre considerar." E a seguir faz considerações sobre o seu livro **O sertão arcaico do nordeste do Brasil** no qual faz uma reeleitura de Canudos, Padre Cícero, Floro Bartolomeu e de diversos cangaceiros.. Obra sobre a qual juntou artigo de Antônio Olinto, sob título. **Na linha de Euclides da Cunha**.

- Carta do acadêmico Vet FEB **José Conrado de Souza** de 15/09/2003 dando conta que em Comodato transferiu para o CMPA a biblioteca General Antônio Carlos de Andrade.

- Manifestações recebidas do incentivo sobre o livro **Caxias e a Unidade Nacional.**

Do acadêmico **Osório Santana Figueiredo:**

"Impressionei-me. Que livro! É uma obra para ficar no tempo e no espaço. Para os estudiosos de História, mormente para os biógrafos de nossos vultos militares, será uma mão cheia. Uma fonte fertilíssima. Nota-se que é obra que exigiu muito folêgo e muito tempo, para reduzir uma montanha de dados preciosos e minuciosos, sobre a vida de grande homem, o grande soldado, o grande brasileiro que foi o Predestinado da Pátria... As ilustrações, uma obra a parte e uma verdadeira exposição histórica, um manancial de cenários e visões...um documentário fotográfico que não existe igual na historiografia militar terrestre brasileira..."

- O acadêmico Gen Ex **Jonas de Morais Correia Neto**. Em carta assim se manifestou sobre o livro **Caxias e Unidade Nacional** a seu autor Cel Bento.

"Muito alentado e de interessante concepção é o seu livro sobre Caxias. Feito sem dúvida, de persistente iniciativa é sério esforço de um dedicado pesquisador e profundo conhecedor da vida de nosso Patrono. Há nele uma bonita dedicatória..."

- O Cel **Gay Cardoso Galvão** em artigo na Revista **Enfoque** de Campo Grande - MT divulgou e detalhou o livro **Caxias e a Unidade Nacional**

Caxias o Patrono da Anistia

Vale aqui lembrar em meio a tantos **SILÊNCIOS** e DEFORMAÇÕES de Caxias, na Mídia, em 2003, que o falecido historiador e grande jornalista Barbosa Lima Sobrinho em artigo, Caxias o Patrono da Anistia no **Jornal do Brasil** de 22 mai 1988 escreveu:

:" Se tivesse que eleger um Patrono da Anistia ficaria indeciso entre Rui Barbosa e o Duque de Caxias.

Rui Barbosa com seus trabalhos jurídicos e sua atuação como advogado. O Duque de Caxias pelos exemplos que nos legou. E acabaria optando pelo militar que, antes das batalhas, fazia da promessa de anistia um elemento de pacificação."

Momentos de Saudades dos confrades que partiram

- Completou seu centenário em 24 set 2003, o saudoso patrono de cadeira na AHIMTB, General **Jonas de Morais Correia Filho.** Nasceu em Paranaiba- PI e viveu no Rio de Janeiro, sua cidade adotiva, vida cultural e profissional brilhante. Historiador militar deixou valiosa obra. O Cel Bento presidente da AHIMTB orgulha-se de haver sido por ele recebido nos IGHMB e IHGB. Foi o Diretor de **Revista do Clube Militar** em seu cinqüentenário. Presidiu superiormente o IGHMB. Foi constituinte de 1945 e nas atividades históricas fazia uso das suas qualidades de político conciliador para liderar seus confrades da área cultural militar. Foi o autor da letra da 1ª Canção da Arma de Engenharia, com música de autoria de sua primeira esposa, a mãe do acadêmico Gen Jonas de Morais Correia Neto, que ocupa cadeira

de que é o patrono. Seu desaparecimento deixou uma lacuna difícil de ser preenchida na Cultura Militar Terrestre do Brasil, como líder, orientador e escritor das atividades de História Militar.

- Faleceu no exterior onde fora participar de um Simpósio de História Militar o saudoso acadêmico Comandante- de- Mar- e- Guerra (FN) Dino Willy Cozza. Ele assistiu sessão da AHIMTB no 1º BPE, quando participou da Mesa Diretora e recebeu exemplar do livro **Caxias e a Unidade Nacional** que ajudara a patrocinar e foi mencionado que a abordagem sobre a namorada de Caxias, em Montevidéu Angela Furriol abordada no livro citado, se devia a pesquisa por ele feita e publicada na RIHGB. Ele inaugurou a cadeira Corpo de Fuzileiros Navais na qual será substituído pelo novo acadêmico CMG Quintão, do CFN..

Foi uma grande perda para a Cultura Militar e para seus amigos e admiradores.

Faleceu o General **Humberto Peregrino,** aos 92 anos, depois de brilhante atividade cultural militar iniciada como tenente. Foi um dos pioneiros nas atividades com Blindados no Brasil. Nasceu em Natal- RN. Marca sua vida a sua superior atividade de Diretor da BIBLIEX de que é também o historiador, onde estimulou o surgimento de novos escritores militares no Exército e voltou o editorial em beneficio da atividade militar e assuntos relacionado com Exército. Patrono em vida de cadeira na AHIMTB, assistiu no Arquivo Histórico do Exército a inauguração de sua cadeira pelo acadêmico Cel **Paulo Dartagnam Marque do Amorim.** Foi uma grande perda para a Cultura Militar Terrestre do Brasil e para sua terra, a cidade de Natal que tanto amava.

De todos os confrades citados falecidos a AHIMTB guarda detalhado registro de suas vidas e obras.

Inauguração de busto de Caxias no Colégio Militar pela AHIMTB, focalizando a, direita, o Cel Bento presidente da AHIMTB e, a esquerda, O General Arnaldo Serafim, 2º vice presidente da AHIMTB.

Nº 40 – Jan/Mar 2004 – Cel Cláudio Moreira Bento

ATIVIDADES DA AHIMTB NO FINAL DE 2003 1º TRIMESTRE DE 2004

A AHIMTB encerrou suas atividades em 2003 no Colégio Militar de Porto Alegre como o lançamento das seguintes obras que ela planejou, no contexto das comemorações do Bicentenário do Duque de Caxias. E no momento esta as

distribuindo a possíveis interessados em as adquirirem, como promovendo o relançamento de algumas delas:

Amazônia Brasileira- Conquista, Consolidação e Manutenção –História Militar Terrestre da Amazônia 1616 –2003 que tem tido muito bom acolhimento e receptividade, traduzidos particularmente por comentários críticos solicitados que serão reunidos e publicados em plaqueta a isto destinada.

Paralelamente a AHIMTB organizou 3 volumes, exemplares únicos, que registram em detalhes a sua participação nas comemorações do Bicentenário do Duque de Caxias: nos Circulo Militar Agulhas Negras(CIMAN) em Resende; no Circulo Militar de São Paulo; no Circulo Militar de Belo Horizonte; no Clube Militar, no IME, no 1 º BPE e no Colégio Palas no Rio de Janeiro; e, em Brasília, no Colégio Militar, no Batalhão da Guarda Presidencial e na Confraria 3C no Regimento Dragões da Independência.

Neste verão de 2004 a AHIMTB se aplicou na distribuição da obra sobre a Amazônia e preparação para lançamento da seguinte obra:

Os 60 anos da Academia das Agulhas Negras em Resende que foi lançado em reunião no Auditório do Comando da AMAN que foi representada no ato por seu comandante o Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes, Estado- Maior e Geral e Especial da AMAN, comandantes de cursos e representação de cadetes num total de 60 militares aos quais a AHIMTB distribui para as respectivas repartições 60 exemplares da citada obra e mais 60 exemplares da obra História Militar de Resende 1744-2001, comemorativa dos 200 anos de Resende.

A tarde a AHIMTB fez a entrega ao Oficial de Operações da AMAN das seguintes obras a serem sorteadas por oficias e cadetes do 9 cursos, as seguintes obras editadas sob a égide da AHIMTB:

235 Os 60 anos da AMAN em Resende

90 História Militar de Resende 1744-2001

45 Inspirações geopolíticas de Portugal e do Brasil no Prata e suas repercussões no Rio Grande do Sul 1680-1901, com apresentação do acadêmico emérito Gen Carlos de Meira Mattos, ex comandante da AMAN.

Dia 15 de abril no Colégio Militar de Porto Alegre a AHIMTB lançará as seguintes obras;

As batalhas dos Guararapes descrição e análise militar, reedição ampliada e num só volume, com 14 mapas coloridos para se acompanhar o desenvolvimento das batalhas. Lançamento comemorativo do 10 º aniversário do Dia do Exército criado em 24 de março de 1994 e a ocorrer em 19 de abril.

Os 60 anos da AMAN em Resende ,como homenagem em Porto Alegre a AMAN, cujo seu idealizador, o então Cel José Pessoa ali estudou e foi declarado Aspirante a Oficial na Escola de Guerra de Porto Alegre.

As Forças Armadas e a Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial, reedição com apoio na Lei Roanet e prefaciado pelo acadêmico emérito e Veterano da FEB José Conrado de Souza que preside a ANVFEB gaúcha há mais de 20 anos.

Dia 22 de abril as 15 horas no Colégio Militar do Rio de Janeiro a AHIMTB, empossará como acadêmico o Cel Rui Duarte Rodrigues, ex aluno do CMRJ e cronista social castrense há 16 anos da Coluna Polainas e Charlateiras do Ombro a Ombro. Ocupará a cadeira General Waldomiro Pimentel, vaga por elevação a acadêmico emérito do antigo mestre do CMRJ Cel Jardro Alcântara Avelar que será homenageado na ocasião pela AHIMTB ,por sua exemplar solidariedade aos objetivos da AHIMTB, e .pelo acadêmico emérito e antigo mestre do CMRJ Cel Prof Arivaldo Silveira Fontes, 1º vice presidente da AHIMTB

Após esta posse a Academia de História Militar Terrestre do Brasil lançará os seguintes livros, editados sob sua égide:
- As batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar, em comemoração ao 10º aniversário da criação do Dia do Exército, em 24 de março.
- Os 60 anos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em Resende, comemorativo do 60º aniversário, em 1º de março de 2004, da instalação da AMAN em Resende e publicação de seu Boletim Interno nº 1.
- Amazônia Brasileira- Conquista, Consolidação e Manutenção - História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003.
- As Forças Armadas e a Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial.
- Marechal César Obino, idealizador e criador da Escola Superior de Guerra.

Dia 23 de abril, aniversário da AMAN, a noite, terá lugar no Espaço Cultural da Associação Educacional D.Bosco (AEDB) em Resende o lançamento de obras ultimamente produzidas pela AHIMTB e em cerimônia que contara com a presença do Cel Antônio Esteves o Idealizador e introdutor em Resende do Ensino Superior há 40 anos construtor.No lançamento merecerão especial destaque naquele meio universitário local as seguintes obras:

- As batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar, em comemoração ao 10º aniversário da criação do Dia do Exército, em 24 de março.

- Os 60 anos da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em Resende, comemorativo do 60º aniversário, em 1º de março de 2004, da instalação da AMAN em Resende e publicação de seu Boletim Interno nº 1.

- Amazônia Brasileira- Conquista, Consolidação e Manutenção –História Militar Terrestre da Amazônia 1616 –2003.

DOAÇAO DE LIVROS PELA AHIMTB AS ECEME, EsAO E REGIÕES E BRIGADAS DE SELVA DO COMANDO MILITAR DO AMAZONAS

A AHIMTB já enviou 20 exemplares da obra Amazônia Brasileira- Conquista, Consolidação e Manutenção –História Militar Terrestre da Amazônia 1616 –2003, para a ECEME, EsAO, Regiões e Brigadas de Selva do Comando Militar da Amazônia. tendo antes enviado um exemplar desta obra para cada comando das grandes unidades e escolas citadas.

Enviará além as ECEME e EsAO, para pesquisas e estudos, exemplares de Os 60 anos da AMAN em Resende; Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário; As Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar; História Militar de Resende 1744/2001: Inspirações Geopoliticas do Brasil e de Portugal no Prata e suas repercussões no Rio Grande do Sul de 1680-1901 e

As Forças Armadas e a Marinha Mercante do Brasil na 2 ª Guerra Mundial .

APELO FINAL: A AHIMTB reitera a seus acadêmicos e correspondentes que receberam o livro sobre a Amazônia que realizem e enviem suas opiniões e comentários críticos solicitados para serem publicados. É importante esta participação acadêmica. Lembra para não esquecerem, se puderem, de enviarem uma contribuição financeira para o custeio da AHIMTB. Solidariedade é preciso!

HOMENAGEM AO CORONEL JOSÉ PESSOA, O IDEALIZADOR DA AMAN, NA 4ª CAPA da OBRA OS 60 ANOS DA AMAN EM RESENDE

DE AUTORIA DO O CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO

Nº 41 – Abr/Jun2004 – Cel Cláudio Moreira Bento

BICENTENÁRIO DO CONDE DE PORTO ALEGRE(1804-1875).
Cel Cláudio Moreira Bento(x)

Conde de Porto Alegre e Tenente General Manoel Marques de Souza (3º)

Projeção histórica

O dia 13 jun 2004 assinala o bicentenário de nascimento, na cidade de Rio Grande, do Tenente General Manoel Marques de Souza (3ª) e Conde de Porto Alegre.

Sua vida e obra se projetaram com relevo na História do Brasil, na do Rio Grande do Sul e na de Porto Alegre, como um bravo cabo de guerra que muito serviu a Independência, a Unidade, a Integridade e Soberania do Brasil A Independência ao ajudar na sua consolidação na Província Cisplatina.

Combateu em Passo do Rosário em 20 fev 1827, ao final da Guerra Cisplatina 1825/28; na Revolução Farroupilha, 1835/45; na Guerra contra Oribe e Rosas 1851/52 , onde comandou a 1º Divisão Brasileira que integrou o Exército Aliado que derrotou forças ao ditador argentino Rosas em Monte Caseros a 2 fev 1852 e, na Guerra do Paraguai 1865/68, em que foi o comandante brasileiro das forças que obrigaram os paraguaios, que invadiram o Rio Grande do Sul por São Borja, a se renderem em Uruguaiana em 18 set 1865, em presença do Imperador D. Pedro II e dos presidentes Bartolomeu Mitre e Venâncio Flores da Argentina e do Uruguai.

Participou de esforço na Guerra do Paraguai a frente de seu 2º Corpo de Exército, a base de Cavalaria da Guarda Nacional gaúcha, tendo conquistado o forte de Curuzu, que usou por largo tempo, como base do 2º Corpo.

Seu grande momento como líder de combate foi comandar pessoalmente a derrota inimiga na 2ª Batalha de Tuiuti e com extrema e memorável bravura.

Seu título de Conde de Porto Alegre foi em razão de haver, com ousado, golpe de mão, liderado a reconquista definitiva de Porto Alegre aos farrapos em 15 jun 1836, depois de fugir o barco prisão Presiganga onde fora preso pelos farrapos. Em conseqüência deste notável feito que liderou, Porto Alegre recebeu o titulo de Leal e Valorosa e exigiu mais tarde, em memória do herói que a libertou e a defendeu nos 3 sítios farrapos a que foi submetida, de levantar-se estátua para o imortalizar. Estátua que foi a primeira erigida em Porto Alegre e inaugurada pela Princesa Izabel em 1885, na Praça do Matriz e transferida em 1910 para a Praça Conde de Porto Alegre, junto do antigo Portão de entrada do complexo de fortificações que protegeram Porto Alegre dos 3 sítios farrapos que o herói enfrentara com valor e determinação.

Os generais Manoel Marques de Souza 1º, 2º e 3 º

Manoel Marques de Souza (3º), por homônimo de seu pai e de seu avô. Este o Marechal de Campo Manoel Marques de Souza 1º, o patrono da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada sediada em Pelotas, a qual estudamos em obra específica, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, dentro do projeto em curso ,a História do Exército na Região Sul, em execução pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Ele ingressou no Exército aos 13 anos, como cadete do 1º Regimento de Cavalaria Ligeira da Divisão de Voluntários Reais em Montevidéu, após esta praça ser ocupada pela citada Divisão, em 20 jan 1817, ao comando do General Carlos Frederico Lecor.

E ali ao lado de seu pai, General Manoel Marques de Souza (2º) participou de diversas ações de guerra até 1822, para a consolidação militar da posição de Portugal no atual Uruguai.

Em 1818, aos 14 anos, foi promovido a Alferes Ajudante de Campo do General Lecor, comandante dos Voluntários Reais vindos de Portugal para ocupar a Banda Oriental(atual Uruguai).

Terminadas as guerras contra Artigas em 1820, que culminaram com a incorporação do atual Uruguai ao Brasil, como sua Província Cisplatina, ali o herói permaneceu até a Independência, participando das guerras da Independência do Brasil, com vistas à sua consolidação naquela novel Província.

Participação na Guerra da Cisplatina, 1825/26

Cursou, no Rio, a Academia Militar do Largo do São Francisco em 1824, por curto período, retornando a Montevidéu para combater na Guerra da Cisplatina, 1825/28, Nesta guerra, integrando a 1ª Divisão, ao Comando do Marechal Sebastião Pereira Pinto, participou com destaque, da batalha do Passo do Rosário de 20 fev 1827, como tenente do Estado - Maior desta Divisão, e foi citado por sua boa atuação por aquele chefe.

Capitão em 20 Mar 1827, um mês após a Batalha do Passo do Rosário, passou a Ajudante de Ordens do General Lécor, comandante do Exército do Sul. Finda a Guerra permaneceu em Montevidéu integrando a Divisão de Observação Brasileira.

Major em 29 Mar 1829, aos 24 anos assumiu o comando da 6ª Cia do 4º Regimento de Cavalaria Ligeira, unidade anteriormente comandada pelo avô e pelo pai e com ela retornou ao Rio Grande, onde passou a comandar a citada unidade, que por transformações, fusões, movimentações e denominações sucessivas é o 8º R C Mec- Regimento Conde de Porto Alegre, em Uruguaiana, que foi abordado em livro pelo historiador da AHIMTB, Sargento Carlos Fonttes.

Participação na Revolução Farroupillha, 1835/45

Ao estourar a Revolução Farroupilha em 20 Set 1835, conservou-se fiel ao Império. E terminou por apresentar-se ao Rio, de onde retornou a Pelotas no comando de uma força de 80 homens, assumindo o comando desta cidade.

Ao general farrapo Antônio Neto tomar Pelotas, o Major Marques de Souza foi capturado e enviado preso para Porto Alegre onde lhe serviu de prisão o barco Presiganga, ancorado no meio do rio Guaíba.

E foi a partir do barco Presiganga, de onde conseguiu se evadir, que o Major Marques de Souza liderou a retomada de Porto Alegre aos farrapos em 15 Jun 1836 e passou a participar com destaque da defesa de Porto Alegre dos diversos ataques a que foi submetida durante os três sítios farrapos por nós estudados em Porto Alegre - Memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias, Brasília : EGGCF, 1989.

Este feito o imortalizou na História de Porto Alegre e é a origem de seu título Conde de Porto Alegre, e da cidade, então títulada de Leal e Valerosa.

A sua saúde fora afetada por sua prisão por cerca de 2 meses no Presiganga. E entrou em licença de saúde por largo período. Assumiu comando do 2º Regimento de Cavalaria Ligeira só em 1840 e à sua frente participou de varias ações contra os farrapos sendo que, em 1844, Caxias o designou como coronel, para guardar importante posição em São Gabriel, o forte Caxias, como comandante de sua guarnição. Quase ao final da revolução foi enviado ao Rio em companhia de um irmão de Caxias e de Antônio Vicente da Fontoura a serviço da pacificação da revolução. Celebrada a paz, em Dom Pedrito atual, Caxias o encarregou de viajar mais uma vez ao Rio, agora para comunicar a pacificação ao governo imperial..Ao se estudar a sua história e a do seu primo irmão e amigo, o futuro Almirante Tamandaré e mais a de Osório, se percebe os constrangimentos familiares que revelavam em combater a revolução. O Tenente Osório a ela aderiu no primeiro momento, dela se retirando quando tomou o rumo de República. Em 1846, Marques de Souza foi graduado brigadeiro e comandante da 2ª Brigada de Cavalaria.

Participação destacada em Monte Caseros contra Rosas

A guerra contra Oribe e Rosas em 1851/52 lhe reservou destacado papel, como brigadeiro graduado e depois efetivo (Gen Bda), desde 14 Ago 1850.

Coube-lhe a honra de comandar a 1ª Divisão Brasileira que brilhou na Batalha de Monte Caseros, integrando a força aliada que terminou por derrubar o governo do ditador argentino Rosas.

Do Boletim do Exército Aliado sobre a Batalha se lê:

"O Sr. Brigadeiro Manoel Marques de Souza, chefe do centro aliado e das forças brasileiras, deu um dia de glória à sua pátria, acrescentando novos louros à sua fronte e granjeando o respeito e gratidão dos aliados".

Caxias, referindo-se à 1ª Divisão na batalha de Monte Caseros escreveu: "O Brigadeiro Manuel Marques de Souza, comandante da 1ª Divisão, mostrou no dia desta memorável batalha, muito tino e valor, dirigindo o combate no centro da linha inimiga, o seu ponto mais forte, prevenindo o ataque inimigo na ocasião oportuna. Nossos batalhões manobraram como se estivessem em parada. E isso aterrou consideravelmente o inimigo. Eu recomendo à sua Majestade, o Imperador, este oficial general, que faz honra ao Exército Brasileiro".

Em 18 Fev 1852, o Brigadeiro Marques de Souza desfilou com sua 1ª Divisão Brasileira pelas ruas de Buenos Aires, que ela ajudara os irmãos argentinos a libertar do ditador Rosas.

Em 01 Mar 1852, Marques de Souza reuniu em Montevidéu a 1ª Divisão ao Exército ao Comando de Caxias onde foi elogiado "por sua coragem e sangue frio na batalha".

Foi então que o Império o agraciou por sua invejável conduta, com o título de Barão de Porto Alegre, com honras de grandeza e com a medalha de ouro de oficial general das campanhas do Uruguai e Argentina e com sua promoção a Marechal de Campo (General de Divisão).

Em 24 Set 1852 assumiu em Porto Alegre o comando da atual 3ª Região Militar que exerceu até 05 Mar 1853, continuando a residir na Leal e Valerosa, e terminando por pedir reforma em 20 Fev 1856, levado pelo sofrimento de doença crônica adquirida em campanha. Foi reformado como Tenente General (General do Exército) aos 52 anos. Havia contraído 2º casamento no ano anterior, com uma filha do Coronel Soares de Paiva herói da resistência imperial ao ataque farrapo de São José do Norte.

Reformado, passou a ter agitada carreira política. Em 1862 foi eleito deputado imperial, tendo sido Ministro de Guerra por 6 dias.

Participação na Guerra do Paraguai de 1865/68

Com a eclosão da guerra do Paraguai e conseqüente invasão do Rio Grande do Sul, foi nomeado em 21 Jul 1865, Comandante- em- Chefe do Exército Brasileiro em Operações no Rio Grande do Sul.

E coube-lhe comandar o sítio do invasor paraguaio em Uruguaiana, onde teve que assumir atitude firme e enérgica, junto com seu ilustre primo irmão, o Almirante Tamandaré, para impedir que argentinos comandassem o sítio do inimigo em território brasileiro.

E na proclamação feita aos soldados brasileiros para o ataque ao invasor mencionou:

"Tendes por companheiros nesta luta de honra, os valorosos soldados das nações aliadas e para testemunhas de vossos feitos, os chefes das mesmas nações que comigo vos guiarão na marcha gloriosa que vamos empreender".

E teve o Barão de Porto Alegre papel militar de destaque na rendição do invasor do Brasil em Uruguaiana em 18 Set 1865.

Após a rendição paraguaia, na Ordem do Dia nº 13, Porto Alegre ali escreveu entre outras coisas:

"Soldados da liberdade! Em nome do Imperador, o General- em- Chefe do Exército Imperial vos saúda, e vos conjura a que respeites a desgraça do inimigo vencido. O General-em- Chefe agradece a dedicação de cada um de vós esperando poder ainda uma vez orgulhar-se de haver-se achado à vossa frente.

Ass: Barão de Porto Alegre".

A seguir, passou a comandar o 2º Corpo de Exército que, a partir de São Borja, foi lançado para combater no Paraguai em reforço ao 1º Corpo de Exército.

E sob sua liderança o 2º Corpo conquistou Curuzú em 03 Set 1866. E em 14 Set ele proclamou:

"Sobre as trincheiras de Curuzú tremula altivo o pavilhão nacional, que sustentado pelos bravos à cuja frente me acho, percorrerá triunfante este solo aonde ainda impera a tirania. A jornada do dia 3 foi brilhante prólogo da obra, de cujo desempenho a pátria nos incumbe.....

....Soldados! Vingar a honra vilmente ultrajada, o direito conculcado, e a liberdade oprimida foi, é, e será sempre a mais nobre missão que pode ter um exército de um país livre; ufanai-vos, porque tal é a nossa incumbência. Barão de Porto Alegre".

Em 22 Set 1866 teve lugar o malogrado ataque aliado a Curupaiti, sobre o qual três dias depois Porto Alegre escreveu a um amigo, carta publicada na Reforma, de 02 Fev 1885.

E na Ordem do Dia nº 88 de 10 Out de 1866, Porto Alegre declarou: "Em Curupaiti ficou ilesa a honra da Bandeira Brasileira".

Sob o comando de Caxias, Porto Alegre, muito doente, solicitou dispensa do comando do 2º Corpo. Retornou em 01 Mar 1867, reassumindo o seu comando. Pouco depois estabeleceu sua base em Tuiuti, onde foi atacado de surpresa por forças paraguaias e teve que as repelir, como líder de combate, como Caxias o havia feito em Itororó.

Nesta ação gloriosa, Porto Alegre, aos 63 anos, combateu com a mesma agilidade de um moço, não recebendo nenhum ferimento, apesar de terem sido crivados de balas os dois cavalos que montava. Houve um momento em que foi derrubado do cavalo e teve que combater a pé.

O Conde de Porto Alegre se retirou do Teatro de Operações em Jan 1868 por doente, sendo louvado por Caxias "pelo zelo, inteligência e valor com que sempre se houve no desempenho de suas funções".

Sem melhorar sua saúde terminou por falecer no Rio de Janeiro em 18 Jul 1875, aos 71 anos. Embalsamado, o seu corpo foi transportado com todas as honras em navio de guerra até Rio Grande e depois até Porto Alegre e ali foi sepultado em 05 Nov 1875 no cemitério da Santa Casa de Caridade.

Em 02 Fev 1885, com toda a pompa e circunstância foi inaugurada a sua estátua pela Princesa Izabel, presente seu esposo, o Conde D´ Eu, Marechal Gastão de Orleans, autor da melhor memória sobre a Rendição de Uruguaiana, em sua "Viagem ao Rio Grande do Sul em 1865". Entre seus biógrafos destaco Décio Vignoli das Neves em Vultos de Rio Grande. Santa Maria: Pallotti,1981.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, além do seu Guararapes nº 41, através de sua Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara no Rio Grande do Sul, está trabalhando nas comemorações do bicentenário do Conde de Porto Alegre através de seu delegado e acadêmico Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis que fará

conferência em 17 Jun no Solar do Conde de Porto Alegre e da sócia efetiva daquela Delegacia jornalista Carmen Lúcia Ferreira da Silva, tetraneta do herói, que já o focalizou em O Gaúcho nº 23, de Mar 2004, informativo do Instituto de História e Tradições do RGS, a qual, associada ao IAB, CMPA, IHTRGS e AHIMTB, lavrarão no CMPA, no dia 13 Jun às 17 horas, um Protocolo de Intenções, com vistas a uma reedição comentada do livro Conde de Porto Alegre, editado pela BIBLIEx em 1952, por Carlos Maul, De Paranhos Antunes e Jaime Ribeiro da Graça.

Fontes consultadas

1 -ALMEIDA, Antônio Rocha, Vultos da Pátria. Porto Alegre: Ed. Globo, 961.v.1
2- AMAN-CADEIRA DE HISTÓRIA. História Militar do Brasil. Volta Redonda, Gazetilha, 1978
3 -BENTO, Cláudio Moreira. História da 3ª Região Militar, 1808-1889 e Antecedentes. Porto Alegre: 3ªRM/SENAI,1994.
4-(_____).Porto Alegre-Memória dos sítios farrapos e da Administração de Caxias. Brasília:EGGCF,1989.
5-(_____).Brasil conflitos externos. Consultar na Internet em Livros o site da AHIMTB www.resenet.com.br/users/ahimtb
6 -FONTTES, Carlos. Regimento Conde Porto Alegre. ruguaiana:ed/autor,1985.
7- (_____).A Retomada de Uruguaiana.Uruguaiana.Graf.Universitária:1994.
8 -MAUL, Carlos et alli. Conde de Porto Alegre. Rio de Janeiro:BIBLIEx,1952.
9 -NEVES, Décio Vignoli das .Vultos de Rio Grande. Santa Maria:Pallotti,1981.
10 -PORTO ALEGRE, Conde de. Ordens do Dia do 2º Corpo de Exercito. Rio de Janeiro: Tip Francisco Alves,1877.(Cotem 103 ordens do Dia de 21 ago 1865 a 15 mai 1867 , com referências a nomes dos integrantes do Corpo em ordem alfabética pelo primeiro nome).
11 -SILVA, Alfredo Pretextato Maciel da. Ten Gen Manoel Marques de Souza in: Os Generais do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: M.Orosco, 1907.
12- SILVA, Carmen Lúcia Ferreira da. Conde de Porto Alegre. O Gaúcho, Mar 2004

AS ONGs NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

ONG significa Organização não Governamental. E para muitos estudiosos brasileiros, incluindo parlamentares da CPI das ONGs, ao invés de elas representarem o bem para o Brasil representam o mal, como instrumentos disfarçados a serviço de interesses das nações do G-7, com vistas a minarem, progressivamente, a Soberania do Brasil sobre a nossa Amazônia e a internacionalizarem, pela transformação das riquezas que ela abriga em seu seio, em reservas futuras à disposição do Poder Econômico Mundial. E elas teriam ganho grande força e penetração na Amazônia em 1991, com a supervalorização, pela Constituição, das questões ambiental e indígena. Estudos realizados por Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) detectaram 320 ONGS atuando na Amazônia, ou cerca de 1 ONG para cada 1000 índios, dos 320. 000 levantados pela FUNAI. Com o grande poder que elas possuem na área, conseguiram engessar a Amazônia, que representa 60% do Brasil.

Engessamento com a criação de enormes Reservas Indígenas + Áreas de Preservação Ambiental + Corredores Ecológicos e outras servidões de uso da terra na margem dos seus rios e limitação de que cada proprietário só use 20% da sua. E

tudo isto o Brasil ignora, por um trabalho da mídia internacional refletida pela mídia nacional que anestesia a opinião pública nacional e imobiliza e inibe o poder público para não parecer contra as questões ambiental e indígena. Enquanto isto a biopirataria internacional vai explorando por meio de agentes estrangeiros, sem controle governamental, a biodiversidade e os nossos recursos minerais. São questões fundamentais que necessitam ser mostradas ao povo brasileiro com toda a transparência. Essas são idéias que retiramos de esclarecedora palestra do senador por Roraima, Mozarildo Cavalcanti, na Academia Militar das Agulhas Negras , autoridade que integra a CPI sobre as ONGs na Amazônia, que já levantou 10 ONGs que exercem atividades irregulares lesivas aos interesses do Brasil. Enquanto isto a mídia internacional com apoio ou silêncio da mídia nacional prepara a opinião pública do G-7, principalmente, com esta falsidade:

"O Brasil está desmatando e incendiando a Amazônia e matando os seus índios."
Enfim, estão preparando o caminho através da mentira, para justificar uma intervenção na Amazônia, com apoio de seus braços nela atuantes, as ONGs. É necessário que este debate domine o cenário nacional, entre os que defendem o trabalho das ONGs e os que o condenam, para estudar-se quais as que trabalham em beneficio dos brasileiros e quais as que defendem interesses alienígenas. E, finalmente ter-se sobre elas o máximo controle possível.

Sobre isto escreveu o acadêmico emérito da AHIMTB e ex- comandante da AMAN, General Carlos Meira Mattos autor de trabalho A Geopolítica do Brasil na Amazônia , e com apoio em Guy Sorman, do Jornal francês Le Monde de 25 abril 2001:

"Atrás das siglas (humanitárias), prosperam pequenas e grandes associações, ricas e pobres, generosas e cínicas".

Mais adiante, acrescentava o mesmo jornalista: "e ninguém fiscaliza suas fontes de financiamento, ninguém verifica a autenticidade da boa causa a que se propõem, ninguém controla suas despesas. Na sua quase totalidade não estão subordinadas senão a assembléias fantasmas (compostas de personalidades honradas), mas administradas efetivamente por minorias vinculadas a outros interesses.

Ainda, segundo o que se diz o jornalista do Le Monde, "as ONGs, as mais poderosas, são transnacionais, projetam a imagem das empresas transnacionais que as financiam, tornando utópica a idéia de que são organizações auto-gerenciadas."

Segundo Meira Mattos,"é muito bom para nós, brasileiros, vítimas das campanhas de ONGs internacionais, que venham de fora, da imprensa européia e norte-americana, a revelação dos interesses espúrios, nada humanitários, nada científicos, acobertados por algumas destas instituições que operam em nossa Amazônia".
Controlar atividades de estrangeiros na Amazônia é preciso, em conjunto com o SIVAM e CIPAM que parecem em melhores condições de vigiar e proteger a biodiversidade na Amazônia.(Cláudio Moreira Bento presidente da AHIMTB

DOAÇÃO DE LIVROS AS ESA, ESPCEx, AMAN, EsAO, ECEME, IME e ESG

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil tem distribuído as escolas acima livros que tem produzido sobre a sua égide com o patrocínio de seus sócios das mais diversas categorias onde se destaca a FHE- POUPEX. Doação para quem esta estudando e melhor possa aproveitar o conteúdo dos mesmos.

Foram doados obras com os seguintes títulos Caxias e a Unidade Nacional ,Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário, Batalhas dos Guararapes descrição e análise militar, Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação e Manutenção(História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003 , As Forças Armadas e a Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial e Os 60 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende .Assim a AHIMTB com estes assuntos históricos de interesse profissional militar espera estar contribuindo modestamente para o ensino nas citadas escolas

- AMAN, AHIMTB E SÓCIOS DA AHIMTB CONDECORADOS PELO INSTITUTO HISTÓRICO GEOGRAFICO E GENEALÓGICO DE SOROCABA COM O COLAR CRUZ DOS ALVARENGA DOS HERÓIS ANÔNIMOS.

Dia 14 de junho pela manhã, no Auditório do Comando da AMAN foram agraciados com o Colar Cruz dos Alvarengas do Heróis Anônimos pelo Instituto Histórico Geografico e Genealógico de Sorocaba- SP a Academia de História Militar Terrestre do Brasil e os seus seguintes membros:

- Academia Militar das Agulhas Negras - Colaboradora Emérita da AHIMTB.
- Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes – Presidente de Honra da AHIMTB
- Cel Alceu Paiva- Acadêmico e Presidente do Conselho Fiscal da AHIMTB
- Cel Cláudio Moreira Bento Acadêmico Emérito e Presidente da AHIMTB
- Cel Antônio Carlos Esteves Acadêmico e bibliotecário da AHIMTB
- Sra Alda Bernardes Faria e Silva da Comissão de Relações Publicas

da AHIMTB e Presidente da Academia Itatiaiese de História

As condecorações foram entregues pelo Presidente da instituição histórica sorocabana, professor Adilson Cesar , também socio correspondente da AHIMTB em Sorocaba e que em agosto será empossado acadêmico na cadeira Cel Diogo de Morais Arouche Lara o primeiro historiador militar terrestre do Brasil como Reino Unido ,na qualidade de assistentye do Marques de Alegrete o vencedor da 1º Guerra contra Artigas, cujo desenvolvimento ele relatou. Adilson César será o Delegado da AHIMTB em Sorocaba da Delegacia da AHIMTB ali criada Delegacia Aluisio de Almeida, o maior historiador militar da Revolução Lçiberal de 1842 em São Paulo e Minas Gerais

ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL EM 2004

A AHIMTB lançou as seguintes obras editadas sob sua égide de autoria de seu presidente

1-OS 60 ANOS DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS(AMAN)EM RESENDE, Comemorativa dos 60 anos em 1 º março de 2004 da sua instalação oficial no Vale do Paraíba. Apresentação do Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes, Comandante da AMAN.

2-AS BATALHAS DOS GUARARAPES DESCRIÇÃO E ANÁLISE MILITAR – Comemorativa do décimo aniversário do Dia do Exército, em 19 de abril de 2004.Reedição melhorada e ampliada de obra de mesmo nome editada pela Universidade Federal de Pernambuco e lançada em 19 de abril de 1971, na inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Prefácio do acadêmico e 3º vice presidente da AHIMTB Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e abas do acadêmico Dr Flavio Camargo, editor da obra.

3-AMAZÔNIA 1616-2004, com o prefacio do Gen Ex Luiz Gonzaga Shoroeder Lessa, Presidente do Clube Militar e posfácio do Gen Bda Claudimar Nunes Magalhães comandante da AMAN , os quais vieram de exercer importantes comandos na Amazônia.

4- AS FORÇAS ARMADAS E A MARINHA MERCANTE NO BRASIL NA 2ª GM –Reedição de obra com vistas as comemorações em 8 de maio de 2005 dos 60 anos do Dia da Vitória

Obra que resgata no mais alto nível a atuação conjunta de nossas Forças Armadas na Defesa Territorial do Brasil e na Itália e da nossa Marinha Mercante, fato relevante mas pouco conhecido e divulgado.

Houve lançamento destas obras nas seguintes ocasiões

- Na Academia Militar das Agulhas Negras, no auditório do Comando em 19 de março .

- No Colégio Militar de Porto Alegre em 15 de abril a noite, no Salão Brasil, com expressiva

presença e inclusive de alunos e alunas do Casarão da Várzea.

- No Colégio Militar do Rio de Janeiro na tarde de 22 de abril, em conjunto com a sessão de posse como acadêmico do Cel Rui Rodrigues Duarte, o editor há mais de 15 anos da Coluna Social Polainas e Charlateiras do mensário Ombro a Ombro. Sessão que teve como seu presidente de Honra, o acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira, ocupante da cadeira Marechal José Pessoa.

- Na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) em Resende, em 23 de abril, a noite, num contexto de homenagem da AEDB a AMAN.

- Em 28 jun e em 10 agosto a AHIMTB continuará estes lançamentos em Porto Alegre na posse como acadêmico do Dr Eduardo Cunha Muller na cadeira General Valentim Benício , vaga por falecimento do acadêmico General João Carlos Rotta e, em Sorocaba na posse como acadêmico do historiador Adilson César ,na cadeira Cel Diogo Moraes de Arouche Lara, citado, vaga por elevação a acadêmico emérito

do historiador militar civil Hernani Donato, autor do precioso e utilíssimo Dicionário das batalhas brasileiras.

O Comandante da AMAN General Claudimar agradecendo a homenagem que a AEDB e a AHIMTB prestavam a AMAN em seu aniversário , destacou a importância do trabalho do Cel Bento no resgate da Historia Militar Terrestre do Brasil e em especial a do Exército e ressaltando a importância do livro sobre a Amazônia que posfaciou.

DIVERSOS

Apelo aos integrantes da AHIMTB. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil completou em 1º Março de 2004 - 8 anos de ativa e profícua existência da qual muito deve se orgulhar cada um de seus integrantes nas mais variadas categorias. Confirmar isto é obra de simples raciocínio e verificação!

Ela neste período de marcante realizações tem recebido o apoio intelectual e financeiros voluntário de muitos de seus integrantes que são registrados em livros próprio. Não tem sido fácil mobilizar recursos financeiros para mante-la acesa e viva e atuando para satisfazer suas necessidades de custeio para a coordenar pelo correio, pelo telefone, pela Internet suas atividades espalhadas por todo o Brasil.

Os que tem demonstrado solidariedade financeira voluntária sua contribuições tem ajudado a custear despesas de secretaria, material de expediente, manutenção de computadores, serviços prestados de digitação e manutenção de serviços prestados, por uma jovem auxiliar que mantém em dia o pesado expediente.

Assim apelamos que mais membros da AHITMB apoiem financeiramente a Academia de História Militar Terrestre do Brasil que integram e que sejam mais solidários com ela e com os seus objetivos. Aqui vale lembrar o que escreveu o Major J.R. de Miranda Carvalho sobre a importância profissional da História Militar que coincide plenamente com o nosso pensamento, da diferença da História Militar descritiva e dominante com a História Militar Crítica pouco compreendida em seu grande valor profissional e muito pouco praticada entre nós, mas a cargo sua prática do profissional militar a luz dos fundamentos da Arte e da Ciência Militar.

" É desalentadora a freqüência com que se encontra a ignorância total do valor da História Militar para a formulação da Doutrina Militar e a organização das Forças Armadas, o preparo para a guerra e a conduta das operações. Muitos ainda continuam a julgá-la um assunto para mera erudição- uma fonte de conhecimentos úteis apenas aos que se deleitam em acumula na memória um cabedal destinado a ilustrar sua palestra nas rodas sociais ou a dar um toque invejável a uma eventual entrevista jornalística..."

E não foi assim que ela foi estudada por exemplo pelo Marechal Castelo Branco, pelo Cel J.B. Magalhães e por Amerino Raposo para citar estes pensadores militares mais conhecidos"

Creio que nada pode melhor traduzir as preocupações da Direção da Academia por falta de solidariedade de pequena parte de seus integrantes do que esta carta do

Almirante Hélio Leôncio Martins, o maior historiador vivo de nossa Marinha de Guerra e do alto de seus 90 anos.Talvez suas palavras possam amolecer os corações dos membros da AHIMTB que não se mostram solidários e não depositam fé em suas realizações na conjuntura difícil porque atravessa a História Militar Terrestre do Brasil.

Aos integrantes da AHIMTB que tem contribuído financeiramente e assim ajudado a AHIMTB a se manter em ação, os agradecimento da Direção. Vejamos o que nos diz o Almirante Leôncio, destacado oficial que foi o primeiro colocado em três cursos e o primeiro a comandar o Navio Aeródromo Minas Gerais além de veterano da Força Naval do Nordeste na 2ª GM com tripulante de Caça Minas:

" Rio, 31 maio 2004 Prezado Cel Cláudio Moreira Bento, Acabo de receber mais um livro seu e a primeira impressão foi a melhor possível sobre Caxias e a Unidade Nacional, editado por nossa AHIMTB. A minha admiração por sua compacidade de realização não tem limites. Espalha a Academia de História Militar Terrestre por todo o Brasil, e tem uma produção literária militar que não esmorece, pesquisa, contata, pergunta.. Isto tudo sem ter uma organização administrativa de apoio. Em meu julgamento, faz tudo sozinho. Lamento que os meus noventa anos, com as mazelas da idade e a diminuição de energia para atuar, movimentar-me, a ajudá-lo, me imobilizem, colocando-me na posição de seu colaborador e admirador. Apesar de minha situação financeira estar se tornando precária, com as restrições de nosso saldos ,uma inflação que desmente os valores oficiais e as despesas com médicos e remédios que garantem minha precária sobrevida, acho que seu esforço merece uma ajuda mais solidária que o facilite. Assim estou juntando a esta um cheque de cem reais que esta dentro de minhas possibilidades.Com os meus comprimentos e um abraço amigo do Leôncio Martins."

Getúlio Vargas e a evolução da Doutrina do Exército (1930 – 45)

(Introdução de palestra sob o título acima a ser proferida em 28 junho pelo Presidente da AHIMTB no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre e que estará disponível em Artigos no site da AHIMTB www.resenet.com.br/users/ahimtb

O Presidente Getúlio Vargas, cujo sesquicentenário de falecimento ocorre em 24 de agosto de 2004, em sua juventude foi militar do Exército, por 5 anos. Inicialmente como soldado e sargento do 6 º Batalhão de Infantaria em São Borja. em 1899. A seguir como aluno da Escola Preparatória Tática do Rio Pardo em, 1900,1901 e 1902 até maio. E finalmente como 2ºsargento de Infantaria do 25º Batalhão de Infantaria, na Praça do Portão em Porto Alegre em 1902 e 1903, matriculando-se na Escola Brasileira com o idéia de cursar Direito, tendo neste ano tomado parte em Expedição Militar até Cuiabá, com o 25º Batalhão de Infantaria, em função da Questão Acreana. Deu baixa do Exército ao retornar de Cuiabá, em dezembro de 1903, para cursar a Escola de Direito, onde ingressou como aluno ouvinte, matriculando-se em 1904 no 2º ano . Foi seu comandante lá na 9ª Região Militar em Cuiabá, o General João Cézar Sampaio que como coronel comandara a Divisão do Sul que libertou Bagé, em 8 de janeiro, de cerco federalista a que fora submetida por 46 longos dias (1).

Em 1906 Getúlio ingressou na política. Fundou o Bloco Acadêmico Castilhista do qual fizeram parte os alunos da Escola de Guerra de Porto Alegre, no Casarão da

Várzea Eurico Gaspar Dutra e Pedro Aurélio de Góes Monteiro que exerceriam importante papel na vida e obra de Getúlio Vargas e, principalmente no Exército, como seus Ministro da Guerra e Chefe do Estado- Maior do Exército e executores da ação do presidente Getulio Vargas, no Exército, objeto da presente interpretação.

Em Rio Pardo, cuja sede da antiga Escola citada esta sendo restaurada e inaugurada esta ano, estudaram na mesma época os seus mais tarde destacados amigos e colaboradores – o já citado Eurico Gaspar Dutra e Mascarenhas de Morais. E mais os generais Bertoldo Klinger, filho de Rio Grande, e Francisco de Paula Cidade de Porto Alegre e ambos destacados historiadores militares no passado.

Em discurso para as Forças Armadas, em 12 de dezembro 1940, Getúlio, Vargas filho de um herói brasileiro da Guerra do Paraguai e no combate à Guerra Civil 1893/95, General Honorário Manoel dos Nascimento Vargas, recordou aos ouvintes com orgulho, sua condição de ex – integrante do Exército, com estas palavras:

– "Como vós fui soldado e encontrei na camaradagem das armas uma escola de lealdade, de abnegação e desinteresse, com o que continuo servindo ao Brasil, somando o meu esforço ao vosso e ao de todos os patriotas, para torná-lo cada vez mais próspero."

E foi fardado como chefe da Revolução de 30 que ele se deslocou de trem de Porto Alegre ao Rio, onde fardado assumiu do Governo do Brasil.

Sua contribuição para o progresso, relativamente ao Exército, foi a mais marcante da História do Brasil. Sob seu governo a Doutrina do Exército em seus campos Organização, Equipamento, Ensino e Instrução, Motivação e Emprego, atingiu a maior expressão e progressos relativos, ao longo do processo histórico brasileiro.

Um sintético inventário por campo doutrinário citado, corrobora com nossa afirmação, ao mesmo tempo em que se lhe faz justiça por evocar, no cinqüentenário de sua morte , a projeção de sua obra na Segurança Nacional.

Sites que publicam matérias de História Militar Terrestre do Brasil da AHIMTB

www.resenet.com.br/users/ahimtb ; www.militar.com.br em História a Revista Eletrônica da AHIMTB e em Caserna no site www.resenet.com.br do Portal Agulhas Negras

Como remeter colaborações financeiras a AHIMTB

Enviar por cheque nominal a Academia de História Militar Terrestre do Brasil para o seguinte endereço para facilitar o registro em livro próprio.

Cel Cláudio Moreira Bento Presidente da AHIMTB
Academia de História Militar Terrestre do Brasil
AMAN

Nº41 – Abr/Jun 2004 (Aditamento ao nº41) – Cel Cláudio Moreira Bento

RELATÓRIO DA REUNIÃO FESTIVA COMEMORATIVA DO 5º ANIVERSÁRIO DA DELEGACIA MARECHAL JOSÉ PESSOA PELO GEN DIV ARNALDO SERAFIM. ACADÊMICO EMÉRITO, 2º VICE PRESIDENTE AHIMTB E SEU DELEGADO DA DELEGACIA MARECHAL JOSÉ PESSOA NO DISTRITO FEDERAL

Senhoras e senhores que nesta oportunidade se reúnem neste Colégio Militar para festejar o 5º aniversário da Delegacia Marechal José Pessoa, as nossas saudações e os agradecimentos pelas presenças.

A Delegacia sente-se feliz com a realização desta reunião festiva porque o evento lhe dá forças para prosseguir na sua missão de continuar difundindo, na área de Brasília, as atividades da vigorosa Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Juntas as Academias e a Delegacia, marcam vitoriosa presença na luta pelo estudo, pesquisa, preservação, culto e divulgação de História Militar Terrestre do Brasil realçando a sua influência no fortalecimento do amor à nossa Pátria e no desenvolvimento da Doutrina de nossas forças terrestres etc.

Inicialmente, desejamos dirigir algumas palavras ao Cel Cav. Marco Antônio do Amaral Thomé (Cel Thomé), Comandante deste Colégio Militar, que gentilmente brinda a nossa Delegacia com um almoço de aniversário e proporciona uma feliz oportunidade de confraternização entre nossos sócios e os oficiais, alunos e funcionários do Colégio. Apesar das grandes dificuldades financeiras que assolam as nossas Unidades Militares, o Cel Thomé decidiu oferecer essa expressiva demonstração de carinho e de apoio à nossa mensagem cultural, patriótica e também profissional militar. A atitude do Comandante nos conforta e nos dá ânimo para prosseguir na tarefa que todos reconhecemos ser alto valor para formação de nossa sociedade, particularmente, da nossa juventude, que nesta reunião está muito bem apresentada por alguns alunos integrantes do Clube de História. Caro Cel Thomé ! Muito obrigado por este almoço e, também, por continuar a hospedar a nossa Delegacia, mantendo a nossa sede instalada junto ao Museu Colegial. Muito obrigado, por tudo que tem feito pela difusão dos trabalhos da Academia.

A nossa Delegacia Marechal José Pessoa esta completando o seu quinto aniversário e permanece fiel cumprimento dos objetivos previstos nos Estatutos da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Os objetivos perseguidos pela Academia são os seguintes, entre outros:

Desenvolver estudos, pesquisas, preservação, culto e divulgação da História Militar Terrestre do Brasil, incluindo Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Policiais Militares, Bombeiros Militares e outras forças terrestres como Voluntários da Pátria e Guarda Nacional.;

- Despertar o interesse das novas gerações de militares e civis pela História Militar, estimulando o surgimento de novas vocações de estudiosos e pesquisadores;

- Coletar, processar e preservar documentos, livros e artigos de interesse da História;

- Divulgar pesquisas e trabalhos de História, aproveitando todos os meios de comunicação, particularmente os periódicos;

- Cultuar e divulgar fatos e vultos expressivos d nacionalidade;

- Prestigiar e participar de eventos comemorativos;

- Exaltar o amor ao Brasil e o respeito às nossas Forças Armadas, valorizando a prática das virtudes militares;

- Realizar sessões ordinárias, extraordinárias, magnas assembléias gerais;

- Lutar pela preservação da identidade histórica das Forças Terrestres do Brasil de cuja História se ocupará prioritariamente; e

- Reverenciar a memória dos ex-integrantes das Forças Terrestres que ao longo do processo histórico, iniciado com o Descobrimento, ajudaram a delinear e consolidar um Brasil de dimensões continentais, com ênfase naqueles que tombaram em combate ou em conseqüência dele.

Meus senhores esses são alguns dos objetivos que a Academia e a Delegacia procuram alcançar com suas atividades.

Neste último ano, tivemos a oportunidade de festejar condignamente os 200 de nascimento do Duque de Caxias.

A Delegacia, em conjunto com o Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, Liga da Defesa Nacional, Secretária de Cultura do Distrito Federal e Colégio Militar, programou três conferencias que foram proferidas pelo Cel Jarbas Gonçalves Passarinho, Cel Cláudio Moreira Bento e Prof. Francisco Doratioto. Foi também organizada uma Sessão Solene com a participação da Orquestra, Coral e Corpo de Dança deste Colégio Militar e apresentação de um Audiovisual por este Delegado(Gen Arnaldo Serafim).

A presença em Brasília do Cel Cláudio Moreira Bento, fundador e Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, proporcionou a oportunidade de Sessões de Lançamento de livros de sua autoria e que foram realizadas no Colégio Militar, no Batalhão de Guardas(onde o Cel Bento abordou as ligações de Caxias com o BGP)e no Regimento de Cavalaria de Guardas. Neste no âmbito da Confraria 3C onde o Cel Bento abordou a amizade de Caxias com Osório e o acadêmico Cel Estigarribia , aspectos de suas pinturas sobre temas da Arma de Cavalaria, sendo ambos diplomados pela Confraria 3C e cabendo a este Delegado entregar o Diploma de Colaborador Emérito da AHIMTB aos Dragões da Independência, que o Cel Bento mencionou ser o primeiro a divulgar a sua História em 23 abr 1972 em artigo **no Correio Braziliense** sob o titulo **Um testemunha dos grandes momentos de nossa História**

Também muito expressiva a inauguração do Busto de Caxias no Pateo Interno do Colégio Militar, cujo descerramento foi feito por este Delegado e pelo Presidente da AHIMTB por deferência do Comandante deste Colégio o Cel Ávila.

Além do culto e divulgação do bicentenário de Caxias, a Delegacia levou a efeito as cerimônias de posse do Gen. Ex. Francisco Roberto de Albuquerque (Comandante do Exército), como Presidente de Honra da Academia e em seu Gabinete com presença do Presidente da AHIMTB, deste Delegado , do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis 3º vice presidente da AHIMTB e seu Delegado no Rio Grande do Sul e mais o acadêmico Prof Flávio Camargo editor da obra **Caxias e a Unidade Nacional** , também, do Cel Diniz Esteves, como Acadêmico na cadeira que tem por patrono o Patrono Jarbas Gonçalves Passarinho que fora inaugurada pelo falecido acadêmico Cel Telmo Luiz Moré que como comandante do CMB muito apoiou e prestigiou a AHIMTB neste Colégio Militar e cuja obra evocamos na ocasião..

A Delegacia ainda continua lutando, juntamente com a Associação Nacional dos Veteranos da FEB, pela construção do Monumento ao Expedicionário, na esperança de comemorar condignamente os 60 anos da participação a 2ª Guerra Mundial.

Ao falar das atividades da Academia, desejo parabenizar o Cel Cláudio Moreira Bento pela notável produção literária que o coloca, indiscutivelmente, entre os maiores pesquisadores de História Militar Terrestre do Brasil. A sua responsável e crescente atividade demonstra o seu valor e o toma um exemplo de um combativo guerreiro, como poucos temos tido nessa importante área estratégica militar e cultural. Realmente, é de se destacar o esforço despendido pela Academia na publicação de livros. Trata-se de verdadeiro milagre o que tem sido conseguido pelo Cel Bento que além de autor de grande número de obras, tem sido um incansável batalhador na busca de patrocínio.

Com satisfação, cito e mostro alguns de sus livros recentemente editados pela Academia, produto de seu esforço hercúleo, quase solitário:

- As Forças Armadas e Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial;
- Resende- História Militar;
- Os 60 anos da Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende;
- Caxias e a Unidade Nacional;
- As Batalhas dos Guararapes - Descrição e Análise Militar, em comemoração ao 10º Aniversário do Dia do Exército;
- História da 6ª Brigada de Infantaria Blindada;
- História da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada;
- História da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada;
- História da 3ª Região Militar (em 3 volumes)
- História do Comando Militar do Sul
- História da 6ª Divisão de Exército
- Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário
- Amazônia Brasileira - Conquista, Consolidação e Manutenção .

Além dos livros editados, deve ser ressaltado a publicação, a cada três meses, do informativo " **O Guararapes** " que já esta no número 41. Através desse noticioso o Cel Bento mantém os sócios e autoridades com responsabilidade de Estado pelo

desenvolvimento da História Militar Terrestre do Brasil ,informados sobre a vida da Academia.

Além do nosso Presidente, muitos outros sócios vinculados a Delegacia Marechal José Pessoa vêm brilhando, intensamente com a publicações de seus livros e artigos de alto nível. Destacam-se entre tantos outros:

- Cel Affonso Heliodoro;
- Gen Del Nero;
- Cel Diniz Esteves;
- Cel Jarbas Passarinho;
- Cel Vitola;
- Cel Soriano;
- Cel Newton Carvalho;
- Cel Boitex;
- Cel Paulo Izaias;
- Cel Rosty;
- Cel Corrêa;
- Gen Alberto;
- Markus Hiestelter.

Alguns associados têm proferido palestras em Brasília e em outras cidades. Entre eles citamos, Gen Alberto, Gen Azevedo, Gen Serafim, o Cel Passarinho Cel Danton, e Cel Pasquali. O Hamilton Caramachi tem realizado muitas exposições do acervo do seu Museu.

Trata-se de um trabalho de grandes proporções que merece entusiasmados elogios.

Diante do exposto, é justo se afirmar que a Academia e a nossa Delegacia tem conseguido atingir os seus objetivos. Contando com a abnegação e o esforço de muitos entusiastas, vêm marcando presença e, com certeza, aponta para um futuro de sucesso crescente.

Entre seus entusiastas, destacamos nesta oportunidade o Sócio Cel Luiz Carlos de Souza Ávila. Durante os dois anos em que esteve no Comando deste Colégio Militar, empenhou-se decididamente no apoio à Delegacia, não medindo esforços no atendimento de suas necessidades. Nesse período, participou ativamente da vida da Academia, com sua presença marcante nos eventos, e com sobejas demonstrações de carinho e de compreensão dos objetivos da Academia .

Continuou autorizando o uso de uma sala para funcionamento da sede da Delegacia. Autorizou, também, o uso de xerox, serviço de correios e os trabalhos de secretaria.

Por duas vezes ofereceram o almoço comemorativo do aniversário da Delegacia, proporcionando agradável confraternização com oficiais e alunos do Colégio.

Dedicação, interesse e entusiasmo, são suas marcas. Essas qualidades foram demonstradas no desempenho das funções de Secretário- Executivo da Diretoria da Delegacia.

Por causa desse excelente apoio, é com inteira justiça que a Delegacia agradece ao Cel Ávila; e, em satisfação, oferece-lhe um Diploma de Agradecimento e Reconhecimento para que ele guarde uma lembrança desse período de rico convívio com os historiadores militares de Brasília. Muito obrigado, Cel Ávila!

Solicito ao patrono de cadeira de nossa AHIMTB ,Cel Jarbas Passarinho fazer a entrega do Diploma de Honra-ao-Mérito ao nosso homenageado. Solicito uma salva de palmas ao Cel Ávila.

Posse de novos sócios

Neste momento, vamos dar posse a três novos sócios da Delegacia que vêm somar esforços nessa grande cruzada pelo estudo e respeito à História Militar.

Tenho o prazer de apresentar oficialmente os novos sócios : Cel Cav Marco Antônio do Amaral **THOME**, atual Comandante do Colégio Militar de Brasília, Cel Med Roberto Henrique **GUEDES** Farias, atual Diretor do Hospital Geral de Brasília, e Cel Emir Benedetti, atual Chefe do Gabinete do Secretario Geral do Exército.

Solicito que eles se aproximem e tomem lugar ao nosso lado.

Leitura de Curriculum- Vitae sintético dos novos sócios

Cel Cav Marco Antônio do Amaral Thome

O Cel Thome é paranaense de Cambará.Cursou o Colégio Militar das Agulhas Negras.

Declarado Aspirante- a- Oficial em 1976 foi classificado no 2º Regimento de Cavalaria Mecanizado em São Borja, ma fronteira com a Argentina. Na busca constante de melhor preparo proffisional, realizou os seguintes cursos:

- Básico de Pára-quedista ;
- Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais;
- Escola de Comando e Estado- Maior do Exército; e
- Curso de Política, Estratégia e Alta Administração do Exército.

Oficial brilhante, foi escolhido para desempenhar as funções de instrutor do Curso de Cavalaria da AMAN e da Escola de Comando e Estado- Maior do Exército, além de ter sido Instrutor do Colégio Militar de Salvador.

Como Oficial de Estado- Maior, exerceu as funções de chefe da 5ª Sessão de Comando de Aviação do Exército; subcomandante do 1º Grupo de Aviação do Exército; Assessor do Gabinete do então Ministro do Exército e Chefe da Seção de Planejamento do Comando Militar do Sul.

Foi Comandante do 7º Regimento de Cavalaria Mecanizada, sediado em Santana do Livramento, na fronteira com o Uruguai. Atualmente é o Comandante do Colégio Militar da Brasília e Secretário Executivo da Delegacia Marechal José Pessoa.

Assinaram a Lista de Presenças

- ADELINO DIAS COSTA **BANDEIRA,** Cel
- AGNALDO DEL **NERO**AUGUSTO, Gen Div
- **ALBETO** MARTINS DA SILVA, Gen Bda
- ANYSIO ALVES **NEGRÃO**, Cel
- ARNALDO **SERAFIM**, Gen Div
- **AYRTHON** SANTANA VIEIRA, Proc. Banco Central
- **CARLA** BROSEGHINI M. DE CARVALHO, 1º Ten
- **CLAUDIO** ALVES PEREIRA, Jornalista
- **DANTON** EIFLER NOGUEIRA, Cel
- **DIRCEU** BITTENCOURT DE SÁ , Cel
- **EMILIANO** MASSON C. L. CARAMASCHI, Engenheiro
- **HAMILTON CARAMASCHI**, Engenheiro
- **IVONE** MARIA S. LACERDA, Professora
- **JARBAS** GONÇALVES **PASSARINHO,** Cel
- JOSÉ **FERNANDO** FERRAIOLO **SILVEIRA,** Engenheiro Agrônomo
- **JOSÉ MORETZSOHN**, Gen Bda
- LUIZ CARLOS DE SOUZA **AVILA**, Cel
- MARCO ANTONIO DO AMARAL **THOME**, Cel Cmt CMB
- **NEWTON** PEREIRA CARVALHO, Cel
- NYLSON REIS **BOITEUX**, Cel
- ROBERTO HENRIQUE **GUEDES** FARIAS, Cel Med
- **ROGÉRIO CIRINO** DE SÁ RIBEIRO, Professora Informática
- SERGIO MARIO **PASQUALI**, Cel
- **TIAGO** CASTRO DE CASTRO, Cel
- WALMIR FONSECA **AZEVEDO** FERREIRA, Gen Bda

Foram também lidos os currículos dos novos membros da Delegacia Marechal José Pessoa e enviados para arquivo na sede da AHIMTB em Resende Emir Bento e Cel Médico Roberto Henrique Guedes Farias Nas comemorações do Bicentenário de Caxias foi comunicado que o Marechal José Pessoa teve grande e estratégica influência em tornar Brasília uma realidades como Presidente da Comissão de Localização da Nova Capitas 1955/56 e por haver conseguido junto ao Governo de Goiás a oportuna desapropriação da área onde se ergue a Capital Federal .E foi pensando nisto e como o fim de ser feita justiça histórica ao Marechal José Pessoa foi que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil criou em 1999 em Brasília a Delegacia Marechal José Pessoa para que aos poucos fosse sendo de domínio geral a convicção de sua importância para tornar Brasília realidade e não somente do Presidente Juscelino, hoje patrono de cadeira na AHIMTB.

Nº 42 – Jul/Set 2004 – Cel Cláudio Moreira Bento

O GOVERNO DE GETÚLIO VARGAS E A SUA PROJEÇÃO NA EVOLUÇÃO DA DOUTRINA DO EXÉRCITO (1930 – 45)

Cel Cláudio Moreira Bento Presidente da AHIMTB

O Presidente Getúlio Vargas, cujo sesquicentenário de falecimento ocorre em 24 de agosto de 2004, em sua juventude foi militar do Exército, por 5 anos. Inicialmente como soldado e sargento do 6 º Batalhão de Infantaria em São Borja em 1899. A seguir como aluno da Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo em 1900,1901 e 1902 até maio. E finalmente como 2ºsargento de Infantaria do 25º Batalhão de Infantaria, na Praça do Portão em Porto Alegre, em 1902 e 1903, matriculando-se na Escola Brasileira com o idéia de cursar Direito, tendo neste ano tomado parte em Expedição Militar até Corumbá, com o 25º Batalhão de Infantaria, em função da Questão Acreana. Deu baixa do Exército ao retornar de Corumbá, em dezembro de 1903, para cursar a Escola de Direito, onde ingressou como aluno ouvinte, matriculando-se em 1904 no 2º ano. Foi seu comandante lá na 9ª Região Militar em Mato Grosso o General João César Sampaio que como coronel comandara a Divisão do Sul que libertou Bagé, em 8 de janeiro, de cerco federalista a que fora submetida por 46 longos dias (1).Em 1906 Getúlio ingressou na política. Fundou o Bloco Acadêmico Castilhista do qual fizeram parte os alunos da Escola de Guerra de Porto Alegre, no Casarão da Várzea, Eurico Gaspar Dutra e Pedro Aurélio de Góes Monteiro que exerceriam importante papel na vida e obra de Getúlio Vargas e, principalmente no Exército, como seus Ministro da Guerra e Chefe do Estado- Maior do Exército e executores da ação do presidente Getulio Vargas, no Exército, objeto da presente interpretação. Em Rio Pardo, cuja sede da antiga Escola citada esta sendo restaurada e inaugurada esta ano, estudaram na mesma época os seus mais tarde destacados amigos e colaboradores – o já citado Eurico Gaspar Dutra e Mascarenhas de Morais. E mais os generais Bertoldo Klinger, filho de Rio Grande, e Francisco de Paula Cidade de Porto Alegre e ambos destacados historiadores militares no passado.

Em discurso para as Forças Armadas, em 12 de dezembro 1940, Getúlio, Vargas filho de um herói brasileiro da Guerra do Paraguai e no combate à Guerra Civil 1893/95, General Honorário Manoel dos Nascimento Vargas, recordou aos ouvintes com orgulho, sua condição de ex – integrante do Exército, com estas palavras:

– "Como vós fui soldado e encontrei na camaradagem das armas uma escola de lealdade, de abnegação e desinteresse, com o que continuo servindo ao Brasil, somando o meu esforço ao vosso e ao de todos os patriotas, para torná-lo cada vez mais próspero."

E foi fardado como chefe da Revolução de 30 que ele se deslocou de trem de Porto Alegre ao Rio, onde fardado assumiu do Governo do Brasil.

Sua contribuição para o progresso, relativamente ao Exército, foi a mais marcante da História do Brasil. Sob seu governo a Doutrina do Exército em seus campos Organização, Equipamento, Ensino e Instrução, Motivação e Emprego, atingiu a maior expressão e progressos relativos, ao longo do processo histórico brasileiro.

Um sintético inventário por campo doutrinário citado, corrobora com nossa afirmação, ao mesmo tempo em que se lhe faz justiça por evocar, no cinqüentenário de sua morte (2), a projeção de sua obra na Segurança Nacional.

ORGANIZAÇÃO

O efetivo do Exército de 1930 –1945 cresceu 100% e atingiu cerca de 100.000 homens. O aumento destinou-se a fornecer quadros e tropa para as 50 unidades criadas: 13 de Fronteira; unidades- escolas da Vila Militar; unidades

motomecanizadas e antiaéreas; regimentos de Artilharia; escolas novas e para as estruturas de apoio logístico e de indústria bélica implantadas ou ampliadas. Para disciplinar toda organização foram promulgadas: as leis de Organização do Exército e do Ministério da Guerra; do Serviço Militar; das Promoções; da Inatividade, etc. Foram baixados os regulamentos básicos: Disciplinar (RDE); Serviços Gerais (RISG), de Continência (R. Cont), de Administração (RAE) e um conjunto de instruções, portarias, etc...que alteraram profundamente a organização do Exército que passou a ser comandado de instalação condigna, construída então e que se constituiu no Palácio Duque de Caxias, defronte à Praça da República, no Rio. Fato significativo e de grande projeção na Defesa Nacional, foi a criação no Exército da Arma de Aviação que a partir de 1941, com material pessoal, passou a infra – estruturar o Ministério da Aeronáutica. Igualmente significativo, pela sua imensa projeção na Integração Nacional foi o Correio Aéreo Nacional(CAN) de que foi um dos dois pioneiros e hoje é o seu patrono – o Tenente Brigadeiro do Ar Nelson Freire Lavenére Wanderley, no primeiro vôo do CAN, entre o Rio e São Paulo, além de historiador autor da obra Força Aérea Brasileira: Rio de Janeiro: Edit. Gráfica Brasileira, 1975,2ed. E com o qual convivemos como membros dos institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e Ide Geografia e História Militar do Brasil. Livro prefaciado pelo pelo Ten Brigadeiro do Ar Eduardo Gomes. Então Ministro da Aeronáutica e hoje patrono da Força Aérea do Brasil e ambos oriundos do Exército.

EQUIPAMENTO

Visando a reduzir a dependência externa em material bélico, foi criado o Quadro de Oficiais Técnicos, estimulada a indústria civil a produzi-los e implantada a Indústria Bélica Brasileira. Esta, através da construção das fábricas de Itajubá, Juiz de Fora, Piquete, Curitiba, Andaraí, Bonsucesso e Cajú, além de remodelados os arsenais do Rio de Janeiro e o de General Câmara e as fábricas de Estrela e do Realengo. Estas fábricas entraram em declínio com a importação de excedentes militares depois da 2ª Guerra Mundial, e hoje as não extintas infra- estruturam a IMBEL. No setor de Apoio Logístico foram criados; os estabelecimentos Mallet (depósitos de Material de Intendência, de Engenharia, de Comunicações, de Veterinária e de Saúde); os hospitais militares de Porto Alegre, da Bahia, de Alegrete, Santo Ângelo e de Belém, Sanatório de Itatiaia, pavilhões de Neurologia e Psiquiatria do Hospital Central do Exército, a Policlínica Central e o Instituto de Biologia; as coudelarias de Minas Gerais, Pouso Alegre, Tindiquera e os depósitos de reprodutores de Avelar, Campos e São Paulo, além de ampliadas as coudelarias de Saicã e do Rincão.

Grande projeção teve a criação da Rede Rádio do Exército que facilitou sobremodo o exercício mais seguro do Comando, sobre todo o Exército articulado no território nacional. O material de Artilharia, em especial o de Costa, passou por uma sensível modernização e atualização com o concurso de uma Missão Militar Americana contratada em 1939.

A indústria bélica do Exército produziu uma gama enorme de equipamentos militares, inclusive equipagens de pontes B4-A2, cujos pontões tiveram seu primeiro teste com os ponteiros do atual 4º Batalhão de Engenharia de Combate de Itajubá em Fernando de Noronha, durante a última guerra. Unidade que tivemos a honra de

comandar em1981/82 .Unidade que foi organizada em Rio Pardo em 25 de janeiro de 1910, no local da antiga Escola Preparatória Tática ora restaurada e com 100 artilheiros do Regimento Mallet, atualmente em Santa Maria. Depois foi transferido para General Câmara onde permaneceu nas dependências hoje ocupadas pelo Arsenal de General Câmara de 1912-15, onde foi dissolvido para em 1918,reorganizado tomar o destino de Itajubá, atraído pelo prestígio do ex presidente Wenceslau Braz.

ENSINO E INSTRUÇÃO

As transformações e progressos neste setor foram mais revolucionários no sentido da profissionalização do Exército e da sua consolidação como força operacional. No tocante ao Ensino foram construídas condignas e monumentais, as escolas de Estado- Maior e Técnica do Exército, na Praia Vermelha, até hoje servindo ao Exército. Da mesma forma, a monumental e distinta entre as melhores escolas militares do mundo – a nossa Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), como uma promessa da Revolução de 30.(3). Foi igualmente construída a Escola de Artilharia de Costa da Urca. Foram criadas além, as escolas preparatórias de Cadetes de Porto Alegre (EPPA), no antigo Casarão da Várzea, a de Fortaleza (EPF) e de São Paulo (EPSP) e os centros de preparação de oficiais da Reserva em todo as regiões militares – os célebres CPOR.

Essa estrutura de ensino do Exército foi ainda enriquecida com a criação das Unidades Escolas da Vila Militar, da Escola de Educação Física do Exército e de um Grupamento Escola de Artilharia Antiaérea.

Para ordenar esta estrutura foram promulgadas as leis do Ensino e do Magistério Militar e baixadas instruções para regulamentar as escolas e normas para uma mais apurada seleção física, intelectual e moral dos candidatos ao oficialato do Exército.

Neste contexto prestaram relevantes serviços ao ensino no Exército – os generais Mário Travassos e Augusto Duque Estrada, respectivamente o primeiro comandante da AMAN (4) em Resende e o último, da Escola Militar no Realengo. Aliás escola que teve em 1921, como instrutor- chefe de Cavalaria da famosa "Missão Indígena", o então capitão Euclides de Figueiredo, destacado "jovem turco", co-fundador em 1913 da Revista Defesa Nacional e coordenador no Gabinete do Ministério da Guerra no combate à Revolução de 24, em São Paulo e um dos chefes militares da Revolução de 32 naquele Estado.

A filosofia do Ensino no Exército de predominantemente científica e teórica até 1905, passou até 1920 ao extremo oposto de ser predominantemente prática, segundo o Ministro da Guerra, general Eurico Dutra. Segundo ainda a autoridade citada, foi procurado o equilíbrio entre a cultura geral e a prática. Baseou-se o Ministro Dutra nas Memórias do Marechal da França, Ferdinand Foch, herói em Marne e Flandres, comandante da batalha de Somme e generalíssimo que conduziu os Aliados à vitória na 1ª Guerra Mundial e que escreveu a certa altura:

"O futuro demonstrará a necessidade da cultura geral ao lado do saber profissional militar, para quem como o militar que vive em presença de sucessivos fenômenos sociais que exigem para a sua compreensão um certo saber político e moral. Assim, não pode um militar, sob pena de segregar-se socialmente, de contentar-se apenas com os conhecimentos profissionais relativos ao manejo das armas e ao emprego da tropa".

O citado Marechal Foch, que saiu da cadeira de História Militar na Escola Superior de Guerra da França para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial emitiu este importante e realista pensamento:

" Para alimentar o cérebro de um exército na paz, para melhor o preparar para a eventualidade indesejável de uma guerra não existe livro mais fecundo em lições e meditações que o livro da História Militar."

O general Charles de Gaulle, pensava como o marechal Foch e teve suas palavras a respeito, imortalizadas, em bronze, em pérgula da AMAN à esquerda da saída do pátio Ten Moura, e por ocasião de sua visita ao Brasil, no governo do Marechal Humberto Castello Branco.

Foram entusiastas dessa idéia de equilíbrio da cultura geral com a profissional entre nós e a implantaram mais tarde no Brasil como Ministro da Guerra e como Comandante da Escola Militar do Realengo, depois de 1930, os então major Leite de Castro e o tenente José Pessoa que depois de lutarem no Exército da França na 1ª Guerra, freqüentaram a sua Escola Militar de Saint Cyr.

O então coronel Mascarenhas de Morais, como comandante da Escola Militar do Realengo nos anos 30, deu grande impulso à cultura geral, profissional e especializada dos futuros oficiais, ao implantar a biblioteca central da Escola e criar uma especializada em cada arma ou serviço e outras nos diversos departamentos (educação física, equitação, veterinária, etc...). Durante o período 1930 – 45, o Exército se beneficiou por 9 anos do concurso da Missão Militar Francesa e por cerca de 6 da Missão Militar Americana. Esta contratada depois da histórica visita ao Brasil, de 25 de março – 7 de abril de1939, do general George Marshall, Chefe do Estado – Maior do Exército dos EUA. Ele veio a bordo do encouraçado "Nashville" trazendo inclusive o mais tarde general Matheu Ridway, comandante americano na Guerra da Coréia. No tocante à progressiva operacionalidade do Exército foram assinalados os progressos. Os períodos de instrução das unidades eram observados e fiscalizados, com rigor. Os resultados práticos ficaram evidentes nas grandes manobras do Vale do Paraíba e de Saicã. Esta contou com o estímulo da presença do Presidente Vargas.(5) A instrução em campanha foi corporificada pela adoção de regulamentos específicos para cada Arma ou Serviço; de Organização do Terreno (OT); de Serviço em Campanha, de Tiro de Armas Portáteis (RTAP) e de Instrução dos Quadros e da Tropa. Para estimular a cultura militar geral e profissional e a sua difusão, bem como a corrente do pensamento militar brasileiro que consolidou a Reforma Militar, foi reorganizada a Biblioteca do Exército, agora também e principalmente como editora, modernizada a Imprensa Militar e estimulada e prestigiada pelos ministros militares a criação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, bem como a Revista Nação Armada.

Para a ampla difusão da Doutrina do Exército foi criado o Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias.(EGGCF) Ele editou regulamentos em substituição ao esforço particular que vinha sendo feito por uma plêiade de oficiais que se cristalizaram em torno da Revista a Defesa Nacional em 1913 e usando editoras civis. O Serviço Geográfico do Exército proporcionou um grande apoio à instrução, ao levantar mais de 25.000 km² em cartas. Assim possibilitou a dispensa de cartas de território europeu sobre as quais e mais a da Vila Militar, os oficiais brasileiros estudavam em cartas topográficas, em exercícios táticos, chamados impropriamente de jogos da guerra, segundo o grande historiador geógrafo e sociólogo militar brasileiro – general Francisco de Paula Cidade e contemporâneo em 1902, na Escola do Rio Pardo, do então Sargento Getúlio

Na prática, a consolidação da cultura geral dos oficiais gerou alguns acidentes ou distorções, produzindo justas reações. Estas por não se produzirem os efeitos

esperados. Entre os acidentes ou distorções registram-se as opiniões contrárias ao lecionar-se aspectos genéricos da Psicologia, Sociologia e Filosofia, em detrimento de conhecimentos que eles sugeriam aplicados à vida castrense. Outro foi o estudo descritivo e não o crítico da História Militar, modalidade tão exaltada por grandes capitães da História Militar como a verdadeira escola da guerra para eles, em razão dos ensinamentos que o único laboratório da doutrina militar – o campo de batalha – lhes sugeriu à luz do estudo crítico que realizaram das experiências que nele tiveram lugar e que a História Militar registrou.(6) No tocante à Geografia Militar foi confundi-la com Geografia Geral ou Estudos Brasileiros e não abordá-la em seus aspectos topo- táticos e topo- estratégicos e outros de interesse das operações militares nos diversos escalões, conforme foi a intenção do Coronel José Pessoa ao a introduzir na Escola Militar do Realengo com apoio no que observara ao cursar a Escola Militar de Saint Cyr e tendo como professor no Realengo e depois na Escola de Estado-Maior do Exército o coronel Francisco de Paula Cidade, autor da célebre obra Notas de Geografia Militar Sul- Americana.

MOTIVAÇÃO

Este importante campo da Doutrina Militar relativo às forças morais da guerra, tão evidentes nas vitórias de Guararapes, recebeu substancial estímulo no período em estudo, através de diversas ações. O passado militar brasileiro foi rebuscado, pesquisado, interpretado, cultuado e amplamente difundido pelos periódicos militares, pela Biblioteca do Exército, pela Imprensa Militar e a Nacional, como foi o caso da Livraria Globo em Porto Alegre. Os estudos feitos então tornaram possível mais tarde, em grande parte, a sua consolidação na História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo editado pelo Estado – Maior do Exército em 1972, em projeto presidido pelo Cel. Francisco Ruas Santos(hoje patrono de cadeira na AHIMTB e completando 90 anos em 4 ago 2004) e do qual participamos como seu adjunto. Tarefa de resgate histórico a que se dedicaram inclusive ilustres chefes do exército, como o Marechal José Pessoa, idealizador da AMAN, que pesquisou e escreveu sobre os grandes chefes da Cavalaria Brasileira, cuja galeria iconográfica que mandou desenvolver, hoje encontra-se no Curso de Cavalaria da AMAN.

Em 1940, o agora General José Pessoa, o idealizador da AMAN e também um dos grandes artífices da concretização de Brasília (7), iniciou histórico artigo em 1940 na Revista da Escola Militar com seguinte argumento

"É da tradição que se nutre a alma da nação. Das relíquias do passado retiram os povos as forças com que vencerão no futuro. Difundir pois o conhecimento da Historia do Brasil é o grande dever de todos nós. Esse conhecimento nos desvendará a grandeza moral de que se cobriram nas lutas pela nossa Independência, unidade política e grandeza territorial, os nossos antepassados."

Oficialmente o culto aos heróis do Exercito do passado mereceu ênfase sob o seguinte argumento ao tempo do Presidente Getúlio Vargas.

"O mérito excepcional sempre foi raro. Daí a necessidade do culto aos heróis mortos de mérito excepcional . Ele desenvolve nosso sentimento de veneração, exemplifica e exalta a virtude para o estímulo dos moços. As suas qualidades deixaram sulcos indeléveis que sempre servirão de lições para o presente e o futuro".

Assim o Duque de Caxias mereceu culto especial. Foram exumados seus restos mortais e da sua esposa e colocados no Panteon a Caxias, em cerimônia histórica, alem de criado o Espadim de Caxias dos Cadetes do Exército, cópia fiel da em escala da heróica espada do Pacificador, que desde 1925,´é patrimônio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro a que o Duque pertenceu como seu

membro honorário.(8) Outros heróis brasileiros do Exército como Osório, Sampaio, Mallet, Vilagran Cabrita, Andrade Neves e Antônio João, etc foram cultuados condignamente. Mereceram ênfase as comemorações do centenário de nascimento do Marechal Floriano Peixoto no Rio, por cerimônia cujo orador foi então tenente-coronel Jonas Correa, junto ao monumento do Consolidador da Republica. Homenagens a Floriano Peixoto estimuladas pessoalmente por Getúlio Vargas que através de seu pai aprendera a admirar o Marechal Floriano Peixoto

Foi inaugurado monumento aos Heróis de Laguna na Praia Vermelha e restaurados diversos monumentos históricos. Recorreu-se enfaticamente à História Militar através de concursos na oportunidade de cerimônia cívicas de projeção nacional e no assessoramento superior, por destacados historiadores ou pensadores militares do Exército tais como: generais Estevão Leitão de Carvalho, Valentim Benício e Souza Docca, coronéis J.B. Magalhães, Paula Cidade, Lima Figueiredo, Afonso de Carvalho, Cordolino de Azevedo, De Paranhos Antunes, Jonas Correia e outros, hoje consagrados como patronos de cadeiras da AHIMTB..

No setor civil registre-se destacada colaboração entre outras de Pedro Calmon – divulgador ímpar através de seus escritos e da sua inspirada e privilegiada palavra, de nossas tradições e glorias militares e mais a de Gustavo Barroso e Eugênio Vilhena de Morais..

Para reconhecer o mérito militar foi criada a Ordem do Mérito Militar. As unidades históricas ganharam estandartes, nomes e distintivos e algumas, uniformes históricos como a AMAN e os Dragões da Independência.

O antigo Batalhão do Imperador extinto pela Regência, foi recriado com o nome de Batalhão da Guarda Presidencial. Depois da Intentona Comunista que provocou tantas vitimas inocentes no Exército, o culto à memória dos mesmos adquiriu grande expressão. Esta tradição se mantinha acesa até o presente, visando prevenir acontecimentos como aqueles que violentaram as tradições democráticas e cristãs do povo brasileiro e que tiveram como alvo o Exército, desde então a maior barreira do avanço do Comunismo Internacional no Brasil, a caráter ou sob disfarces sutis.

Dentro do contexto Motivação poderíamos alinhar à valorização do reservista pela criação de seu dia; elaboração do Estatuto dos Militares, Construção de Vilas Militares nas fronteiras Sul e Oeste, em Amambaí, Campo Grande, Mato Grosso, Quarai, Uruguaiana, São Borja, Foz do Iguaçu, Coimbra, Óbidos, Guajará- Mirim, São Luiz, Dom Pedrito, Bela Vista e General Câmara, além das de Quintaúna, em São Paulo, Santa Cruz no Rio de Janeiro, Socorro no Recife e Vila Operária na Fábrica Estrela da Raiz da Serra, para não citar a remodelação da Vila Militar em Deodoro.

Muito significativo foi a FEB antes de partir para a Itália, ter ido buscar inspiração nos Montes Guararapes. Ao retornar ao Brasil foi lá depositar os louros da vitória, proferindo seu comandante Mascarenhas de Morais, palavras antológicas hoje lá inscritas em bronze no interior do Parque Histórico Nacional dos Guararapes que tivemos o privilégio cívico de coordenar sua implantação em 1971, e escrever sobre as memoráveis batalhas que ali tivemos lugar, à luz, inclusive, de preciso levantamento topográfico dos Montes Guararapes antes realizado pelo INCRA sobre nossa orientação.

EMPREGO

Durante o período em tela o Exército atuou na Segurança Interna na Revolução de São Paulo de 1932. Dela tirou precisas lições sobre a necessidade de dispor de uma industria bélica sob seu controle para o apoiar e mais espalhada pelo território

nacional do que concentrada em São Paulo. Ali o parque industrial revelou notável capacidade de mobilizar-se belicamente em apoio à Revolução, como já havia feito na Guerra Civil 1893/95 combinada com a Revolta na Armada e, então, em apoio ao governo federal..

Enfrentou em muito boas condições os levantes comunistas ocorridos em novembro de 1935 em Natal, Recife e Rio de Janeiro (Praia Vermelha e Campo dos Afonsos).

Na Segurança Externa, pela primeira vez na História do Brasil o Exército lutou em Teatro Europeu representado pela FEB ao comando do Marechal Mascarenhas de Morais.

Neste contexto, a Defesa Territorial do Brasil sofreu rigoroso teste com a articulação de tropas do Exército para defender o imenso litoral do Brasil, notadamente no Saliente Nordestino, Baía de Guanabara e no estratégico arquipélago de Fernando de Noronha.

Em todas as oportunidades mencionadas ficou evidente a validade do esforço notável despedindo durante o governo de Getúlio Vargas 1930-45, para o desenvolvimento da Doutrina do Exército.

O final do período citado mostrou o grande salto operacional do Exército desde a Revolução Federalista de 1893-95 e Guerra de Canudos em 1897, até o meio século após, quando se fez representar na Itália através da FEB.

Num extremo um Exército que por influência negativa de um positivismo mal interpretado na Escola Militar da Praia Vermelha, revelou, na prática, operacionalidade inferior aos revolucionários gaúchos de Gumersindo Saraiva e aos sertanejos de Antônio Conselheiro. Isto conseqüência de um pacifismo utópico e romântico responsável por tantas vitimas inocentes nas Campinas rio- grandenses, nos cercos da Lapa no Paraná e de Bagé no Rio Grande do Sul e nos sertões da Bahia.

No outro extremo mostrou um Exército que depois de 50 anos de um trabalho sério e ingente, além de suportar e absorver, ainda na Itália, o impacto da mudança da doutrina francesa para a americana, fez muito boa figura no Velho Mundo lutando contra ou em aliança com frações dos melhores exércitos do mundo presentes na Europa Ocidental. E mais, consagrou-se eternamente pelas vitórias de Monte Castelo, Montese e outras.

Não há como negar que a visão de estadista do presidente Vargas se estendeu às Forças Armadas. No Exército ele encontrou o apoio patriótico e inteligente e muito objetivo dos ministros da Guerra generais José Fernando Leite de Castro (1930-32), Augusto Inácio de Espírito Santo Cardoso (1932-34), Pedro Aurélio de Góes Monteiro, (1934-35) e de Eurico Gaspar Dutra, (1936-45) que cobriu o período de maiores realizações de seu governo coincidente com a 2ª Guerra Mundial, de caráter total.

Havia de parte do Presidente Vargas a consciência estratégica de que nenhuma nação sustenta sua condição de grande nação ou potência econômica se não o for grande nação, potência ou grande potência do ponto de vista militar. Isto independente da tradição brasileira de repúdio à guerra de conquista, "qualité maitresse" de nossa política exterior traçada pelo Visconde do Rio Branco, pai do Barão do Rio Branco. Este, grande estimulador da República Velha do fortalecimento das nossas Forças Armadas, para que o Brasil pudesse desempenhar com prestigio e segurança seu papel no convívio das nações.

No período em tela o ideal do Exercito através do ministro da Guerra general Dutra era de "um exército disciplinado e poderoso, não para atacar os povos livres em razão do repudio no Brasil à guerra de conquista. Mas um exército

superiormente aguerrido, em acordo com a nossa grandeza e defensor da soberania de um Brasil eterno, vindo de um passado de glórias"

Já o Estado- Maior do Exército através de seu chefe, general Aurélio de Góes Monteiro, justificava esse ideal sob o argumento de que " a neutralidade e o pacifismo não subsistem sem força que os assegurem, Pois, na ordem internacional a melhor prova de sensatez e inteligência é amparar as boas intenções com as melhores armas ou na falta delas, com as de um forte aliado".

No último caso foi a sábia solução de Portugal de aliar-se à Inglaterra por largo período.

Sobre a atuação da FEB na Itália e dos benefícios resultantes para o Exército no após guerra, abordamos na obra A participação das Forças Armadas e da Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial publicada em Porto Alegre por iniciativa da Associação de Veteranos da FEB, seção de Porto Alegre, dirigida pelo Veterano José Conrado de Souza e acadêmico emérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e que prefacia o citado trabalho, participação também por ele divulgada no Museu Militar do Comando Militar do Sul.

Costumo mencionar e agora repito de que a Força Expedicionária Brasileira que foi mandada a Itália pelo Presidente Getúlio Vargas, fez excelente figura, ao lutar contra ou aliada a frações dos melhores exércitos presentes na Europa na 2ª Guerra Mundial. E deu a sua colaboração para preservar a Liberdade e a Democracia Mundial ameaçada pelo nazi facismo.

Fontes de consulta

BENTO, Cláudio Moreira. Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro Brasília: EME/ EGGCF, 1979 e 1999 2ed.

(_____)As Manobras de Saicâ .in: História da 3ª Região Militar 1989/1953. Porto Alegre: Pallotti,1995.p.324/346 fotos

(_____).Reflexos do suicídio do Presidente Vargas no CMS. in: Comando Militar do Sul –4 décadas de História 1953/1995.Porto Alegre:Pallotti,1995.p.83/84.

ESTADO- MAIOR DO EXÉRCITO . Historia do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo. Rio de Janeiro: Sergraf, IBGE, 1972, 3v.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Dicionário Histórico- Biográfico Brasileiro 1930-1983. Rio de Janeiro: Forense, 1983.v.4.p.3436/3505.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Anais do Exército Brasileiro – Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1938-40. 3v

(____). Relatório dos Ministros da Guerra – 1930-45 (Coleção BIBLIEx)

Notas ao texto

1 - Abordamos em Comando Militar do Sul; Porto Alegre 1993-1995. Porto Alegre: CMS, 1995, os reflexos da morte do Presidente Getúlio Vargas no Rio Grande e salientamos . "Ali no Catete encerrou-se uma vida das mais expressivas do processo histórico brasileiro".

O pai de Getulio Vargas fizera a Campanha do Paraguai, de Cabo a Tenente Coronel. E na Revolução Federalista 1893-95 lutou em defesa do Governo Federal, sendo promovido a Coronel e a General Honorário do Exército pelo Marechal Floriano, por quem Getúlio nutria admiração.Em 1898, aos 18 anos Getúlio decidiu ser Oficial do Exército . Ingressou como soldado do 6º Batalhão de Infantaria em São Borja onde atingiu ao graduação de 2º Sargento. Dali foi freqüentar em 1899, 1900 e 1901 a Escola Preparatória e Tática do Rio Pardo. Foi dali desligado em 1901, por haver se envolvido em incidente disciplinar em protesto contra a atitude de um oficial que exorbitou sua autoridade contra um aluno.

Foi desligado junto com outros colegas e mandado servir no 25º Batalhão de Infantaria que aquartelava na Praça do Portão, em Porto Alegre..

Em 1903 participou de expedição com o 25 º Batalhão de Caçadores, até Corumbá - Mato Grosso, dentro de um contexto de disputa do Acre pelo Brasil e Bolívia. Questão solucionada pelo Barão do Rio Branco com a compra do Acre da Bolívia.

Em dezembro de 1903 depois de 5 anos no Exército o 2º Sargento de Infantaria Getúlio Dorneles Vargas deu baixa para dedicar-se ao Direito. O General João Cezar Sampaio é o autor do importante livro muito raro O Coronel Sampaio e os apontamentos do Dr Wenceslau Escobar. Porto Alegre: Liv.Globo,1920. Assunto importante que tratamos em História da 3ª RM 1889-1953.Porto Alegre:3ª RM, 1995.p.159/179.

2 - Éramos cadetes do 3 º ano da Arma Engenharia e integramos, por sorteio, a que nos candidatamos, a fazer parte da Guarda de Honra enviada pela Academia Militar das Agulhas Negras para velar o Presidente Getúlio Vargas no Palácio do Cadete.

Depois de uma longa e desconfortável viagem noturna, em duas viaturas QT(Qualquer Terreno) de 1 1/2 tonelada, com grande dificuldade conseguiu-se abrir caminho entre a enorme massa popular em torno do Palácio do Cadete e atingir o seu portão de entrada. Lá fomos recebidos pelo Chefe da Casa Militar, o General Agnaldo Caiado de Castro, herói da FEB que comandara o Regimento Sampaio.

Ele comunicou que a família do Presidente havia dispensado a Guarda de Honra. Sem termos família no Rio, ao contrário da maioria que na Guarda de Honra vislumbrou uma possibilidade de visitar a família, eu e o cadete Álvaro Escobar, também gaúcho e muito consternados com a tragédia, preferimos permanecer no Catete e testemunhar os fatos ali ocorridos na noite de 24/25 de agosto de 1954, com o apoio de conhecidos aspirantes a oficial que integravam o Batalhão da Guarda Presidencial.

Ao amanhecer pegamos uma carona com um capitão que de Jeep retornava a seu quartel nos deixando no inicio do Meier. Era alta madrugada e levamos muito tempo a localizar a casa de um colega, onde acordamos toda a sua família que nos acolheu como foi possível. E muito exaustos dormimos sentados em cadeiras, pois as camas estavam todas ocupadas. Ao amanhecer retomamos a Resende. Em caminho o cadete Escobar compôs expressiva poesia alusiva a morte do Presidente e a escreveu num pedaço de papel embrulho, a qual conservei por longo tempo, até extraviar-se.

3 - A idéia de uma nova Academia Militar foi promessa da Revolução de 30. Em 12 out 1931, Dia da Padroeira do Brasil, Getúlio Vargas visitou Resende com o Ministro da Guerra, confirmando a idéia de ali construir a Academia em Resende.

Em 16 de julho, ao visitar Resende, na Estação Ferroviária, QG das forças que combatiam a Revolução de 32 no Vale do Paraíba, Getúlio Vargas prometeu a oficiais presentes que lançaria em seu governo a pedra fundamental da atual AMAN, Mas foi mais longe e a construiu e a inaugurou.

Em 25 jun 1938, o Presidente Getúlio Vargas lançou a Pedra Fundamental da AMAN, no aniversário de morte do Marechal Floriano Peixoto, ocorrida na fazenda Paraíso, próximo da divisa Barra Mansa - Resende.

Em 20 março de 1944, o Presidente Getúlio Vargas inaugurou a AMAN, então como Escola Militar de Resende, a qual quando do seu retorno a Presidência passou a ser denominada Escola Militar das Agulhas Negras. Dados estes constantes de nosso livro História Militar de Resende 1799/2001. Resende: AHIMTB, 2001. (Comemorativo dos 200 anos do município de Resende).

4 - O Coronel Mário Travassos foi um destacado geopolítico brasileiro que acompanhou em 1931, como capitão secretário, o Coronel José Pessoa a Resende

para a escolha do local da AMAN e o biografamos em Os 60 anos da AMAN em Resende. Resende: AHIMTB,2004

5 - Resgatamos as Manobras de Saicã em 1940, as maiores que se tem notícia guardadas as devidas proporções no tempo e no espaço e com fotos da época e sendo presidida pelo Presidente Getúlio Vargas que nelas aparece de capacete Ramenzoni, moda naquela época no Rio Grande, na campanha.

6 - Os exércitos das grandes nações potências e grandes potências estudam criticamente a História Militar em especial a de seus pais. Isto é, não se limitam a estudar descritivamente sem conseqüência para o desenvolvimento profissional de seus quadros. Ao contrário, com base em reconstituições históricas feitas por historiadores profissionais eles as analisam criticamente a luz dos fundamentos de critica escolhidos: Princípios de Guerra, Manobra e seus elementos, Princípios de Liderança, Elementos do Fator Militar, Fatores da Decisão etc. Deste estudo eles colhem ensinamentos do que fazer e do que não fazer numa circunstância de uma guerra, onde vence quem erra menos e acerta mais.

Tem sido difícil implantar esta mentalidade entre nós, impondo-se a História Descritiva ao invés da Critica que ajuda o Exército a progredir e a crescer e a produzir pensadores militares capazes de formularem doutrinas e as transmitirem através de regulamentos.

A História Militar crítica a luz de fundamentos de Arte e de Ciência Militar reflete-se nos comentários ao final de manobras e exercícios militares, denominados genericamente de Critica. Não com o sentido de "marretar", mas sim o de fixar na mente dos participantes os erros e acertos praticados durante as manobras e os incorporar em sua cultura .profissional

O estudo critico da História Militar tem este sentido ao se analisar a luz da Arte e Ciência Militar erros e acertos a serem incorporados na cultura com clareza, para seu uso no momento de uma decisão, na confusão de um combate.

7 - A construção de Brasília pelo Presidente Juscelino Kubischek esta muito e dever a ação do Marechal José Pessoa, como presidente em 1955/56, da Comissão de Localização da Nova Capital e por havei conseguido junto ao governo de Goiás a oportuna desapropriação da área onde hoje se ergue a Capital Federal. O Marechal José Pessoa estudou como aluno da Escola de Guerra em Porto Alegre no Casarão da Várzea.

8- Sobre Caxias fruto de cerca de 20 anos de pesquisas produzimos Caxias e a Unidade Nacional. Porto Alegre: Metropole,2003, editado com recursos obtidos de membros da Academia de História Militar Terrestre do Brasil de que o Duque de Caxias é patrono e comemorativo do seu bicentenário em 2003. Nele integramos diversas informações não constantes das obras de seus principais biógrafos além de aprofundarmos em diversos pontos de sua vida que eram desconhecidos, os incluindo em sua Cronologia que ampliamos bastante

A MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE DA AHIMTB PORTARIA – DE CRIAÇÃO, REGULAMENTO, O GRÃO MESTRE e o 1 º COMENDADOR, E AGRACIADOS EM 25 AGOSTO 2004 NOS GRAUS DE COMENDADOR, OFICIAL E CAVALEIRO

Portaria AHIMTB Nº 001 de 25 de agosto de 2003

O Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), no uso de suas atribuições legais, com base na Ata de fundação da Academia, datada de 1º de março de 1996, no aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do Ensino Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, resolve:

Art. 1º Criar, em 25 de agosto de 2003, nos 200 anos do nascimento do seu patrono, o Duque de Caxias, a MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE da AHIMTB, com o objetivo de agraciar civis, militares nacionais e estrangeiros e entidades que apoiam a AHIMTB nas suas atividades meio e fim, no reconhecimento do seu patrono - Duque de Caxias- e na contribuição para a o progressivo desenvolvimento da História Militar Terrestre do Brasil;

Art. 2º A MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE da AHIMTB deverá possuir os graus de Comendador, Oficial e Cavalheiro e características conforme disposto no Regulamento de Condecorações da AHIMTB;

Art. 3º A indicação para a MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE da AHIMTB deverá ser feita e efetivada pela Diretoria Executiva da AHIMTB a partir de propostas elaboradas por seus acadêmicos, contendo justificativa documentada que comprove o proposto no primeiro artigo desta portaria e avaliada com base no Regulamento de Condecorações da AHIMTB, por Comissão Permanente designada pela presidência;

Art. 4º Esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Ass: Cláudio Moreira Bento Presidente da AHIMTB

CONDECORAÇÃO DA AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil(AHIMTB), foi fundada há 7 anos em Resende, A Cidade dos Cadetes, em 1º março 1996. Tem por fim desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil :Exército , Fuzileiros Navais , Infantaria da Aeronáutica ,Policias e Bombeiros quando Forças Auxiliares, Guarda Nacional, Voluntários da Pátria e de outras forças que as antecederam desde o Descobrimento .

E procura desenvolver a História das Forças Terrestres Brasileiras em duas dimensões prioritárias e pragmáticas, além de outras conhecidas relacionadas com o fortalecimento do Civismo

1ª-a clássica como instrumento de aprendizagem da Arte Militar com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas e como instrumento auxiliar crítico e construtivo do progressivo desenvolvimento de doutrina militar terrestre genuína brasileira, conforme com ela sonhou um dia o seu patrono O Duque de Caxias e como convém a uma grande nação, potência e grande potência mundial .E aqui vale lembrar que o Brasil, no passado, desenvolveu em plena guerra duas doutrinas genuínas vitoriosas, a Guerra Brasílica para preservar a sua unidade ameaçada no Nordeste por duas invasões holandesas de 1625-1654 e no Sul a Guerra à Gaúcha, para preservar a sua integridade no Sul quando o atual Rio Grande do Sul sofreu invasões espanholas em 1763 e 1774 e teve cerca de ¾ de seu território dominado por Espanha. Doutrinas estas baseadas na Guerra de Guerrilha, a estratégia do fraco contra o forte e então exemplarmente aplicadas.

A 2ª denominada como a nova dimensão da História, com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que colocados à disposição das lideranças civis do pais ,da OEA e da ONU, estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Brasileira.

Para o desenvolvimento dessas atividades e para ressaltar a importância da História Militar Terrestre do Brasil no nosso contexto tornou-se necessário, entre outras providências , a criação de duas condecorações da AHIMTB .A primeira de caráter meritório com o objetivo de reconhecer e de incentivar os esforços relacionados à História Militar Terrestre Brasileira. Para atender esta necessidade, a

presidência designou uma comissão presidida pelo acadêmico emérito Cel Jardro de Alcântara Avellar, integrada pelos acadêmicos Sub Ten Alvino Melquides Brugalli, Professor Flávio Camargo e Marcelo Peixoto da Silva que foram responsáveis pela proposição e análise do mérito de três propostas distintas e estudos para as confeccionar e as adquirir.

Com base no parecer desta comissão, a AHIMTB, criou em 25 de agosto de 2003, nos 200 anos do nascimento do seu patrono, o Duque de Caxias, a MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE da AHIMTB, com o objetivo de agraciar civis, militares nacionais e estrangeiros e entidades que apoiam a AHIMTB nas suas atividades fim e meio e, a MEDALHA DUQUE DE CAXIAS, com o objetivo de agraciar militares e civis, nacionais e estrangeiros ,por suas atividades notáveis relacionadas como a pesquisa, preservação, culto e divulgação da História Militar Terrestre do Brasil, conforme disposto no regulamento a seguir.

REGULAMENTO DE CONDECORAÇÕES DA AHIMTB

I - MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE da AHIMTB

Por definição, Histórico é relativo a história; digno de figurar na história.

a) Destina-se a condecorar militares e civis, nacionais e estrangeiros e pessoas jurídicas que se distinguiram por mérito notável no apoio das atividades meio e fim da AHIMTB, no reconhecimento do seu patrono - Duque de Caxias - e na contribuição para a o progressivo desenvolvimento da História Militar Terrestre do Brasil.

b) A MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE da AHIMTB possui os graus de Comendador , Oficial e Cavalheiro. O grau de Comendador será conferido a Presidentes (executivo e de honra) da AHIMTB, autoridades e entidades civis e militares que se distinguiram pelo apoio a as atividades meio e fim da AHIMTB. O grau de Oficial será concedido a historiadores militares de reconhecida contribuição literária para a História Militar Terrestre do Brasil. O grau de Cavalheiro será conferido aos acadêmicos e a integrantes ativos da AHIMTB que tenham contribuído para a consolidação da mesma, ou a demais cidadãos que se distinguiram pelo apoio a AHIMTB, a critério da Diretoria Executiva.

c) A medalha apresenta ao fundo os louros do mérito em cor verde circundado pelo metal de fundo, sobreposto de raios metálicos na parte intermediária e tendo ao centro a insígnia da AHIMTB em círculo indicando a unidade da Academia. As cores azul e branca predominantes na estrela, são as cores presentes na insígnia da AHIMTB e as cores azul e vermelho da fita indicam as cores presentes no Brasão do Patrono da AHIMTB, o Duque de Caxias. A fita de cor azul celeste mede 35 mm e as listas dourada e vermelha de 4 mm, espaçadas pela mesma dimensão. Os graus serão diferenciados pelo metal presente em maior quantidade, sendo dourada, prateada e cobreada para os graus de Comendador, Oficial e Cavalheiro, respectivamente;

d) A indicação para a MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE DA AHIMTB será efetivada por iniciativa da Diretoria Executiva da AHIMTB a partir de propostas recebidas , onde deverá constar a justificativa documentada que comprove o proposto no primeiro item desta proposta (a);

e) A solenidade de entrega ocorrerá por ocasião das comemorações do nascimento do Patrono da AHIMTB, o Duque de Caxias em 25 de agosto ou em datas significativas para a História Militar Terrestre Brasileira, nas histórias do Corpo de Fuzileiros Navais da Infantaria da Aeronáutica e das Polícias e Bombeiros Militares.

f) A condecoração será acompanhada de um diploma, sendo ambos numerados, e registrados em livro próprio no qual constará as razões e justificativa para a concessão ao agraciado da condecoração. A Secretaria Executiva da AHIMTB será responsável pelo arquivamento da relação dos agraciados em livro específico para tal, incluindo além do nome, a justificativa da concessão, as características do grau conferido e o endereço do agraciado.

II - MEDALHA DUQUE DE CAXIAS

O Duque de Caxias foi consagrado patrono do Exército Brasileiro, instituição que o forjou e de cujo seio emergiu como um dos maiores brasileiros de todos os tempos. Ele prestou ao Brasil mais de 60 anos de excepcionais e relevantes serviços, como político e administrador público de contingência e, inigualados, como soldado de vocação e de tradição familiar, a serviço da Independência, da Unidade, da Paz Social, da Integridade e da Soberania do Brasil, Como patrono da AHIMTB e no bicentenário de seu aniversário, a AHIMTB resolveu criar uma medalha com o seu nome em sua homenagem.

a) A MEDALHA DUQUE DE CAXIAS destina-se a premiar militares e civis, nacionais e estrangeiros que se destacaram no desenvolvimento da pesquisa, preservação, culto e divulgação e da História, das Tradições e dos valores morais, culturais e históricos das Forças Terrestres do Brasil. destacando-se:

1) Aluno do Curso de Formação de Oficiais da AMAN, primeiro colocado na Cadeira de História Militar;

2) Aluno do Curso da ECEME, Melhor monografia de História Militar, escolhida por banca e critérios definidos pela AHIMTB;

3) Professores e Instrutores de História Militar das escolas militares do Brasil, escolhidos a critério da Direção da AHIMTB;

4) Militares das Forças Armadas e historiadores militares civis, nacionais e estrangeiros que contribuíram para a difusão da História Militar Terrestre do Brasil;

5) Alunos dos cursos da ESA e EsAO sempre que for o caso, relacionados com trabalhos de História Militar Terrestre

b) A MEDALHA DUQUE DE CAXIAS apresenta no anverso (Anexo - d) a efígie

c) do Duque de Caxias e o seu nome ao pé de um escudo do tipo português, que deverá ser de cobre. O reverso da medalha contém o escudo da AHIMTB (Anexo - e), com o mapa do Brasil sobreposto por um livro e o espadim do Duque de Caxias. A fita de cor vermelha mede 35 mm e as listas dourada e azul de 4 mm, espaçadas pela mesma dimensão. O dourado representa o mérito alcançado e as cores azul e vermelha indicam as cores presentes no Brasão do Patrono da AHIMTB, o Duque de Caxias;

d) A indicação para o recebimento da MEDALHA DUQUE DE CAXIAS será feita e efetivada pela Diretoria Executiva da AHIMTB a partir de sua iniciativa , bem como de propostas que receber , onde deverá constar a justificativa documentada que comprovem que o proposto no item a e b desta proposta, com exceção do item a1 e a2;

e) A condecoração será acompanhada de um diploma, sendo ambos numerados, onde constará a justificativa para a concessão da MEDALHA DUQUE DE CAXIAS. A Secretaria Executiva da AHIMTB ser, responsável pelo arquivamento da relação dos agraciados em livro específico para tal, incluindo além do nome, a justificativa da concessão, as características do grau conferido e o endereço do agraciado.

Resende, 25 de agosto de 2003.Cel Cláudio Moreira Bento Acadêmico Emérito e Presidente da AHIMTB

CARTA DA COMISSÃO DE CONDECORAÇÕES DA AHIMTB AO SEU PRESIDENTE

Ilmo. Sr. Cel Cláudio Moreira Bento MD Presidente da AHIMTB
Academia Militar das Agulhas Negras Resende – RJ

Prezado Senhor,

A Comissão de Condecorações da AHIMTB, com base na Portaria 01/2003 da AHIMTB e no seu Regulamento de Condecorações resolveu, por decisão unânime, que V. Sa seja o Grão Mestre da Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB.

A decisão de justifica pela sua condição de Presidente da Academia e como reconhecida autoridade em assuntos de História Militar Terrestre do Brasil, como o comprova a sua extensa e abrangente bibliografia. A decisão também se fundamenta em sua valiosa contribuição para o desenvolvimento e divulgação de nossa História Militar Terrestre Crítica, importante subsídio a contribuir para o progressivo desenvolvimento da nossa doutrina militar terrestre do Brasil, como o sonhou um dia o Duque de Caxias, patrono de nossa Academia, e tão bem biografado por V.S na obra Caxias e a Unidade Nacional, lançado sob a égide de nossa Academia, em comemoração ao Bicentenário deste grande brasileiro..

Receba portanto, como nosso reconhecimento, a primeira condecoração da AHIMTB, a Medalha do Mérito Histórico Militar da AHIMTB, no Grau de Comendador.

A cerimônia de entrega de sua condecoração será no Rio de Janeiro antes de V.S fazer ali a entrega a outros, doravante agraciados por V.S, em nome da AHIMTB e durante as comemorações desta entidade pelos 201 anos de nascimento do seu patrono, o Duque de Caxias. Sendo o que tínhamos para o momento, aproveitamos a oportunidade para enviar-lhe nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Comissão de Condecorações da AHIMTB

Cel Jardro Alcantara Avellar –Presidente.Cel Arivaldo Silveira Fontes 1º vice da AHIMTB. Gen Div Arnaldo Serafim 2º vice da AHIMTB. Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis 3º vice da AHIMTB. Cel Manoel Soriano Neto. Sub Ten Alvino Melquides Brugalli. Prof Flávio Camargo 1º Secretário da Comissão e Marcelo Peixoto da Silva 2º Secretário da Comissão,

AGRACIADOS PELA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL COM A MEDALHA DO MERITO HISTÒRICO MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

Pela AHIMTB, Claudio Moreira Bento. Acadêmico Emérito presidente

EM NOME DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (AHIMTB), DEPOIS DE OUVIDA A COMISSÃO DE MEDALHAS DA MESMA, E NA QUALIDADE DE GRÃO MESTRE DA MEDALHA DO MERITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE DA AHIMTB E NA OPORTUNIDADE DO 201º ANIVERSÁRIO DE NASCIMENTO DO DUQUE DE CAXIAS, PATRONO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL ELA AGRACIA, COM A CITADA MEDALHA, E NOS GRAUS DE COMENDADOR, OFICIAL E CAVALEIRO, AS SEGUINTES PERSONALIDAES, LEVANDO EM CONSIDERAÇÃO OS CRITÉRIOS DE: ESTIMULO, SOLIDARIEDADE, APOIO HISTÓRICO E DE CUSTEIO FINANCEIRO AS ATIVIDADES DA AHIMTB,TRABALHOS EXECUTADOS EM PRÓL SUA CAUSA E ANOS E PROJEÇÃO DE SERVIÇOS PRESTADOS PELOS AGRACIADOS A CAUSA DA

PESQUISA, PRESERVAÇÃO, ELABORACÃO, CULTO E DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

AGRACIADOS EM EM 25 ago 2004, EM ORDEM ALFABÉTICA
COMO COMENDADORES

ARIVALDO SILVEIRA FONTES, Cel. CARLOS DE MEIRA MATTOS, Gen Bda. CLAUDIMAR MAGALHÃES NUNES, Gen. Bda. CLOVIS JACY BURMANN, Gen Ex. DOMINGOS VENTURA PINTO JUNIOR, Gen Bda. FRANCISCO ROBERTO DE ALBUQUERQUE, Gen Ex Cmt do Exército. GERMANO SEIDL VIDAL, Cel. GLEUBER VIEIRA, Gen Ex. HELIO LEONCIO MARTINS, Almirante. JARBAS GONÇALVES PASSARINHO, Cel. JARDRO DE ALCANTARA AVELLAR, Cel. JONAS DE MORAIS CORREA NETO, Gen Ex. e TACITO THEOPHILO GASPAR DE OLIVEIRA, Gen Ex.

COMO OFICIAIS

AMERINO RAPOSO FILHO Cel, ARNALDO SERAFIM, Gen Div; CARLOS NORBERTO STUMPF BENTO,Capitão de Fragata; EDILBERTO DE OLIVEIRA MELLO Cel PMSP, FLAVIO CAMARGO Professor; JOSE CONRADO DE SOUZA Veterano da FEB, LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS Cel, MANOEL SORIANO NETO Cel, MARIO JOSE DE MENEZES Cel, NILTON FREIXINHO Cel, PAULO CEZAR DE CASTRO Gen Div, RAIMUNDO M. NEGRÃO TORRES Gen Div, e WALTER ALBANO FRESSATT Cel

COMO CAVALEIROS

ADILSON CEZAR Professor ;ALCEU VILELA PAIVA, Cel; ANTONIO GONÇALVES DE MEIRA, Ten Cel,; ANTONIO ELEUTÉRIO SUCENA DO CARMO, Sgt Ajudante (Portugal), ALVINO MELQUIDES BRUGALLI, Sub Ten; CHRISTOVÃO A PIRES JUNIOR,Eng ; JOSE EBER BENTYM DA SILVA; JOSÉ SPANGEMBERG CHAVES, Cel; LUIZ CARLOS CARNEIRO DE PAULA, Cel; MARCELO PEIXOTO DA SILVA; OSORIO SANTANA FIGUEIREDO Sub. Ten; PAULO AYRTON DE ARAUJO , Cel e RUI DUARTE, Cel.

PS: As justificativas da concessão constam de plaqueta a ser distribuída aos agraciados.

DIVERSOS

Falecimento do Acadêmico Ten Cel BMRS José Luiz Silveira

Faleceu em Santa Maria - RS aos 95 anos incompletos, o acadêmico da AHIMTB, Ten Cel José Luiz Silveira, representante da valorosa Brigada Militar do Rio Grande do Sul, onde ocupava a cadeira especial que tem por patrono o historiador desta corporação o Major Miguel Pereira.

Considera a AHIMTB que o Ten Cel José Luiz Silveira era o último veterano do último do combate no Rio Grande do Sul, o de Cerro Alegre, em Piratini, em 20 de setembro de 1932. Combate que pôs fim ao ciclo revolucionário gaúcho iniciado em 20 setembro de 1835, exatamente há 97 anos antes e que evolui para a República Rio Grandense que teve como capital Piratini, onde ela viveu os seus dias de maior

glória. Piratini por isto teve seu nome consagrado como nome do Palácio do Governo do Rio Grande do Sul.

O Ten Cel Silveira foi um notável estimulador e solidário e apoiador moral , historicamente e administrativamente a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

A AHIMTB considera também o Ten Cel José Luiz Silveira como a maior historiador das operações militares executadas pela Brigada Militar e sempre em apoio e complementando operações do Exército. Brigada Militar que foi comandada por ilustres oficiais do Exército e contou para o seu adestramento com vários instrutores por ele cedidos à Brigada Militar.

Entre as diversas instituições que integrou e nas quais teve a oportunidade de divulgar seus estudos de História Militar Terrestre, ressalta-se o de acadêmico da Academia de História Militar Terrestre do Brasil; o de correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, do qual participou sempre com originais estudos de interesse da História Militar Terrestre do Brasil. Era correspondente da Academia Canguçuense de História onde lançou seu livro sobre o combate de Cerro Alegre. E autor de várias obras entre as quais destacamos sobre o Rio Grande do Sul: O Rio Grande pelo Brasil, O combate de Cerro Alegre(parceria com o acadêmico Osório Santana Figueiredo e já citado), Esboço Histórico do 1º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar (v.1) e valiosos artigos na Antologia do CIPEL (Porto Alegre) Revolução de 1993; Vidas e Costumes; Cem anos do Correio do Povo; O Gaúcho, e Brigada Militar um fato inédito etc. Membro destacado da Maçonaria, era sócio atuante da Academia Santamariense Maçônica de Letras onde ocupava a cadeira Aparício Mariense.

Era portador da Medalha Cruz de Fero do Rio Grande do Sul. Até há bem pouco tempo o ilustre e muito querido amigo e velho soldado, ainda encontrava bastante vontade, alegria e persistência para participação de eventos no Rio Grande do Sul da AHIMTB e IHTRGS. Foi uma vida digna de exemplo pela sua vontade de viver, de bem servir e fazer amigos. É um tipo inesquecível de soldado que a Academia de História Militar Terrestres do Brasil reverencia dando o seu nome Ten Cel BMRS José Luiz Silveira a sua Delegacia em Santa Maria -RS. O acadêmico Osório Santana Figueiredo o reverenciou no Jornal São Gabriel de 22 julho 2004,(.Pela AHIMTB Cláudio Moreira Bento).

Lançamento do livro PAGINAS DE HISTÓRIA DO BRASIL do acadêmico emérito Cel Jardro Alcantara de Avellar, em 25 de junho de 2004 em cerimônia no Colégio Pallas na Tijuca

Em carta ao autor em nome da AHIMTB escrevemos entre outras coisas:

Minha atenção foi logo chamada pela biografia feita do Cel Sena Madureira que tanto procurei conhecer como editor da Revista do Clube Militar do Centenário do Clube, o que foi escrito pelo acadêmico emérito Cel Amerino Raposo Filho .Estamos na era dos trabalhos audiovisuais e seus preciosos e bem selecionados diafilmes serão seguramete bastante escaneados para publicações e divulgação de trabalhos a base de slides e para publicações na Internet, o que tenho certeza que farei, pelo que peço antecipadamente permissão.

E principalmente o sobre Medalhas, pois desde que assisti sua palestra sobre assunto muito bem ilustrada no IHGMB, passei a o considerar uma autoridade no assunto, razão de a AHIMTB lhe confiar a Presidência de sua Comissão de Medalhas, da qual muito bem se desincumbiu. Depois nossos caminhos se separaram para o reencontrar em sua posse como acadêmico na nossa AHIMTB, em cerimônia memorável na Fundação Osório onde fez o elogio de seu patrono o

General Waldomiro Pimentel, oração que seu amigo Cel Arivaldo teve a iniciativa de publicar em Discursos de Posse na AHIMTB. Apreciei muito, por sua originalidade, ineditismo e justiça na voz da História, o capitulo "A mulher na monarquia brasileira", resultado de palestra que fez em Curso de Extensão Cultural da Mulher no Clube Militar, curso que muito apoiei e prestigiei como Diretor Cultural no Centenário do Clube. Importante e pouco conhecida ou divulgada em detalhes a batalha Naval do Riachuelo. Embora estejamos em 2004, foi oportuno o seu livro publicar o capitulo Caxias e o Exército na Integração Nacional, que só foi conhecida dos alunos do Colégio Heitor Lira e do Colégio Militar, mas que publicada no livro ganhou uma dimensão imensa.

AHIMTB nos 350 anos de Sorocaba

Dia 7 de agosto de 2004 a AHIMTB dentro das festividades do 350 anos da cidade de Sorocaba - SP, promoveu sessão solene na 14ª CSM com as seguintes finalidades.

Posse como acadêmico do Professor Adilson Cezar, na cadeira que tem por patrono o Cel Diogo Morais Arouche Lara, vaga por elevação a acadêmico emérito do jornalista Hernani Donato, autor do utilíssimo e didático Dicionário das Batalhas Brasileiras.

Inauguração e posse do acadêmico Prof Adilson Cezar da Delegacia Aluisio de Almeida, homenagem ao grande historiador sorocabano e da Revolução Liberal de 1842 e fundador e presidente do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba, hoje presidia pelo acadêmico Adilson Cezar.

O paulista paulistano que foi o 1º historiador militar terrestre do brasil- Reino

Em 9 de maio de 1819, na 2ª Guerra contra Artigas, tombou morto em combate, aos 29 anos, em São Nicolau, Nos Sete Povos das Missões e a frente do Regimento dos Guaranis das Missões, o Tenente Coronel Diogo de Morais Arouche Lara que havia se consagrado como primeiro historiador militar terrestre do Brasil nação, como Reino Unido do Brasil Portugal e Algarve, ao produzir a Memória da Campanha de 1816 sobre a 1ª Guerra contra Artigas e na qualidade de assistente do Marechal de Campo e Marquês de Alegrete, Capitão General da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul (RGS) e que o levara em sua comitiva, desde São Paulo, que governava antes de 1814 quando foi enviado ao Sul onde comandou a vitoria de Catalão, sobre Artigas, em 14 de jan 1817. A Memória da Guerra de 1816 foi publicada pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (tomo 7, 1845 p. 122/175). Diogo era neto do Mestre de Campo (hoje coronel da Milícias da Capitania de São Paulo, cuja foto consta da História de São Paulo (p. 131) de Affonso de Taunay, conforme indicação do acadêmico emérito da AHIMTB Hernani Donato, o autor do utilíssimo e original Dicionário das Batalhas Brasileiras.

O pai do heróico Ten Cel Diogo foi o ilustre paulista paulistano Tenente General José Arouche de Toledo Rendon, comandante das Armas de São Paulo, que formara-se em Direito em Coimbra e foi o organizador primeiro reitor da famosa Escola de Direito de São Paulo.

Ao tomarmos posse no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo o escolhemos como nosso patrono. Ao fundarmos a Academia de História Militar do Brasil nela foi criada a Cadeira nº 09 Ten Cel Diogo de Morais Arouche Lara que foi inaugurada pelo historiador paulista citado, jornalista Hernani Donato, que elevado a acadêmico emérito foi substituído na cadeira pelo historiador paulista Professor Adilson Cezar, também Delegado da Academia de História Militar Terrestre do Brasil

em Sorocaba Delegacia Aluisio Almeida, o grande historiador da Revolução Liberal de 1842.

Os 90 anos do patrono em vida da cadeira da AHIMTB
Cel Francisco Ruas Santos

Completou 90 anos em 4 ago 2004, o Cel Francisco Ruas Santos, nascido em BH e homenageado como patrono em vida da cadeira 33 da AHIMTB, inaugurada em 4 set 1998 no CMBrasília, pelo acadêmico Cel Manoel Soriano Neto, cujo elogio que fez consta no Volume 45 da Coleção de Posses na AHIMTB,(p,53//61).Cursou o Realengo em 1935/37. Serviu nos três R1de Minas. Na 2ª GM participou da Defesa Territorial como cmt da 4º Cia Fronteira no Amapá. Seguiu com a FEB para Itália, como capitão da Cia CSv/11º RI onde foi assim elogiado. "Deu na Itália, um belo exemplo de sangue frio e de sacrifício aos seus comandados para levar o seu apoio as posições mais avançados de nossas linhas...."

Ao retornar publicou a valiosa obra Fontes da História da FEB. E ao ingressar na ECEME em 1946 revelou sua vocação de historiador .Em 1951 Cursou Infantaria no Fort Benning - EUA., Foi instrutor chefe de História Militar na AMAN de 1958/63.sendo elogiado pelo seu comandante General Médici ," por haver legado a AMAN um método valioso de iniciação na História Militar como não se conhecia igual..."

Em 1970/74 presidiu a Comissão de História da ECEME (CHEB) e de que fomos seu adjunto. Então planejou e coordenou a História do Exército - Perfil Militar de um Povo, quando nos encarregou de elaborar o Capitulo sobre as Guerras Holandesas, como historiador convidado pelo Estado Maior do Exército. Como singularidade em sua vida, foi escoteiro e assistiu o ataque revolucionário ao 12 RI e assistiu as Olimpíadas na Alemanha Nazista presididas por Adolf Hitler. Foi comandante do CPOR/RJ. Antes de passar a Reserva idealizou o Centro de Documentação do Exército. Hoje de dedica ao seu Centro de Informações Culturais.

Na oportunidade do seus 90 anos a AHIMTB reconhece, exalta e aponta a sua marcante contribuição a História Militar Terrestre do Brasil. Contribuição que lhe dará imortalidade cultural no Exército, se verdadeiro o pensamento de que o homem será imortal enquanto sua obra permanecer ou for lembrada. (Cel Bento).

Novas delegacias da AHIMTB em Sorocaba - SP, Campo Grande - MS e Santa Maria - RS

AHIMTB abriu delegacias em Sorocaba, tendo por delegado o acadêmico Prof Adilson Cezar; a Brigadeiro João Severiano da Fonseca em MS, tendo como Delegado o Dr. Eduardo Contar e a Delegacia Ten Cel BMRS José Luiz Silveira em Santa Maria-RS , tendo como delegado o acadêmico Cel Mário Menezes.

Projeto de Ex-Libris e Medalha Duque de Caxias

O acadêmico Marcelo Peixoto da Silva apresentou a AHIMTB para estudo o projeto de Ex-Libris da AHIMTB e o da Medalha Duque de Caxias, depois de apresentar projeto aprovado e por ele executado da Bandeira da AHIMTB.

Documentação de posses na AHIMTB

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil possui valioso arquivo de orações de posses e de elogios de acadêmicos e correspondentes reunidos em 31 volumes encadernados, cujos assuntos são localizados por catálogo a ele anexado. Este é o resultado dos 8 anos de trabalho intenso da AHIMTB. Referidos discursos de posse e de elogios de patronos encontram-se publicados os relativos aos anos de 1996-1997em Posses de Acadêmicos 1996-1997 organizado pelo 1º vice presidente da AHIMTB Cel Arivaldo Silveira Fontes hoje aos 80 anos (3 agosto) se recuperando de cirurgia de mudança de marca passo no Pró Cardíaco, pelo que os integrantes da AHIMTB lhe desejam pronto restabelecimento.

A AHIMTB possui de cada membro e patrono de cadeira um arquivo em pastas suspensas onde reúne toda a documentação a ele referentes bem como os originais dos 42 informativos O Guararapes.

AHIMTB já possui expressivo arquivo digital na Internet através do seu site já perto de 30.000 visitas www.resenet.com.br/users/ahimtb. e em História, no site www.militar.com.br onde possui sua Revista Eletrônica de História Militar Terrestre e, em Caserna no site www.resenet.com.br. em Resende etc.

Solicitação de apoio financeiro

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil apela aos seus membros que colaborem financeiramente para a manter em atividade e que as quantias enviadas sejam de preferência em cheque nominal a Academia de História Militar Terrestre do Brasil ou depositado em sua conta no BB, Ag.0131-7 cc/ 5.926-9 e enviado o comprovante para ser registrada a doação no livro de OURO da AHIMTB. Registros submetidos ao Conselho Fiscal onde constam todas as colaborações enviadas por cada membro. Se o confrade deseja que sua AHIMTB permaneça atuando, envie a sua contribuição. E aqui vale lembrar mais uma vez Napoleão que afirmou Que todo o empreendimento depende de quatro condições: 1ª Uma boa idéia, 2ª Dinheiro. 3ª Dinheiro e 4ª Dinheiro.

História Oral da 2ª Guerra Mundial e 31 de Março de 64

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil já dispões destas duas notáveis fontes da História do Exército desenvolvidas por iniciativa e estímulo quando Comandante do Exército do nosso ilustre acadêmico Gen Ex Gleuber Vieira. FIM

Nº 42 – Jul/Set 2004 (Aditamento ao nº 42) – Cel Cláudio Moreira Bento

A ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL NOS 350 ANOS DE SOROCABA-SP EM 7 AGOSTO 2004

Cel Cláudio Moreira Bento

Em 7 de agosto de 2004, no contexto dos 350 anos de Sorocaba e dos 50 anos do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba em sessão solene

Academia de História Militar Terrestre do Brasil(AHIMTB) no Auditório da 14ª Circunscrição do Serviço Militar (14ª CSM), empossou como seu acadêmico o Professor Adilson Cear na cadeira que tem pôr patrono o Ten Cel Diogo Arouche de Morais Lara, o paulista paulistano que foi, em 1816, o primeiro historiador militar terrestre do Brasil nação como Reino Unido. Cadeira esta que vagara por elevação a acadêmico emérito do seu antigo titular, o jornalista e historiador paulista Hernâni Donato, o autor do utilíssimo instrumento de trabalho do historiador militar brasileiro o seu Dicionário das Batalhas Brasileiras. E ele, em memorável oração, coube representar o Colégio Acadêmico da AHIMTB, na recepção do novo acadêmico Adilson Cezar, o qual coube fazer o elogio do seu patrono de cadeira e ao acadêmico emérito Hernâni Donato a que ele sucedia e, além, ao patrono da Delegacia criada pela AHIMTB em Sorocaba, a Delegacia Aluizio de Almeida da qual passou a ser o Delegado. Nome este em homenagem ao grande historiador de Sorocaba, fundador e presidente perpétuo do IHGG de Sorocaba e autor do mais completo trabalho sobre a Revolução Liberal de 1842 em São Paulo e Minas Gerais, pacificadas pelo Duque de Caxias, patrono da AHIMTB

A seguir as orações proferidas na ocasião

1 - Oração de Abertura da sessão lida pelo Chefe da 14ª CSM Cel Inf. Domingos e Abreu Vasconcelos Neto

2 - Discurso sorocabano feito por Hernâni Donato de recepção ao acadêmico Adilson Cezar.

3--Elogios do acadêmico Adilson Cezar ao acadêmico emérito Hernâni Donato e ao seu patrono de cadeira o Ten Cel Diogo Arouche Morais Lara.

4- Leitura do que consiste a Academia de História Militar Terrestre do Brasil pela estagiaria no IHGG de Sorocaba .....FALTA.

5- Apresentação pelo acadêmico e Delegado da AHIMTB em Sorocaba, Adilson Cezar de síntese da vida e obra do patrono desta Delegacia Aluizio de Almeida.

6-Palavras finais do presidente da AHIMTB Cel Cláudio Moreira Bento

1- ORAÇÃO DE ABERTURA DA SESSÃO

PEDIMOS A DEUS QUE NOS DÊ SABEDORIA PARA DESCOBRIRMOS A MELHORES LIÇÕES E A VERDADE HISTÓRICA, NAS PESQUISAS E REFLEXÕES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL.

CORAGEM MORAL E VONTADE CULTURAL PARA ESCOLHER AS MELHORES LIÇÕES E A VERDADE HISTÓRICA.

FORÇA, GARRA E DETERMINAÇÃO PATRIÓTICAS PARA FAZER COM QUE A VERDADE HISTÓRICA E AS MELHORES LIÇÕES TRIUNFEM SOBRE AS FALSIDADES, AS DETURPAÇÕES, A INDIFERENÇA E A IGNORÂNCIA.

TUDO PARA A MAIOR GLÓRIA E O DESENVOLVIMENTO DAS FORÇAS TERRESTRES DO BRASIL, NO EXERCÍCIO O MAIS COMPETENTE POSSÍVEL DE SUAS MISSÕES CONTITUCIONAIS.QUE ASSIM SEJA!

2 - DISCURSO SOROCABANO FEITO PELO ACADÊMICO EMÉRITO HERNANI DONATO, DE RECEPÇÃO AO ACADÊMICO ADILSON CESAR.

Gosto e repito amiúde a afirmação fruto do talento do poeta Fernando Pessoa de que **"a minha pátria é a língua portuguesa"**. Porém, para sentir-me mais a vontade nos limites desse horizonte, acrescento **"e a história brasileira"**. Amo, por igual e com amor desmesurado, uma e outra, sendo que o termo história, nesse contexto, abrange a geografia.

Em função desse amor que é normativo para a minha vida, leio, pesquiso, escrevo, ouço, digo. Ouço muito, leio, também, muito. E quanto mais o faço mais cresce em mim a preocupação com a língua e a história. Sem esta e aquela, o Brasil que restar não será mais o meu país.

Daí a minha ternura preocupada para com as Academias de Letras, de História, os Institutos, as Faculdades. São núcleos de resistências cívico- patriótica que a cultura vai deixando para não desaparecer de todo no território dominado pela futilização da vida e pela uniformização aplastante, fruto de globalização generalizada.

A esses redutos incumbe salvaguardar a cultura. Por exemplo, a civilização latino- cristã foi salva pelo monges que ante o aluvião dos bárbaros levaram para o retiro dos mosteiros, as oficinas e a dedicação dos copistas.

Este é um momento em que somos invadidos por outra espécie de bárbaros. Esta instituição, Academia de História Militar Terrestre do Brasil, é um reduto ao qual se recolhem e estudam, e escrevem, e falam, e divulgam os chamados por vocação e depois por eleição, para cultuar a história da nação e do povo no segmento militar terrestre.

Trata-se de recrutamento cauteloso, pois a missão é árdua e não oferece outra recompensa senão a do fazer por amor. Amor à pátria, respeito aos que de algum modo – ainda que polemicamente fixado – por ela tenham lutado e até morrido.

Hoje aqui, na Sorocaba de tanta glória e tanta história, recebemos mais um companheiro: Adilson Cezar. Damos- lhe as boas vindas.

Quando o Coronel Presidente Cláudio Moreira Bento ordenou a este humilde Reservista de Segunda Categoria que saudasse o camarada de fileiras foi como se me tivesse promovido a alto posto. É fácil e agradável, além de honroso, o saudar o professor Adilson que passa o tempo a nos dar lições de como fazer, o que fazer, quando fazer. Esta satisfação me é concedida pela segunda vez, e como o decorrer dos anos não fez senão confirmar, aumentar e valorizar virtudes "adilsianas", bem que posso repetir algumas verdades ditas ao recebê-lo na Academia Paulista de História.Além dessa curiosidade há outra, e esta muito sensibilizante para mim. É a de que tendo o nosso Presidente feito a minha ascensão à categoria de Sócio Emérito, foi o Adilson Cezar eleito para essa cadeira. Com essa saída a essa entrada, ela, a **Academia, resultou dignificada.**

Ela tem por patrono um paulista dos milhares levados para as guerras do sul e que ali muito se distinguiu e também ali encontrou a morte depois de escrever a crônica da campanha. Chamou-se Diogo Arouche de Moraes Lara.

Pouco se sabe dele, de tal modo que Adilson e eu mesmo, decidimos empregar esforços para saber mais e divulgar os méritos desse soldado e escritor militar terrestre. E vamos conseguir – isto é, o Adilson conseguirá os desejados informes, pois é um caso raro de devoção aos trabalhos cívicos. Dou o testemunho de membro do **Conselho de Honrarias e Méritos do Estado de São Paulo**. Ele preside a partir de Sorocaba e nunca o Conselho foi tão direta, contínua e firmemente dirigido. Se às reuniões faltam conselheiros domiciliados quase ao pé da sala de reuniões, o Adilson não falta jamais, se deslocando quase noventa quilômetros para conduzir os trabalhos.

Há mais: difícil, ou melhor — impossível — ocorrer algum evento histórico em Sorocaba que não conte com a sua presença. Este titular da Academia de História Militar Terrestre é também o agitador- mor das ondas sorocabanas, pois mantém na cidade um núcleo de serviços à Marinha brasileira.

Recebemos um verdadeiro historiador, alguém que domina com inteireza o seu campo de operações. Acompanhar a trajetória, a bibliografia, os trabalhos de Adilson Cezar é não só satisfazer-se com o texto que ele nos dá a ler como também se convencer quanto à validade dos métodos que ele empregou para elaborar o texto.

Poucos, à moda deste confrade ora recebido navegam com decidida preferência nas águas lustrais da documentação de fonte. Parece ter sido a respeito de Adilson Cezar que Jacque Le Goff afirmou, no trabalho **"Documento/Monumento"**, relativo às fontes da História: **"a memória coletiva e a sua forma científica"**, à História aplicam-se a dois tipos de materiais: os documentos e os monumentos.

No início deste século, o pensamento positivista deslocou-se do monumento para o documento, interesse maior do pesquisador. A objetividade do registro, a materialidade do papel rabiscado, muitas vezes em circunstâncias dramáticas, superariam a intencionalidade — muitas vezes deturpadora — do monumento. Exemplo ótimo dessa verdade temo-lo em nosso monumento do Ipiranga. Comparemos os depoimentos deixados por testemunhas presenciais do **Grito da Independência** com o que pretendem ensinar a propósito o mármore e o bronze.

Pois Adilson Cezar é um dos que com obsessiva pertinácia buscam o equilíbrio entre o documento e o monumento. Melhor ainda busca o documento no monumento. Dão prova desse empenho o seu esforço pela maquetização da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema; a reconstituição do Palácio Scarpa, a reativação do relógio de sol fabricado no Ipanema, pelo estrondo vitorioso do canhão da Maioridade. Este artefato bélico, fundido nesta região para solenizar o primeiro aniversário da Maioridade, manteve-se virgem e silente naquela oportunidade; não rugiu sua cólera liberal quando Feijó e Tobias defenderam Sorocaba ante ao avanço dos "periquitos" de Caxias. Um canhão que não canhoneou — o que há de mais triste? Isso até 1994 quando Adilson Cezar fez disparar o canhão, obtendo o fragor que nem Feijó, nem Tobias, nem o receio a Caxias conseguiram. É, pois, o **"artilheiro- mór da fortaleza Sorocabana"** e isso não apenas no sentido histórico. Nesses momentos de muita responsabilidade, momentos de atravessar o Rubicão, o nosso Adilson foi verdadeiramente um Cezar.

De muito especial destaque, lembremos o carinho com que Adilson zela pela memória do grande vulto que foi Aloísio de Almeida.

Igualmente impressiona e realça os méritos do neoacadêmico a ponderação laboratorial com que se utiliza das informações extraídas aos documentos. Nem um átimo além do que dizem. Nisso atende ao preceituado por um velho mais ainda respeitado mestre, Fustel de Coulanges que no clássico **"A cidade antiga"** afirmou ser a única habilidade do historiador **"o tirar aos documentos tudo o que eles contêm e em não lhe acrescentar nada do que eles não contêm"**.

Claro, eu e todos aqui, não concordaremos que essa seja a única habilidade requerida ao historiador. Mesmo porque Adilson Cezar, a nossa referência desta tarde, nos vem exornado de várias outras habilidades que igualmente o consagraram.

Veja-se o currículo de Adilson Cezar: é um nunca acabar de cursos seguidos e de cursos ministrados. Causa admiração o verificar que esse historiador de primeira água formou-se, especializou-se em Química no famoso IPT; acompanhou as lições de curso a respeito de Radiologia do Coração; e também outros de Astronomia, História, Arte, "o pensamento de Teillnard de Chardin", "a evolução do partido comunista brasileiro", "a saúde do escolar". Isso, como aluno. Enquanto professor ocupou dezesseis cátedras em treze estabelecimentos fazendo valer as suas licenciaturas em Pedagogia, Estudos Sociais e História.

Química, Astronomia, Cardiologia, Pedagogia, Estudos Sociais, Política, Defesa Civil, Saúde Escolar. Para tudo o nosso recebido desta tarde encontrou tempo, a tudo deu atenção, cumprindo aquela receituário de Walter Benjamim para quem o homem de sucesso em sua coletividade deveria ser polimorfo e poliatuante de vez que a chave do sucesso e do bom serviço público é obter que as idéias e os trabalhos se relacionem com as coisas ao redor tão harmoniosa e lindamente quanto, aos nossos olhos, as estrelas se harmonizam com as constelações.

Esse servir e esse harmonizar e embelezar levaram a que governos, entidades, escolas e povos exornassem a figura e a atividade de Adilson Cezar com inúmeras distinções oficiais de vários Estados, destacando-se a **Ordem do Ipiranga no grau Grã Cruz**, vinte distinções e títulos honoríficos oficializados e não oficiais.

Com esta Academia de História Militar Terrestre, somam trinta e duas as entidades que o quiseram parte de seu corpo constitutivo. Entre elas, destaque para os Institutos Históricos, sendo quatro de letras, onze de cultura e cinco em outros países: Portugal, Canadá, Estados Unidos, Argentina, Paraguai.

Além do importante livro **"Notas para a Lavoura Canavieira em Sorocaba"**, da coordenação da coletânea **"MMDC – Orgulho dos Paulistas"**, a imprensa daqui e dali repete, com alguma assiduidade, os seus vinte e quatro artigos para revistas, quarenta e quatro para jornais, enquanto os textos de quarenta e três conferências sobre temas sócio- historiográficos são requisitados e preferentemente ouvidos.

Por tudo isso, porém muito mais por tudo quanto esse fraterno irmão que se vem juntar ao nosso grupo de amantes de Clio pode, quer, e de certo realizará no campo da História de São Paulo, dizemos, com a intenção e o acento com que se diz na hospitaleira, tradicional, querida cidade de Sorocaba: **"Companheiro, entre, a casa é sua".**

3- ELOGIO DO ACADÊMICO ADILSON CESAR AO ACADÊMICO EMÉRITO HERNANI DONATO AO QUAL SUCEDEU NA CADEIRA TEN CEL DIOGO AROUCHE DE MORAES LARA.

Elogio ao acadêmico emérito Hernâni Donato

Suceder ao escritor, historiador, sociólogo, e acadêmico Hernâni Donato, é mais do que simplesmente uma grande honra, é sentir-se o escolhido entre os eleitos. A este refinamento acresce-se o fato do mesmo diferentemente do que ocorre em outras Academias, quando a sucessão somente se dá pelo falecimento, neste caso ela acontece pela promoção elevatória do titular à qualidade de Acadêmico Emérito. Ora, tal circunstância permite que a cerimônia se realize com a presença do Acadêmico, que tem a oportunidade de se manifestar sobre sua sucessão, fato este que transcende na valorização da Cadeira e no estímulo ao sucessor.

Tenho o prazer de poder de público proclamar a amizade e cordialidade que sempre envolveram nosso relacionamento. Conheci o baluarte Dr. Hernâni Donato, quando já era consagrado, e assumia a Presidência do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, diga-se, de passagem, uma das mais antigas instituições de cultura de nosso Estado. Mantivemos durante esse período um relacionamento cultural intenso, promovendo uma integração entre a Instituição por ele presidida e o Instituto de Sorocaba, que se encontrava debaixo de minha tutela. As atividades relativas às comemorações do Sesquicentenário da Revolução Liberal de 1842 aproximaram-nos e consegui também patrocinar a aproximação entre membros do IHGSP e o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Da mesma forma, devo ao Dr. Hernâni Donato o discurso de saudação à minha pessoa, por ocasião de meu

ingresso na egrégia Academia Paulista de História. Designado pelo Governador do Estado de São Paulo para compor o corpo de Conselheiros do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito partilhamos da responsabilidade desse colegiado. Depois quando assumi a Presidência desse órgão, não tive dúvidas em indicar o amigo para ocupar a Vice- Presidência. Assim podem perceber que há muito tenho tido o privilégio de poder contar com a sapiente amizade do Dr. Hernâni Donato.

Hernâni Donato é nome declinado com o maior respeito em todos os meios de cultura, não apenas circunscritos ao estado de São Paulo, mas transcende mesmo as fronteiras da Pátria. Homenageado pelas mais diferentes instituições, chegando mesmo a ser um prêmio vivo, em sua cidade natal, Botucatu, instalada na serra onde descansa o gigante. Foi esse o solo soberbo em que teve a sua primeira visão, aniversariando no dia em que Colombo descobriu a América. Talvez por isso **ele é todo história**. Não somente pelo gostar de História, mas também pelo fazer história. Aos poucos e através desta nossa breve narrativa, será possível termos uma idéia do que foi até o presente a trajetória ímpar da vida do homem Hernâni Donato. Sua preocupação com a cultura e com o social, na valorização dos indivíduos, é a grande constante. Muito cedo, quando cursava a 2.ª série ginasial, equivalente hoje a 6.ª série do ensino fundamental, escreveu, juntamente com o colega Francisco Marins, alternando os capítulos, uma novela **"O Tesouro"**, publicado em rodapé do suplemento juvenil do jornal **"O Diário de São Paulo"**. Com o mesmo colega e outros, manteve em sua cidade, uma sociedade literária com biblioteca aberta ao público de bairro operário. Interessado em conhecer o folclore e as formas de tratamento sociais diferenciadas, viajou por vários Estados e Países vizinhos. Com a finalidade de estudar condições sociais, vivenciando- as e colher material para temas de contos e romances, trabalhou colhendo algodão, em erval sul-mato-grossense, em garimpos, e na região praieira dos Parecis. Participou da organização de um grupo que se propôs retraçar o percurso do caminho pré- cabralino do Peabiru, entre São Vicente e Cuzco. Em seu sítio Águas de São Pedro, em Botucatu, promoveu experiência comunitária rural à base do pensamento tolstoiano. Essa tentativa durou dois anos, e questionado a respeito, lembrou que **"as dívidas muitos mais"**. Integrando a Comissão Paulista de Folclore, secretariou a revista **Folclore**. Dirigiu o jornal **Rumos Operários** e a agência noticiosa Labor, da Federação dos Círculos Operários, da qual foi vice-presidente. Trabalhou na redação dos jornais: **Correio Paulistano**, **A Gazeta** e no **Diário Latino**. Foi um dos pioneiros da televisão, produzindo os primeiros campeões de audiência: **Do zero ao infinito**. Com outros escritores, fundou e ajudou a dirigir a Editora Autores Reunidos, primeira instituição nacional de cooperativa de autores de ficção. Representou o Brasil em reunião setorial da ALALC sobre publicações; no item livros da Brasil Export de Bruxelas; na reunião da WAPOR em Punta del Este. Passou pela direção criativa de algumas agências de propaganda. Terminando o Curso de Dramaturgia da Escola de Teatro, produziu o texto Irmãos, utilizado para exame final de autores da Escola. O costume de "contar histórias" às crianças deu-lhe o título de **Contador de Histórias de Parques Infantis** e, com Cassiano Ricardo, o de **Patrono da Academia Juvenil de Letras da Biblioteca Monteiro Lobato**, SP. Presidiu a Editora Propaganda, editando a revista do mesmo título; a regional paulista da Associação Brasileira de Relações Públicas; a Comissão Nacional de Ética da Propaganda. Integrou o Conselho de Cultura do Município e também do Estado de São Paulo. Conselheiro designado pelo Governador para compor o Conselho Estadual de Honrarias e Mérito, da qual é seu Vice -presidente. Recebeu os prêmios **Saci** e **Governador do Estado** (1959) pela transposição para o cinema do seu romance **"Chão Bruto"**, o qual foi levado duas vezes a versões

cinematográficas, representando o Brasil (1958), no Festival de Santa Margherita. Outro romance, **"Selva Trágica"**, também cinematografado, foi exibido no Festival de Veneza de 1959. **Prêmio Afonso Arinos**, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro de contos **"Babel"**. **Prêmio da Academia Brasileira de Letras** (A.B.L), do **Penn Clube**, da **Academia Paulistana da História** e da **Associação de Críticos Teatrais do Estado**.

É membro de várias instituições de cultura, das quais destacamos, o **Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**, do qual foi seu Presidente por duas gestões sucessivas e é o atual Presidente de Honra; Membro da **Academia Paulista de História** e da **Academia Paulista de Letras**. Sócio Correspondente do **Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba** e do **Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**.

Foi distinguido, por serviços de relevância com inúmeras condecorações, das quais destacamos: a **Grã Cruz da Ordem do Ipiranga**, a mais alta honraria do Governo do Estado de São Paulo; com o **Colar Ibrahim de Almeida Nobre** – o tribuno dos Paulistas, do Governo do Estado de São Paulo; com a **Medalha Rosa da Solidariedade** do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, com a **Medalha Cultural Aluísio de Almeida**, com o **Colar Cruz do Alvarenga e dos Heróis Anônimos**, ambos do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e oficializados pelo Governo do Estado de São Paulo, com o **Colar do Sesquicentenário da Revolução Liberal de 1842**, do Comando de Policiamento do Interior Sete.

De sua rica lavra bibliográfica dispomo-nos a citar os seguintes trabalhos:

Infantis: Histórias da Floresta; Apuros do Macaco Pium; Façanha do João Sabido; Novas Travessuras de Pedro Malasartes; Histórias dos Meninos Índios;

Juvenis: O Tesouro, em folhetim; A maravilhosa História dos Presentes de Natal; A Maravilhosa História do Presépio de Natal; A palavra Escrita e sua História; História do Calendário; A longa História dos Transportes, Vol. II da colecão Conquistas Humanas;

Biografias: Raposo Tavares, o Vencedor dos Andes; Vital Brasil, o Domador de Serpentes; José de Alencar; Plácido de Castro; Casimiro de Abreu; Vicente de Carvalho; Schliemann, Desenterrador de Cidades, no livro Os descobridores; Manzoni, e Cervantes, no livro Os Escritores; Galileu Galilei;

Contos: Contos muito Humanos; Grandes Amores da História e da Lenda; Babel;

Romances: Filhos do Destino; Chão Bruto; Selva Trágica; O Rio do Tempo – romance do Aleijadinho; Núpcias com a Morte, rodapé do jornal Última Hora. **Ensaios**: Darwin e seu A Origem das Espécies e Einstein e sua Teoria da Relatividade, ambos na obra Os Livros que Abalaram o Mundo;

Divulgação: Dicionário das Mitologias Americanas: Grandes Discursos da História (19 oradores e suas peças mais notórias); **Os Guerreiros (as vidas e as batalhas de 12 soldados);** Os Cientistas (as vidas e as descobertas de 12 cientistas); Maravilhas da Novela Italiana, seleção, tradução, notas e prefácio;

Roteiros cinematográficos: **O Caçador de Esmeraldas**, Chão Bruto, Os Irmãos Leme, José do Patrocínio;

História: Achegas para a História de Botucatu; Peabiru; **Paulistas nas Guerras do Sul**; Provérbios Rurais Paulistas; **Dicionário das Batalhas Brasileiras**; **A Revolução de 32.;**

Traduções principais: A Divina Comédia, de Dante Alighieri (integralmente, anotada, em prosa moderna); Delito no Campo de Tênis (Moravia), Histórias do País da Fantasia (infantil), Meoni; e

Coletâneas e antologias com trabalhos seus: Contos Provincianos, Depois das Seis, contos: O Planalto e os Cafezais; coleção Histórias e Paisagens do Brasil: O Livro de Ouro de Histórias Infantis. E vários outros trabalhos que deixamos de citar.Tal é o aporte de obras e as inúmeras e elogiáveis experiências de vida do Dr. Hernâni Donato, que estas não precisam de interprete, pois quaisquer comentários que possamos tecer ficaram aquém de seu mérito.or tudo, somos imensamente gratos ao Cel. Cláudio Moreira Bento e ao Dr. Hernâni Donato, por este feliz momento. Meu muito obrigado***.(*)***

do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo VII, n.º 26 – Julho de 1845, p.: 123 a 170, terceira edição, Rio de Janeiro ; imprensa Nacional, 1931, p.: 123 a 170.

---------- - Apêndice à Memória da Campanha de 1816, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo VII, n.º 27 – outubro de 1845, p.: 263 a 317, terceira edição, Rio de Janeiro ; imprensa Nacional, 1931, p.: 363 a 317

Elogio de Adilson Cezar a seu patrono Ten Cel Diogo Arouche de Morais Lara.

A Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) , quando formada, teve como preocupação recuperar para a História Militar Terrestre Brasileira, o Ten Cel Diogo Arouche de Mrais Lara, personalidade que esteve nos dois "frontes", no das letras e no tradicional dos combates e que se dedicou, a escrever e registrar nossas ações bélicas, independentemente de uma vasta produção. A idéia era a de retirar do olvido, aquele esquecido, mas que teve o cuidado de elaborar a nossa primeira narrativa bélica, do período do Brasil Reino Unido a Portugal e Algarves,

Foi assim o Coronel Cláudio Moreira Bento buscar em nossa história a figura do **Tenente Coronel Diogo Arouche de Moraes Lara** para Patrono desta cadeira, e escolheu para seu primeiro titular a personalidade ímpar do civil, mas historiador militar, **Dr. Hernâni Donato**, ao qual tenho a subida honra de suceder.

Com relação ao nosso invulgar Patrono, o **Tenente Coronel Diogo Arouche de Moraes Lara,** na realidade muito pouco conhecemos – paulista de estirpe consagrada pelo apego à defesa da terra, dedicação ao seu desenvolvimento, e acendrado sentimento cívico, lembram aqueles que traçaram seu escorço biográfico; ter saído aos seus, sendo também filho dileto de Minerva e discípulo eleito de Marte.

Realmente conseguiu reunir a inteligência, a vivacidade, e argúcia do intelectual, com o destemor, e a força necessária ao guerreiro.

Os poucos registros existentes sobre Diogo Arouche, demonstram ter desde muito cedo chamado a atenção pela sua **"destacada inteligência e vivacidade de caráter"**. Muito jovem alistou-se na Artilharia da Legião de Voluntários Reais e logo chegou ao oficialato. Acompanhando seu regimento, marchou para os pampas, onde entrou em campanha no ano de 1811. O brigadeiro Machado de Oliveira extraiu dos apontamentos de seus serviços o esclarecedor relato sobre a sua conduta; **"O exército pacificador o viu cheio de coragem e brio nas diferentes refregas com as forças inimigas; admirou-lhe a heróica constância e resignação em tão afadigosas campanhas, e o sofrer animoso e perseverante nas privações, que com elas andaram sempre de volta. Por vezes foi ele ao campo inimigo como parlamentário, e ainda em tais ensejos foram postas em prova a sua intrepidez, circunspecção e perspicácia militar** [2]

No ano seguinte (1812) dissolvido o Exército Pacificador de D. Diogo de Souza, a Legião dos Voluntários Reais de São Paulo, aquartelou-se em Porto Alegre. O Capitão General da Província do Rio Grande de São Pedro, em reconhecimento aos

trabalhos do Capitão Diogo Arouche, o nomeou para Diretor do Arsenal de Guerra da capital. Em 1816, Gervásio Artigas resolveu invadir nossas terras, e para conte-lo a Legião de São Paulo, incorporou-se as forças do Tenente-General Joaquim Xavier Curado, comandante das tropas da fronteira do Rio Pardo. Com o movimento das tropas, o recém promovido Major Diogo Arouche de Moraes Lara, solicitou insistentemente a demissão de sua Diretoria e partiu para reunir-se aos seus camaradas.

Sua atuação, na campanha de 1816 e anos seguintes, é digna de elogios por parte de seus chefes e a promoção é conseqüência natural, sendo promovido para Tenente-Coronel. No exercício do novo posto entregaram-lhe o comando do Regimento de Lanceiros Guaranis das Missões. Ele os organizou e disciplinou exemplarmente. Era esse regimento composto por seiscentos homens.

Estava com esse comando quando Artigas novamente invadiu o nosso território pela segunda vez, em 1819.

Infelizmente, a razão para a ausência de maiores fontes de referências, e de uma existência fecunda pela atraente produção intelectual, foi o seu precoce desaparecimento. Veio a falecer quando ainda atingia seus verdes 29 anos de idade, no dia **9 de maio de 1819**, da forma como sonham os grandes guerreiros. Morreu de armas em punho, tendo sob o seu comando o Regimento dos Guaranis do território de Missões, e avançava sobre os artiguistas, então ocupantes da brasileira vila de São Nicolau.

Assim a ele o célebre Gustavo Barroso, se refere: **"Arouche é mandado com seu regimento defender a povoação de S. Nicolau. Encontrou nela mil e duzentos uruguaios entrincheirados. Chagas Santos ordenou-lhe que regressasse. Ele insistiu pelo ataque. E atacou. Chegou-lhe de reforço uma companhia de Infantaria. Mandou o regimento guarani apear-se, largar as lanças e ficar somente com as clavinas. Desembainhou a espada, fez tocar os clarins e atirou-se às trincheiras. Ante aquele arrojo, os orientais fugiram e foram, concentrar-se no curralão ou praça da vila, onde se acobertaram com os muros e acoutaram nas casas. Os setecentos homens do tenente-coronel ocuparam a povoação, mas ao desembocarem na tal praça, receberam terrível descarga a queima-roupa, que matou muita gente. Gravemente ferido, Diogo Arouche apoiou-se a uma parede e conteve os seus soldados amedrontados pelo morticínio imprevisto:**

Entrincheirem-se! Acobertem-se com as árvores e as casas!

Os oficiais impediram a confusão. As habitações em que se emboscavam os inimigos foram sendo tomadas uma a uma pelos brasileiros. Algumas horas mais e o brigadeiro Chagas chegava com grandes reforços. A vila estava em nosso poder e, nos braços de seu general, morria contente Diogo Arouche, tenente-coronel por atos de bravura aos vinte e nove anos de idade."

Perdia assim o Brasil, o seu primeiro historiador militar terrestre do Reino Unido, no ardor da batalha. Morreu como sempre viveu, no desempenho eficaz daquilo que sabia bem fazer, lutar pela defesa de sua Pátria. Sempre após a refrega, enquanto descansava a espada, exercitava a pena em minuciosa crônica. Assim legou-nos seu escrito principal, na realidade o único que chega ao nosso conhecimento **"Memória da Campanha de 1816"**, ano primeiro da guerra contra Artigas. Observa-se nessa Memória, a exposição dos acontecimentos militares das fronteiras de Missões e Rio Pardo; da capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul, e do território inimigo, ocupado pelas tropas da mesma capitania. Era Diogo Arouche de Moraes Lara, na ocasião, em que escreveu a memória, capitão da infantaria da Legião de São Paulo.

Um dos trechos desta Memória, para que seja possível aquilatar o seu estilo ao traçar este relato, refere-se ao que foi a bravia incursão do Brigadeiro Chagas Santos, em cumprimento das ordens do Marques de Alegrete, que era o Governador e Capitão General da Capitania do Rio Grande de São Pedro. Este determinara que **"fizesse possíveis hostilidades aos povos da margem oriental do rio Uruguai a fim de tirar ao inimigo todos os meios de repetir a invasão ao território português das missões..."**

Diogo Lara relata**: "Depois de saqueadas e demolidas as sete povoações de Iapeju, da Cruz, São Tomé, Santa Maria, São Xavier, Mártires e Conceição, sitas a margem direita do Uruguai, e somente saqueados os povos de São José, Apóstolos, e São Carlos, saqueada e talada toda a campanha na distância de mais de oitenta léguas, de que resulta a rica presa de sessenta arrobas de prata, muitos e riquíssimos ornamentos das Igrejas, muitos sinos, 6.000 cavalos e éguas, e outros gêneros, importando tudo, pelos valores ínfimos, em cinqüenta contos de réis: e finalmente depois de estabelecidos os necessários postos que deviam conservar-se na margem direita do Uruguai em observação para participarem sobre os movimentos do inimigo, o brigadeiro Chagas repassou aquele rio no dia 13 de março do mesmo ano de 1817, com as suas tropas tão cobertas de glória como de despojos do inimigo, a que fizeram as maiores hostilidades, que é possível fazerem-se, sem que recebessem outro prejuízo mais que o ferimento de um homem, como fica dito".**

Em outro trecho, percebe-se a vibração patriótica, o compromisso e o seu sentido de valores**: "Glória e fama eterna sejam para tal rei e tal Pátria, que produzem e nutrem frutos dignos de ambos, e que tão dignamente retribuem os benefícios, e desvelos recebidos. Jamais o sagrado solo da Pátria seja profanado pelas vis plantas de execráveis insurgentes, sem que tão grave ofensa fique impune".**

Ou quando ao final da batalha de Ibirocai, ele denuncia**, "tão funesta para o inimigo, que ali ele purgou os crimes e horrores cometidos na invasão daquele território por ele assolado, como glória, e útil as armas, e ao Estado Português: ela decidiu da incendiária coluna de Verdum, e pôs freio ao orgulhoso atrevimento deste chefe de insurgentes, partidário de Artigas, e acérrimo entusiasta da liberdade..."**

A crítica exposta contrária à valorização da liberdade tem seu fundamento, quando esse ideal, atrelava-se aos conceitos da revolução francesa, e opostos ao do Estado Absolutista Português. O próprio autor desta Memória reproduz em apêndice vários documentos comprobatórios de seus estudos, onde lembra a proclamação do governo de Montevidéu, assim que seus membros tiveram noticia da reação brasileira a invasão de nosso território. A todo o momento eles lembram lutarem a favor de suas liberdades**. "O Governo de Montevidéu, empenhado de sustentar nossa liberdade e independência..." ; " ... deve fazer em vós renascer o amor à liberdade, e aquele ardor e santo entusiasmo por sua defesa..." ; "Nas vossas mãos deposito hoje o bem-estar dos vossos filhos, das vossas famílias e de nós mesmos; delas depende a nossa liberdade, ou escravidão perpétua."; ou "Correi pois todos os que vos achais alistados, e vos sentis cheios do fogo santo da liberdade ..."**

Percebe-se a fidelidade em seu relato, mesmo que este não nos seja meritório. Terminara batalha de Arapehi, Artigas fora derrotado. **"Finda a ação, e tendo fugido o inimigo por todas as direções, o tenente coronel Abreu entregou o campo a saque; proibindo às suas tropas o tomarem volumes ou gêneros que pudessem obstar a marcha forçada que ia fazer para o exército; e depois que a**

tropa saqueou o que pode conduzir, mandou por fogo ao acampamento, armazéns e depósitos, e tudo ficou reduzido a cinzas..."

Descreve os feitos de seus companheiros de armas, com inigualável precisão, demonstra ser bastante escrupuloso, pelo cuidado em identificar os fatos. Destaca a atuação de seus chefes como: Marques de Alegrete, o General Curado, Oliveira Alves, Abreu, Silva Brandão e outros sempre de maneira acurada, mas como era costume, pródigo em elogios.

O realismo de seus escritos surpreende, a documentação farta e comprobatória está anexada em apêndice as suas memórias. A compreensão da campanha é notável, o cuidado didático e esclarecedor completa-se com a inclusão cartográfica das principais batalhas e seus esquemas.

Notas curiosas, em várias descrições de proezas bélicas, encontram o registro da presença de mulheres, na retaguarda para prestarem auxílio aos soldados feridos, acudirem em benefícios múltiplos desde a alimentação até favores mais escusos. De passagem Diogo Lara, se refere a essa presença feminina tão conhecida, entretanto destaca uma singularidade: **"Um exemplo novo de valor, e de heroísmo serviu para aumentar a celebridade da vitória gloriosa de Catalan: ele foi dado pela marquesa de Alegrete, tão ilustre por suas virtudes como por sangue: a presença do espírito varonil que patenteou no meio dos maiores perigos, e debaixo do fogo inimigo, e com que animava a todos, não foi menos admirável que a prática incansável da piedade, a que se entregou depois da batalha, em socorro dos feridos, sem distinção de amigos, ou inimigos."**

Encontrava-se, o Capitão Diogo Arouche de Moraes Lara, entre os combatentes componentes da Legião de São Paulo, quando se feriu o sanguinolento combate de Catalan. **"O Comandante Marques de Alegrete, e seu exército composto por 1.200 paulistas das três armas e 1.200 cavalarianos gaúchos, marchava na margem esquerda do Quaraim, junto ao arroio de Catalan, quando enfrentaram os 3.400 uruguaios e argentinos de Entrerrios e Corrientes. Tratava-se do corpo principal do exército artiguista, sob o comando de Andrés Latorre. Este, desconhecendo que Artigas fora batido em Arapeí e se encontrava em retirada, dispunha a cumprir a parte a ele confiada no plano geral de hostilização ao exército de Curado. Os luso-brasileiros apoiaram no arroio Catalan a sua ala esquerda, com cavalaria e três canhões; na ala direita dispuseram os dragões e no centro a infantaria da Legião de São Paulo, com dois canhões. Latorre enviou quatro cargas seguidas contra o centro adversário que resistiu e desgastou o atacante. Já ao anoitecer, as alas fecharam-se sobre os orientais. Nesse momento regressando ao vitorioso encontro do Arapeí, chegou ao Catalan José de Abreu. Colheu desprevenida e destroçou a ala esquerda de Latorre. Os Uruguaios assim colhidos refugiaram-se em um bosque e ofereceram desesperada resistência, principalmente com arma branca, aos infantes e cavalarianos que os foram enfrentar." Aí morreram, muitos dos nossos paulistas, e foi apenas na noite alta que conseguimos, a baioneta, expugnar e limpar o bosque. O Marques de Alegrete, distingue o cronista da campanha, para receber a rendição dos sobreviventes e atender aos feridos. Ele assim descreve esse episódio: "Novecentos mortos, inclusos vinte oficiais, duzentos e noventa prisioneiros, dentre os quais sete oficiais, dois canhões, uma bandeira, sete caixas de guerra e outros instrumentos de música marcial, seis mil cavalos, seiscentos bois, muitas espingardas, lanças, espadas, arreios de montaria e munições, foi a perda do inimigo nessa batalha, certamente a maior e mais sanguinolenta até então havida nesta campanha".**

Para efeito de comparação as perdas dos vencedores foram: **"Setenta e oito mortos, inclusive cinco ótimos oficiais; e teve cento e quarenta e seis feridos"**

Percebe-se neste último relato, que era muito bem aceito pelas camadas de hierarquia superior, e que estes o designavam para serviços que requeriam cuidados especiais, em outras palavras muita diplomacia e respeito humano.

Verificamos que concebia a História como uma forma de aprendizagem, a semelhança do célebre jurisconsulto romano Cícero, que a definia como **"Magistrae Vitae"**, a Mestra da Vida. Referindo-se principalmente aqueles que distinguiram na Campanha de 1816 nos campos do sul**: "só deixaram motivo para imitação e eterna memória da sua honradez e briosa conduta"**

A leitura atenta desta Memória revelou-nos alguns detalhes sobre seus companheiros, e que diz muito a respeito da História de Sorocaba. Não nos passou desapercebido a presença entre os combatentes**, na infantaria da Legião de São Paulo, do Tenente Boaventura do Amaral Camargo,** que se destaca no combate de Catalan, e mais tarde vai ser o grande herói do Massacre de Venda Grande (07.06.1842). E como componente do **Regimento do Rio Pardo, encontra-se o sorocabano, Tenente-Coronel Bento Manoel Ribeiro,** que vai sobressair-se nos combates de Sant'Ana, Ibiraocay, Carumbé e Catalan, referentes à guerra de Artigas, mas que chegará ao posto supremo de Marechal de Exército.

Em síntese, a única obra que nos deixou, **"Memória da Campanha de 1816"**, trata-se de um testemunho fundamental para entendemos algumas ações acontecidas na guerra contra Artigas. Rascunhada ainda durante a refrega, sendo redigida um ano após (1817). Patenteia ela o tipo de Comandante que foi, sempre atencioso para com seus subordinados, em atitude às vezes ate mesmo paterna. Demonstra pelo contexto de suas idéias, ser um homem afinado com a sua época. O testemunho deixado por sua pena, é mais uma confirmação sobre a heroicidade dos componentes da Legião de São Paulo, que tudo fizeram para manter integro o território pátrio.

Como não é possível apartar as influências da família na formação dos homens, daí o sempre procuramos ilações entre o indivíduo e aquele que lhes são mais próximos, com a finalidade de entendermos certos comportamentos. Ora o mesmo se dá com Diogo Arouche de Moraes Lara, cujos troncos familiares: os Laras; os Moraes; os Toledo Arouche encontram-se

Descritos pelos maiores genealogistas.Basta folhear um Pedro Taques ou um Silva Leme e ali encontramos marcas da presença destes notáveis.

Seguindo as pegadas de nosso antecessor o Dr. Hernâni Donato, que descobre a genealogia do Patrono, damos destaque, há pelo menos dois nomes, em ascendência direta, o avô e o pai. O avô, **Agostinho Delgado Arouche (+/09/1764),** foi escrivão da ouvidoria geral da Capitania de São Paulo, tesoureiro da fazenda de defuntos e ausentes, guarda-mor das minas de ouro de Parnaíba, e pertenceu à milícia da capitânia paulista, onde chegou a Mestre-de- Campo do terço auxiliar de São Paulo, o equivalente ao posto de Coronel, denominação essa utilizada após a Carta Régia de 29 de outubro de 1749. Não sabemos se chegou a utilizar o título de Tenente-General, com forme determinação do Decreto de 05 de abril de 1762, em razão da proximidade da data de seu falecimento.

O grande historiador Affonso d.'Escragnolle Taunay, divulgou um seu retrato, usando farda, em seu livro **"História da Cidade de São Paulo"**. Essa apresentação; e a mais antiga representação que se conhece de um paulista uniformizado, não eclesiástico.

Seu pai foi **José Arouche de Toledo Rendon,** um paulista dos mais enaltecidos. Nascido em São Paulo, em 1765, foi como muitos jovens brasileiros

para Portugal, onde se formou em Direito (1779) na célebre Universidade de Coimbra, e retornou à terra natal para importante desempenho. Ingressou no Exército onde chegou ao posto de Tenente-General. No ano de 1822, por ocasião de nossa Independência, era o Comandante de Armas de São Paulo. Sua atuação ímpar junto aos grupos intelectuais, lhe forneceu o privilégio de ser o organizador e primeiro **Diretor da Academia de Ciências Sociais e Jurídicas de São Paulo**, hoje **Faculdade de Direito de São Paulo**. Foi membro de destaque do Conselho do Governo e do Conselho geral de província. Nestas rápidas lembranças, devemos nos recordar que José Arouche de Toledo Rendon, por diversas vezes, esteve aqui em Sorocaba, onde desempenhou importante função na Junta Diretora que instalava a Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema. Participava, portanto, dos grandes anseios de tornar o Brasil independente economicamente pelo domínio da técnica siderúrgica. Aqui manteve contato constante com o Antonio Francisco de Aguiar, tesoureiro da Fábrica, e depois com o filho deste, o futuro Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, que se tornaria Presidente da Província de São Paulo e foi o criador da atual Polícia Militar do Estado de São Paulo. Teve também grande amizade pelo Engenheiro Frederico Luiz Guilherme de Varnhagen, a quem decididamente apoiou e quando Diretor da Fábrica, construiria os primeiros altos-fornos do Brasil. Conheceu ainda menino, a Francisco Adolfo de Varnhagen, aquele que viria a ser o **"Pai da História do Brasil"**, o Visconde de Porto Seguro. Como é possível hoje lançarmos um olhar sobre esse ambiente passado e observar nele todos aqueles nuances que se tornariam concretos e legítimos anseios para a construção de uma nova Nação, graças ao conjunto destas colaborações. Arouche entrementes daria ainda contribuição muito mais ampla, quando São Paulo, percebendo o impasse político no qual poderia resultar no simples retorno ao colonialismo português, entregou a este a incumbência de, ao lado de José Bonifácio de Andrada e Silva, levar ao Príncipe Regente Dom Pedro, o nosso apoio. Como resultante, foi o Dia do Fico. Das suas atividades inúmeras, destacamos ainda outras, para mostrar o espírito criativo, empreendedor, progressista, que contribuiria para a formação do menino Diogo.

Cresceu nesse ambiente exemplar, onde os contatos com seus parentes notáveis refletiram em sua conduta como intelectual e soldado. Foi José Arouche, um dos primeiros a tentar a introdução entre nós do cultivo do chá, o fez em sua propriedade, bem no vale do Anhangabaú, onde hoje se encontra o viaduto do chá. Espírito liberal e humanista, contrariando os costumes de sua época, defendia os indígenas, legando-nos um planejamento para **"melhorar a sorte dos índios"**. Em virtude do desempenho de atividades públicas e, como servidor da coroa, deixou dezenas de **"memórias"**, muitas delas contribuíram para importantes decisões dos Capitães Generais, e Presidentes da Província. Recebeu a visita da parca em 1834.

É de meu antecessor a justificativa do patrono: **"Ninguém mais talhado do que Diogo Arouche de Moraes Lara, para servir de patrono de uma cadeira de Academia que sendo de História Militar requer igualmente habitualidade e experiência no exercício de bem transmitir com seriedade, propriedade, atratividade e crônica dos grandes eventos e dos grandes homens. Ele fez muito bem tudo o que fez. Amou até a exacerbação a sua Pátria, cultivou com evidente desvelo o seu idioma e a técnica – arte de bem escrevê-lo, dedicou-se com afinco às virtudes que fazem os bons soldados; apiedou-se do inimigo posto ao solo; enobreceu a farda, honrou o nome, a lei, o rei."** Tendo por modelo, a vida e obra deste brioso soldado / escritor, que tomamos hoje por

Patrono, procuraremos distinguir a Academia com o melhor de nossas forças produtivas.

Referências:

BARROSO, Gustavo (João do Norte) – A guerra de Artigas 1816-1820, São Paulo : Ed. Nacional, 1930.

DONATO, Hernâni – Discurso de elegia ao seu Patrono Diogo Arouche de Moraes Lara, manuscrito, s/d.

---------- - Curriculum Vitae de Hernâni Donato.

---------- - Dicionário das Batalhas Brasileiras (dos conflitos com indígenas aos choques da reforma agrária (1996), Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército Ed. São Paulo : IBRASA, 2001 (Bibliex: 712. Coleção General Benício)

FRAGOSO, Tasso (Gen.) - "A Batalha do Passo do Rosário", Rio de Janeiro : Biblioteca do Exército, 1951.

HISTÓRIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, perfil militar de um povo, 3 vols., Brasília, Rio de Janeiro : Ed.do Estado Maior do Exército, 1972

LARA, Diogo Arouche de Moraes – Memória da Campanha de 1816, in Revista do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro, Tomo VII, n.º 26 – Julho de 1845, p.: 123 a 170, terceira edição, Rio de Janeiro ; imprensa Nacional, 1931, p.: 123 a 170.

---------- - Apêndice à Memória da Campanha de 1816, in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo VII, n.º 27 – outubro de 1845, p.: 263 a 317, terceira edição, Rio de Janeiro ; imprensa Nacional, 1931, p.: 363 a 317

MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo – Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo: seguidos da Cronologia dos Acontecimentos mais notáveis desde a fundação da Capitania de São Vicente até o ano de 1876, Belo Horizonte :Ed. Itatiaia ; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980 – v.2

4- LEITURA DO QUE CONSISTE A ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL PELA ESTAGIARIA NO IHGG DE SOROCABA

Fundada em Resende, A Cidade dos Cadetes, há 8 anos, em 1º março 1996, aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na AMAN. A **Academia de História Militar Terrestre do Brasil,** ou simplesmente AHIMTB, desenvolve a História das Forças Terrestres do Brasil: Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças auxiliares e outras forças que as antecederam. Possui sede e foro em Resende, mas de amplitude nacional, tem como patrono o **Duque de Caxias** e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares, como os marechais **José Bernadino Bormann**, **José Pessoa, Leitão de Carvalho, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco e generais Tasso Fragoso, Alfredo Souto Malan e Aurélio de Lyra Tavares, Valentim Benício.** Foram consagrados em vida como patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços à História Militar Terrestre do Brasil, os generais **A. de Lyra Tavares**, **Jonas de Moraes Correia**, **Francisco de Paula Azevedo Pondé**, **Severino Sombra** e **Umberto Peregrino**, o Almirante **Hélio Leôncio Martins** e os coronéis **Francisco Ruas Santos, Jarbas Passarinho** e **Helio Moro Mariante da Brigada Militar RGS**. Figuram como patronos civis **Barão do Rio Branco, Dr Eugênio Vilhena de Morais, Gustavo Barroso, Pedro Calmon** e **José Antônio de Mello** pelas contribuições à História Militar Terrestre do Brasil. Entre os fatores da escolha de Resende ressalta ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar que hoje ministra a seus cadetes nos 2 º 3 º e 4 º anos, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil. A

Academia possui como órgão de divulgação o jornal **O GUARARAPES** já no seu numero 42 que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica. Divulgação que potencializa através de sua Home page - já perto de 30.000 visitas..A Academia desenvolve seu trabalho e duas dimensões: **1ª**,a clássica como instrumento de aprendizagem em Arte Militar com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas etc A **2ª** com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que colocados à disposição das lideranças civis estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Civil Brasileira.

A Academia dá especial atenção à Juventude masculina e feminina estudando nos sistema de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, om vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e as atuais de historiadores militares terrestres e soldados terrestres e, além, tentar despertar no turbilhão da hora presente, de ingresso no insondável 3º milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e sobretudo estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação!. É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e a perspectiva históricas das mesmas e, além, as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas o que se impõe a uma grande nação, potência, ou grande potência do 3º Milênio. No desempenho de sua proposta ela vem realizando sessões junto a juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica e Polícias Militares que vem progressivamente mobilizando e integrando em sua cruzada cultural e centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, junto a AMAN.

Outra finalidade da Academia e enfatizar para os jovens com os quais contata a importância da História do Brasil e a de sua subdivisão - A História Militar Terrestre do Brasil. A primeira como a mãe da identidade e perspectiva históricas do Brasil e, a segunda como mãe da identidade e perspectivas históricas das forças terrestres brasileiras no contexto das do Brasil e, como em todas as grandes nações, potências e grandes potências mundiais, Isto por ser subsidiária de soluções táticas, logísticas e estratégicas militares brasileiras que nos últimos 500 anos foram responsáveis, em grande parte, pelo delineamento, conquista, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais. Soluções capazes de contribuírem para o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, com progressivos índices de nacionalização, como a sonharam o Duque de Caxias e os marechais Floriano Peixoto e Humberto Castello Branco etc..

Complementarmente procura a Academia apontar aos jovens ,seu público alvo, os homens e instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil e seus desdobramentos com o apoio na análise racional e não passional de fontes históricas, integras, autênticas e fidedignas, que com grandes esforços garimpam, ao invés das manipulações históricas predominantes entre nós feitas por historicidas, fruto das mais variadas paixões, fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. E se os jovens disto se convencerem e exercerem o seu espírito crítico será meia batalha ganha.

A Academia vem atuando em escala nacional com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de sócios e já possui em Brasília ,junto ao Colégio Militar, funcionando a sua Delegacia Marechal José Pessoa e instalou no Colégio Militar de Porto Alegre a Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara e, em Fortaleza a delegacia Cel José Aurélio Câmara. E no Rio de Janeiro no IME, a Delegacia Marechal João Batista de Matos e em Curitiba a Delegacia Gen Luiz Carlos Pereira Tourinho. E em São Paulo as delegacias Cel Pedro Dias de Campos voltada para História da PMSP e ao abrigo da Associação de Oficiais da Reserva da Policia Militar de São Paulo cujos quadros contam com dois acadêmicos e seus presidente e vice presidente e mais as Delegacias Gen Bertholdo Klinger abrigada no QG da 2ª DE e a Mal Mario Travassos em Campinas. Em Pelotas possui a Delegacia Fernando Luis Osório homenagem ao grande historiador militar neto do General Osório. Em Caxias do Sul a Delegacia Gen Morivalde Calvet Fagundes grande historiador da Revolução Farroupilha e ao abrigo do Grupo Conde de Caxias, em Mato Grosso do Sul a Delegacia Gen João Severiano da Fonseca, em Santa Maria a Delegacia Tem Cel BMRS José Luiz Silveira e, a partir de hoje aqui em Sorocaba, a Delegacia Aluizio de Almeida. Este é em síntese o perfil da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que pretende ser um forum cultural para o debate de assuntos históricos de natureza doutrinária e em especial para militares da Reserva das Forças Terrestres do Brasil para aproveitar as valiosas experiências que colheram em suas vidas na caserna . A Academia completou 8 anos. E já orgulha de haver muito realizado .Seu sucesso continuado depende do empenho, solidariedade e vontade cultural de seus membros e da sensibilidade das lideranças de nossas Forças Terrestres em apoiar e estimular a iniciativa de grande beneficio e insignificante custos a serviço do objetivo atual nº 1 do Exército.

5- APRESENTAÇÃO PELO ACADÊMICO E DELEGADO DA AHIMTB EM SOROCABA, ADILSON CEZAR DE SÍNTESE DA VIDA E OBRA DO PATRONO DESTA DELEGACIA ALUIZIO DE ALMEIDA.

Ele nasceu Aluizio de Almeida nasceu no dia seis de novembro de 1904, em Guareí, filho do Coronel Aníbal Castanho de Almeida e da professora de primeiras letras, Ana Cândida Rolim.

Fez o curso primário em sua terra natal. Aos 12 anos ingressou no Ginásio Diocesano de Botucatu. Deste passou para o Seminário Diocesano, onde de 1918 a 1924 cursou o Ginásio, recebeu a ordenação sacerdotal, celebrando no dia seguinte sua primeira missa na Igreja Catedral de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba. Nos anos de 1927 a 1929, exerceu as funções de Secretário do Bispado, residindo junto ao Palácio Episcopal. Em 1929, foi nomeado pároco em Itararé, permanecendo aí até 1930, quando foi transferido para ser coadjutor na Matriz de Nossa Senhora dos Prazeres em Itapetininga e no final desse ano tornou-se pároco de Guareí. No ano de 1933, foi nomeado para ser coadjutor na Catedral de Sorocaba, atendendo também a paróquia do Bom Jesus dos Aflitos, como Secretário da Diocese. Nomeado em 7 de outubro de 1933, o quinto vigário da Matriz do Bom Jesus dos Aflitos, no Além Ponte. Foi reitor do Seminário Diocesano São Carlos Borromeu, de 1940 a 1944. Nesse período agravou-se a sua saúde, acometido de uma moléstia incurável, que o perseguia desde a mocidade: inflamação da ponta dos nervos e esclerose em placas.

Doente, retirou-se para o aconchego do lar, no sobrado que seu pai construiu na rua Dr. Ruy Barbosa, 84, hoje Casa de Aluísio de Almeida, e aí celebrava missas, recebia inúmeros amigos e dedicou-se a escrever. A maioria de seus livros e artigos,

foi assinada com o pseudônimo de Aluísio de Almeida, embora também tenha adotado outros e muito raramente usava o próprio nome.

Seus artigos contam-se aos milhares, publicados em revistas especializadas como as do **Arquivo Municipal de São Paulo**, de **História da USP**, **Vozes** e outras; jornais da localidade e da capital como o **Estado de S. Paulo** e o **Correio Paulistano**. Publicou vinte e dois livros e deixou alguns inéditos. Entre os títulos publicados destacam-se: **Gema Galgani**, **D. Lúcio**, **Sorocaba 1842**, **Luiz Matheus Maylasky** (co-autoria com Antônio Francisco Gaspar), **Rafael Tobias de Aguiar**, **A Revolução Liberal de 1842**, **50 Contos Populares de São Paulo**, **Contos do Povo Brasileiro**, **História de Sorocaba** - 2 volumes, **O sacerdote Diogo Antônio Feijó**, **142 Histórias brasileiras colhidas em São Paulo**, **Velhas e Novas Anedotas, São Paulo, Filho da Igreja**, **Campina de Monte Alegre** (romance), **História de Sorocaba para as crianças**, **O Tropeirismo e a Feira de Sorocaba**, **História de Sorocaba**, **Vida e Morte do Tropeiro**, **A Diocese de Sorocaba e seu primeiro Bispo**, **Brasil de Nossa Senhora**, **Vida quotidiana da Capitania de São Paulo**, **Guareí, nossa terra**.

Foi Historiador, Genealogista, Folclorista, Biógrafo, merecendo pelos seus trabalhos o epíteto de "**Pai da História de Sorocaba"**. Com relação à sua obra folclórica, Luiz da Câmara Cascudo deu-lhe o cognome de **"Mestre Aluísio"** e a declaração que **"os seus livros constituem documentário de inesgotável valimento para a interpretação da mentalidade popular"**. Sua obra folclórica mereceu traduções para o alemão e espanhol. Pertenceu a muitas associações de caráter cultural e científico, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de São Paulo, de Santos, membro da Academia Paulista de História, do Ateneu Angrense de Letras e Artes. Recebeu condecorações como a Medalha do Patriarca (José Bonifácio de Andrada e Silva) do Instituto Histórico e Geográfico de Santos, o Troféu Tropeiro da Fundação Ubaldino do Amaral, entre outras.

Foi o idealizador e fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e para ele criou o lema **"Sorocabae Rervm Gentisqve Cvltvs in Aevvm"** — **Culto das Coisas e da Gente de Sorocaba para Sempre**. Faleceu aos 28 de fevereiro de 1981, em Sorocaba.Sorocaba (SP.) 07 de agosto de 2004**.**

6-PALAVRAS FINAIS DO PRESIDENTE DA AHIMTB CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO

É com grande vibração cívica e honra, que a nossa Academia de História Militar Terrestre participou hoje, nas instalações da 14º Circunscrição do Serviço Militar do Exército Brasileiro, e no contexto das comemorações dos 350 anos de Sorocaba e 50 anos do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, com a realização de uma sessão solene, onde empossou, como seu novo acadêmico e como o seu delegado em Sorocaba, o Professor Adilson Cezar, atual presidente do atuante Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba, que este ano, repito, comemora 50 anos de fundação, e em memória do seu fundador o Monsenhor Luiz Castanho de Almeida, mais conhecido em sua obra histórica por Aluisio de Almeida, a quem tive o privilégio de aqui visitá-lo e conhecê-lo em 1977.

Em 1977, já sócio do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, onde tomei posse, tendo como patrono o Tenente Coronel Diogo Arouche de Morais Lara, paulista, paulistano e considerado o primeiro historiador militar terrestre do Brasil Nação, como Reino Unido, aqui vim visitar o Monsenhor Luiz Castanho, em companhia do saudoso amigo Venício Stein Campos, o semeador de museus paulistas. Meu objetivo, naquela ocasião, era saber de Aluisio de Almeida os locais utilizados para pousos, entre São Paulo e Porto Alegre, em 1775, da Legião de São

Paulo enviada ao Sul a, para ajudar no esforço de guerra, para expulsar os espanhóis do atual Rio Grande do Sul, do qual dominavam cerca de três quartas partes. Estudo que concluímos e foi publicado no **Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná** em 1978 sob o título: " A Participação de São Paulo e do Paraná na Guerra de Reconquista do Rio Grande do Sul aos espanhóis 1774-76.

Fiquei impressionado com sua disposição de ajudar: deslocando-se com dificuldade, usando uma cadeira como andador e, mais impressionante, o seu esforço para ler, o que fazia aproximando o texto bem junto da vista esquerda. Qual não foi a minha surpresa quando, em 1978, já instrutor de Historia Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, recebo enorme carta por ele manuscrita, imaginando o sacrifício que havia feito para escrever cada letra, ao aproximar dela sua vista a cerca de um centímetro.

Preocupado e consternado agradeci sua heróica atenção em carta datilografada em letras maiúsculas, para tentar facilitar sua leitura.

Esta carta, mais tarde enviada ao Professor Adilson Cezar, foi paleografada e nela pude confirmar preciosas informações do histórico caminho dos tropeiros entre Porto Alegre e Sorocaba.

Mal podia imaginar que vinte e sete anos depois, como instrumento de justiça na voz da História, eu viria a Sorocaba nos seus 350 anos e nos 50 seu Instituto, para instalar **a Delegacia "Aluisio de Almeida"**, homenageando o maior historiador da **Revolução Liberal de 1845 e Pai da História de Sorocaba** cuja identidade histórica ele preservou e imortalizou com seus trabalhos.

Hoje pudemos levar aos presentes nesta sessão, através da sua oração de abertura, e da leitura do que consiste a Academia e o que ela objetiva ao desenvolver a História Militar Terrestre do Brasil como instrumento valioso, a contribuir para o desenvolvimento de uma Doutrina Militar genuinamente brasileira, como são exemplos as vitoriosas guerras de resistência desenvolvidas contra os Holandeses no nordeste, na forma da Guerra Brasílica, e no sul, contra os espanhóis, na forma de guerra à gaúcha, nas quais paulistas constituindo. tropas denominadas Aventureiros Paulistas tiveram notável participação desde a Guerra Guaranitica 1752/56 no Rio Grande do Sul, na qual formavam na Vanguarda, ao modo hoje de função reservada aos engenheiros de combate na missão de facilitar o movimento amigo e dificultar o do inimigo.

Hoje, aqui nos 350 anos de Sorocaba, quero registrar a seguinte singularidade tratando-se de História Militar Terrestre: A esmagadora maioria de acadêmicos é militar, exceção feita ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — mais como homenagem indireta ao consagrado historiador Pedro Calmon — e a Hernâni Donato, principalmente por seu precioso **Dicionário das Batalhas Brasileiras** e seus estudos sobre a **Revolução Contitucionalista de 1932**, razão esta de haver sido o primeiro historiador civil a ser consagrado e empossado Acadêmico Emérito no CPOR/São Paulo, no mesmo dia em que estava sendo empossado como seu correspondente em Sorocaba, o acadêmico Professor Adilson Cezar, por suas marcantes contribuições à História Militar Terrestre, e coordenando a edição de preciosa **Revista do bicentenário da Revolução Liberal de 1842** — tão valiosa como fonte histórica ,quanto a obra de Aluisio de Almeida em 1992, nos comemorações dos 150 e cinqüenta anos da Revolução Liberal em São Paulo e em Minas.

Resta-nos agradecer a presenças de todos nesta sessão solene que faço votos entre para os Anais da Historia de Sorocaba e de São Paulo, pois nela foram alvos de homenagens quatro grandes historiadores militares de São Paulo: o Tenente

Coronel Diogo Arouche Moraes de Lara, filho do Doutor e Tenente General Arouche, que fundou e dirigiu a Escola de Direito de São Paulo, Aluisio de Almeida, Hernâni Donato e Adilson Cezar.

Sobre o heróico patrono Tenente Coronel Diogo, morto em combate na 2ª Guerra contra Artigas em 1819, na frente de seu Regimento, cabem as palavras de Péricles, filósofo e estratego grego que criou a Democracia e cujo século em viveu recebeu o nome de Século de Péricles :

"Aquele que morre pela Pátria faz mais por ela , naquele momento, que todos os demais, em todas as suas vidas."

Agradeço finalmente ao Coronel Domingues de Abreu Vasconcellos Neto. Delegado de Honra da Delegacia Aluizio de Almeida e meu aluno de História Militar em 1978 e 1979 na AMAN e a sua dedicada equipe, por haverem facultado as instalações da 14º Circunscrição do Serviço Militar do Exército Brasileiro para a realização desta Sessão Solene de Instalação da **Delegacia "Aluisio de Almeida" da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.**

Não posso aqui deixar de me referir aos ilustres sorocabanos, General Bento Manoel Ribeiro e a seu irmão Gabriel Ribeiro, aos quais muito devem os brasileiros: os territórios dos Sete Povos das Missões e o antigo Distrito de Entre Rios, conquistados à a ferro e a fogo , a partir de Alegrete, no Rio Grande do Sul. General Bento Manoel injustiçado na História do Rio Grande do Sul e linchado moralmente na Minisérie da Globo A Casa das sete mulheres, mas que em realidade foi um grande general conforme o defendeu Osvaldo Aranha e também o fizemos em nosso livro **O Exército farrapo e os seus chefes .Rio de Janeiro:BIBLIEx,1991.v.1.**

E assim procurando ser um historiador na feliz definição em São Paulo de Yone Quartin:

" O Historiador força a porta do passado, e se nele consegue penetrar, junta todos os cacos que encontra para recompor as peças que um dia foram inteiras. Boa paciência, habilidade, vocação e honestidade impedirão que ele cole a estatua com a cara para trás.".

E a estatua do sorocabano Bento Manuel Ribeiro tem sido colada de cabeça para trás e de cabeça para baixo, o que afirmo como presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul e da Academia Piratiniense de História, onde ocupamos a cadeira General Bento Gonçalves da Silva, que fez o possível para o conservar nas hostes farrapas , mas não o conseguiu por culpa de um grande burrada da burocracia da República Rio Grandense em Piratini .

NOTA IMPORTANTE:O elogio do acadêmico Adilson Cezar sobre seu patrono o Ten Cel Diogo de Arouche Morais Lara retifica alguns aspectos focalizados no **Guararapes 42** de que este é um Aditamento. A reconstituição histórica é o resultado de aproximações sucessivas, no caso iniciada por nós ao o recebermos como nosso patrono no IHGSP, depois por Hernâni Donato, ao tomar posse em cadeira na AHIMTB, tendo o Ten Cel Diogo como patrono, e agora bastante ampliada pelo acadêmico Adilson Cesar. O Ten Cel Diogo era um herói esquecido, como o é a Legião de São Paulo com a qual seguiu para o Sul, e que mereceu de nos na **História da 3ª Região Militar** v.1 uma síntese **A Legião Esquecida**.

Nº43 – Out/Dez 2004 – Cel Cláudio Moreira Bento

HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE CRÍTICA DO BRASIL E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A PROFISSÃO SOLDADO E PARA O EXÉRCITO COMO FORÇA OPERACIONAL

A História Militar Critica é a História que interessa ao profissional militar em geral, em todos os escalões, com instrumento precioso de aprendizagem da Arte e Ciência Militar, com apoio em experiências vividas, especialmente no campo de batalha, por profissionais militares.

Em síntese, a História Militar Crítica é a História do Soldado, e em particular a do chefe em todos os escalões, bem como do pensador e do planejador militar com vistas ao desenvolvimento progressivo de uma Doutrina Militar, ou de adaptação de uma Doutrina Militar importada às realidades operacionais de determinado pais.

E isto foi o que fez o Duque de Caxias, ao adaptar, em 1862, a Doutrina do Exército de Portugal, grandemente influenciada pela Doutrina do Exército da Inglaterra, às realidades operacionais do Brasil e da Região do Rio Prata que ele vivenciara, inicialmente no comando da Policia Militar da Corte, quando protegeu o Poder Central durante o agitado período Regência, e depois nas pacificações do Maranhão, de São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e na Guerra contra Oribe e Rosas 1851/52 de onde ele trouxe e adotou, como Ministro da Guerra, as estruturas subordinadas ao Ajudante General do Exército, encarregado da parte operacional da força e a do Quartel Mestre General, encarregado da parte Logística da força. Estruturas que existiram até a criação do Estado- Maior do Exército.

E foi com a doutrina militar que Caxias adaptou em 1862 às realidades operacionais brasileiras que as Forças Terrestres do Brasil enfrentaram a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, sem que se registrasse queixas de que a mesma não tenha correspondido então.

A História Militar Crítica lamentavelmente, via de regra, tem sido confundida entre nós, com a História Militar Descritiva que consiste numa reconstituição de um fato histórico com o máximo de detalhes possíveis. Exemplos: um combate, uma batalha, uma manobra etc sem se entrar no mérito e evidenciar lições de Arte e Ciência Militar neles contidas etc.

E isto é tarefa para historiadores com cursos em faculdades e não para soldados. A estes cabe pragmaticamente transformar reconstituições históricas em lições de Arte e Ciência Militar, a luz de fundamentos de crítica da profissão Soldado, tais como Princípios de Guerra, Manobra e Elementos, Fatores da Decisão Militar, Elementos do Fator Militar Princípios de Liderança, Campos da Doutrina Militar(Organização, Equipamento, Instrução, Motivação e Emprego da força) e muitos outros que abordamos em nosso manual **Como estudar, pesquisar a História do Exército Brasileiro.** Brasília - EME/ AHIMTB/ EGGCF, 2000 - 2 º ed.

Em princípio todo o oficial de Estado- Maior deve ser um historiador militar critico pragmático, capaz de retirar e absorver lições de Arte e Ciência Militar de reconstituições históricas feitas por historiadores profissionais formados em faculdades e que possuem técnica para tal.

Para Oficiais de Estado- Maior fazer reconstituições históricas profissionalmente teria que possuir curso de História em Faculdade, salvo raras exceções. E dentro de sua carreira de cerca de 30 anos desviar sua atenção pôr 5 anos para uma Faculdade de História ou cursos de História Descritiva, as custas da força seria um desperdício. A não ser na inatividade.

Recordemos o que grandes cabos de Guerra mundiais mencionaram valorizando a História Militar Critica..

Jomini:

" O estudo da História Militar acompanhada de critica sadia, é na realidade, a verdadeira escola da Guerra."

Frederico o Grande:

"Eu estudo toda a espécie de História Militar desde César até Carlos XII. E a estudo com todas as minhas forças... "

E ao condenar a História Militar Descritiva que estava sendo ensinada ao seu filho, ao repreender o professor para que ensinasse História Militar Critica a seu filho.

"Não ensine História a meu filho como se ensina um papagaio o fazendo decorar e a repetir como um papagaio. Ao contrário, faça-o raciocinar e tirar lições e conclusões objetivas" ,

Napoleão:

" O conhecimento superior da Arte da Guerra só se adquire pela história das guerras e das batalhas dos grandes Capitães . Façam a guerra como Alexandre Aníbal, César, Gustavo Adolfo, Turenne, Frederico o Grande, Eugênio. Leiam e releiam criticamente a História de suas campanhas e guiem-se por elas. Eis o único meio de se fazer um grande General e aprender os segredos da Arte da Guerra."

Molke , o Velho:

" A História Militar por dominar inteiramente a conduta pratica da Guerra é uma fonte inesgotável de lições de Arte Militar**."**

Ferdinand Foch:

"Para sustentar em tempo de paz, o cérebro (comando) de um Exército para prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma Guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações de que o livro da História Militar**."**

General Patton:

"A leitura objetiva (isto é critica) da História Militar é condição de êxito para militar. Deve este ler criticamente biografias, autobiografias de chefes militares . Quem assim proceder concluíra que a guerra é simples."

E esta a idéia do que consiste História Militar Critica que em geral entre nós e confundida e ministrada como História Descritiva inconseqüente para o desenvolvimento do instruendo ou o do leitor em Arte e Ciência Militar ou, para a profissão soldado, em razão do seu desprestígio como balela pelas gerações anteriores ao ano de 1950, as quais via de regra foi-lhes ministrada História Militar Descritiva ao invés de História Militar Crítica.

Toda a instrução e ensino militares sintetizam ensinamentos resultantes da pesquisa e estudo critico da História Militar, levado a efeito por chefes, planejadores, pensadores e historiadores militares críticos na História Militar da Humanidade ou, na de um pais considerado.

O conteúdo da instrução militar é fruto, em grande parte, da experiência adquirida no campo de batalha. Em última análise, obtida na História Militar Critica.

Portanto o laboratório mais completo da Doutrina Militar é o Campo de Batalha.

Recordemos como chefes militares brasileiros contemporâneos se manifestaram em relação a importância da História. O Gen Ex Aurélio de Lira Tavares no Instituto Histórico e Geográfico em 12 dez 1966, como sócio da casa e um ano antes de ser o 1º Ministro do Exército do Brasil, pois antes esta função era denominada Ministro da Guerra.

" Há um sentido mais nobre e mais alto no estimular os esforços dos que se dedicam ao estudo e pesquisa da História, guiados pela consciência do seu verdadeiro e grande papel na formação do espírito da coletividade...E é assim que entendem os povos zelosos de seus destinos... A História Militar Crítica é sem dúvida, o complemento obrigatório da preparação profissional do chefe e condutor de homens, destinado a guiá-los para a vitória, no comando de operações militares...A História Militar tem que ser elemento fundamental da Cultura do Chefe

Militar. Foi assim que sempre a entendi ! E foi por isso que me habituei a estudá-la e nunca deixei de estudá-la do primeiro ao último posto da hierarquia militar."

O Gen Ex Emílio Médici como Presidente da Republica em 1970 no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, (IHGB) em certa altura de seu discurso de posse como Presidente de Honra e que viabilizou, com empréstimo federal, as novas instalações da Casa hoje de justiça obra com o nome de seu construtor Pedro Calmon.Ele falou:

" Aqui também podemos afirmar que não se governa sem historiadores. E, nós os brasileiros podemos dizê- lo melhor do que ninguém. Pois pacificamente nenhum pais cresceu mais do que o nosso pela pesquisa e análise de nossos historiadores."

E creio que ali lhe veio a lembrança o grande historiador civil e militar o Barão de Rio Branco, que havia presidido o IHGB, onde foi admitido como sócio muito jovem.

Por mais de 35 anos o Exército confiou o ensino de História Militar na AMAN a oficiais instrutores com o Curso de Estado- Maior e mais capacitados a orientar o estudo critico da História Militar, por noções específicas lá adquiridas..

Em 1978/80 participamos de equipe na AMAN que com apoio financeiro do Estado- Maior do Exército preparou e foi editada pela AMAN, e expressivamente enriquecidas com novos assuntos, as obras **História da Doutrina Militar** e **História Militar do Brasil** 2 v. texto e mapas.

De nossa parte publicamos ainda com apoio do EME, o manual **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro,** já em 2ª edição e distribuído pelo EME as ECEME. EsAO, AMAN e a Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Eles foram a síntese de trabalhos de várias equipes de oficias de Estado- Maior instrutores de História Militar 1950/1978 onde se destacaram por seus conhecimentos inovadores de História Militar Crítica os hoje General Álvaro Cardoso e Coronel Francisco Ruas Santos.

Ao visitamos a Biblioteca da AMAN concluímos que aqueles dois primeiros livros citados continuam sendo distribuídos aos cadetes e onde eles podem aprender e praticar História Militar Critica, em razão dos citados livros abrigarem o processo de ensino para tal fim.

Em nosso tempo de cadete ainda predominava a História Militar Descritiva, com apoio em obras do General Cordolino de Azevedo que por cerca de 26 anos, 1923-49, fora instrutor de História Militar no Realengo e depois na AMAN. E o General Cordolino escreveu em setembro de 1949, ao deixar a cadeira de Historia, depondo sobre as grandes dificuldades que enfrentara e que merecem reflexão madura:

" Durante 26 anos fiquei a frente da Cadeira de História Militar ...No decorrer desse largo período foram várias as extensões dos programas. Estes sempre modificados. Ora por regulamentos que determinavam os assuntos e a maneira de transmiti-los. Ora por determinações expressas de autoridades a que estava subordinado. Dai as profundas modificações na extensão e na natureza, as vezes inopinadas, sem tempo para coordená-las e transmiti-las com proveito. No tocante a História Militar do Brasil chegou-se a este extremo. Seu estudo compreendeu as vezes o início de nossa vide colonial as lutas contra as invasões estrangeiras, todas as nossas campanhas com os povos vizinhos, até 1º Março de 1870, em Cerro Corá. Vezes houve que de todo o nosso glorioso passado militar só se deveria estudar uma única campanha por ano letivo. Quanto a História Militar Geral seu estudo foi alvo de profundas modificações. Desde a Maratona até nossos dias, em alguns programas. Em outros, em dose mínima, o estudo de algumas companhas notáveis. Aconteceram que houve vezes em que se estudaram assuntos que em nada nos podiam interessar. Disto ficou alguma coisa de minha longa permanência na cadeira de História Militar. Daí os meus 2 livros agora publicados.."

Estes livros valiosos e objetivos em seu tempo foram reeditados pelo BIBLIEx, mas que não refletem História Militar Crítica e só podem servir como fontes de consulta.

A nós parece que melhor teria sido a reedição do dois livros de História Militar crítica editados pela AMAN em 1978 e fruto de 28 anos de pesquisas de História Critica realizadas por oficiais instrutores com o Curso de Estado- Maior. Mas estão eles gastos pelos 24 anos de uso e creio orgulhosos os que os elaborarem de missão bem cumprida, a qual se estendeu até a EsAO e ECEME, especialmente o original **História da Doutrina Militar.**

Hoje o ensino de História passa por uma fase de Modernização como todo o ensino no Exército, do qual desconhecemos detalhes e de como se desempenham no ensino de História Militar Crítica instrutores tenentes formados em faculdades de História, substituindo a tradição de 1950-80, cerca de 30 anos de oficiais instrutores com Curso de Estado- Maior.

E, no inicio da fase de oficias instrutores de História Militar na AMAN, com Curso de Estado- Maior, não se pode deixar de mencionar o vibrante e criativo Major Otávio Costa, cujas aulas eram muito esperadas e criativas, chegando ao ponto de, durante as suas aulas vibrantes de patriotismo, colocar ventiladores em locais discretos para fazer a bandeira nacional trapejar como se estivesse sendo soprada pelo vento. Ele ficou na lembrança de seus alunos que o recordam com carinho decorridos 50 anos.

No tocante ao estudo de Geografia Militar houve ao longo dos anos, salvo melhor juízo, um desvio do objetivo inicial com o qual o Coronel José Pessoa havia introduzido o assunto na Escola Militar do Realengo, com base no que constatara na Escola Militar da França que freqüentara em Saint Cyr, depois de haver combatido na 1ª Guerra Mundial no Exército da França, no comando de . um pelotão de soldados turcos incorporados num Regimento de Cavalaria francês. Geografia Militar, também tratada de Geobélica com o sentido de Geografia do Soldado, por estudar as repercussões do fator da decisão militar, o Terreno, nas operações militares, com a profundidade compatível com o escalão operacional considerado. Foi encarregado de ministrar o assunto o Tenente Coronel Francisco de Paula Cidade, grande estudioso que participara da **Revista Militar** criada na 3ª Região Militar em 1910 e depois como Jovem Turco da fundação da **Revista A Defesa Nacional**. Ele elaborou excelente e original estudo **Notas de Geografia Militar Sul Americana** em 1934, na Escola Militar do Realengo com apoio de seu comandante o Cel José Pessoa e foi reeditada pela BIBLIEx em 1942, depois de ele atuar como instrutor do assunto na ECEME até de lá sair para comandar a unidade de Infantaria em Corumbá, durante a Guerra do Chaco Paraguai x Bolívia.

Em 1966 a BIBLIEx publicou o seu valioso, original e pioneiro ensaio O Rio Grande do Sul –Explicação da História pela Geografia, **in: Dois ensaios de História**

E de lá para cá a Geografia Militar tomou outro caracter mais de Geografia Militar Econômica, visando o concurso para a ECEME, do que de Geografia Militar ou de Geografia do Soldado enfocada quanto ao fator da Decisão Militar- o Terreno (Observação, Cobertas e Abrigos, Campos de Tiro. Obstáculos. Vias de Acesso e Acidentes Capitais)conforme o escalão.

Creio que disto só restou o processo de Levantamento Estratégico de Áreas decorrente da aplicação no caso do **Discurso do Método de Descartes**, do qual também se origina o processo e não método de Estudo de Situação Militar. **Discurso do Método de Descartes**, que origina incontáveis processos de solução de problemas específicos e não **Métodos**, conforme aprendemos em Curso de Organização e Métodos no DASP em 1970.

Por oportuno outra idéia entre alguns colegas na ECEME em 1967/69 era de que a Doutrina Militar era algo rígido e imutável, mas depois, pesquisando o assunto entre pensadores militares mundiais chegamos a conclusão que uma Doutrina Militar de permanente só tem dois fatores, o homem e sua contínua mudança.

O citado livro do General Paula Cidade, **Notas de Geografia Militar Sul Americana** ao que consta, tiveram melhor aproveitamento nos exércitos sul americanos, pelo preciosos ensinamentos que ministravam, do que no nosso onde ele não teve, ao que parece, quem o substituísse e desse prosseguimento a este assunto relevante trazido da França pelo Cel José Pessoa e por ele introduzido na Escola Militar do Realengo.

Outro conhecimento que nos parece mereceria ser desenvolvido no DEP no setor de Pesquisa, seria a Geo História Militar Terrestre, ou seja a Geografia da História Militar Terrestre do Brasil, do que nos deu preciosas indicações o professor Floriano de Paula em seu estudo pioneiro na Universidade Federal de Minas Gerais, na sua preciosa obra **Geografia da História**. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG,1972, que mereceu do Major José Fernando Maia Pedrosa, então instrutor de História Militar na ECEME, nas orelhas ou abas da obra este comentário:

"Que o mestre professor Floriano de Paula sugeria em seu livro, a grande responsabilidade das gerações futuras, diante da incontestável importância do Brasil, na conturbada cena internacional, onde a ambição e os expansionismos de inspiração ideológica, ou não, ai estão de olho no nosso crescimento."

De lá para cá se passaram 32 anos e ao escrevermos para a ECEME, **Amazônia Brasileira- Conquista. Consolidação. Manutenção – História Militar Terrestre da Amazônia.1616- 2003**. Porto Alegre :AHIMTB, 2003, constatamos através de diversas fontes as enormes pressões internacionais denunciadas exercidas sobre a Amazônia pela ambição internacional. Constatar isto é fruto de simples verificação e raciocínio!

E neste caso me cabe lamentar a equivocada edição pela BIBLIEx por indicação de seu Conselho Editorial do livro de Jean Soublin, **História da Amazônia,** contendo diversas e graves deformações de nossa História, das quais cabe citar a falsa insinuação do Exército Brasileiro haver praticado um genocídio de índios Waimiris em 1974, se não bastasse o grande equivoco de já haver publicado, o livro **Cerne da Discórdia** e se antes não houvesse a BIBLIEx proporcionado o lançamento no Forte de Copacabana do livro **A Noite das grandes fogueiras**, de Gilberto Meireles. É difícil de se entender estas iniciativas que devem ter uma explicação de razão de Estado do Escalão Superior ao qual a BIBLIEx é subordinada. E por se falar em História Militar Crítica vale lembrar o trabalho conjunto do Cel Francisco Ruas Santos e do Major José Fernando Maia Pedrosa na obra:

ESCOLA DE ESTADO- MAIOR DO EXÈRCITO. **Marechal Castelo Branco seu pensamento militar**. Rio de Janeiro: Secretaria Geral do Exército, 1968.

Existem outros estudos de História Militar Terrestre Crítica entre eles nos vem a mente dos pensadores militares Cel João Batista Magalhães e do Cel Amerino Raposo Filho onde do último destaco **A Manobra na Guerra** que nos foi de grande utilidade como aluno da ECEME originário de uma arma de apoio e mais **Caxias e os problemas militares brasileiros**. Rio de Janeiro: Secretaria Geral do Exército, 1969, onde em seu capítulo VI aborda o relevante assunto : "Caxias o inspirador de nossa doutrina militar".

História Militar Crítica que desenvolvemos em nosso livro **As batalhas dos Guararapes**. **descrição e análise militar**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco,1971.2,v e ora reeditada pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil em comemoração ao 10 º Aniversário da criação do Dia do Exército.

Obra que elaboramos com apoio em conhecimentos de Arte Militar adquiridos em Curso da Escola de Comando e Estado- Maior do Exército 1967/69, aplicados a fontes históricas que lá encontramos sobre o tema.

E creio que militarmente foi muito enriquecedor da História Crítica Militar Terrestre do Brasil e até reveladora de um grande e valoroso soldado esquecido, o Sargento Maior Antônio Dias Cardoso, hoje nome de uma rua de bairro da AMAN e de uma das turmas dela egressas, além de patrono das Forças Especiais do nosso Exército.

Estudo crítico que revelou que os generais dos invasores na Europa tratavam a reação luso- brasileira original a base de guerrilhas de **Guerra Brasílica**.

E assim esperamos que neste artigo consigamos convencer os militares da importância prática para um Exército e, não só em teoria como ela é exaltada , da História Militar Critica e da necessidade de que os que a ela se dedicam sejam ouvidos e não como aconteceu com o General Cordolino de Azevedo, como se pode concluir de seu disciplinado desabafo que esconde muita informação e lições por detrás do que ele mencionou.

E isto interessa o nosso Exército, de igual forma como sempre interessou e foi usada por exércitos de grande nações, potências e grandes potências, na procura de estabelecer regulamentada, uma doutrina militar o mais genuína possível, compatível com o destino de grandeza do Brasil que hoje luta por um assento no Conselho de Segurança da ONU.

A nossa História Militar Crítica revelou que os grande problemas militares brasileiros foram enfrentados e solucionados por doutrinas originais desenvolvidas no calor da luta, como o caso da Guerra Brasílica contra o invasor holandês de 1624/1654, a Guerra a Gaúcha contra o invasor espanhol no Rio Grande do Sul de 1763/1776 e sem deixarmos de mencionar as lições da Guerra do Mato desenvolvidas por quase um século no Quilombo dos Palmares, por seus defensores e atacantes e vai por ai .Na Amazônia seguramente serão levantadas e desenvolvidas doutrinas militares originais para a sua defesa com apoio nas lutas que ali tiveram lugar . E doutrinas militares indígenas poderão ajudar na formulação da doutrina militar de Resistência que ali se esta se procurando implementar.

O historiador civil formado em Faculdades de História não possui as condições ideais de realizar História Militar Terrestre Crítica e sim fazer reconstituições de História Militar Descritiva para que o historiador militar crítico, com formação em Arte e Ciência Militar o faça ao nível dos cursos militares que possua e com mais profundidade os com cursos de Estado - Maior e CPAEx. Em 1972 o Estado- Maior do Exército através de sua Comissão de História do Exército reuniu em Brasília professores de História e Bibliotecários convidados em todo o Brasil para lhes ministrar um Curso de Pesquisadores de História das Forças Terrestres Brasileiras.

Creio que somente nós o aproveitamos pela vivência militar que eles não possuíam, ao contrário de nós que foi fácil adquirir noções de biblioteconomia que eles possuíam. Eles tinha dificuldades para saber o que era cantil, baioneta, bandoleira e vai por ai. E nenhum deles deu retorno aos ensinamentos pretendidos.

Na falta de um efetivo apoio editorial para historiadores militares brasileiros críticos em razão da BIBLIEx atuar como um Clube do Livro, cujo editorial penso seja função dos interesses dos seus associados e não dos interesses dos profissionais do Exército, assinalo como fato relevante a colocação na Internet , para consultas, as monografias elaboradas por alunos da ECEME e do CPAEx. Eu mesmo as referenciei pioneiramente em nosso citado trabalho **Amazônia Brasileira** as que tratam de assuntos militares referentes aquela estratégica área onde nosso Exército se faz cada vez mais presente.

E aqui concluo este artigo na esperança de que leitores interessados nos problemas do Exército o leiam e concluam o que pode dele ser deduzido e não abordado diretamente.

E o concluo evocando palavras dos Jovens Turcos que fundaram a Revista **A Defesa Nacional** há 91 anos expressas no Editorial do primeiro número da Revista, em 10 de outubro de 1913, e republicado pela **História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um povo** em 1972.v.2,p.805 e que em rodapé traz esta nota:"

"O Exército de hoje muito deve à campanha reformista desenvolvida por esta revista."

E em certa altura do Editorial que traduziu o programa dos Jovens Turcos se lê:

"Estamos profundamente convencidos que só se corrige o que se critica; e de que criticar é um dever; de que o progresso é obra dos dissidentes. Esta revista foi fundada, para exercer o direito que todos temos, de julgar as coisas que nos afetam , segundo o nosso modo de ver e de darmos a nossa opinião a respeito....

Em todas as coisas da vida e preciso não esquecer nunca a época em que elas foram feitas e o espírito que as ditou. Muito do que hoje nos parece deslocado e anacrônico, foi racional e aceitável a seu tempo, assim como o que hoje nos parece excelente será criticável amanhã."

È pois com este espírito que coloco o presente artigo a consideração dos leitores e pesquisadores interessados no melhor futuro do nosso Exército como instituição nacional permanente e força operacional. Leitores especialmente com responsabilidade de Estado pelos destinos do Exército, para prevenir que abrigue equívocos duradouros de difícil de percepção, como ocorreu com o histórico equivoco do Exército dominado pelo bacharelismo de 1974/1905, em detrimento do profissionalismo militar, como o registrou entre outros o Jovem Turco Marechal Estevão Leitão de Carvalho em suas **Memórias** e o General Tasso Fragoso, na apresentação de seu clássico **A Batalha do Passo do Rosário,** o que valeu ser considerado pelo então Chefe do EME General de Exército Antônio Carlos da Silva Muricy, como "O pai da História Crítica do Exército." (Autor desta matéria Cel Claudio Moreira Bento Presidente da AHIMTB)

(x) O autor foi o coordenador em 1970/71 do projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Foi adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do Estado –Maior do Exército 1971/74, o qual lhe conferiu diploma de pesquisador de História das Forças Terrestres Brasileiras. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978/80, onde integrou Comissão que elaborou para a AMAN, como recursos do Estado- Maior do Exército, os livros didáticos até hoje ali em uso **Historia Militar do Brasil** e **História da Doutrina Militar** e, de sua autoria, com o apoio do Estado- Maior do Exército, **Como estudar e pesquisar a História do Exército**, **Brasileiro,** já ma 2ª edição**,** Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/91, onde presidiu Comissão da qual resultou a criação do Museu do Exército no Forte de Copacabana. Fundou e preside desde 1996 a Academia de História Militar Terrestre do Brasil que entre seus trabalhos registre-se estar desenvolvendo o Projeto História do Exército na Região Sul, já com 9 livros publicados e, atendendo solicitação da ECEME elaborou os compêndios de **Brasil guerras externas** e **Brasil Lutas Internas** e mais, focalizando em separado, lutas internas e guerras externas na Amazônia, que traduziu na obra **Amazônia Brasileira- Conquista. Consolidação. Manutenção- História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003.**

Com vistas a subsidiar dados sobre o Dia do Soldado e o Dia do Exército publicou as obras **Caxias e a Unidade Nacional** no bicentenário do Duque de

Caxias e **As Batalhas dos Guararapes – descrição e análise militar,** no 10º aniversário da criação do Dia do Exército.

Sobre a História da AMAN, publicou em 2001 **História Militar de Resende 1744-2001**, comemorativa dos 200 anos de Resende e **Os 60 anos da AMAN em Resende**, como o próprio titulo o define e mais **Projeção da comunidade acadêmica em Resende e Médio Paraíba.** Coordenou culturalmente como vice presidente do Instituto de Estudos Valeparaibanos em 1996, o Simpósio que levantou integralmente a presença militar no Vale do Paraíba, paulista, mineiro e fluminense. Simpósio realizado em instalações da AMAN e da AEDB em Resende e do CRI em Itatiaia

Dados que recordamos para confirmar a autoridade que julgamos haver acumulado para tratar os assuntos abordados no presente artigo.

2004 – OS 100 ANOS DA REVOLTA MILITAR DA VACINA OBRIGATÓRIA – 1904

De 10 a 16 de novembro de 1904, o Rio de Janeiro foi sacudido pela sua mais violenta e duradoura revolta popular, secundada pela revolta da Escola Militar da Praia Vermelha, tendo como objetivo derrubar o governo do Presidente e Rodrigues Alves e como pretexto o reagir contra a Lei de Vacina Obrigatória, aprovada a custo, pelo Congresso e promulgada pelo Presidente.

Revolta que teve muito positiva projeção no progresso e futuro do Exército pelas seguintes razões:

- Foi fechada a Escola Militar da Praia Vermelha, o templo do bacharelismo militar de 1873-1905, que tinha a responsabilidade de desenvolver a Doutrina do Exército ligada a Defesa Nacional o que a sua Congregação responsável não o fazia, daí resultando os insucessos operacionais do Exército no enfrentamento da Guerra Civil na Região Sul 1893-95 combinada com a Revolta na Armada 1893-94 e, na Guerra de Canudos em 1897.

Aliás movimentos revolucionários que foram enfrentados e vencidos por profissionais militares tratados preconceituosamente no período citado de tarimbeiros, pelos bacharéis influenciados por um Positivismo mal interpretado e que dominavam a situação no Exército.

- Foi adotado o Regulamento de Ensino no Exército em 1905, sob a influência de veteranos e filhos de veteranos da Guerra do Paraguai e tornado sem efeito os regulamento de Ensino do Exército de 1873 potencializado pelo 1890, de cunho bacharelesco e responsável pelo equivocado caminho percorrido pelo Exército de 1873-1904, divorciado dos interesses da Defesa Nacional.

- Extinção da Escola Militar da Praia Vermelha e criação da Escola de Guerra em Porto Alegre, nome para não deixar dúvidas sobre a sua finalidade o preparo para a Defesa da Pátria. Escola onde estudaram os chefes militares que dinamizaram e concluíram a Reforma Militar ,traduzida no salto operacional do Exército de Canudos à FEB.

- Retorno do Exército para os campos de Manobras do qual estava afastado fazia 20 anos, desde as manobras do Curato de Santa Cruz, da Escola Militar Prática do Realengo, do Campo da Redenção em Porto Alegre e de Saicã, todas presididas pelo Marechal Gastão de Orleans e Conde D`Eu, do qual era seu ajudante de Ordens o Capitão Hermes da Fonseca que como general levaria as tropas da atual 1ª Região Militar para manobras nos anos seguintes no Curato de Santa Cruz, razão principal de haver sido por proposta por nós instruída consagrado como patrono da 1ª Região Militar.

- Grande influência que passaram a ter nos destinos do Exército os generais Hermes da Fonseca e

Caetano de Farias que reprimiram as revoltas da Escola Militar do Realengo e a da Escola Militar da Praia Vemelha **1**

- Reforma Militar do Exército de 1908 promovida pelp Marechal Hermes traduzida pela criação das

Brigadas Estratégicas, criação da Arma de Engenharia e compra de material bélico fuzis metralhadoras e canhões com respectivas fabricas de munições instaladas no Realengo

- Envio pelo Marechal Hermes da Fonseca de oficiais para estágios em unidades do Exército Alemão e que ao retornarem criaram a **Revista a Defesa Nacional**, em 1913, depois da **Revista dos Militares** criada na 3ª Região em Porto Alegre em 1910 e todas voltadas para a profissionalização militar. A última sobre a influência da Escola de Guerra em Porto Alegre de 1906/11 que formava Aspirantes a Oficial e não mais Alferes. Ao Ministro da Guerra Caetano de Farias coube proteger os Jovens Turcos da **Defesa Nacional**

- Data de 1905 a Escola de Estado- Maior do Exército que passou a fortalecer o Estado- Maior do Exército criado logo depois da Guerra de Canudos pelo Ministro Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet , que também criou a Fabrica de Pólvora sem Fumaça em Piquete, notável realização para aumentar o poder de fogo do Exército. Estado- Maior criado por sugestão do Capitão Augusto Tasso Fragoso, ao estagiar na Europa e enviar artigo a respeito para a prestigiosa revista brasileira **Revista do Brasil**

O clima político na capital federal em 1904

Em realidade, o carioca era vítima de uma crise econômica agravada com a queda do café no mercado internacional. Em conseqüência, sentia dificuldades crescente de alimentar-se. A comida era escassa e cara. Aumentara sensivelmente a criminalidade e o desemprego. Muitos comerciantes faliram. O povo teve de abandonar suas moradias para ceder à modernização do Rio e ao saneamento. Os políticos oposicionistas e os militares positivistas exploraram essa situação entre o povo e entre os alunos das escolas militares da Praia Vermelha e do Realengo, esta então ao comando do Cel Hermes da Fonseca.

Em 15 de novembro de 1904, foi criada a Liga contra a Vacina Obrigatória, com sede no Centro das Classes Operárias. Um dos líderes era o Coronel Lauro Sodré que como governador do Pará fora o único a se opor ao fechamento do Congresso em 1891 pelo Marechal Deodoro.

O início da revolta popular seguida da militar

A Liga passou a fazer comícios na rua do Ouvidor, Largo de São Francisco, Praça Tiradentes, Largo da Lapa e ruas do Teatro e Espírito Santo, onde começaram a se registrar choques de populares, com a Polícia. A baderna se generalizou. Os revoltosos destruíram a iluminação pública, depredaram os bondes e a revolta espalhou-se por todas as ruas do Rio.

O mais violento confronto foi na rua Sacramento, onde a Cavalaria de Polícia matou à bala diversos populares. Os telefones foram cortados, paralisados os transportes e incendiados diversos prédios, além de depredada a Companhia de Gás do Mangue, o mesmo acontecendo com as estações ferroviárias e delegacias.

O Rio fervia e o Presidente reforçou o combate à revolta com o Exército e a Marinha.

As coisas iam nesse pé quando o deputado Cel Lauro Sodré deu ultimatum ao Presidente para renunciar, sob pena de ser obrigado a isso pelas escolas militares.

A Escola da Praia Vermelha foi então parcialmente revoltada pelo seu comandante, General Travassos, com a ajuda do Cel Lauro Sodré.

O encontro entre os revoltosos e as tropas do Governo deu-se na rua da Passagem. Tropas do Exército, ao comando do Coronel Caetano de Farias, sufocaram a rebelião e o General Travassos, ferido veio a morrer. Conduziu a Escola de volta a Praia Vermelha o Alferes Aluno Tertuliano Potiguara que se consagraria herói no combate aos revoltosos do Contestado e na 1ª Guerra Mundial ao lutar em unidade de Infantaria do Exército da França, onde se consagrou como herói na batalha de San Quentin.

O Coronel Hermes da Fonseca fez abortar a revolta da Escola Militar do Realengo.

Lauro Sodré ferido na cabeça foi acolhido em casa da rua da Passagem, ficando longo tempo inativo. O acompanhava neste momento o deputado Alfredo Varela que em 1992 havia chefiado o Estado- Maior da 4ª Brigada Civil organizada em Pelotas e que foi lançada contra Bagé para depor o governo paralelo do Rio Grande do Sul sob a chefia do General Honorário Joca Tavares.

O foco da resistência popular concentrou-se no então insalubre e pobre Morro da Saúde,

apelidado Porto Arthur, onde no ano anterior fora ali o seu Delegado de Polícia o jovem advogado Flores da Cunha. E ali a resistência teve a liderança de Pedro Prata, que deu um toque militar à resistência. Usou inclusive dinamite e toques de corneta e simulacros de peças de artilharia.

A resistência popular foi vencida ao custo, inclusive, do bombardeamento da Saúde por um navio de guerra, no dia 16, fim da revolta e início do Estado de Sitio, no Rio, ocasião em que ocorreram muitas prisões de populares, seguidas de violenta repressão policial. Revolta em que os prisioneiros eram controlados pelo cortes de suas cintas para que suas mãos fossem ocupadas para segurarem as calças para não caírem.

A Revolta da Vacina, ou de Quebra- Lampião, foi estimulada pelas palavras do médico carioca e professor de Medicina Vieira Souto, ": de ser a vacinação obrigatória uma violência". Depois de agitada na massa e na juventude militar da Praia Vermelha, por Lauro Sodré, Barbosa Lima e Vicente de Souza, provocou as revoltas militar e civil que obrigaram o Presidente da República a tornar a vacina facultativa.

Aos olhos de hoje, tem-se ridícula sua motivação.

Na área civil, a revolta mostrou que a população do Rio de Janeiro já possuía opinião e estava disposta a defendê-la ao custo até da desobediência civil.

Os reflexos da Revolta na Escola Militar da Praia Vermelha

Na área militar, desacreditou a Escola Militar da Praia Vermelha que, de 1873 a 1904, vinha ministrando um ensino militar equivocado, predominante bacharelesco e não profissional, voltado para questões cientificas, políticas, filosóficas e matemáticas divorciadas da objetiva preparação para o combate, ou a defesa da Pátria. Canudos é um atestado eloqüente desse equívoco.

A Escola Militar, através de seus mestres e alunos, não soube administrar o conceito que adquirira por sua participação memorável em favor da Abolição e da República. Em conseqüência, foi fechada e a seguir extinta.

Logo a seguir foi editado o Regulamento de Ensino do Exército, de 1905, ponto de inflexão, no Exército, do bacharelismo para o profissionalismo militar, orientação que perdura há 99 anos.

Essa orientação profissional foi implantada na Escola de Guerra, em Porto Alegre, 1906-1911, que substituiu a Escola Militar da Praia Vermelha extinta,

continuada na Escola Militar do Realengo 1913-1945 e desde, 1945, na Academia Militar das Agulhas Negras.

Destacaram-se no combate às revoltas das Escolas da Praia Vermelha e de Realengo, em 1904, os então coronéis Caetano de Farias e Hermes da Fonseca, que passaram a liderar, a partir daí, a profissionalização do Exército. No ano seguinte, realizaram-se as célebres manobras de Santa Cruz, grande evento no calendário da reprofissionalização do Exército, sob a liderança de Hermes da Fonseca.

Origens do bacharelismo militar

O bacharelismo militar brasileiro tem a seguinte origem com apoio em pesquisa realizada sobre a Revista da Escola Militar da Praia Vermelha:

Ao terminar a Guerra do Paraguai o prestígio social dos militares para fins de matrimônio era negativo por representarem viuvez e orfandade potencial sem previdência social condigna, pois desde antes da Independência eles estiveram continuamente fora de seus lares nas lutas pela consolidação da Independência na Província Cisplatina, Bahia, Maranhão e Pará, no combate a Confederação do Equador no Nordeste em 1824, na Guerra Cisplatina 1825-28 e no ciclo de revoluções na Regência 1831/45 no Para, Maranhão, Pernambuco, Alagoas São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que ameaçaram transformar o Brasil numa colcha de retalhos para logo em seguida enfrentarem três guerras externas no Prata: A guerra contra Oribe do Uruguai e de Rosas da Argentina 1851-52, a guerra do Uruguai 1864 e a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai 1865/70.

Então os bons partidos eram os médicos, o advogados, os engenheiros ,os filhos de fazendeiros e dos barões do café . Mas os militares não, depois de haverem se sacrificado para preservar a Independência, a nossa Integridade e Soberania.

Foi ai que surgiu a idéia do engenheiro militar com o duplo objetivo de melhor desenvolver tecnologicamente o Exército e tornar seus oficiais com maior conceito social e melhores partidos. Mas na prática a idéia foi distorcida. O engenheiros em maioria abandonaram a tropa e disputavam cargos civis por nomeação ou eleição deixando a tropa aos cuidados dos não engenheiros que passaram a serem tratados por tarimbeiros, sem voz no desenvolvimento doutrinário do Exército. Havia casos de oficias que não apreciavam quando fossem tratados pelo posto e sim pelo titulo de Doutor. E por este equivoco o Brasil pagou pesado tributo em vidas na Guerra Civil na Região 1893/95 onde Bagé e Lapa foram submetidas a sítios por federalistas por mais de 40 dias e em Canudos foi preciso enviar 4 expedições para dominar a situação com lamentáveis perdas de irmãos brasileiros de ambos os lados.

História é verdade e justiça .Eis uma importante página de nossa História para reflexão no centenário da Revolta da Vacina Obrigatória que prejudicou seriamente as vidas de muitos jovens militares que dela participaram. E mais graves não foram para eles os reflexos em suas vidas em razão do Inquérito Militar Instaurado seri neutralizado e tornado sem efeito pela atuação de Rui Barbosa o condenando." Quem não conhece a História corre o risco de repeti-la!"

(Matéria da lavra do Cel Claudio Moreira Bento Presidente da AHIMTB)

Notas

1. Biografamos o General Caetano de Farias na revista **A Defesa Nacional** nº 724 em 1086 e Osório Santana Figueiredo biografou o Marechal Hermes em **São Gabriel Terra dos Marechais**

AGRACIADOS E JUSTIFICATIVAS COM A MEDALHA DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL NO 201º ANIVERSÁRIO DO DUQUE DE CAXIAS

EM NOME DA ACADEMIA DE HISTÒRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL(AHIMTB), DEPOIS DE OUVIDA A COMISSÂO DE MEDALHAS DA MESMA, E NA QUALIDADE DE GRÃO MESTRE DA MEDALHA DO MERITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE DA AHIMTB E NA OPORTUNIDADE DO 201º ANIVERSARIO DE NASCIMENTO DO DUQUE DE CAXIAS, PATRONO DA AHIMTB. AGRACIO COM A CITADA MEDALHA E NOS GRAUS DE COMENDADOR, OFICIAL E CAVALEIRO AS SEGUINTES PERSONALIDADES, LEVABDO EM CONSIDERAÇÃO OS CRITÉRIOS DE: ESTÍMULO, SOLIDARIEDADE, APOIO HISTÓRICO E DE CUSTEIO FINANCEIRO AS ATIVIDADES DA AHIMTB,TRABALHOS EXECUTADOS EM PRÓL DA SUA CAUSA E ANOS E PROJEÇÃO DE SERVIÇOS PRESTADOS PELOS AGRACIADOS A CAUSA DA PESQUISA, PRESERVAÇÃO, ELABORACÃO, CULTO E DIVULGAÇÂO DA HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

Cláudio Moreira Bento Presidente

(Apresentação dos agraciados em ordem alfabética)

MEDALHA COMENDADOR

Cel ARIVALDO SILVEIRA FONTES Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil propiciando com a ajuda do SENAI que presidiu, a edição dos Estatutos da AHIMTB, do primeiro volume das Orações de Posse e de Recepção de acadêmicos, além de proporcionar apoio a AHIMTB para realizar sete seções de posse na Fundação Osório durante a sua presidência.

Gen CARLOS DE MEIRA MATTOS. Pelo estímulo, solidariedade e apoio como historiador a causa da AHIMTB. Veterano da FEB e da Missão de Paz em São Domingos, teve papel destacado na preservação da memória histórica daqueles eventos, através de publicações como as Memórias do Marechal João Batista Mascarenhas de Morais, seu patrono na AHIMTB e de quem é também o biógrafo.

Prefaciou obra lançada pela AHIMTB sob o título **Inspirações Geopolíticas das ações do Brasil no Prata e suas projeções no Rio Grande do Sul 1680**-1906, Enfim, seu nome é uma legenda na Historiografia Militar Terrestre do Brasil, como soldado valoroso que fez e escreveu História Militar Terrestre do Brasil.

Gen Bda CLAUDIMAR MAGALHÃES NUNES Pelo apoio, solidariedade e apoio histórico e administrativo como comandante da AMAN, a AHIMTB que é abrigada por instalações cedidas pela AMAN, além de apoio administrativo de recursos que recebe do DEP para apoiar as atividades da AHIMTB, além de prestigiar com sua presença eventos promovidos pela AHIMTB como os lançamentos das obras Caxias e a Unidade Nacional, Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário, As Batalhas dos Guararapes, Os 60 anos da AMAN em Resende,

que apresentou, e Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação, Manutenção, História Militar Terrestre da Amazônia que posfácio.

Gen Ex CLOVIS JACY BURMANN Pelo apoio, solidariedade e estímulo moral e financeiro como Presidente da FHE-POUPEX as atividades da AHIMTB, relacionadas com o desenvolvimento da História do Exército na Região Sul, tendo inclusive elaborado as orelhas da 6ª Divisão de Exército – Voluntários da Pátria. Pode-se afirmar não fora o apoio financeiro da FHE-POUPEX através de seu presidente, dificilmente a AHIMTB teria realizado o que se propôs nestes 8 anos de existência, alem de haver editado as obras As Batalhas do Guararapes, descrição e análise militar, no 10ºAniversário do Dia do Exército; Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário e, Amazônia Brasileira- Conquista. Consolidação. Manutenção – História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003.

Gen Bda DOMINGOS VENTURA PINTO JUNIOR Pelo apoio, solidariedade e estímulo a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e a História do Exército durante a sua longa, útil e dinâmica vida de soldado vibrante e traduzida pelas seguintes obras de sua lavra História da Polícia do Exército: Vida militar do General Zenóbio da Costa; O General Zenóbio da Costa e sua atuação e, A conquista de Monte Castilho e La Serra, e seu memorável discurso de posse na cadeira Marechal João Batista Mascarenhas de Morais, na Academia de História Militar Terrestre do Brasil no 1º BPE que comandou e que tem por patrono o Marechal Zenóbio da Costa. Merece destaque a sua posição como atual Presidente do Conselho Nacional das Associações de Ex- Combatentes do Brasil, em substituição ao heróico e falecido acadêmico emérito General Plínio Pitaluga.

Gen Ex FRANCISCO ROBERTO DE ALBUQUERQUE Pelo apoio, solidariedade e estímulo moral e financeiro a causa da AHIMTB como seu Presidente de Honra e Comandante do Exército, no Bicentenário do Duque de Caxias, patrono do Exército e da Academia**.**

Apoio, solidariedade e estímulo revelados através de gentis, estimulantes e constantes mensagens escritas, enviadas a AHIMTB e pela satisfação revelada em receber as funções de 1º presidente de Honra da AHIMTB, em cerimônia realizada em seu Gabinete e pela insígnia correspondente recebida, que fez incluir em seu currículo vitae, para a satisfação de todos os integrantes da AHIMTB.E mais por considerar a Academia de História Militar Terrestre do Brasil ,através de seu Centro de Comunicação Social com integrante honorária da estrutura de Comunicação Social do Exército.

Cel GERMANO SEIDL VIDAL Pelo estímulo, solidariedade e apoio intelectual e financeiro as atividades fim e meio da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, a qual integra com orgulho, como acadêmico emérito depois de ser o 2º ocupante de cadeira Marechal Mascarenhas de Morais, seu comandante na FEB. O acadêmico emérito tem colaborado com a Revista Eletrônica da AHIMTB e é autor do notável livro A Guerra Proscrita e mantém site com este título que assinala já milhares de consultas. A documentação de sua posse na cadeira Marechal Mascarenhas de Morais é primorosa e exemplar**.**

Gen Ex GLEUBER VIEIRA Pelo estímulo, solidariedade e apoio intelectual e financeiro as atividades fim e meio da Academia de História Militar Terrestre do Brasil de que foi o 1º Presidente de Honra como comandante do Exército e agora como seu membro acadêmico.

A sua ação como Chefe da DEP e do EME e depois como Comandante do Exército se deve a valorização e ampliação do ensino de História Militar no Exército e além o tornar realidade e publicadas as histórias orais da FEB na 2ª Guerra Mundial e da Contra- revolução de 1964, para assegurar a identidade do Exército

nestas ações contemporâneas, hoje violentadas pelas estratégias adversas alternadas de Silêncio e Deformação da História das Forças Armadas do Brasil.

Almirante HELIO LEONCIO MARTINS Pelo estímulo, solidariedade e apoio intelectual e financeiro as atividade fim e meio da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que o elegeu seu patrono de cadeira como o historiador do Corpo de Fuzileiros Navais, sem considerar ser ele o maior historiador vivo da nossa Marinha de Guerra e continuar a sua luta neste sentido aos 90 anos de vida utilíssima, onde destaca-se o fato de haver sido combatente na 2ª Guerra Mundial como tripulante do caça minas da Força Naval do Nordeste e haver sido o primeiro comandante de navio aeródromo Minas Gerais. A consideração que dispensa a Academia de História Militar Terrestre do Brasil este expressa em carta sua, publicada no Guararapes 41.

Cel JARBAS GONÇALVES PASSARINHO Pelo estímulo, solidariedade e apoio intelectual e financeiro, este generoso, as atividades fim e meio da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, que o consagrou por seu excepcional brilho intelectual no Exército como seu patrono em vida de cadeira. Ressalte-se ser o Cel Jarbas Passarinho uma rara voz nacional, que merece respeito geral pelo seu equilíbrio e experiência como integrante destacado dos governos da Revolução de 1964, a enfrentar a esmagadora onda de desinformação nacional de Silêncio alternado por Deformação da História Política Contemporânea, relacionada com a Contra- Revolução de 1964 . E assim atua sem uma visão maniqueísta, analisando os fatos com autocrítica sensata e sábia.

Cel JARDRO DE ALCÂNTARA AVELLAR Pelo estímulo, solidariedade, apoio histórico com trabalhos de sua lavra e financeiro, generoso, e por vezes salvador, as atividades meio e fim da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que o elegeu por seu passado de educador e historiador seu acadêmico emérito.

Seu reconhecimento a validade da Academia de História Militar Terrestre do Brasil se traduziu em homenagem pública que lhe prestou no Colégio Palas(Deusa da Sabedoria) na Tijuco, ao lado de professores deste educandário. Ao Cel Jardro como Presidente da Comissão para tratar de condecorações da AHIMTB se deve a criação e regularização da Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, com apoio em sua experiência como autoridade no assunto.

Gen Ex JONAS DE MORAIS CORREA NETO Pelo estímulo, solidariedade e atuação em pról da causa da História Militar Terrestre do Brasil para a qual tanto tem contribuído ao longo de sua vida com artigos, conferências e intervenções em entidades históricas e organizações militares.

A ele se deve como Secretário do Exército a denominação de Arquivo Histórico do Exército e, no Instituto de História e Geografia Militar do Brasil, a criação do NEPHIM, Núcleo de Estudos e Pesquisas Histórico Militar do Brasil, ao presidi-lo seguindo tradição deixada por seu ilustre pai, o General Jonas Correa, patrono de cadeira que ocupou, em cerimônia no Colégio Militar do Rio de Janeiro, organização militar intensamente ligada a vida militar de ambos. Em todos os seus comandos ou chefias, como o Secretário Geral do Exército, 6ª Divisão do Exército, Comando Militar do Sudeste e como Ministro Chefe do Estado- Maior do Exército, sempre estimulou o estudo e a divulgação da História Militar e o Culto das Tradições do nosso Exército.

Gen Ex TÁCITO THEÓPHILO GASPAR DE OLIVEIRA Pelo estímulo, solidariedade e apoio como historiador a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e, no Ceará, onde figura como acadêmico emérito que inaugurou a cadeira General Augusto Tasso Fragoso e Delegado de Honra da Delegacia da AHIMTB Cel José Aurélio S. Câmara. Colaborou com uma memória para a edição

da obra 8ª Brigada de Infantaria Motorizada –Brigada Manoel Marque de Souza **editada pela AHIMTB da qual foi comandante.** Ex combatente da FEB ligado a seu chefe deste então coube-lhe a honra de ajudar a vesti-lo com a farda de Marechal do Exército Brasileiro, com a qual foi sepultado. Como dirigente da SUDENE prestou valioso apoio a construção do Parque Nacional dos

Guararapes em 1971 e a edição da obra **O Projeto Rondon nos Montes Guararapes** traduzindo pesquisa sobre as Batalhas dos Guararapes realizada por universitários civis e cadetes em apoio a construção do Parque Guararapes

OFICIAIS

Cel AMERINO RAPOSO FILHO Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, onde inaugurou a cadeira de outro destacado pensador militar brasileiro o Cel João Baptista Magalhães**.**

Tem sido notável como veterano faz FEB a sua contribuição a História Militar Crítica Terrestre do Brasil com suas obras, entre outras, **A Manobra na Guerra** e **Caxias, inspirador da Doutrina Militar Terrestre Brasileira**. Estudioso de Estratégia se dedica profundamente ao assunto no Centro de Estudos Brasileiros de Estratégia (CEBRES), no qual tem merecido a sua atenção a problemática relativa a preservação da Soberania Brasileira na nossa Amazônia.

Gen Div ARNALDO SERAFIM Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e administrativo a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, como acadêmico emérito que inaugurou a cadeira General Francisco de Paula Cidade, e como seu dinâmico e combativo 2ª Vice Presidente e Delegado da Delegacia Marechal José Pessoa no Distrito Federal.

De longa data se dedica as atividades relacionadas a História e Tradições do Exército, como no comando da 4ª Bda C Mec em Mato Grosso do Sul, o estímulo ao culto dos heróis de Dourados e na Diretoria de Assuntos Culturais, como Presidente da Comissão do Exército para as comemorações dos centenários da República e da Bandeira Nacional, atividade e realizações documentadas na publicação **Cadernos das Comemorações de Centenário da República e da Bandeira** aditados em parceria pela BIBLIEX/SENAI, do qual elaborou o significativo e histórico prefácio. O Bicentenário do Duque de Caxias no âmbito de sua Delegacia em Brasília, foi marcante, cabendo-lhe o expressivo e histórico prefácio da obra **Caxias e a Unidade Nacional** editada sob a égide da AHIMTB.

Capitão de Fragata CARLOS NOBERTO STUMPF BENTO Pelo apoio a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil como webdesigner e administrador do site desta Academia já beirando 30.000 visitas e pela elaboração das capas das seguintes obras editadas pela AHIMTB, História da 8ª Bda Inf Mtz – Brigada Manoel Marques de Souza 1º; 6ª Divisão do Exército – Divisão Voluntários da Pátria; 3ª Bda Cav Mec – Brigada Patrício Correia da Câmara; 6ª Bda Inf Bld – Brigada Niederauer; 2ª Bda C Mec – Brigada Charrua; Caxias e a Unidade Nacional; Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário; As Batalhas dos Guararapes – análise e descrição militar; Os 60 anos da AMAN em Resende e Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação, Manutenção – História Militar Terrestre da Amazônia. Por tudo foi titulado pela AHIMTB, como seu Grande Colaborador. Participou do Concurso de Sites sobre as Batalhas dos Guararapes, promovido pelo Exército, tendo obtido o 2ª lugar.

Cel PMSP EDILBERTO DE OLIVEIRA MELLO Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, da qual é seu acadêmico especial cadeira General Miguel Costa, o

comandante da Coluna Miguel Costa/Prestes e não Coluna Prestes, além de ser Delegado da Delegacia Cel Pedro Dias Campos na PMSP por ele instalada primorosamente na Associação de Oficiais da Reserva da Polícia Militar de São Paulo que presidiu por longo e profícuo período. Autor de várias obras sobre a História da Polícia Militar de São Paulo, onde sobressai seu livro Raízes do Espírito Militar Paulista onde resgata a História das tropas de São Paulo de 1ª, 2ª e 3ª linhas e as que deram origem a Polícia Militar de São Paulo.

Professor FLAVIO CAMARGO Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e com trabalho intelectual intenso e valioso, a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que o consagrou como seu acadêmico que inaugurou a cadeira General Emílio Fernandes de Souza Docca. Ao acadêmico Professor Flávio Camargo a AHIMTB está a dever a diagramação e edição das obras publicadas sob sua égide: Caxias e a Unidade Nacional**;** As Batalhas dos Guararapes – análise e descrição militar**;** Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação, Manutenção (História Militar Terrestre da Amazônia**)** das quais é o autor das abas ou orelhas **e ,** Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário, que prefaciou e desenhou a capa. São de sua lavra os desenhos das medalhas do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil**.**

Veterano da FEB JOSÉ CONRADO DE SOUZA Pelo apoio, estímulo e apoio histórico e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil da qual é, como veterano da

FEB, seu acadêmico emérito, cabendo-lhe como acadêmico inaugurar a cadeira Gen Bda Antônio Rocha Almeida, autor de preciosas obras de História Militar e o responsável pela pesquisa da notável galeria de comandantes da 3ª Região Militar.

José Conrado de Souza é veterano da FEB e desde então atuou no meio civil sem esquecer e se orgulhar daquela força da qual preside e lidera de longa data a seção de Veteranos da FEB em Porto Alegre onde mantêm unidos e coesos em torno de sua liderança os veteranos e familiares. Autor dos livros **O Pracinha Conrado**, **O Museu da Campanha da FEB** e acaba de prefaciar e reeditar a obra **As Forças Armadas e a Marinha Mercante do Brasil na 2ª Guerra Mundial**. É autor e patrocinador da idéia dos distintivos da Academia para seus membros usarem em seus automóveis e divulgarem .

Cel MANOEL SORIANO NETO Pelo grande estímulo, solidariedade e apoio histórico notável a causa da Academia de História Militar Terrestre, para a qual tem colaborado com subsídios biográficos para levantar o perfil biográfico de antigos comandantes das grandes unidades para as obras editadas pela AHIMTB, como as 6ª DE – Divisão Voluntários da Pátria**;** 8ª Bda Inf Mtz – Brigada Manoel Marques de Souza 1º; 3ª Bda C Mec – Brigada Patrício Correia da Câmara; 6ª Bda Inf Mtz – Brigada Cel Niederauer**;** 2ª Bda C Mec – Brigada Charrua**;** História do CML **e** História da 3ª RM.

Notável tem sido a atuação do Cel Soriano para reforçar o culto das Tradições no Exército instruindo ou sugerindo, criteriosamente, nomes expressivos para denominações históricas de unidades, com ênfase para unidades do Exército em Pernambuco, onde despertou nos Guararapes, o espírito de Exército e da Nacionalidade Brasil Historiador atento a defesa dos interesses do Brasil na Amazônia sobre os quais alerta seus admiradores e ex cadetes que confiam em seus critérios. É um dos notáveis historiógrafos militares terrestres do Brasil, contemporâneos..

Cel MARIO JOSÉ DE MENEZES Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e financeiro, este regular, a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil de que é acadêmico ocupante da cadeira General Riograndino Costa e Silva e seu

Delegado na da Delegacia Tem Cel BMRS José Luiz Silveira na Guarnição de Santa Maria, na qual é o historiador da 3ª Divisão de Exército Divisão Encouraçada, que será reeditada, ampliada com sua parceria. E co-autor da obra **6ª Brigada de Infantaria Blindada – Brigada Cel Niederauer** onde figura como o biográfico deste notável herói que pertenceu aos quadros da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul. Notável a sua atuação como organizador da Biblioteca do Colégio Militar de Santa Maria, onde atende voluntariamente a consultas históricas de seus alunos. Cooperou com subsídios sobre comandantes na História da 8ª Bda Inf Mtz – Brigada Manoel Marques de Souza 1º, sediada em Pelotas.

Cel NILTON FREIXINHO Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil na qual inaugurou a cadeira que tem por patrono o ‘’jovem turco’ Cel Mário Clementino, o autor do primeiro editorial em 1913 da Revista A Defesa Nacional. Personagem esquecida que resgatou de modo notável de se sob a patina do tempo que encobria a sua útil vida e obra notável em prol do fortalecimento em seu tempo da Defesa Nacional.

Tem sido notável o estímulo do Cel Freixinho à Diretoria da Academia e o orgulho que manifesta em pertencer a seus quadros e a exaltar a sua importância.

Historiador e pensador militar e político fecundo, acaba de enriquecer a bibliografia da História do Brasil, com repercussões em sua História Militar, as alentadas e valiosas obras de História crítica do Brasil: **O poder permanente da História**, apresentado por Austregégilo de Athayde " como original e do nível dos estudos que se fazem nos melhores centros universitários da Europa e EUA"; **Brasil os difíceis caminhos da Integridade,** que serve de modelo de História Militar crítica das lutas que o Brasil enfrentou para preservar a sua Integridade ao longo do processo histórico e 500 anos e,**500 anos depois de Gabriel Soares de Souza**, um modelo de História crítica de estudo do passado, para entender o presente e projetar o futuro, no caso a ameaça do destino de grandeza Brasil pelo seu retardo econômico, tecnológico e industrial para enfrentar a cobiça manifestada por potências altamente industrializadas."

Gen Div PAULO CEZAR DE CASTRO Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil que integra como acadêmico ocupante da cadeira General Estevão Leitão de Carvalho, ex comandante da ECEME e cuja posse tive lugar nesta escola de Altos Estudos Militares, ao tempo em que a comandou. Ali aprovou plano de pesquisa com vistas às comemorações em 2005 do centenário desta Escola, além de haver convocado a AHIMTB para elaborar as seguintes publicações: Brasil Conflitos Externos, Brasil Lutas Externas, além de estudar separadamente estes eventos na Amazônia – o que deu origem obra Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação, Manutenção (História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003). Notável foi o seu empenho como Chefe da Diretoria de Ensino Assistêncial em introduzir nos colégios militares Clubes de História e a divulgar e comemorar como Comandante da 4ª RM/4ª DE o Bicentenário de Caxias.

Gen RAIMUNDO MAXIMIANO NEGRÃO TORRES Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil da qual é acadêmico ocupante de cadeira Cel Genserico Vasconcellos, historiador militar crítico da Guerra contra Oribe e Rosas 1851/52 na ECEME, como seu instrutor ao tempo da Missão Militar Francesa nesta escola de Altos Estudos Militares e, além o seu Delegado da Delegacia Gen Luiz Carlos Pereira Tourinho no Paraná, onde tem colaborado no programa História do Exército na Região Sul ,ao

fornecer subsídios sobre a História da 5ª RM/5ª DI Heróis da Lapa e suas GU ,em desenvolvimento pela AHIMTB.

O acadêmico tem sido uma voz coerente e respeitável em defesa da Contra Revolução de 1964 e suas conseqüências, dentro do critério de ser a História Verdade Justiça, movimento que de longa data vem sendo o alvo de uma manipulação da História sem precedentes, com apoio consciente e inconsciente da Mídia em geral, salvo raras exceções e sem o direito de resposta para o desenvolvimento democrático um projeto Verdade que se impõe. Dentro deste contexto merece destaque sua obra recente **O Fascínio dos Anos de Chumbo.**

Cel WALTER ALBANO FRESSATTI Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico, financeiro e editorial na Revista da Sociedade de Amigos da 2ª Divisão de Exército (SASDE) da causa da

Academia de História Militar Terrestre do Brasil da qual é acadêmico, ocupante da cadeira General Affonso deCarvalho, autor de biografias sobre o Duque de Caxias e Barão do Rio Branco e editor da extinta revista Nação Armada. O Coronel Fressatti é o Delegado da Delegacia da AHIMTB General Bertoldo Klinger, jovem turco e um dos 13 fundadores de Revista A Defesa Nacional., há 91 anos.

Ao Coronel Fressatti se deve a edição da expressiva **Revista da SASDE** já com 92 números onde ele registra o hoje das organizações militares da 2ª Divisão de Exército, que será a história do amanhã da mesma além de nela reservar um espaço para a divulgação da AHIMTB.

CAVALHEIRO

Professor ADILSON CESAR Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico, editorial e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, como seu sócio correspondente e agora como seu acadêmico ocupante da cadeira Cel Diogo de Morais de Arouche Lara, paulista paulistano

que foi o primeiro historiador militar terrestre do Brasil na condição de nação como Reino Unido do Brasil, Portugal e Algarve. É além, o seu Delegado da Delegacia Aluízio de Almeida em Sorocaba, homenagem ao maior historiador militar da Revolução Liberal de 1842 em São Paulo e Minas Gerais, pacificadas pelo Duque de Caxias, patrono da AHIMTB.

No acadêmico Adilson César a História Militar Terrestre do Brasil tem sempre encontrado apoio e divulgação em publicações do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, que acaba de agraciar a AHIMTB com o Colar Cruz dos Alvarenga e dos Heróis Anônimos em cerimônia na AMAN.

Cel ALCEU VILELA PAIVA Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico, administrativo e financeiro a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, como presidente de seu Conselho Fiscal e como acadêmico ocupante de cadeira Professor General Liberato Bittencourt, inaugurada pelo falecido acadêmico Cel Geraldo Levasseur França o desenhista do Brasão da AHIMTB.

No acadêmico Cel Alceu a AHIMTB encontrou sempre pronto apoio seu como engenheiro para melhor preparar a instalação de sua sede administrativa.

Como Presidente do Conselho Fiscal tem prestado preciosa orientação a Diretoria Executiva. É de sua lavra a publicação da AHIMTB focalizando o Dr. Tácito Vianna Rodrigues, o maior resendense do século XX, que acompanhou a excursão do Cel José Pessoa ao Itatiaia em 7 de setembro de 1931, para de lá extrair uma pedra para servir de Pedra Fundamental da AMAN.

Ten Cel ANTONIO GONÇALVES DE MEIRA Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico, financeiro e de divulgação da causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, onde ocupa como acadêmico a cadeira Cel Neomil Portella

Ferreira Alves o grande idealizador e editor do Mensário Letras em Marcha, lamentavelmente, desativado depois de sua morte**.**

O acadêmico Antônio Gonçalves Meira presta excelentes serviços a divulgação da História Militar Terrestre do Brasil, através de seus escritos e muito apreciadas crônicas no Mensário **Ombro a Ombro**, por ele idealizado junto com o falecido editor do mesmo o Cel Pedro Shirmer.

Sgt Ajudante(Portugal) ANTONIO ELEUTÉRIO SUCENA DO CARMO Pelo estímulo, solidariedade notável e apoio histórico a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil,como o seu primeiro correspondente estrangeiro e em Portugal.

Ao Sargento Ajudante Antônio Eleutério do Exército de Portugal muito esta a dever a História Militar Terrestre do Brasil pelos seus belos escritos sobre assuntos de nossas Forças Armadas publicadas

em revistas militares de Portugal e França e em especial artigos sobre nossa Amazônia, assunto para o qual forneceu valiosos subsídios desconhecidos no Brasil, aproveitados pela obra editada pela AHIMTB, **Amazônia Brasileira – Conquista, Consolidação, Manutenção (História Militar Terrestre da Amazônia 1616-2003).** Revistas preciosas das quais manda exemplares a AHIMTB .além de livros de interesse da mesma.

Sub Ten ALVINO MELQUIDES BRUGALLI Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico, financeiro e de divulgação em Caxias do Sul, a partir do 3º Grupo de Artilharia Antiaérea - Grupo Conde de Caxias da causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil ,onde ocupa a cadeira especial Cel Art Arcy da Rocha Nóbrega, o primeiro comandante da citada unidade e do qual é biógrafo e também delegado da Delegacia da AHIMTB local Gen Morivalde Calvet Fagundes, autor de obra contemporânea notável sobre a Revolução Farroupilha.

Alvino Brugalli é o historiador militar da Guarnição do Exército em Caxias do Sul, com valiosos livros editados e prestou valioso concurso para tornar realidade a confecção da Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre, em Caxias do Sul.

Engenheiro CHRISTOVÃO AVILA PIRES JUNIOR Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e, de trabalho prestado a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, onde ocupa a cadeira Gen Francisco de Paula Azevedo Pondé, grande historiador militar terrestre brasileiro da área da Indústria Bélica. Cadeira que divide com seu filho, na condição de acadêmico Luis Felipe de Ávila, descendentes do Barão da Torre(de Garcia D'Ávila**)**

Christovão tem sido o diligente coordenador da Delegacia da AHIMTB no Rio de Janeiro Marechal João Batista de Mattos e atualmente é o seu Delegado.

Notável tem sido a sua contribuição a História Militar Terrestre do Brasil com seus estudos e divulgação da História da Torre de Garcia D' Ávila na Bahia, berço de seus heróicos ancestrais.

JOSÉ EBER BENTIN DA SILVA Pelo estímulo, solidariedade e apoio em subsídios históricos, a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil da qual é seu correspondente em Campo Grande- MS, onde integra a Delegacia da AHIMTB Gen Méd João Severiano da Fonseca, autor de notáveis trabalhos históricos sobre a História de Mato Grosso.

José Eber tem desenvolvido notável obra de instalação de museus e salas históricas em unidade do Exército no Rio Grande do Sul, como o demonstra seu rico currículo.

Tem colaborado muito com subsídios no desenvolvimento pela AHIMTB na História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua, e possui bom arquivo bibliográfico sobre História Militar do Rio Grande do Sul.

Cel JOSÉ SPANGENBERG CHAVES Pelo estímulo, solidariedade e apoio moral, histórico, financeiro e com subsídios históricos de valor ,a causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil onde ocupa a cadeira Cel Jonathas Rego Monteiro, consagrado historiador militar terrestre brasileiro que organizou o Arquivo do Exército e hoje Arquivo Histórico do Exército, e autor dos clássicos: A Colônia do Sacramento, Dominação Espanhola do Rio Grande do Sul e As primeiras reduções jesuíticas no Rio Grande do Sul, etc.

O Cel Spangemberg tem sido um estimulador da Diretoria Executiva da AHIMTB e foi co-autor com o Presidente da AHIMTB, do artigo " A importância da História Militar Crítica no desenvolvimento da Doutrina do Exército dos EUA" na antiga Revista Cultura Militar do Estado- Maior do Exército no 2º semestre de 1972.

Cel LUIZ CARLOS CARNEIRO DE PAULA Pelo estímulo, solidariedade e apoio histórico e de divulgação da causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil da qual é acadêmico ocupante da cadeira General Flamarion Barreto, o grande mestre de História Militar de várias gerações que cursaram a Escola de Comando e Estado- Maior do Exército.

O acadêmico Cel Carneiro tem sempre assistido a Academia com valiosos e inteligentes subsídios. Atualmente como editor das revistas do Exército e Defesa Nacional tem abrigado a colaboração da AHIMTB, seguindo uma tradição que deixou saudades do Cel Virgílio da Veiga. De longa igual que seu patrono de cadeira o General Flamarion o acadêmico coronel Carneiro contribui no Clube Militar na preparação de candidatos a concurso a Escola de Estado- Maior do Exército

MARCELO PEIXOTO DA SILVA Pelo estímulo, notável solidariedade e apoio histórico, financeiro e administrativo à causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, da qual é seu acadêmico da cadeira especial Ten Cel José de Mirales, espanhol, considerado o primeiro historiador militar do Brasil. Marcelo integra a Comissão de Concessão de Medalhas da AHIMTB para a qual contribuiu com projetos de medalhas estudadas e considerados pela Comissão.

A ele se deve a elaboração da Bandeira da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, exposta pela primeira vez no Clube Militar no lançamento pela AHIMTB da obra **Caxias e a Unidade Nacional..**

Sub Ten OSORIO SANTANA FIGUEIREDO Pelo estímulo, solidariedade e apoio financeiro e histórico à causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, da qual é acadêmico ocupante da cadeira General João Borges, autor dos clássicos de História Militar Terrestre do Brasil:

Brigadeiro José da Silva Paes e a fundação do Rio Grande, O Povoamento do Rio Grande do Sul e Cristóvão Pereira etc

Osório Santana Figueiredo foi parceiro na obra editada pela AHIMTB 6ª Divisão Voluntários da Pátria, ao nela publicar síntese de todos estes Corpos de Voluntários da Pátria e autor das abas ou orelhas da História da 3ª Bda C Mec – Brigada Patrício Correia Câmara**.** É autor das obras A **Caserna de Bravos, São Gabriel – A Terra dos Marechais, São Gabriel desde o Princípio,** de interesse da História Militar Terrestre: e **Caxias,** no Bicentenário de Caxias e sob a égide da AHIMTB.

Cel PAULO AYRTON DE ARAUJO Pelo estímulo, solidariedade e apoio financeiro e histórico que lhe é possível, por circunstâncias familiares, na causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, como seu acadêmico ocupante da cadeira Marechal Tristão Alencar de Araripe, historiador militar terrestre contemporâneo e amigo do Gen Augusto Tasso Fragoso de quem é biógrafo e ex-comandante da ECEME, além de Delegado da AHIMTB, na Delegacia Cel José Aurélio da Câmara, historiador militar cearense e inclusive do heróico General Tibúrcio e da Escola Militar do Ceará.

Paulo Ayrton presidiu o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará onde em sua revista sempre acolheu e divulgou trabalhos de História Militar Terrestre.

Cel RUY DUARTE Pelo estímulo, solidariedade e divulgação da causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, depois de curto período como seu correspondente no Palácio Duque de Caxias e agora como acadêmico ocupante da cadeira General Waldemiro Pimentel, inaugurada pelo acadêmico emérito Cel Jardro Alcântara Avellar.

O Cel Ruy Duarte edita há mais de 15 anos a Coluna Polainas e Charlateira do mensário **Ombro a Ombro** e agora também no **Jornal do Grupo Inconfidência**, onde divulga sua coluna social da família militar brasileira e registra fatos de relevo da atividade militar terrestre do Brasil que se constituirá a História do Amanhã e suas conseqüências, além de preciosa fonte histórica a concorrer com seus subsídios ao desenvolvimento de História Militar do Brasil.

Princípio, de interesse da História Militar Terrestre: e Caxias, no Bicentenário de Caxias e sob a égide da AHIMTB.

Cel PAULO AYRTON DE ARAUJO Pelo estímulo, solidariedade e apoio financeiro e histórico que lhe é possível, por circunstâncias familiares, na causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, como seu acadêmico ocupante da cadeira Marechal Tristão Alencar de Araripe, historiador militar terrestre contemporâneo e amigo do Gen Augusto Tasso Fragoso de quem é biógrafo e ex-comandante da ECEME, além de Delegado da AHIMTB, na Delegacia Cel José Aurélio da Câmara, historiador militar cearense e inclusive do heróico General Tibúrcio e da Escola Militar do Ceará.

Paulo Ayrton presidiu o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará onde em sua revista sempre acolheu e divulgou trabalhos de História Militar Terrestre.

Cel RUY DUARTE Pelo estímulo, solidariedade e divulgação da causa da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, depois de curto período como seu correspondente no Palácio Duque de Caxias e agora como acadêmico ocupante da cadeira General Waldemiro Pimentel, inaugurada pelo acadêmico emérito Cel Jardro Alcântara Avellar. O Cel Ruy Duarte edita há mais de 15 anos a Coluna Polainas e Charlateira do mensário Ombro a Ombro e agora também no Jornal do Grupo Inconfidência, onde divulga sua coluna social da família militar brasileira e registra fatos de relevo da atividade militar terrestre do Brasil que se constituirá a História do Amanhã e suas conseqüências, além de preciosa fonte histórica a concorrer com seus subsídios ao desenvolvimento de História Militar do Brasil.

DIVERSOS

- **1-** A AHIMTB criou em Santos Dumont – MG, ao abrigo do 4º Esqd Cav Mec, a Delegacia Ten Brig. do Ar NELSON FREIRE LAVANERE - WANDERLEY que será instalada em 3 dez 2004.**2 -** A UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL esta reproduzindo em cadernos para distribuição dirigida a escolas a obra **CAXIAS e a Unidade Nacional**, sob coordenação do acadêmico da AHIMTB Mario Gardelin, assessor do reitor para assuntos de Povoamento, Imigração e Colonização. O citado acadêmico inaugurará 16 nov, no Grupo Conde Caxias, em Caxias do Sul a cadeira especial Cel Arthur Ferreira Filho. **–3-** O patrono de Cadeira na AHIMTB, Cel **Jarbas Passarinho** escreveu artigo no **Estado de São Paulo** 17 jul 2004, sob o título **Assim se faz a História** em que finaliza comentário de que o Dr. Roberto Marinho em 1984 fazia em artigo, comentário favorável a Revolução de março de 1964 e que "vinte anos depois, teria ele autorizado que milhões

de telespectadores da Globo sepultassem no lixo da História as suas palavras de julgamento da Revolução, daí haver adotado como título de seu artigo a frase de Voltaire, **Assim se faz a História .** E em apoio a nossa interpretação da grande injustiça da novela a **Casa das Sete Mulheres,** contra os Generais Bento Manoel Ribeiro e Davi Canabarro que foram por ela linchados moralmente, e que este novela "Ficará 140 anos depois , como sórdido incitamento contra os militares "e brasileiros concluírem como foram covardemente manipulados. – **4** -O ilustre acadêmico Alte Esq **Arlindo Vianna Filho** em carta dirigida ao Presidente da AHIMTB Cel Cláudio Moreira Bento assim comentou seu livro **Caxias e a Unidade Nacional: "** Após leitura atenta e revigorante para o espírito, permito-me expor minha visão: " Nestes tempos muito difíceis que vive nossa Nação, quando apátridas e oportunistas teimam em, preconceituosamente, rescrever nossa História para desfazer verdades e os maiores valores de nossa Sociedade (e, em particular, de seu segmento intrínseco, as Forças Armadas), muito bem faz ler **Caxias e a Unidade Nacional,** de autoria do Coronel Cláudio Moreira Bento.Recordando a vida e as lutas enfrentadas por Caxias, com destemor e civismo, bravura, nobreza e patriotismo, reanimam-se as esperanças com o futuro de nossa Pátria, ancorada nos feitos heróicos e nas virtudes e cívicas do Patrono do nosso Exército.

O coronel Cláudio Moreira Bento ao escrever **Caxias e a Unidade Nacional** tem o especial mérito de legar às atuais e futuras gerações de brasileiros autêntica interpretação, ancorada em fontes primárias, da História de nossa Pátria .Neste Brasil em que estamos vivendo, **Caxias e a Unidade Nacional** é uma lição do passado para o presente e para o futuro de grandeza de nossa Pátria amada."

Foi omitida por razões técnicas a foto com legenda da entrega de Medalhas do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB, no IME enviada com o Guararapes 43 pelo correio

FALECIMENTO DE ACADÊMICO DA AHIMTB

Faleceu em Curitiba em 25 outubro de 2004 o Cel **HUMBERTO JOSÉ CORRÊA** aos 74 anos. O Cel Corrêa era membro acadêmico especial da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB). Sua posse teve lugar 4 jul 2001, no auditório do CENTRO INTEGRADO DE GUERRA ELETRONICA (CISGE) em Brasília onde foi recepcionado em nome da AHIMTB pelo sócio efetivo da sua Delegacia Marechal José Pessoa do Distrito Federal e comandante do CISGE Cel João Roberto Castilho que focalizou a relevância e o pioneirismo do Cel Corrêa na implantação da estrutura de Guerra Eletrônica no Exército Brasileiro, tendo iniciado sua oração saudando o novo acadêmico Cel Corrêa "como o pioneiro da implantação da Guerra Eletrônica no Exército Brasileiro.

Toda a documentação desta histórica seção se encontra preservada pela AHIMTB em seu volume nº 32 de Posses de Acadêmicos e de Correspondentes as páginas 24/72 e inclusive o detalhado currículo do Cel Corrêa relacionado com a sua atividade cultural intensa ligada ä Guerra Eletrônica.

E sobre a valiosa obra do Cel Corrêa vale lembrar de sua lavra a Coleção de 6 volumes intitulada **Guerra Eletrônica - Temas Históricos,** prefaciada pelo patrono em vida da cadeira 50 da AHIMTB o Cel Jarbas Passarinho. Coleção preciosa cuja publicação recebeu da Secretária de Ciência e Tecnologia parecer favorável para

publicação. Nela o Cel Corrêa fez um retrospecto histórico mundial desde o despertar do assunto no Japão em 1905, até os dias atuai nos conflitos entre árabes e judeus, passando pela 2ª Guerra Mundial e enfatizando a Batalha do Atlântico em 1940 a 1945.

O Cel Corrêa era carioca nascido em 5 jun 1930 e ultimamente residia em Urussanga – SC, junto a família de sua esposa D. Maria Inez Custódio de Oliveira, tendo sido recolhido para hospitalização em Curitiba onde faleceu e será cremado e talvez suas cinzas espalhadas ou preservadas no CISGE.

Era Aspirante a Oficial de Artilharia declarado na AMAN em 6 nov. 1952.

Embora artilheiro, sua vida ligou-se as Comunicações e especialmente a Guerra Eletrônica. E neste particular a sua contribuição ä doutrina de Guerra Eletrônica no Exército foi pioneira, original e intensa.

Talvez um dia venha ele a ser consagrada patrono da Arma de Guerra Eletrônica em nosso Exército, caso ela se transforme em Arma, com a Engenharia que nasceu na Artilharia , as Comunicações que nasceu na Engenharia. Ou então denominação histórica do CIGE, onde deu o melhor de seu esforço, inteligência, dedicação e saúde. Aqui o pesar l da AHIMTB pela perda de seu ilustre acadêmico, do qual ela preserva a documentação que baliza sua útil caminhada pioneira e original em prol do desenvolvimento da nossa Doutrina Militar Terrestre **(Cláudio Moreira Bento presidente da AHIMTB)**

AGRADECIMENTOS

A ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, PRÓXIMO DE COMPLETAR 9 ANOS DE PROFÍCUA EXISTÊNCIA, AGRADECE A TODOS QUE COM O SEU APOIO CULTURAL E FIANECEIRO E ESTÍMULO MORAL, DEVIDAMENTE REGISTRADOS EM SUA HISTÓRIA, CONTRIBUÍRAM PARA QUE ELA PERMANECESSE ATUANDO E MUITO REALIZANDO DENTRO DO OBJETIVO PARA O QUAL FOI CRIADA. E NESTE ÚLTIMO O GUARARAPES DE 2004 ELA FORMULA A TODOS OS SEUS INTEGRANTES VOTOS DE UM FELIZ NATAL E PRÓSPERO ANO NOVO.

Nº 44 – Jan/Mar 2005 – Cel Cláudio Moreira Bento

ENTREGA DAS MEDALHAS DO MÉRITO HISTÓRICO MILITAR TERRESTRE DA AHIMTB

A AHIMTB divulgou no Guararapes 43 a criação da Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB feita em 24 Ago 2003, no centenário do Duque de Caxias, e a relação dos primeiros agraciados em 24 Ago 2004, com as respectivas justificativas de concessão. As citadas condecorações foram entregues, até o presente momento, nas seguintes cerimônias:

Em 31 Ago 2004. Entrega das medalhas do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil em cerimônia conjunta AHIMTB / IHGDF, de homenagem do Duque de Caxias, patrono do Exército e da AHIMTB. Foram agraciados, pela Presidência da AHIMTB, como **comendadores** o Gen Ex Clóvis Jacy Burmann e o Cel Jarbas Gonçalves Passarinho e, como **oficiais** o Gen Arnaldo Serafim, Delegado da AHIMTB em Brasília, 2º vice da AHIMTB e o Cel Manoel Soriano Neto.

Em 20 Set 2004. Entrega das medalhas no Salão do IME, no contexto da Delegacia Marechal João Batista de Matos, da AHIMTB, lá instalada, aos seguintes agraciados: **Comendadores:** Gen Domingos Ventura Junior, Alm Hélio Leôncio Martins, coronéis Arivaldo Silveira Fontes, Germano Seidl Vidal e Jardro de Alcântara Avellar. **Oficiais**: Gen Div Paulo César de Castro, coronéis Amerino Raposo Filho, Nilton Freixinho e Capitão de Fragata Carlos Norberto Stumpf Bento, encarregado do site da AHIMTB. **Cavaleiros:** professor Adilson César e coronéis José Spamgemberg Chaves, Luiz Carlos Carneiro de Paula e Marcelo Peixoto da Silva .

Em 24 Set 2004. Entrega de medalhas no Salão Nobre da AMAN, com a participação do EM/AMAN e familiares. **Comendador:** Gen Bda Claudimar Magalhães Nunes, Comandante da AMAN e **Cavaleiro**: Cel Alceu Paiva, presidente do Conselho Fiscal da AHIMTB.

Em 1º Out 2004. Entrega da medalha de **Cavaleiro,** em formatura de aniversário da 9ª RM a José Eber Bentim da Silva, pelo comandante do CMO Gen Div Alberto Pinto da Silva, representando a AHIMTB.

Em 16 Nov 2004. Entrega de medalhas em cerimônia no 3º Grupo de Artilharia Anti Aérea - Grupo Conde de Caxias, quando empossado na cadeira especial Cel Arthur Ferreira Filho o historiador caxiense Prof. Mário Gardelin, que reproduziu em fascículos, com apoio da Universidade de Caxias do Sul, a obra **Caxias e a Unidade Nacional**, distribuída a escolas locais.

Receberam medalhas como **Oficiais:** Professor Flávio Camargo, Vet FEB José Conrado de Souza e Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e, como **Cavaleiros** os acadêmicos subtenentes R/1 Osório Santana Figueiredo e Alvino Melquides Brugalli.

Em 30 Nov 2004. Nova entrega de medalhas no Salão Nobre do IME a agraciados que por motivo de força maior não puderam se fazer presentes no IME em 24 Nov 2004.

Receberam suas medalhas como **Comendadores** os acadêmicos generais de Exército Jonas de Moraes Correia Neto e Gleuber Vieira e General Carlos de Meira Matos.

Na ocasião, foi prestada homenagem póstuma ao falecido acadêmico General José Moretzon e lido trabalho sobre a importância da História Militar Crítica.

Falou pelos agraciados o acadêmico General Jonas que ressaltou a pujança da AHIMTB.

Em 4 Dez 2004. Entrega da Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB ao acadêmico General Raymundo Negrão Torres, no grau de **Oficial,** em cerimônia que teve lugar no gabinete do comandante da 5ª RM/ 5ª DE, Gen Div Luiz Carlos Minussi que representou, no ato, a Presidência da AHIMTB.

Falou, abrindo a cerimônia, o novo delegado da AHIMTB no Paraná o General José Chuquer Rodrigues que leu para os presentes uma síntese da AHIMTB e do patrono de sua Delegacia no Paraná o General Luiz Carlos Tourinho.

Em 8 Dez 2004. Entrega da Medalha de **Comendador** do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB, ao Gen Ex Francisco Roberto de Albuquerque em seu Gabinete no QG do Exército. Cerimônia em que se fizeram presentes membros da AHIMTB em Brasília, oficiais do Gabinete do Comandante do Exército e mais o Chefe do EME Gen Ex Luiz Valdevez de Castro e o Gen Ex Clovis Jacy Burmann que representou a Presidência da AHIMTB na entrega da medalha.

O General Albuquerque, após ser agraciado, pronunciou a seguinte oração, com algumas interrupções de improviso de referências elogiosas a AHIMTB e acadêmicos:

"Academia de História Militar Terrestre do Brasil

As minhas palavras são para dizer da grande satisfação que tenho em ser condecorado com a Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB.

A História Militar, no meu entendimento, desempenha papel de enorme relevância para a preservação da história, das tradições e dos valores morais, culturais e históricos e, ainda, é um instrumento valioso na formação técnico-profissional dos nossos quadros.

Este ponto de vista é atestado pela diretriz que expedi ao assumir o Comando do Exército, e que enfatizava serem inevitáveis e perenes referências como hierarquia e disciplina, o amor às tradições castrenses, o respeito à ética e a prática das virtudes militares. Neste mesmo documento, ao tratar da Cultura e do Ensino, destaquei que, as áreas ligadas à cultura, deveriam voltar-se para a pesquisa e divulgação da História Militar do Brasil, com foco nos públicos interno e externo, a fim de ressaltar valores cívicos, estimular atitudes positivas, resgatar tradições e afirmar nossa identidade de soldados.

Ao receber esta medalha, diante de nossos ilustres membros da Academia de História Militar Terrestre, além de expressar o orgulho desta distinção, renovo o meu compromisso com o esforço em prol de, cada vez mais, fazer da História Militar um instrumento da evolução profissional e da manutenção dos valores mais nobres da carreira militar. Brasília-DF, 08 de dezembro de 2004.

General de Exército FRANCISCO ROBERTO DE ALBUQUERQUE, Comandante do Exército."

SOLDADOS NEGROS FARRAPOS NA SURPRESA DE PORONGOS E NO CONVÊNIO DE PONCHE VERDE

Em 16 Nov 2004, no Rio Grande do Sul, o **Correio do Povo**, deu amparo, sem o contraditório, a interpretações históricas "revisionistas" e radicais, apresentando Davi Canabarro como traidor dos negros farrapos de Infantaria e Cavalaria, na Surpresa

de Porongos. Isto "por se deixar surpreender mediante acerto com o Barão de Caxias". Surpresa feita pelo famoso guerrilheiro imperial Chico Pedro, ou Moringue, futuro Barão de Jacuí" com vistas a matar os índios, mulatos e negros farrapos, que poderiam prejudicar o processo de paz em curso". Vejam que absurdo histórico !!!

Henrique Oscar Wiedersphan, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e hoje patrono de cadeira na Academia Militar Terrestre do Brasil, em seu livro original e pioneiro, **O Convênio de Ponche Verde**. (Porto Alegre: EST/Sulina/Universidade de Caxias do Sul, 1980), escreveu:

"A respeito desta surpresa de Porongos há uma série de coincidências que chegariam a atingir Canabarro, ao ponto de que suscitaria sérias suspeitas de haver sido o mesmo executado em conluio dele com o Barão de Caxias e até com Antônio Vicente de Fontoura, embora se tenha posteriormente conseguido desfazer tais suspeitas de modo cabal e definitivo".

E a base da acusação foi um ofício bem forjicado (falsificado) por Chico Pedro, como sendo assinado pelo Barão de Caxias, endereçado ao primeiro, no qual Caxias lhe ordenava que atacasse Canabarro, pois este não resistiria, conforme combinação entre ambos. E mais, que ele aproveitasse "para atacar e eliminar os mulatos, negros e índios farrapos e poupasse sangue branco".

Esta falsidade atribuída a Canabarro fez o efeito esperado entre os farrapos, num quadro de Guerra Psicológica, os quais, em parte, passaram a considerá-lo um traidor, até por interesse político escuso e como descarrego ou fuga de responsabilidades pelo insucesso militar da revolução, que seria colocado assim na conta de Canabarro, "pelos demônios de todas as revoluções", segundo Morivalde Calvet Fagundes, o autor do mais completo livro sobre o Decênio Heróico. Ou seja, perto do fim do insucesso de uma revolução, ocorre a caça de um bode expiatório e no caso em tela foi Canabarro, não habituado a guerras de alfinetes.

E o ofício falsificado, que tantas injustiças provocaram à bravura, a honra e até hoje à memória histórica de Canabarro teve a seguinte origem:

"Chico Pedro em perseguição a Canabarro e acampado no Pequeri, falou ao seu Major de Brigada João Machado de Moraes: És capaz de imitar a firma do Barão de Caxias? E ele respondeu: - A letra é boa e talvez eu possa imitar. Então vamos fazer uma intriga contra Canabarro. Pois ele é o único que pode sustentar a Revolução. Portanto, vamos fingir um ofício assinado por Caxias para mim dizendo que no dia tal eu vá atacar Canabarro e derrotá-lo, visto haver entre o Barão de Caxias e Canabarro e oficiais deste um convênio".

Escrito o ofício com a assinatura de Caxias falsificada Chico Pedro, ao passar em Piratini pela casa de Manoel Francisco Barbosa, mostrou-lhe o ofício falsificado. E este, republicano extremado, mordeu a isca. E exaltou-se, copiou o dito ofício e o distribuiu. A intriga planejada fez o efeito desejado, que até hoje perdura, sem que sejam analisadas as heróicas vidas de Canabarro e Caxias, que negam a capacidade de fazerem tal acordo.

Mas, Félix de Azambuja Rangel em seu relato na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 1º e 2º trimestre de 1928, p. 36-47, comprova a armação feita para abalar a confiança dos farrapos em Canabarro, o comandante de seu Exército, pelo seu grande e indiscutível valor militar como mestre consumado da Guerra à gaúcha, como demonstramos em sua biografia em nosso **O Exército farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: BIBLIEx,1992,2v).

No referido livro o estudamos, junto com as demais lideranças militares farrapas, ao lado dos comandantes imperiais e do Barão de Caxias, o pacificador em D. Pedrito atual, da Revolução Farroupilha e, mais do que isto, da Família Brasileira, há 13 anos em luta fratricida.

Esta histórica controvérsia se presta a dar razões a quem o desejar, de absolver ou condenar Canabarro, partindo de considerar o citado ofício como forjicado ou como verdadeiro.

E documentos forjicados como este tem sido comuns na História do Brasil como **As cartas falsas** atribuídas ao presidente da República em 1922 e que provocaram a Revolução de 1922. E hoje, as falsas fotos do jornalista Wladimir Herzog publicadas pelo **Correio Braziliense** que provocaram e ainda provocam negativos reflexos na vida nacional, no instituto da Anistia e na harmonia do Governo, sem que o jornalista responsável por esta grande barriga jornalística tenha sido responsabilizado por seu erro.

Creio que escrevemos pioneiramente sobre os Lanceiros negros farrapos interpretando que em Porongos eles salvaram, numa reação a todo o custo, com seu sangue, suas vidas e bravuras, a Revolução Farroupilha, impedindo uma rendição incondicional. E assim, deram fôlego à Revolução para que esta conseguisse condições honrosas. Mas outros preferem explorar o episódio como traição aos negros e assim estimular a luta de classes e o baixo astral social.

Por falta de apoio na Mídia, que não nos dá oportunidade de um contraditório, abordamos o assunto na Internet, na Mídia Independente, e no site GOOGLE, em A surpresa de Porongos, junto com outros autores como Paulo Bento Bandarra e Luiz Ernani Caminha Giorgis, que procuram desfazer esta intriga.

Quanto aos negros no Convênio de Ponche Verde ou combinação de Ponche Verde, a 43 anos da Lei Áurea, deve-se considerar como premissa básica a afirmação de Ortega y Gasset:

"Eu sou eu e as minhas circunstâncias".

As circunstâncias na época eram de escravidão, apoiada no ordenamento jurídico da Constituição de 1824. Os farrapos lutaram até onde foi possível para assegurar a liberdade dos negros que lutaram em suas forças.

Uma Instrução Reservada recebida por Caxias o autorizava a conceder ampla anistia aos farrapos. Mas no seu artigo 5º ela estabelecia que os escravos que fizeram parte das forças rebeldes serão remetidos á Corte, à disposição do Governo

Imperial que lhes dará conveniente destino. O Convênio de Ponche Verde estipulava em uma de suas cláusulas:

"São livres e como tal reconhecidos todos os cativos que serviram a Revolta".

Segundo Henrique Oscar Wiedersphan na sua obra citada:

"Canabarro entregou 120 soldados negros farroupilhas que o Barão de Caxias alforriou (libertou) com apoio no Decreto de 19 Nov 1838 que prometia liberdade a todos os negros farrapos que desertarem e se apresentarem as autoridades imperiais."

E a seguir os fez embarcar como livres para o Rio de Janeiro com a condição de não mais retornarem ao Rio Grande do Sul. Mesmo assim se pretendeu no Legislativo do Império se dar última forma a estas alforrias (liberdades) ao chegarem os Lanceiros Negros no Rio de Janeiro, não sendo efetivadas, somente ante o alarde ocorrido no citado Poder Legislativo de parte do alguns dos mais exaltados da bancada liberal.

Outra versão que precisa ser comprovada ou negada é que estes lanceiros negros, como bons soldados, tenham sido em parte ou no todo incorporados à Cavalaria do Exército no Rio Grande do Sul. Acreditamos que estas questões históricas precisam ser aclaradas de vez pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul tendo como base suas preciosas fontes sobre o tema e mais os livros de seus distintos sócios Henrique Oscar Wiedersphan (livro já citado) e professor Moacyr Flores: **Negros na Revolução Farroupilha - Traição de Porongos e farsa em Ponche Verde**. Porto Alegre: EST, 2004.

E isto se impõe para tentar esclarecer por completo esta controvérsia que envolve as honras do Barão de Caxias, de Davi Canabarro, de Chico Pedro, de Vicente da Fontoura – da oficialidade farroupilha, os quais não depuseram sobre Porongos. E Chico Pedro, que poderia te-lo feito em sua **Memórias e** não o fez.

Tem sido uma controvérsia há mais de 160 anos usada politicamente e na atualidade ideologicamente, para alimentar uma luta de classes, baseado num fato que representa uma pretensa mancha negra, a confirmar, no meio duma enorme e bela planície nevada que foi o Decênio Heróico, que consiste na mais bela tradição gaúcha comemorada anualmente na Semana Farroupilha.

E escrevemos este apelo com a autoridade que penso havermos adquirido como autor dos livros **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul 1625-1975** (Porto Alegre: Grafosul/IEL, 1976), **O Exército Farrapo e os seus chefes** (Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1971, 2 v.), **Porto Alegre – memória dos sítios farrapos...** (Brasília:EGGCF,1989) e como biógrafo de Duque de Caxias na obra **Caxias e a Unidade Nacional** (Porto Alegre: AHIMTB, 2003), etc.

Por oportuno, apelamos à Mídia gaúcha, se isto for possível, que para reforçar a Democracia Brasileira e consagrar na prática o direito de resposta ou o contraditório, que dêem oportunidade a publicação de opiniões discordantes para que seus

usuários formem a opinião correta e não sejam manipulados, por ouvirem só um lado. Aliás, ouvir os dois lados era uma característica da liderança de Canabarro.

E mais, que historiadores em geral, especialmente os gaúchos, se apliquem em detalhar os nomes e destinos nos negros farrapos, com base em documentos que devem existir no Senado e Câmara de Deputados e outros locais. E que os descendentes dos soldados negros farrapos cultuem os seus feitos e projeções heróicas na construção do Rio Grande do Sul, o que pela primeira vez levantamos em nosso livro **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul.** Livro que foi prefaciado pelo notável deputado negro Carlos Santos que chegou até a governar os gaúchos como seu governador interino e que ali falou representando todos os negros e seus descendentes gaúchos. Homem distintíssimo e glória de uma raça que em cerimônia de entrega dos prêmios na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, foi o único parlamentar a deixar seu lugar e vir nos cumprimentar pela nossa pesquisa premiada em 2º lugar pela citada Assembléia e Associação de Imprensa do RGS, em concurso literário por elas promovido, intitulado **O gaúcho fundador da Imprensa Brasileira** (Hipólito da Costa) que está no prelo na Gráfica Metrópole em Porto Alegre.

Enfim, que os negros gaúchos e seus descendentes não se liguem nas interpretações ideológicas de baixo astral e cívico-masoquistas que dominaram as comemorações de Porongos em 2004, potencializadas por parte da Mídia, sem a oportunidade de um contraditório. Sim, que se liguem às interpretações de alto astral sobre a contribuição do negro e descendentes gaúchos na construção da sociedade do Rio Grande do Sul e em especial de sua gloriosa história militar onde soldados negros chegaram a ser denominados **Os suíços da América**. E por fim apelamos aos comunicadores sociais para que respeitem a função social do historiador e não tentem substituí-los como não desejariam, e conseguiram, que outros não pertencentes a sua função social roubem este seu papel. E mais, que assegurem o contraditório, dando vez e voz aos historiadores, não os alijando da Mídia, coerente com as afirmações de que "a História é a mestra da vida a mestra das mestras". E ainda, que História é verdade e Justiça. Do contrário se estaria acelerando uma marcha ré de volta á Idade Média, sob um autoritarismo preconceituoso disfarçado com pele de Democracia. Creio que meu apelo não será atendido mas o registro para a História, para que alguém talvez um dia o perceba.

ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
ORGANIZAÇÃO E MEMBROS EM JANEIRO 2005
PATRONO DA ACADEMIA: DUQUE DE CAXIAS
Marechal de Exército Luiz Alves de Lima e Silva

ACADÊMICOS EMÉRITOS

1. FEB - Veterano. JOSÉ CONRADO DE SOUZA, 1º ocupante cadeira 4
2. FEB - Gen Ex TÁCITO THEOPHILO G.DE OLIVEIRA ,1º ocupante cadeira 5
3. FEB - Cel J.V.PPORTELLA FEREIRA ALVES ,1º ocupante cadeira 6
4. 1º VICE AHIMTB Cel ARIVALDO SILVEIRA FONTES ,1º ocupante cadeira 12
5. FEB - Cel ELBER DE MELLO HENRIQUES, 1º ocupante cadeira 17
6. FEB - AMERINO RAPOSO FILHO ,1º ocupante cadeira 18
7. FEB - Gen CARLOS DE MEIRA MATTOS, 1º ocupante cadeira 19
8. Pres AHIMTB Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO,1º ocupante cadeira 22

9. Pres IHGB, Prof ARNO WHELING ,1º ocupante cadeira 25
10. FEB - Gen PLÍNIO PITALUGA ,1º ocupante cadeira 28
11. FEB - Cel CELSO ROSA, 2º ocupante cadeira 1
12. 2º VICE AHIMTB, Gen ARNALDO SERAFIM, 1º ocupante cadeira 14
13. CMT IME Gen JOSÉ CARLOS ALBANO DO AMARANTE, 1º ocupante cadeira 21
14. FEB - Cel GERMANO SEIDL VIDAL , 2º ocupante cadeira 19
15-Cel JARDRO ALCÂNTARA DE AVELLAR 1º ocupante cadeira 39
16-Jornalista HERNANI DONATO 1º ocupante cadeira 9
17- Vet FEB GEN DOMINGOS VENTURA PINTO JÚNIOR 3º ocupante cadeira 19
19- Gen RAIMUNDO NEGRÃO TORRES, 1º ocupante cadeira 15
20- Cel PMSP EDILBERTO OLIVEIRA MELLO 1° ocupante da cadeira Esp. 11

Nota: Trata-se de promoção, mas com a continuação de sua vinculação à Cadeira de que foram Titulares. A Condição de Acadêmico Emérito é honraria acima da de Acadêmico. Esta providência visa dinamizar a AHIMTB.

A condição de acadêmico emérito, acadêmico e acadêmico de cadeiras especiais jubilados, destina-se a sócios que não desejam mais participar das atividades da AHIMTB, ou aqueles que, ex-oficio, por decisão da sua Diretoria Executiva, não procuram comunicação ou não responderam os contatos procurados pela AHIMTB por mais de 2 anos. Seus nomes constarão de registros da AHIMTB e não figurarão nas listas dos membros atuantes.

DELEGACIAS DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL

- Delegacia Marechal José Pessoa, Distrito Federal. Delegado: Gen Arnaldo Serafim, acadêmico emérito e 2º vice-presidente da AHIMTB. Funciona em Sala a ela destinada no Colégio Militar.
- Delegacia Marechal João Batista de Mattos, Rio de Janeiro. Delegado: Eng Mil Christóvão de Ávila Pires Junior. Funciona, em princípio, em sala a ela destinada no IME.
- Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara, Rio Grande do Sul. Delegado: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, acadêmico e 3º vice-presidente da AHIMTB. Funciona em salas junto ao CMPA e junto à ANVFEB/RGS.
- Delegacia Cel José Aurélio S. Câmara, Ceará. Delegado: Cel Paulo Ayrton de Araújo. Funciona no Instituto do Ceará.
- Delegacia Cel PM Pedro Dias de Campos, da Polícia Militar de São Paulo. Delegado: Cel
PMSP Edilberto de Oliveira Mello. Funciona na Associação de Oficias da Reserva da Polícia Militar de São Paulo
- Delegacia Marechal Mário Travassos, Campinas. Delegado: Gen Nialdo de 0. Bastos Funciona junto a EPC.
- Delegacia Gen Bertoldo Klinger, São Paulo. Delegado: Cel Walter Albano Fressatti. Funciona junto a SASDE, no QG da 2ª DE.
- Delegacia Gen Morivalde Calvet Fagundes, Caxias do Sul. Delegado: ST Alvino Melquides
Brugalli (Funciona junto ao 3º GAAAé, Grupo Conde de Caxias)
- Delegacia Dr. Luis Fernando Osório, Pelotas. Delegado: Maj Ângelo Pires Moreira. Funciona na Sala Histórica do 9º BI Mtz.
- Delegacia Gen Antônio Souza Júnior, Belo Horizonte (Em organização).

- Delegacia de Juiz de Fora. Delegado: Cel Paulo César Menezes (Sem notícias).
- Delegacia de Santa Maria, em organização. Delegado: Cel Mário José Menezes. Funciona
junto ao CMSM.
- Delegacia Marechal Juarez Távora, Porto União, PR. Funciona no 5º BECmb (em organização).
- Delegacia Ten Brig Ar Nelson Freire Lavanére Wanderley, Santos Dumont-MG. Delgado: Prof
Cleber. Funciona no Esqd C Mec.
- Delegacia Aluisio de Almeida, Sorocaba, SP. Delegado: Prof. Adilson César. Funciona na
CSM e IHGG de Sorocaba.
- Delegacia Gen Bda Médico João Severiano da Fonseca, Campo Grande (em organização). Delegado: Dr Eduardo Contar. Funciona no QG da 9ª RM.
- Delegacia Armelin Guimarães, Itajubá. Funciona com apoio do 4º BE Cmb. Delegado: Cel João Otero Diniz.
- Delegacia na AMAN. Delegado: Capitão Ândrei Clauhs (em organização).

PATRONOS DE CADEIRAS E ACADÊMICOS TITULARES		
CADEIRAS	**PATRONOS DE CADEIRAS**	**ACADÊMICOS**
01	Gen ADAILTON PIRASSÍNUNGA	Vaga
02	Cap ALFREDO PRETEXTATO MACIEL	Vaga
03	Gen ANTÔNIO SOUZA JUNIOR	Gen Div Carlos Patrício de Freitas
04	Gen ANTÔNIO DA ROCHA ALMEIDA	Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis
05	Gen AUGUSTO TASSO FRAGOSO	Cel Tiago Castro de Castro
06	BARÃO DO RIO BRANCO	Cel Celso Pires (x)
07	Cel DEOCLÉCIO DE P. ANTUNES	Maj Luíz Prates Carrion
08	Gen DIONÍSIO CERQUEIRA	Cel José de Sá Martins
09	Cel DIOGO DE M. AROUCHE LARA	Prof Adilson Cesar
10	Cel EMÍLIO CARLOS JOURDAN	Cel Davis R. de Sena
11	Gen EMÍLIO F. SOUZA DOCCA	Flávio Camargo
12	Gen ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO	Gen Paulo Cesar de Castro
13	Gen JOÃO BORGES FORTES	Sub Ten Osório Santana Figueiredo
14	Gen FRANCISCO PAULA CIDADE	Gen Frederico Sodré de Castro
15	Cel GENSERICO VASCONCELLOS	Gen José Chuquer Rodrigues(x\)
16	TC HENRIQUE O. WIEDERSPHAN	Ten Cel Waldir Jansen de Mello
17	Mal HUMBERTO CASTELLO BRANCO	Gen Hélio Ibiapina Lima

18	Cel JOÃO BAPTISTA MAGALHÃES	Cel Nilson Reis Boiteux(x)
19	Mal JOÃO BAPTISTA M. DE MORAES	Vaga
20	Cel JONATHAS RÊGO MONTEIRO	Cel José Spangemberg Chaves
21	Mal JOSÉ BERNARDINO BORMANN	Gen Div Rubens Silveira Brochado
22	Mal JOSÉ PESSÔA	Gen Ex Gleiber Vieira
23	Gen LIBERATO BITTENCOURT	Cel Alceu Paiva
24	Cel MÁRIO CLEMENTINO	Cel Nilton Freixinho
25	Prof PEDRO CALMON	Prof Pedro Carlos da Silva Telles(x)
26	Gen PEDRO CORDOLINO DE AZEVEDO	VAGA.
27	Gen RIOGRANDINO COSTA E SILVA	Cel Mário Menezes
28	Gen RAUL SILVEIRA DE MELLO	Carlos Eduardo Contar(x)
29	Mal TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE	Cel Paulo Ayrton de Araujo
30	VISCONDE DE TAUNAY	Cel José Maria de Souza Nunes
31	Gen AURÉLIO DE LYRA TAVARES	Gen Alberto Martins da Silva
32	Gen FRANCISCO DE PAULA A. PONDÉ	Eng Mil Christovão de Ávila Pires Junior
33	Cel FRANCISCO RUAS SANTOS	Cel Manoel Soriano Neto
34	Gen JONAS CORREIA	Gen Jonas de Moraes Correa Neto
35	Gen SEVERINO SOMBRA	Ten Cel Antônio Carlos Esteves
36	Gen AFFONSO DE CARVALHO	Cel Walter Albano Fressatti
37	Gen ALFREDO SOUTO MALAN	Cel Carlos José Sampaio Malan
38	Cel NEOMIL PORTELLA F. ALVES	Cel Antônio Gonçalves Meira
39	Gen WALDEMIRO PIMENTEL	Cel Rui Duarte)
40	Gen VALENTIM BENÍCIO	Dr Eduardo Cunha Muller
41	Dr EUGÊNIO VILHENA DE MORAIS	Cel Paulo Cesar Menezes
42	Gen PAULO QUEIROZ DUARTE	Cel Manoel Cândido de Andrade Neto
43	Cel ANIBAL BARRETO	Cel João Ribeiro da Silva
44	GUSTAVO BARROSO	Hamilton Caramaschi
45	Gen FLAMARION BARRETO	Cel Luiz Carlos Carneiro de Paula
46	GEN MOACYR LOPES RESENDE	Cel Luiz Casteliano de Lucena
47	Gen UMBERTO PEREGRINO(Em vida)	Cel Paulo Dartagnam M.Amorim

48	Gen JOÃO PEREIRA DE OLIVEIRA	Cel José Fernando Maia Pedrosa	
49	Gen EDMUNDO DE MACEDO SOARES	Gen Edival Ponciano de Carvalho	
50	Cel JARBAS PASSARINH0	Cel Diniz Esteves	
(*) Cadeiras a serem ocupadas e confirmadas com a posse em 2005.A POSSE É CONFIRMADA COM A ENTREGA PELO ACADÊMICO DA SUA SAUDAÇÃO DE RECEPÇÃO E SEU ELOGIO AO PATRONO.			
1ª Especial	Maj PM MIGUEL PEREIRA	VAGA	BM RS
2ª Especial	CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS	*Alte Max Justo* *Guedes(x)*	CFN
3ª Especial	Pintor ALCEBIADES MIRANDA Jr	Cel Pedro Paulo Estigarríbia	Pintor Mil
4ª Especial	Cel PM PEDRO DIAS CAMPOS	Cel PM Hermes B .Cruz	PMSP
5ª Especial	Cel PM PAULO RENÉ DE ANDRADE	Cel PM Carlos Alberto Carvalhaes)	PMMG
6ª Especial	P MILITAR DE MATO GROSSO DO SUL	Cap PM Alberto A Gamarra	PMMS
7ª Especial	Alte HÉLIO LEÔNCIO MARTINS	Alte Esqd Arlindo Vianna Filho	CFN
8a Especial	Cap ALBINO MONTEIRO	Cel PM Vidal S.Barros	PMRJ
9a Especial	POLÍCIA MILITAR DO CEARÁ	Cel PMCE João X.. de Holanda	PMCE (x)
10a Especial	Cel PMRS HÉLIO M.MARIANTE	Cap Aroldo Medina	BMRS
11a Especial	Gen MIGUEL COSTA	Tem PMSP Hélio Tenório dos Santos(x)	PMSP
12a-Especial	JOSÉ ANTÔNIO GONSALVES DE MELLO	Frederico Pernambucano Mello	PE
13a-Especial	ELETRÔNICA MILITAR DO EXÉRCITO	VAGA	
1a4-Especial	ANTÔNIO MANUEL DO ESPÍRITO SANTO Mestre de Música	VAGA	
15a-Especial	Cel PMMG DR. JUSCELINO KUBITSCHECK	Cel PMMG Affonso Heliodoro dos Santos	IHDF
16a-Especial 17a-Especial 18a-	Ten Cel Dr JOSÉ MIRALES Cel ARCY DA ROCHA NÓBREGA Maj Engº JOÃO BATISTA DE CASTRO MORAIS DANTAS	Marcelo Peixoto da Silva ST Alvino M. Brugalli Cel BMRJ Asdrubal da Silva Ortiz	 CBMRJ

Especial			
19a Especial 20a Especial 21a Especial 22a Especial	PM BRASILIA BOMBEIROS BRASILIA Cel ARTHUR FERREIRA FILHO Gen MARCONDES SALGADO (PMSP)	Cel João Carvalho Vitola Cel BMDF Milton Antônio Paduan Prof Mário Gardelin Cel PMSP Rocha Marques	BMDF

PRESIDENTES DE HONRA		**Empossado e Diplomado**
1º Presidente	**COMANDANTE DO EXÉRCITO** **Gen Ex FRANCISCO ROBERTO DE ALBULQUERQUE**	SIM
2º Presidente	**CHEFE DO DEP** **Gen Ex IVAN DE MENDONÇA BASTOS** **CHEFE DO DEP**	NÃO
3º Presidente	CMT DA AMAN Gen Bda **MARCO ANTONIO DE FARIAS**	NÃO
4º Presidente	PRESIDENTE FACULDADES D. BOSCO Cel **ANTÔNIO ESTEVES**	SIM
MEMBROS FALECIDOS: Patronos em vida de cadeira**:** Generais **AURÉLIO DE LYRA TAVARES, FRANCISCO DE AZEVEDO PONDÉ, JONAS CORREIA, SEVERINO SOMBRA, UMBERTO PEREGRINO.** Presidente do Conselho Fiscal Gen Ex **LUIZ PIRES URURAI NETO.** Acadêmicos **Gen PLÍNIO PITALUGA(Cad 28). Gen JOÃO CARLOS ROTA (Cad 40), Cel CECIL WALL BARBOSA DE CARVALHO(Cad 1), Gen HANS GERD HALTENBURG(Cad 18),MARIO REGO MONTEIRO(Cad 20) ,Cel GERALDO LEVASSEUR FRANÇA(Cad 23) ,Prof ANTÔNIO PIMENTEL WINZ(Cad 41),Cel TELMO LUIZ MORÉ(Cad 50), CMG DINO WILLY COZZA(Cad CFN) . Cel HUMBERTO CORREIA(Cad Eletr Mil) CelPM JOSÉ LUIZ SILVEIRA**,(Cad Esp 1), **GEN JOSÉ MORETZON(Cad 28) e** Correspondentes **IVO CAGGIANI e ARNALDO LUIZ CASSOL.**		
OUTRAS CATEGORIAS DE SOCIOS		
ACADÊMICOS SENIORS		
HENRIQUE VASCONCELLOS CRUZ, ocupa com titular a cadeira 12		
LUIZ FELIPE DE AVILA ocupa com o pai a cadeira 32		
GRANDES COLABORADORES		

MINISTÉRIO DA DEFESA EM 2002.(x) DEPARTAMENTO DE ENSINO E PESQUISA (x) (2001-2001-2003). FHE –POUPEX.(x) .GBOEx (x) .Comandante CF CARLOS STUMPF BENTO (criação e manutenção do site na INTERNET e elaboração das capas das histórias da 6ª DE ,8ª Bda Inf Mtz , 3ª Bda C Mec, 6ª Bda Inf Bld, AD/6, 2ª Bda C Mec , Caxias e a Unidade Nacional e Amazônia Brasileira- a Conquista e sua consolidação e manutenção 1616-2003) .Cel NELSON AFFONSO DA COSTA(falecido) (doação de ar condicionado e apoio administrativo no custeio da AHIMTB).COIFA(x) .Cel FLÁVIO DE ARRUDA ALVES (Grande apoio a Academia em seu início como Diretor do CRI)(x) .ANACLETO RIBEIRO(x) (Gravação gratuita de todas as insígnias de sócios da AHIMTB.

COLABORADORES EMÉRITOS

1 - FACULDADE D. BOSCO 1996 **AP**
2 - CRI/CENTRO SARGENTO MAX WOLFF - 1966
3 - FUNDAÇÃO OSÓRIO – 1996 **AP**
4 – COLÉGIO MILITAR DE SANTA MARIA 1998 **AP,**
5 - 6º BECMB - SÃO GABRIEL – 1997. **AP,**
6 - COMANDO GERAL DOS FUZILEIROS NAVAIS – 1997 **AP,**
7 - COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO – 1997 **AP**
8 - HELIBRAS - ITAJUBA - 1998 (*)
9 - AVIBRAS - 1998 (*)
10 – ASSOCIAÇÃO DE OFICIAS DA RESERVA DA PMSP **AP**
11 - GBOEx -1998 (*)
12- Banco do Brasil -Agência Resende 1998 (*)
13- CLUBE MILITAR 1998
14-COLEGIO MILITAR DE BRASÍLIA 1998 **AP**
15-COLÉGIO MILITAR E CPOR DE BELO HORIZONTE 1998 **AP**
16- COLÉGIO MILITAR DE CAMPO GRANDE 1998 **AP**
17-ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS 1998 e 1999 **AP**
18- ACADEMIA MILITAR DA PMMG 1998 **AP**
19 -CPOR DE SÃO PAULO 1998 **AP**
20 -ACADEMIA MILITAR DA POLÍCIA MILITAR DE SÃO PAULO 1998 **AP**
21 - RESENET Provedora - Resende RJ l998 (x)
22- INSTITUTO MILITAR DE ENGENHARIA 1999(x) **AP**
23 –COLÉGIO MILITAR DE PORTO ALEGRE 1999 **AP**
24- ESCOLA NAVAL 1999 **AP**
25- Contra Almirante CARLOS AFONSO PIERANTONI GAMBÔA 1999 Cmt EN
26- COLËGIO MILITAR DE CURITIBA 1999 **AP**
27-COLÉGIO MILITAR DE FORTALEZA 1999 **AP**
28 – INSTITUTO DO CEARÁ 1999(x)
29- REGIMENTO DRAGÕES DE BRASÍLIA **AP**
30-BATALHÃO DA GUARDA PRESIDENCIAL DF **AP**
31-POLICIA MILITAR DO DISTRITO MILITAR **AP**
32-CORPO DE BOMBEIRO MILITAR –DF **AP**
33-INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRAFICO DO DF **AP**
34- CENTRO DE GUERRA ELETRÔNICA –DF CIGE **AP**
35- 6ª Divisão de Exército- Divisão Voluntarios da Pátria **AP**
36- 8ª Bda Inf Mtz-Brigada Manoel Marques de Souza 1 o **AP**
37-3ª Bda C Mec –Brigada Patrício Correia da Câmara. **AP**
38-6'Bda Inf Bld –Brigada Niederauer **AP**
39-MOACYR DE SOUZA FILHO(x)Impressão em xerox de vários números de O Guararapes .
40-Dr FRANCISCO DE OLIVEIRA BARREIROS (assistência dentária grátis a secretária da AHIMTB e Guarda Mirim.
41-Cel HERGÍLIO CLAUDIO DA SILVA (Doação sua biblioteca a AHIMTB).
42-ADELAIDE MULLER .Divulgação da AHIMTB no Portal Agulhas Negras
43-11 o Grupo de Artilharia Anti Aérea –DF **AP**
44-Museu Caramaschi –DF **AP**
45-COTER(Comando de Operações Terrestres)-DF **AP**
46- JOVIANO P. da Natividade –

47- ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS (ESA) –MG
48-ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO-RJ
49-1 º RCG Brasília- Dragões da Independência Brasília
50- Academia de Polícia Militar –DF
51-Academia de Bombeiro Militar -DF
49-3º GA AAé Conde de Caxias –Caxias do Sul
50-Academia de Bombeiro Militar D.Pedro II Rio
51-CSM Sorocaba
52- Esqd C Mec Santos Dumont
53- 4º BE Cmb- Pontoneiros da Mantiqueira
54- Comando do Policiamento do Interior 7- Sorocaba-SP
NOTA- os colaboradores eméritos seguidos das letras **AP,** significa que foram locais onde a AHIMTB realizou cerimônias de posses de sócios

CORRESPONDENTES

.. Dr WILSON VEADO - Belo Horizonte –MG, CARLOS FONTTES-Uruguaiana, RS. Maj CLÁUDIO BELEM de O.(Fortaleza).Cap ROBSON PAPANDREA –CE. Cel DARZAN NETO DA SILVA –Rio. Cap PMSP EDUARDO PESCE DE ARRUDA. Cap PMSP FRANCISCO POSSEBOM. Ten .Prof ODILON NOGUEIRA DE MATTOS, PUC/Campinas .Gen NIALDO DE OLIVEIRA BASTOS –EPC-Campinas .. . Sargento Ajudante ANTÔNIO SUCENA DO CARMO em Portugal.2º Sgt NELSON SOARES ,no PDC, Rio. JOSÉ EBER BENTIM DA SILVA ,em Campo Grande- MS .Maj ANGELO PIRES MOREIRA .na 8ª Bda Inf Mec- Pelotas .ACYR VAZ GUIMARÃES em Campo Grande –MS. Ten PMSP HÉLIO TENÓRIO DOS SANTOS em São Paulo na PMSP.HELOISA ASSUNÇÃO DO NASCIMENTO ,Pelotas –RS .Cmt ALFREDO CANELAS GUILHERME DA SILVA **(x) www.militar.com.br.** Dr EDUARDO CONTAR em Campo Grande –MS, Capitão ANDREl CLAUHS, na AMAN, Cel João Otero Diniz em Itajubá-MG,

COLABORADORES

LUIZ PAULO BONFIM, JONASPLINIO DO NASCIMENTO, Pelotas. JOSE EDUARDO DE OLIVEIRA BRUNO.RICARDO BERGAMINI,FABIANA INTORNE. Jornal TRADIÇÃO. Jornal Grupo Inconfidência. Letras em Marcha .Coluna Polainas e Charlateiras de Ombro a Ombro.

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Cel CLAUDIO MOREIRA BENTO. 1ºVice Cel ARIVALDO SILVEIRA FONTES.2º Vice Gen Arnaldo Serafim. 3º Vice Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis

Presidente Conselho Fiscal: Cel ALCEU PAIVA

Conselheiros fiscais:Coronéis HÉLIOS MALLEBRANCHE FRERES e EDGAR MONTEIRO DA FONSECA FILHO,Bibliotecário e Arquivista: Cel ANTÔNIO CARLOS ESTEVES/AED Coordenador Geral VAGO.Secretario: Ten SEBASTIÃO ALMEIDA e Secretária da Presidência ELAINE DA SILVA ALVES,Tesoureiro RENATO BRAGANHOLO,Zelador Sede Administrativa JOSE RODRIGUES AVILA,Comissão de Relações Públicas : D. ALDA BERNARDES FARIA E SILVA , DAGMAR RESENDE, CEL LAURO AMORIM e D.OLGA AMORIM. Comissão Assessora Concessão medalhas Mérito Histórico Militar Terrestre:

Presidente: Cel JARDRO ALCÂNTARA AVELLAR. Secretários Dr FLAVIO CAMARGO, MARCELO PEIXOTO E ALVINO BRUGALLI . Consultores: CEL ARIVALDO SILVEIRA FONTES, GEN ARNALDO SERAFIM, CEL LUIZ ERNANI CAMINHA GIORGIS e Cel MANOEL SORIANO FILHO.

Ex PRESIDENTES DE HONRA DA AHIMTB

1ºs Generais de Exército Zenildo de Lucena e Gleuber Vieira
2ºs Generais de Exército Frederico Sodré de Castro, Gilberto Barbosa Figueiredo e Sérgio Ernesto Alves Conforto

3ºs Generais de Brigada Ivan Mendonça Bastos, José Mauro Moreira Cupertino, Gen Div Domingos Carlos Campos Curado, Generais de Brigada Reinaldo Cayres Minati e Claudimar Magalhães Nunes

Endereço da Sede Administrativa e Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil. Academia Militar das Agulhas Negras. Av. Getúlio Vargas, 442 Bairro Campos Elísios, Resende -RJ CEP 27542-140, Telefone 021/24/33584788)

E mail ahimtbrasil@resenet.com.br Endereço do Presidente Cel Cláudio Moreira Bento Rua Florença 226

Bairro Jardim das Rosas 27.580-000 Fone 0/21/24/33542988

cmbento@resenet.com.br.

e bentoclaudio@uol.com.br

DIVERSOS

Projeto Rondon- Recordando. Em 1971 coordenamos o Projeto Rondon dos Guararapes, integrado pela 1ª vez por universitários vindos de todo o Brasil e 3 cadetes da AMAN, com vistas a realizarem pesquisas para a construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes que foi inaugurado em 21 de abril de 1971, evento para o qual os citados rondonistas retornaram com as bandeiras de seus estados que por eles foram hasteadas no Parque no dia da sua inauguração. Entre os cadetes figurava o hoje Gen Bda Jorge Armando de Almeida Ribeiro. Com apoio da SUDENE então presidida pelo hoje acadêmico emérito da AHIMTB Gen Ex Theophilo Tacito Gaspar de Oliveira Gaspar de Oliveira e sob nossa orientação histórica como coordenador, foi editada a obra **O Projeto Rondon nos Guararapes**. Recife**:** Coordenação Regional do Projeto Rondon,1971. Era coordenador regional Estanislau de Oliveira. A obra foi prefaciada pelo Gen Ex João Bina Machado que a certa altura afirmava: "**A operação Guararapes é a mais nova e muito válida inovação do Projeto Rondon"**. Coordenava nacionalmente o Projeto Rondon o Cel Sérgio Mário Pasquali, hoje membro efetivo da Delegacia Marechal José Pessoa da AHIMTB em Brasília, e então, subordinado o Projeto Rondon ao Ministério do Interior.Ao irmos servir logo depois na Comissão de História do Exército, do Estado- Maior do Exercito, participamos da coordenação do **Projeto Arquivos 1 do Projeto Rondon** que consistiu no envio de rondonistas para diversos municípios para levantarem a situação dos arquivos históricos em todo o Brasil, por essenciais à formação da identidade cultural brasileira. E nesta pesquisa foram constatados diversos absurdos com o de um prefeito que usou os arquivos para ajudar a tapar buracos nas ruas e vai por ai (Memória pelo presidente da AHIMTB).

Novos lançamentos da AHIMTB em 2005. A AHIMTB lançará as seguintes obras: **Hipólito da Costa o fundador da Imprensa Brasileira.** Homenagem a Hipólito, filho de soldado e sobrinho do capelão militar da Fortaleza onde ele nasceu e pai e sogro e avô de militares e com descendentes militares como o historiador Cel Aviador Fernando Hypólito da Costa, sobrinho e afilhado do Marechal Humberto Castelo Branco. **O Conde de Porto Alegre-bicentenário**, homenagem ao libertador de Porto Alegre do domínio farrapo e embaixador enviado por Caxias à Corte visando a paz honrosa na Revolução Farroupilha, comandante da Divisão Brasileira

que lutou em Monte Caseros, comandante do 2º Corpo de Exército na Guerra do Paraguai e conquistador de Curuzu e vencedor da 2ª Batalha de Tuiuti. **História da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua** com um retrospecto da história militar de sua área de responsabilidade desde 18OO, e início da História da 5ª RM/5ª DI -Heróis da Lapa. As duas últimas dentro do Projeto História do Exército na Região Sul já com 9 volumes publicados.

Posse de acadêmicos especiais em 31 de março de 2005, na Associação de Oficiais da Reserva da Policia Militar de São Paulo. Receberão as suas medalhas do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, da AHIMTB os acadêmicos Cel Walter Albano Fressatti presidente da SASDE e Delgado da Delegacia Gen Bertoldo Klinger da AHIMTB em São Paulo e o Cel PMSP Edilberto de Oliveira Mello. Delegado da Delegacia Cel PMSP Pedro Dias Campos. Serão empossados acadêmicos especiais o Cel Marques da Rocha, na cadeira Gen Marcondes Salgado e o Ten PMSP Hélio Tenório dos Santos na cadeira General Miguel Costa, o comandante da Grande Marcha que passou a história como Coluna Miguel Costa/Prestes e não como Coluna Prestes, fruto de uma manipulação da História, e denominação recusada por Prestes frente a Miguel Costa, num programa de TV, mas a manipulação invadiu com êxito várias mentes.

Site da AHIMTB www.resenet.com.br/users /ahimtb já registra mais de 30.000 visitas e consultas. Nele a AHIMTB possui divulgados vários livros e artigos relacionados com a História Militar Terrestre do Brasil e a relação atualizada de seus membros, etc. Visite-o e o divulgue!

Doações a AHIMTB Estão sendo solicitadas e pede-se que sejam enviadas em cheque nominal a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, ou para a sua CC 5-926-9 no BB, Agência 0131/7. Neste caso enviar o comprovante para registro no Livro Histórico.FIM.

O PATRONO DA TURMA DA AMAN 15 FEV 1955, ASPIRANTE FRANCISCO MEGA

"Os que morrem por seu país, o servem mais num só dia, do que os demais em todas as suas vidas." Afirmação esta de Péricles, o estadista e general grego do século V antes de Cristo, que recebeu o seu nome, como o grande artífice do apogeu da Grécia Antiga, berço da Arte Militar Ocidental. E o Aspirante Francisco Mega, carioca do Regimento Sampaio, bem se enquadrou no abalizado pensamento de Péricles, ao tombar em ação a frente de seu pelotão no disputadíssimo e sangrento combate de Montese em 15 Abr 1945, na conquista da conta 778, tendo antes incentivado seus homens com estas palavras:

"A minha vida nada vale, a minha morte nada significa diante do que vocês ainda tem para fazer. Prossigam na luta! E expirou, sendo o único aspirante a oficial tombado em combate, egresso da Escola Militar do Realengo, de onde saíra fazia três meses e quando a AMAN já funcionava fazia 1 ano. Por seu heroísmo foi agraciado com a Cruz de Combate de 1ªClasse, destinada a premiar atos de bravura ou espírito de sacrifício no cumprimento de missões de combate". O decreto que lhe concedeu esta condecoração mencionou:

"Concluiu o curso da Escola Militar do Realengo em sua última turma e incorporou-se ao Regimento Sampaio na véspera do ataque a Monte Castelo em que tomou parte. Comandava o Pelotão do 1º Escalão no ataque a Montese. Apesar da forte resistência do inimigo que procurava deter nosso avanço com tiros ajustados, de metralhadoras e forte bombardeio, impulsionou infatigavelmente seu Pelotão, cujos homens eram empolgados pelo seu exemplo de bravura e sangue frio. Ferido mortalmente, a frente dos seus homens, em pleno ataque, em um só momento deu provas de franqueza. Assistido por seus soldados, com admirável serenidade, sentindo que ia morrer, rezou! E isto depois de ter confiado ao Pelotão uma lembrança para sua mãe Dona Angelina Garofalo Mega. E continuou falando a seus homens, incitando-os a prosseguir no cumprimento do dever. Calmo e conformado, compenetrado das suas responsabilidades de chefe, a quem cabia estimular os seus subordinados naquele momento crítico, pronunciando palavras de entusiasmo e confiança na vitória. E exalou o último suspiro".

Conquistado Montese em 14 Abr 1945, a leste de Montese os alemães resistiam e em especial na cota 778. Coube ao 2º BI do Regimento Sampaio ao comando do Major Sizeno Sarmento atacar na manhã de 15 de abril a cota 778. Missão atribuída ao pelotão ao comando do Aspirante Francisco Mega. E ele partiu para ataque sob intenso fogo inimigo, quando foi ferido mortalmente por sua rajada de metralhadora, quando ia iniciar o assalto. Pressentindo a morte determinou ao sargento Agenor, auxiliar que assumiu o comando do Pelotão muito desolado e paralisado. Mas o Aspirante Mega encontrou forças para incentivá-los, com bom humor, disfarçando aos olhos dos comandados a sua tragédia pessoal. "Porque estão parados em torno de min? A guerra é lá na frente. Quem está no fogo é para se queimar! Estou aqui porque quis! Se vocês estão sentidos com o que me aconteceu, vinguem-se acertando o comandante deles! De nada valerá o meu sacrifício se não conquistarem o objetivo. A minha vida nada vale, a minha morte nada significa diante do que vocês ainda tem para fazer. Prossigam na luta..." E a cota 778 foi conquistada ao final da tarde.

Em 1953, por seu heroísmo e comovente exemplo, foi escolhido para nome da turma formada em 15 fev 1955 que este ano completa o seu Jubileu de Ouro de formatura que comemorará em 25 e 26 de fevereiro de 2005 na AMAN. Argumento da escolha :

" Os cadetes de 1953 da AMAN (1 º Ano), ao homenagearem o herói expedicionário da última campanha da Itália, não tomaram a si, somente um exemplo de abnegado patriotismo, nas se integraram no dever da nação de eternizar a memória histórica dos nomes que tombaram em defesa do Brasil. " (Revista Agulhas Negras, 1953).

As turmas egressas da AMAN, em Resende, levam o nome de marechais, generais, batalhas, efemérides marcantes e Almirante Tamandaré. As três únicas turmas a homenagearem heróis de patentes inferiores foi a de 15 Fev 1955, Turma Asp Mega, a qual pertenço , a de 15 dez 1977, Turma Alferes Tiradentes, e a 29 de novembro de 2003, Sargento-Maior Antônio Dias Cardoso que revelamos em nosso livro As batalhas dos Guararapes, análise de descrição militar. (Recife: UFPE,1971.2v). Assim excelente a companhia do

heróico Aspirante Mega, com Tiradentes o Patrono Cívico do Brasil e com Dias Cardoso, o mestre da Guerra Brasílica e Patrono das Forças Especiais do Exército do Brasil. Aspirante que respondeu a altura, no seu encontro com a História, a preparação moral e profissional esmerada que recebeu na velha e benemérita Escolar Militar do Realengo 1913/45. O heróico aspirante era filho do casal José Mega e da já referida Dra. Angelina Grafonola Mega. (Artigo do Cel Cláudio Moreira Bento em Homenagem a sua Turma Asp Mega).

FONTES CONSULTADAS

ARAGÃO, José de Campos, gen. Asp. Meiga um bravo no Regimento Sampaio, In: História para soldados. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1964.
BARROS, Aluizio, dr. Asp Mega, in: Expedicionários sacrificados na Itália. Rio de Janeiro: Bruno Buccine, 1957. p. 59 (com retrato).
BENTO, Claudio Moreira, cel. Jubileu de Ouro da AMAN em Resende. Volta Redonda: Gazetilha, 1994.
(_____) História Militar de Resende 1744-2001. (Resende: AHIMTB, 2001) Comemorativa do Bicentenário de Resende município e vila REVISTA AGULHAS NEGRAS. Asp Mega, patrono dos cadetes da AMAN de 1953 (1º ano), nº1, 1953 (Cerimônia aniversário AMAN, 23 abr 1953)
(____). Asp Mega imolado na FEB (Foto cadete), nº 54, 1945.
REVISTA DA ESCOLA MILITAR. Cadete de Infantaria Mega. 1944, p.94
SOUZA, Thorio B. de, ten. cel. Com na FEB na Itália. Revista Agulhas Negras. Resende, AMAN, 1958.